

Kate Elizabeth Russell



**MINHA
SOMBRIA
VANESSA**





“Uma obra-prima da tensão e do estilo que ao mesmo tempo arrebata, causa horror e comove. Antes de iniciar o livro, deixe sua agenda livre para os próximos dias — ele vai consumir você totalmente.”

ESQUIRE

“Um dos livros mais esperados do ano.”

ENTERTAINMENT WEEKLY

“Uma estreia surpreendente e impressionante. É um livro absolutamente chocante e humano em sua clareza e estarrecedor em sua ressonância.”

GILLIAN FLYNN

“*Minha sombria Vanessa* é uma obra ao mesmo tempo particular e universal sobre uma jovem que acredita viver uma história de amor, quando, na verdade, está em um filme de terror psicológico.”

LOS ANGELES TIMES

“Um olhar sincero e implacável sobre a maneira como responsabilizamos meninas pelas ações de homens adultos e, pior ainda, sobre como as vítimas são capazes de se culpar.”

THE WASHINGTON POST

“Uma perspectiva ousada e profundamente inquietante sobre amor, sexo, lealdade e manipulação, escrita de maneira extraordinária.”

INTERVIEW MAGAZINE

“Poderoso, viciante e sensacional. Um livro importante, que todos deveríamos ler.”

MARIAN KEYES

“É difícil escrever sobre esse assunto sem cair em clichês previsíveis, mas Russell é capaz de uma originalidade brutal.”

THE NEW YORK TIMES

“Uma história difícil de ler e ainda mais difícil de largar. Uma dinamite bem construída.”

STEPHEN KING

“Se existe uma lista de leitura da era #MeToo, *Minha sombria Vanessa* merece estar no topo.”

BOOKPAGE

Minha sombria Vanessa

KATE ELIZABETH RUSSELL

TRADUÇÃO DE FERNANDA ABREU



Copyright © 2020 by Kate Elizabeth Russell

TÍTULO ORIGINAL

My Dark Vanessa

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Carolina Vaz

DESIGN DE CAPA

Elsie Lyons

FOTOGRAFIAS

© Wojciech Zwolinski/Arcangel (mulher);

© Cristina Romero Palma/Shutterstock (borboleta)

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0628-3

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Eu cresci no Maine, onde estudei primeiro em um colégio particular (um externato) durante o nono ano e primeiro ano do ensino médio, até sair por motivos pessoais, e depois na faculdade. Devido às semelhanças entre esses fatos genéricos e certos elementos ficcionais de Minha sombria Vanessa, sei que leitores vagamente cientes do meu histórico podem chegar à conclusão equivocada de que estou contando a história secreta desses acontecimentos. Não estou. Esta é uma obra de ficção e os personagens e cenários são totalmente imaginários.

Qualquer um que tenha acompanhado o noticiário ao longo dos últimos anos viu matérias relacionadas à narrativa deste romance, que foram remoldadas pela minha imaginação. Ainda misturei outras, como a teoria do trauma crítico, a cultura pop e o pós-feminismo do início do século XXI, além dos meus complexos sentimentos em relação a Lolita. Tudo isso faz parte do processo normal de escrever ficção. Mas como precaução extra, vale repetir que nada no romance pretende narrar nenhum acontecimento real. Tirando as semelhanças genéricas assinaladas acima, esta não é minha história pessoal, nem a dos meus professores ou de qualquer outra pessoa que eu conheça.

*Para as Dolores Hazes e Vanessas Wyes da vida real cujas
histórias ainda não foram ouvidas, reconhecidas ou
compreendidas.*

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Nota da autora](#)
[Dedicatória](#)

[Capítulo 1: 2017](#)
[Capítulo 2: 2000](#)
[Capítulo 3: 2017](#)
[Capítulo 4: 2000](#)
[Capítulo 5: 2017](#)
[Capítulo 6: 2001](#)
[Capítulo 7: 2017](#)
[Capítulo 8: 2001](#)
[Capítulo 9: 2017](#)
[Capítulo 10: 2001](#)
[Capítulo 11: 2017](#)
[Capítulo 12: 2002](#)
[Capítulo 13: 2017](#)
[Capítulo 14: 2006](#)
[Capítulo 15: 2017](#)
[Capítulo 16: 2007](#)
[Capítulo 17: 2017](#)

[Agradecimentos](#)
[Sobre a autora](#)
[Leia também](#)

2017

Estou me arrumando para ir trabalhar e o post foi ao ar há oito horas. Fico atualizando a página enquanto faço babyliiss no cabelo. Até agora, 224 compartilhamentos e 875 likes. Visto meu terninho de lã preto e atualizo de novo. Pego minhas sapatilhas pretas debaixo do sofá e atualizo. Prendo o crachá dourado com meu nome na lapela e atualizo. A cada vez, os números aumentam e os comentários se multiplicam.

Como você é forte.

Como você é corajosa.

Que espécie de monstro faria isso com uma criança?

Abro minha última mensagem de texto, enviada para Strane quatro horas atrás: E aí, você está bem...? Ele ainda não respondeu, nem sequer leu. Digito outra: Estou aqui se quiser conversar. Depois penso melhor e deleteo, em vez disso mando uma sequência de pontos de interrogação sem nenhuma palavra. Aguardo alguns minutos, tento ligar para ele, mas, quando cai na caixa postal, enfio o celular no bolso e saio do apartamento fechando a porta com um tranco. Não preciso fazer esse esforço todo. Quem armou essa confusão foi ele. O problema é dele, não meu.

No trabalho, fico sentada diante do balcão de concierge no canto do lobby do hotel e dou recomendações aos hóspedes sobre para onde ir e o que comer. Estamos no fim da alta temporada, e os últimos turistas estão vindo ver as árvores antes que o Maine feche para o inverno. Com um sorriso firme, apesar de falso, reservo um jantar para um casal que está comemorando o primeiro aniversário de casamento e peço que deixem uma garrafa de champanhe no quarto deles quando chegarem, um gesto que dá o diferencial, o tipo de coisa que vai me render uma boa gorjeta. Marco uma limusine para levar uma família até o aeroporto de jatinhos. Um homem que se hospeda no hotel a trabalho segunda-feira sim, segunda-feira não me traz três camisas sujas e pergunta se tem como mandar lavá-las a seco para o dia seguinte.

— Pode deixar comigo.

O homem sorri e me dá uma piscadela.

— Vanessa, você é o máximo.

No meu intervalo, me sento em um cubículo vazio na sala dos fundos e fico encarando meu celular enquanto como um sanduíche que sobrou do evento da véspera. Checar o post no Facebook se tornou uma compulsão. Não consigo impedir meus dedos de se moverem nem meus olhos de percorrerem a tela, notando a quantidade crescente de likes e compartilhamentos, as dezenas de que coragem, continue dizendo a sua verdade, eu acredito em você. Enquanto leio, três pontinhos começam a piscar: alguém está escrevendo um comentário nesse exato segundo. Então, como num passe de mágica, um novo comentário surge, mais uma mensagem de força e apoio que me faz deslizar o aparelho para o outro lado da mesa e jogar o resto do sanduíche rançoso no lixo.

Estou prestes a voltar para o lobby quando meu celular começa a vibrar: JACOB STRANE CHAMANDO. Dou risada ao atender, aliviada por ele estar vivo, por estar ligando.

— Tudo bem?

Durante alguns segundos o ar fica suspenso e eu permaneço paralisada, com o olhar fixo na janela que dá para a Monument Square, para a feirinha de outono dos produtores locais e os food trucks. É início de outubro, o auge do outono, época em que tudo em Portland parece diretamente saído de um catálogo da L.L.Bean: abóboras e morangas, jarras de sidra de maçã. Uma mulher com camisa de flanela xadrez e botas com ponta de borracha atravessa a praça sorrindo para o bebê preso ao seu peito.

— Strane?

Ele suspira.

— Imagino que você já tenha visto.

— É — respondo. — Vi.

Não faço perguntas, mas mesmo assim ele começa a dar uma explicação. Diz que a escola está abrindo uma investigação e que ele está se preparando para o pior. Imagina que vão forçá-lo a pedir demissão. Duvida que vá chegar ao final do ano letivo, talvez nem mesmo às férias de Natal. Ouvir a voz dele é um choque tão grande que tenho dificuldade para acompanhar o que está dizendo. Faz meses desde a última vez que nos falamos, quando fui tomada pelo pânico depois que meu pai morreu de enfarte e falei para Strane que não podia mais continuar com aquilo; o mesmo acesso súbito de moral que tive ao longo de anos de cagadas — empregos perdidos, término de namoro e colapsos nervosos —, como se

me comportar bem consertasse retroativamente todas as coisas que eu estraguei.

— Mas eles já investigaram na época em que ela era sua aluna — comento.

— Estão investigando de novo. Todo mundo está sendo interrogado outra vez.

— Se na época eles concluíram que você não fez nada de errado, por que mudariam de ideia agora?

— Você andou prestando atenção nas notícias ultimamente? — pergunta ele. — Os tempos são outros.

Quero lhe dizer que ele está exagerando, que tudo vai ficar bem contanto que ele seja inocente, mas sei que tem razão. No último mês algo vem crescendo, uma onda de mulheres denunciando homens em casos de assédio, agressão. Os alvos em sua maioria foram celebridades — músicos, políticos, astros do cinema —, mas homens menos famosos também foram citados. Seja quem for, os acusados percorrem os mesmos passos. Primeiro negam tudo. Depois, quando fica claro que o clamor das acusações não vai desaparecer, eles se demitem em desgraça e fazem um pronunciamento pedindo desculpas vagas, sem admitir nenhum delito. Então vem o último passo: eles se calam e somem. Tem sido surreal observar isso dia após dia, esses homens caindo com tanta facilidade.

— Vai ficar tudo bem — digo. — Tudo que ela escreveu é mentira.

Ao telefone, Strane inspira fundo, fazendo o ar assobiar entre os dentes.

— Não sei se ela está mentindo, pelo menos não tecnicamente.

— Mas você mal tocou nela. No post ela diz que foi agredida.

— Agressão — desdenha ele. — Agressão pode ser qualquer coisa, assim como lesão corporal pode significar que você segurou alguém pelo pulso ou lhe deu um empurrão no ombro. É um termo jurídico sem significado específico.

Olho pela janela para a feirinha de produtos locais: a multidão, o bando de gaivotas. Uma mulher que está vendendo comida abre um painel de metal, liberando uma nuvem de vapor ao retirar dois tamales.

— Ela me mandou uma mensagem na semana passada, sabia?

Um instante de silêncio.

— Ah, é?

— Queria saber se eu também ia denunciar. Provavelmente imaginou que seria mais crível se me fizesse entrar na jogada.

Strane não diz nada.

— Eu não respondi. Claro.

— Certo — diz ele. — Claro.

— Achei que ela estivesse blefando. Achei que não fosse ter coragem.
— Eu me inclino para a frente e encosto a testa na janela. — Vai ficar tudo bem. Você sabe qual é minha posição.

E, com isso, ele solta o ar. Imagino o sorriso de alívio em seu rosto, os vincos nos cantos dos olhos.

— É só isso que eu preciso escutar — diz ele.

De volta ao balcão, abro o Facebook, pesquiso por “Taylor Birch” e o perfil dela surge na tela. Dou uma olhada no pouco conteúdo público que venho examinando há anos, as fotos e atualizações de vida, e agora, no alto, o post sobre Strane. Os números continuam subindo: 438 compartilhamentos, 1.800 likes, além de novos comentários, mais do mesmo.

Isso é muito inspirador.

Sua força me impressiona.

Continue contando a sua verdade, Taylor.

* * *

Quando Strane e eu nos conhecemos, eu tinha quinze anos e ele, quarenta e dois, quase trinta anos perfeitos entre nós dois. Era assim que eu descrevia a diferença na época: perfeita. Adorava a matemática daquilo, o triplo da minha idade, como era fácil imaginar três de mim cabendo dentro dele: uma enroscada no seu cérebro, outra no seu coração e a terceira transformada em líquido e correndo por suas veias.

Segundo ele, de tempos em tempos ocorriam romances entre professores e alunos em Browick, mas ele nunca tivera um porque não sentira esse desejo. Eu era a primeira aluna que tinha colocado essa ideia na sua cabeça. Havia algo em mim que fazia o risco valer a pena. Eu tinha um poder de atração que era como um ímã.

A questão não era eu ser tão jovem, não para ele. Acima de tudo, ele amava minha mente. Dizia que eu tinha a inteligência emocional digna de um gênio e escrevia como um prodígio, que ele podia conversar comigo,

confiar em mim. Ele dizia que escondido bem fundo dentro de mim havia um romantismo sombrio, do mesmo tipo que ele via dentro de si. Ninguém nunca tinha entendido esse lado sombrio dele até eu aparecer.

— Que sorte a minha — disse ele. — Quando eu finalmente encontro minha cara-metade, ela tem quinze anos.

— Se quiser falar sobre sorte — retruquei —, tente ter quinze anos e sua cara-metade ser um velho.

Ele olhou para o meu rosto depois que eu disse isso para ter certeza de que eu estava brincando... E é claro que estava. Eu não queria nada com os meninos da minha idade, com caspa e acne, com a crueldade, picotando as meninas em pedaços isolados e dando notas de um a dez para as partes do nosso corpo. Eu não combinava com eles. Adorava a cautela de meia-idade de Strane, seu cortejo lento. Ele comparava meu cabelo com a cor das flores de bordo, me dava poemas: Emily, Edna, Sylvia. Fazia eu me enxergar como ele me via: uma menina com o poder de levá-lo à loucura com seu cabelo ruivo e de comê-lo como se ele fosse feito de ar. Ele me amava tanto que às vezes, depois que eu saía da sua sala, sentava-se na minha cadeira e encostava a cabeça na mesa para tentar respirar o que restava de mim. Tudo isso aconteceu antes até de nos beijarmos. Ele foi cuidadoso comigo. Esforçou-se para se comportar bem.

É fácil identificar quando tudo começou, o instante em que entrei na sua sala de aula muito iluminada e senti seus olhos me sorverem pela primeira vez, porém é mais difícil saber quando terminou, se é que algum dia chegou a terminar. Acho que parou quando eu tinha vinte e dois anos, quando ele disse que precisava tomar jeito e não podia levar uma vida decente enquanto eu estivesse ao alcance, mas ao longo da última década houve telefonemas tarde da noite nos quais ele e eu revivemos o passado, cutucando a ferida que ambos nos recusávamos a deixar sarar.

Imagino que eu vou ser a pessoa a quem ele vai recorrer daqui a dez ou quinze anos, na hora em que seu corpo começar a falhar. Este parece o fim provável dessa história de amor: eu largando tudo e fazendo qualquer coisa, tão dedicada quanto um cão, enquanto ele recebe, recebe, recebe.

* * *

Saio do trabalho às onze e sigo pelas ruas vazias do centro, considerando uma vitória pessoal cada quarteirão que percorro sem checar o post de Taylor. No meu apartamento, continuo sem olhar para o telefone. Penduro a roupa de trabalho, tiro a maquiagem, fumo maconha com o bong na cama e apago a luz. Autocontrole.

No escuro, porém, algo muda dentro de mim quando sinto o lençol deslizar sobre as pernas. De repente, fico muito carente, querendo ser tranquilizada, ouvi-lo dizer com todas as letras que é claro que ele não fez o que aquela menina está dizendo. Preciso que ele repita que ela está mentindo, que ela era uma mentirosa dez anos atrás e continua sendo, agora seduzida pelo canto da sereia do vitimismo.

Ele atende no meio do segundo toque, como se estivesse esperando minha ligação.

— Vanessa.

— Foi mal. Eu sei que está tarde. — Então hesito, sem saber como pedir o que estou querendo. Há muito tempo não fazemos isso. Meus olhos percorrem o quarto escuro e observam o contorno da porta aberta do armário, a luz do poste refletindo no teto. Na cozinha, a geladeira murmura e a torneira pinga. Ele me deve isso, pelo meu silêncio, pela minha lealdade. — Vou ser rápida. Só alguns minutos.

Cobertas farfalham quando ele se senta na cama e passa o telefone de uma orelha para a outra, e por um instante acho que ele está prestes a dizer não. Mas então, no meio sussurro que transforma meus ossos em leite, ele começa a me dizer como eu era: *Vanessa, você era jovem e transbordava beleza. Era adolescente, erótica e tão cheia de vida que eu fiquei apavorado.*

Viro-me de bruços e enfio um travesseiro entre as pernas. Digo a ele para me dar uma lembrança, algo em que eu possa entrar. Ele fica calado enquanto repassa as cenas.

— No escritório atrás da sala de aula — diz. — Era pleno inverno. Você, deitada no sofá, toda arrepiada.

Fecho os olhos e estou no escritório: paredes brancas e piso de tábuas reluzentes, uma pilha de provas para corrigir em cima da mesa, um sofá áspero, um radiador barulhento e uma única janela octogonal, com vidro do mar. Eu fixava o olhar nela enquanto ele me acariciava, sentindo-me submersa, com o corpo sem peso algum se balançando, sem ligar para onde era em cima e onde era embaixo.

— Eu estava te beijando, te chupando. Fazendo você ferver. — Ele ri baixinho. — Era assim que você falava: “Me faça ferver.” Aquelas expressões engraçadas que você vivia inventando. Você era muito tímida, detestava falar sobre aquilo, só queria que eu acabasse logo. Lembra?

Eu não lembro, não exatamente. Muitas das minhas lembranças daquela época são difusas, incompletas. Preciso que ele preencha as lacunas, embora às vezes a menina que ele descreve pareça uma desconhecida.

— Era difícil para você não fazer barulho — diz ele. — Você costumava morder o lábio para ficar de boca fechada. Lembro que uma vez mordeu com tanta força que sangrou, mas não me deixou parar.

Afundo o rosto no colchão e me esfrego no travesseiro enquanto as palavras dele inundam meu cérebro e me transportam para fora da minha cama, para o passado, quando tenho quinze anos e estou nua da cintura para baixo, esparramada no sofá do escritório dele, tremendo, em brasa, enquanto ele está ajoelhado entre as minhas pernas com os olhos fixos no meu rosto.

Vanessa, meu Deus, seu lábio, disse ele. Você está sangrando.

Eu balanço a cabeça e cravo os dedos nas almofadas. Tudo bem, continue. Termine logo com isso.

— Você era tão insaciável... — diz Strane. — Aquele corpinho firme.

Respiro pelo nariz ao gozar, enquanto ele me pergunta se eu me lembro da sensação. Sim, sim, sim. Eu lembro. As sensações são a única coisa a que consegui me agarrar, o que ele fazia comigo, como sempre fazia meu corpo se contorcer e implorar por mais.

* * *

Faz oito meses que estou com Ruby, desde que meu pai morreu. No início era uma terapia de luto, mas agora sou só eu falando sobre minha mãe, meu ex-namorado, quanto me sinto sem perspectiva no trabalho, sem perspectiva em relação a tudo. É um luxo, mesmo com a tarifa regressiva de Ruby: cinquenta pratas por semana só para ter alguém que me escute.

O consultório dela fica a uns dois quarteirões do hotel, uma sala com iluminação baixa, duas poltronas, um sofá e mesas de canto com caixas de lenços de papel. As janelas dão para Casco Bay: gaivotas sobrevoando os cais dos pescadores, navios-tanque vagarosos e passeios turísticos em

ônibus anfíbios que grasnam quando entram na água e deixam de ser ônibus para virarem barcos. Ruby é mais velha do que eu, mais como uma irmã mais velha do que como mãe, tem um cabelo louro desbotado e usa roupas de hippie. Adoro os tamancos de salto de madeira que ela usa, o *clac-clac-clac* que fazem quando ela cruza a sala.

— Vanessa!

Adoro também o jeito como ela diz meu nome quando abre a porta, como se estivesse aliviada por me ver ali em pé e não outra pessoa.

Nessa semana falamos sobre a possibilidade de eu passar o próximo feriado em casa, o primeiro sem papai. Estou preocupada que minha mãe esteja deprimida e não sei como abordar o assunto. Juntas, Ruby e eu bolamos um plano. Percorremos vários cenários, as possíveis reações da minha mãe se eu sugerir que talvez ela precise de ajuda.

— Contanto que aborde a questão com empatia — diz Ruby —, acho que vai ficar tudo bem. Vocês são próximas. Podem falar sobre coisas difíceis.

Próximas? Não discuto, mas não concordo. Às vezes fico impressionada com a facilidade com a qual engano as pessoas, como faço isso sem nem sequer tentar.

Consigo me segurar para não checar o post do Facebook até o fim da sessão, quando Ruby pega o telefone para anotar nosso próximo encontro na agenda. Ao erguer os olhos, ela me vê mexendo no celular feito uma doida e pergunta se tenho alguma novidade.

— Me deixe adivinhar — diz ela. — Mais um abusador denunciado.

Ergo os olhos do telefone com as pernas e os braços gelados.

— É interminável, não é? — Ela dá um sorriso triste. — Não tem escapatória.

Ela começa a falar sobre a última denúncia de um famoso, um diretor que pautou a carreira em filmes sobre mulheres brutalizadas. Nos bastidores dessas produções, ele, pelo visto, gostava de se expor para jovens atrizes e convencê-las a chupar seu pau.

— Quem poderia imaginar que esse cara era um abusador? — pergunta Ruby com sarcasmo. — Não precisamos de outras provas além dos filmes dele. Esses caras se escondem muito mal.

— Só porque a gente deixa — digo. — A gente finge não ver.

Ela assente.

— Você tem toda a razão.

É emocionante falar assim, chegar tão perto da beira.
— Não sei o que pensar de todas as mulheres que trabalharam várias vezes com ele — digo. — Elas não tinham respeito por si mesmas?
— Bom, não dá para culpar as mulheres — diz Ruby.
Não discuto e apenas entrego o cheque.

* * *

Em casa, fumo maconha e durmo no sofá com todas as luzes acesas. Às sete da manhã, uma mensagem faz meu telefone vibrar no piso de madeira e cambaleio pela sala para pegá-lo. Mamãe. Oi, querida. Estava aqui pensando em você.

Encarando a tela, tento avaliar o que ela sabe. Já faz três dias que o post de Taylor está no Facebook, e, embora mamãe não tenha contato com ninguém de Browick, o post foi muito compartilhado. Além do mais, ultimamente ela vive na internet, dando likes, compartilhando coisas e brigando com trolls reacionários. Ela pode muito bem ter visto.

Minimizo a mensagem e abro o Facebook: 2.300 compartilhamentos, 7.900 likes. Ontem à noite, Taylor postou uma atualização de status pública:

ACREDITEM NAS MULHERES.

2000

Ao virar na estrada de duas pistas que nos leva até Norumbega, mamãe diz:

— Quero muito que você se solte mais este ano.

É o início do primeiro ano do ensino médio, o dia de me mudar para o alojamento, e esse trajeto de carro é a última chance de mamãe me convencer a prometer alguma coisa antes de Browick me engolir inteira e de o acesso que ela tem a mim se limitar a telefonemas e feriados escolares. No ano passado, ela ficou preocupada que o colégio interno me desvirtuasse, então me fez prometer que eu não iria beber nem transar. Este ano, ela quer que eu prometa fazer novos amigos, o que parece exponencialmente mais insultuoso, talvez até cruel. Já faz cinco meses da minha briga com Jenny, mas ainda está fresca. A simples expressão *novos amigos* revira meu estômago. Esse conceito parece uma traição.

— Eu só não quero você sentada dia e noite sozinha no quarto — diz ela. — É tão difícil assim?

— Se eu estivesse em casa, não faria nada além de ficar sentada no quarto.

— Só que você não está em casa. Esse não é justamente o ponto? Eu me lembro de você ter dito alguma coisa sobre uma “trama social” quando nos convenceu a deixar que estudasse aqui.

Afundo no banco do carona, desejando que meu corpo pudesse desaparecer ali dentro para eu não precisar ouvi-la usar minhas próprias palavras contra mim. Um ano e meio antes, quando um representante de Browick foi à minha turma do oitavo ano e mostrou um vídeo institucional sobre um campus bem cuidado banhado em luz dourada e eu dei início ao processo de convencer meus pais a me candidatar, elaborei uma lista de vinte e um pontos intitulada “Motivos pelos quais Browick é melhor do que a escola pública”. Um desses pontos era a “trama social” da escola, juntamente com a taxa de aceitação dos formandos em universidades, a quantidade de matérias avançadas oferecidas, coisas que eu tinha copiado do folder. No fim, precisei de apenas dois motivos para convencer meus pais: ganhei uma bolsa, portanto eles não iriam gastar dinheiro, e o massacre de Columbine aconteceu. Passamos dias e dias assistindo em looping na CNN aos vídeos dos alunos correndo para se salvar. Quando eu

falei “Uma coisa como essa de Columbine nunca aconteceria em Browick”, meus pais se entreolharam como se eu tivesse dado voz ao que eles já estavam pensando.

— Você passou o verão inteiro de mau humor — diz mamãe. — Está na hora de sacudir a poeira e seguir com a vida.

— Não passei nada — resmungo, mas passei, sim.

Quando não estava imersa em frente à televisão, estava deitada na rede escutando pelo fone de ouvido músicas perfeitas para me fazer chorar. Mamãe diz que ficar remoendo as coisas não é bom, que sempre vai haver algo para nos chatear e que o segredo de uma vida feliz é não se deixar ser arrastado pela negatividade. Ela não entende a satisfação que a tristeza pode proporcionar. Horas passadas me balançando na rede com Fiona Apple nos ouvidos me fazem sentir melhor do que feliz.

No carro, fecho os olhos.

— Queria que papai tivesse vindo para você não falar assim comigo.

— Ele te diria a mesma coisa.

— Só que de um jeito mais legal.

Mesmo de olhos fechados, vejo tudo que passa pelas janelas. É só meu segundo ano em Browick, mas nós já fizemos esse caminho no mínimo uma dúzia de vezes. Passamos pelas fazendas de gado leiteiro e pelas colinas suaves do Maine ocidental, por mercadinhos que anunciam cerveja gelada e iscas vivas, por fazendas com telhados afundados, por coleções de peças de carro enferrujadas em ferros-velhos com mato e vara-de-ouro até a cintura. Depois de entrar em Norumbega tudo fica lindo: o centro da cidade perfeito, a padaria, a livraria, o restaurante italiano, a loja de departamentos, a biblioteca pública e o campus de Browick no alto do morro, todo reluzente de ripas brancas e tijolo.

Mamãe entra com o carro pelo acesso principal. A grande placa que diz ESCOLA BROWICK está decorada com balões castanho-avermelhados e brancos para o dia da mudança dos alunos e as ruas estreitas do campus estão abarrotadas de carros, SUVs entupidos de coisas estacionados de qualquer maneira, pais e novos alunos zanzando para lá e para cá, olhando para os prédios. Mamãe se inclina para a frente, curvada por cima do volante, e surge uma tensão entre nós duas enquanto o carro avança num tranco, para e torna a avançar.

— Você é uma menina inteligente e interessante — diz ela. — Deveria ter um monte de amigos. Não se deixe sugar e passar o tempo todo com

uma pessoa só.

As palavras dela provavelmente são mais maldosas do que ela pretendia, mas mesmo assim eu respondo com rispidez:

— Jenny não era uma pessoa qualquer. Ela *dividia o quarto* comigo — digo isso como se o significado desse relacionamento fosse óbvio, a proximidade desorientadora, o modo como ele às vezes tornava silencioso e inferior o mundo externo ao quarto que dividíamos, mas mamãe não entende. Ela nunca morou num alojamento, nunca estudou numa universidade, quanto mais num colégio interno.

— Dividindo o quarto ou não, você poderia ter tido outros amigos — diz ela. — Se concentrar numa pessoa só não é o mais saudável, é só isso que estou dizendo.

Na nossa frente, a fila de carros se divide à medida que nos aproximamos do gramado do campus. Mamãe liga a seta para a esquerda, em seguida para a direita.

— Onde eu viro?

Suspirando, aponto para a esquerda.

O Gould é um alojamento pequeno, na verdade só uma casa com oito quartos e um apartamento para a supervisora. No ano anterior eu dei sorte na loteria da acomodação e consegui um quarto individual, coisa rara para uma aluna do primeiro ano. Mamãe e eu temos que fazer quatro viagens para levar todas as minhas coisas: duas malas de roupas, uma caixa de livros, travesseiros e lençóis extras e uma colcha que ela costurou com camisetas velhas que não cabiam mais em mim, um ventilador de pé que deixamos no meio do quarto.

Enquanto desfazemos as malas, pessoas passam diante da porta aberta: pais, alunos, o irmão mais novo de alguém que fica correndo pelo corredor até tropeçar e cair no choro. Em determinado momento, mamãe vai ao banheiro e eu a ouço dizer oi na sua falsa voz educada, depois escuto a voz de outra mãe dizer oi também. Paro de arrumar livros na prateleira acima da escrivaninha para escutar. Estreito os olhos e tento identificar a voz: é a Sra. Murphy, mãe de Jenny.

Mamãe volta para o quarto e fecha a porta.

— Está ficando barulhento aí fora — diz ela.

Enquanto ponho os livros na prateleira, pergunto:

— Era a mãe da Jenny?

— Aham.

— Você viu a Jenny?

Mamãe confirma com um gesto, mas não entra em detalhes. Durante algum tempo, ficamos desembalando coisas em silêncio. Enquanto arrumamos a cama, esticando o lençol de elástico por cima do colchão listrado, eu digo:

— Sério, eu tenho pena dela.

Gosto de como a frase soa, mas é claro que é mentira. Na noite anterior passei uma hora me examinando no espelho do meu quarto para tentar me ver como Jenny veria, pensando se ela iria reparar no meu cabelo mais claro por causa do spray clareador, nas argolas novas nas orelhas.

Mamãe não diz nada enquanto tira a colcha de dentro de uma bolsa de plástico. Sei que ela está preocupada que eu tenha uma recaída e termine magoada outra vez.

— Mesmo se ela tentasse ser minha amiga agora, eu não perderia meu tempo — digo.

Mamãe dá um sorriso chocho e alisa a colcha em cima da cama.

— Ela ainda está namorando aquele menino?

Minha mãe está se referindo a Tom Hudson, o namorado de Jenny, o catalisador da nossa briga. Dou de ombros como se não soubesse, mas eu sei. É claro que eu sei. Passei o verão inteiro checando o perfil de Jenny na AOL e o status de relacionamento dela não mudou; sempre esteve “comprometida”. Eles continuam juntos.

Antes de ir embora, minha mãe me dá quatro notas de vinte e me faz prometer ligar para casa todos os domingos.

— Sem falta — instrui ela. — E você vai para casa no aniversário do seu pai.

Ela me abraça com tanta força que meus ossos doem.

— Não consigo respirar.

— Desculpe, desculpe. — Ela põe os óculos escuros para esconder os olhos marejados. Quando está saindo do quarto, aponta um dedo para mim.

— Seja legal com você mesma. E seja sociável.

Aceno para ela.

— Aham, aham.

Da porta do quarto, vejo-a descer o corredor, desaparecer na escada e sumir de vez. Em pé, ouço duas vozes se aproximando, a risada alta e reverberante de mãe e filha. Encolho-me para a segurança do meu quarto quando elas aparecem, Jenny e a mãe. Só as vejo de relance, por tempo

suficiente para notar que Jenny está com o cabelo mais curto e usando um vestido que me lembro de ter ficado pendurado no seu armário o ano passado inteiro, mas que nunca a vi usar.

Deitada na cama, deixo meus olhos percorrerem o quarto e ouço as despedidas no corredor, as fungadas e os choros discretos. Lembro-me do ano anterior, da mudança para o alojamento dos calouros, da primeira noite acordada até tarde com Jenny enquanto ouvíamos The Smiths e Bikini Kill no aparelho de som dela, bandas de que eu nunca tinha ouvido falar, mas que fingi conhecer por medo de parecer uma *loser*, uma jeca. Tinha medo de que, se descobrisse, ela não fosse mais gostar de mim. Durante esses primeiros dias em Browick, escrevi no meu diário: *O que mais amo sobre estar aqui é conhecer pessoas como Jenny. Ela é DEMAIS e só de estar ao lado dela aprendo a ser legal também!* Desde então rasguei esse trecho e joguei fora. Ler aquilo fazia meu rosto arder de vergonha.

* * *

No Gould, a supervisora do alojamento é a Sra. Thompson, a nova professora de espanhol recém-formada. Na reunião da primeira noite na sala de convivência, ela leva marcadores e retângulos de papel coloridos para criarmos plaquinhas com nosso nome para as portas. As outras meninas do alojamento são do penúltimo e do último anos, só Jenny e eu somos do primeiro. Deixamos bastante espaço entre nós, nos sentando em cantos opostos da mesa. Jenny se curva ao escrever seu nome na plaquinha, fazendo o cabelo castanho curto cair sobre as bochechas. Quando ela ergue a cabeça para tomar um pouco de ar e mudar de marcador, seus olhos passam por mim como se ela nem sequer estivesse me vendo.

— Antes de vocês voltarem para o quarto, peguem um destes aqui — diz a Sra. Thompson. Ela estende um saco plástico aberto. No início eu acho que são balas, mas depois vejo que é uma pilha de apitos prateados. — Provavelmente nunca vão precisar de um desses — diz ela —, mas é bom ter, só por garantia.

— Por que a gente iria precisar de um apito? — pergunta Jenny.

— Ah, é só uma medida de segurança do campus, sabe.

A Sra. Thompson abre um sorriso tão largo que dá para ver que está constrangida.

— Mas no ano passado a gente não ganhou.

— É para o caso de alguém tentar te estuprar — diz Deanna Perkins. — Você apita para que ele pare.

Ela leva um dos apitos à boca e sopra com força. O som ecoa pelo corredor numa altura tão prazerosa que todas nós precisamos tentar.

A Sra. Thompson tenta falar mais alto do que os apitos:

— Ok, já chega. — Ela ri. — Acho que é bom se certificar de que estão funcionando.

— Isso iria mesmo impedir alguém que estivesse querendo estuprar a gente? — indaga Jenny.

— Nada é capaz de deter um estuprador — diz Lucy Summers.

— Não é verdade — diz a Sra. Thompson. — E esses não são apitos “de estupro”. São uma ferramenta de segurança genérica. Se vocês se sentirem desconfortáveis no campus, é só apitar.

— Os meninos recebem apitos? — pergunto.

Lucy e Deanna reviram os olhos.

— Por que eles precisariam de um apito? — pergunta Deanna. — Pense.

Ao ouvir isso, Jenny dá uma gargalhada, como se Lucy e Deanna não estivessem revirando os olhos para ela nesse exato momento.

* * *

É o primeiro dia de aula e o campus está em polvorosa, os prédios de ripas brancas com todas as janelas escancaradas, os estacionamentos de funcionários lotados. No café da manhã, tomo um chá preto sentada no canto de uma mesa de madeira comprida, com o estômago se revirando demais para comer. Meus olhos percorrem o refeitório de pé-direito alto como uma catedral, absorvendo os rostos novos e as mudanças nos conhecidos. Reparo em tudo em todo mundo: que Margo Atherton está com o cabelo repartido para a esquerda para esconder o olho direito estrábico, que Jeremy Rice rouba uma banana do refeitório toda manhã. Mesmo antes de Tom Hudson começar a ficar com Jenny, antes mesmo de ter um motivo para me importar com qualquer coisa que ele fizesse, eu já

tinha reparado na rotatividade exata das camisetas de bandas que ele usava por baixo das camisas de botão. É ao mesmo tempo sinistra e incontrolável essa minha capacidade de reparar tanto nos outros quando tenho certeza de que ninguém repara em absolutamente nada com relação a mim.

A mensagem de boas-vindas acontece depois do café e antes do primeiro tempo, e não passa de um discurso motivacional cujo objetivo é nos estimular para o novo ano letivo. Quando entramos, o auditório é todo de madeira aconchegante e cortinas de veludo vermelho, com a luz do sol entrando e fazendo as fileiras curvas das poltronas brilhar. Durante os primeiros minutos, enquanto a diretora, a Sra. Giles, enumera os códigos e as políticas da escola, com o cabelo grisalho curto atrás das orelhas e a voz cronicamente trêmula trinando pelo recinto, todos parecem dispostos e novinhos em folha. Mas quando ela desce do palco a sala já está abafada e o suor começou a brotar nas testas. Algumas fileiras mais para trás, alguém resmunga: “Quanto tempo vai demorar?” A Sra. Antonova lança um olhar severo por cima do ombro. Ao meu lado, Anna Shapiro abana o rosto com as mãos. Uma brisa entra pelas janelas abertas e agita a barra das cortinas de veludo fechadas.

Então quem atravessa o palco é o Sr. Strane, o diretor do departamento de língua inglesa, um professor que eu reconheço, mas que nunca me deu aula, nunca falou comigo. Ele tem o cabelo preto ondulado e uma barba preta, óculos que refletem a luz impossibilitando ver seus olhos, mas a primeira coisa em que reparo — a primeira em que qualquer um deve reparar — é o seu tamanho. Ele não é gordo, mas é grande, e tão alto que tem os ombros curvados, como se o seu corpo se desculpasse por ocupar tanto espaço.

Em pé diante do púlpito, ele é obrigado a colocar o microfone na altura máxima. Ao começar a falar, com o sol batendo em seus óculos, enfia a mão na mochila e confiro minha agenda. Ali está, minha última aula do dia: literatura norte-americana avançada com o Sr. Strane.

— Vejo aqui nesta manhã jovens no limiar de grandes feitos. — Suas palavras ecoam dos alto-falantes, tudo pronunciado com tanta clareza que é quase desconfortável escutar: vogais longas, consoantes duras, é como ser ninado para depois ser acordado com um tranco. O que ele diz se resume aos mesmos clichês de sempre: *Tentem alcançar as estrelas, e daí, se não conseguirem, vai que vocês aterrissam na Lua.* Mas ele fala bem e

dá um jeito de fazer tudo soar profundo. — Neste ano letivo, tomem a decisão de se esforçar sempre para alcançar o melhor que puderem ser. Desafiem-se a fazer de Browick um lugar melhor. Deixem sua marca. — Ele então leva a mão ao bolso de trás da calça, pega uma bandana vermelha e a usa para enxugar a testa, deixando à mostra uma mancha escura de suor na axila. — Eu sou professor em Browick há treze anos — continua — e nesses treze anos testemunhei incontáveis atos de coragem de alunos nesta escola.

Eu me remexo na cadeira, consciente do suor escorrendo atrás dos meus joelhos e na parte interna dos cotovelos, e tento imaginar o que ele quer dizer com “atos de coragem”.

* * *

Minhas matérias neste semestre são francês avançado, biologia avançada, história mundial nível universitário, geometria (para quem não é gênio em matemática; até a Sra. Antonova a chama de “geometria para idiotas”), uma eletiva chamada política e mídia nos Estados Unidos, durante a qual assistimos à CNN e comentamos a futura eleição presidencial, e literatura norte-americana avançada. No primeiro dia, vou de aula em aula pelo campus, curvada com o peso dos livros. O aumento da carga de estudo entre o nono e o primeiro ano é evidente. À medida que os dias vão passando e cada professor nos avisa sobre os desafios à frente, os deveres de casa, as provas e o ritmo acelerado, às vezes extenuante — afinal, aquela não é uma escola normal e nós não somos adolescentes normais; como jovens excepcionais, devemos abraçar as dificuldades, prosperar com elas —, uma exaustão se instala. No meio do dia já estou me esforçando para acompanhar o ritmo, então na hora do almoço, em vez de comer, volto de fininho para o alojamento, me deito encolhida na cama e choro. Se vai ser tão difícil assim, penso, por que me dar o trabalho? É uma atitude ruim de se ter, principalmente no primeiro dia, e me faz questionar, para começo de conversa, o que estou fazendo em Browick, por que eles me deram uma bolsa, por que pensaram que eu fosse inteligente o bastante para estar aqui. É uma espiral que eu já percorri antes, e sempre chego à mesma conclusão: que provavelmente tem alguma coisa errada comigo, uma fraqueza inerente que se manifesta como

preguiça, como medo de meter a cara. Além disso, quase ninguém mais em Browick parece ter a mesma dificuldade que eu. As pessoas vão de aula em aula sabendo todas as respostas, sempre preparadas. Fazem aquilo parecer fácil.

* * *

Quando chego à aula de literatura norte-americana, a última do dia, a primeira coisa em que reparo é que o Sr. Strane trocou de camisa desde o discurso de boas-vindas. Ele está em pé na frente da sala, encostado no quadro-negro, os braços cruzados, parecendo ainda maior do que no palco. Somos dez alunos, entre eles Jenny e Tom, e quando entramos na sala o Sr. Strane nos segue com os olhos como se estivesse nos avaliando. Quando Jenny entra, eu já estou sentada à mesa a dois lugares de Tom. O rosto dele se ilumina quando a vê e ele acena para ela se sentar na cadeira vazia entre nós dois. Ele é sem noção, não entende por que isso está totalmente fora de cogitação. Jenny segura as alças da mochila e dá um sorriso tenso.

— Vamos nos sentar ali daquele lado — diz ela, apontando para a extremidade oposta, ou seja, para longe de mim. — Ali é melhor.

Os olhos dela passam por mim do mesmo jeito que fizeram na reunião do alojamento. De certo modo, parece bobo se esforçar tanto para fingir que uma amizade nunca existiu.

Quando o sinal toca para marcar o início da aula, o Sr. Strane não se mexe. Espera fazermos silêncio antes de falar.

— Imagino que vocês todos se conheçam — diz ele —, mas acho que não conheço todos vocês.

Ele para na frente da mesa e nos chama aleatoriamente, pergunta nosso nome e de onde somos. Para alguns faz outras perguntas: Tem irmãos? Qual foi o lugar mais distante para onde já viajou? Se pudéssemos escolher um nome novo, qual seria? Ele pergunta a Jenny com quantos anos ela se apaixonou pela primeira vez e o rosto dela fica vermelho. A seu lado, Tom também enrubesce.

Quando chega minha vez de me apresentar, eu digo:

— Meu nome é Vanessa Wye e na verdade eu não sou de lugar nenhum.

O Sr. Strane se recosta na cadeira.

— Vanessa Wye, que na verdade não é de lugar nenhum.

Eu rio de nervoso ao escutar como minhas palavras soam idiotas quando repetidas para mim.

— Quer dizer, é um lugar, mas na verdade não é uma cidade. Lá não tem nome. As pessoas só chamam de Township Twenty-Nine.

— Aqui no Maine? Lá naquela rodovia no leste? — pergunta ele. — Eu sei exatamente onde fica. Tem um lago lá com um nome bem bonito, não tem? Whale não sei o quê.

Pisco, surpresa.

— Lago Whalesback. A gente mora bem na frente. Nossa casa é a única que não é de temporada. — Ao dizer isso, sinto um estranho aperto no coração.

Em Browick, quase nunca tenho saudades de casa, mas talvez seja porque ninguém nunca sabe de onde eu sou.

— Sério? — O Sr. Strane passa alguns instantes pensativo. — Você se sente solitária lá?

Fico sem palavras. A pergunta abre um corte indolor de uma precisão chocante. Embora *solitária* nunca tenha sido uma palavra que eu usasse para descrever o que é morar no meio da floresta, ouvir o Sr. Strane dizê-la agora me faz pensar que deve ser verdade, que provavelmente sempre foi, e de repente me sinto constrangida ao imaginar essa solidão estampada no meu rosto, tão evidente a ponto de um professor precisar apenas dar uma olhada para saber que sou uma pessoa solitária. Consigo dizer:

— Às vezes, eu acho.

Mas o Sr. Strane já prosseguiu e está perguntando a Greg Akers como é se mudar de Chicago para as montanhas do Maine ocidental.

Depois de todos nós nos apresentarmos, o Sr. Strane diz que sua matéria vai ser a mais difícil que vamos ter neste ano.

— A maioria dos alunos me diz que eu sou o professor mais difícil de Browick — diz ele. — Alguns já me disseram que eu sou mais difícil do que os professores que tiveram na faculdade.

Ele tamborila os dedos na mesa e nos deixa absorver a gravidade dessa informação. Então vai até o quadro-negro, pega um pedaço de giz e começa a escrever. Por cima do ombro, diz:

— Vocês já deveriam estar anotando.

Afobados, pegamos nossos cadernos enquanto ele dá início a uma preleção sobre Henry Wadsworth Longfellow e o poema “O canto de Hiawatha”, do qual eu nunca ouvi falar, e não posso ser a única, mas

quando ele pergunta à turma se o conhecemos todos nós fazemos que sim. Ninguém quer parecer burro.

Enquanto ele fala, dou uma olhada na sala. A estrutura é basicamente a mesma de todas as outras do prédio de humanas — piso de tábuas corridas, uma parede de estantes embutidas, quadros-negros verde-escuros, uma mesa de trabalho —, mas a sala dele passa a impressão de aconchego e conforto. Há um tapete com marca de uso no centro, uma escrivaninha grande de carvalho iluminada por um abajur de cúpula verde, uma cafeteira e uma caneca com o brasão de Harvard em cima de um gaveteiro. Um cheiro de grama recém-cortada e o barulho de um motor de carro sendo ligado entram pela janela aberta, e no quadro o Sr. Strane escreve um verso de Longfellow com tanta força que o giz se esfarela na sua mão. Em determinado momento, ele para, se vira e diz:

— Se vocês levarem só uma coisa desta aula, levem o fato de que o mundo é feito de histórias que se interpõem infinitamente, cada uma delas válida e verdadeira.

Eu me esforço para anotar tudo que ele diz ao pé da letra.

Faltando cinco minutos para terminar a aula, de repente ele para de falar. As mãos do Sr. Strane caem na lateral do corpo, seus ombros murcham. Ele se afasta do quadro, senta-se diante da nossa mesa, esfrega o rosto e suspira. Então, com uma voz cansada, diz:

— O primeiro dia é sempre muito longo.

Em volta da mesa, nós aguardamos sem saber direito o que fazer, as canetas pairando acima dos cadernos.

Ele afasta as mãos do rosto.

— Vou ser bem sincero com vocês — diz. — Estou cansado pra caralho.

Do outro lado da mesa, Jenny dá uma risada de espanto. Às vezes os professores brincam em sala de aula, mas nunca escutei nenhum deles dizer “caralho”. Nunca imaginei que um professor pudesse dizer isso.

— Vocês se importam se eu falar palavrão? — pergunta ele. — Acho que eu deveria ter pedido a autorização de vocês primeiro. — Ele une as mãos numa sinceridade sarcástica. — Se minha linguagem chula ofender alguém aqui, fale agora ou cale-se para sempre.

Ninguém diz nada, claro.

* * *

As primeiras semanas do ano passam depressa, uma sucessão de aulas, cafés da manhã com chá preto e almoços com sanduíches de manteiga de amendoim, horas de estudo na biblioteca, noites de seriados na sala de convivência do Gould. Levo uma advertência por faltar a uma reunião do alojamento, mas convenço a Sra. Thompson a me fazer passear com sua cadela em vez de ficar uma hora sentada com ela no escritório, coisa que nenhuma de nós duas quer. Passo a maioria das manhãs antes das aulas terminando os deveres na última hora, porque não importa quanto eu me esforce, estou sempre na correria, sempre a um passo de ficar para trás. Os professores insistem que isso é algo que eu deveria consertar. Eles dizem que sou inteligente, mas que me falta foco e motivação, um jeito ligeiramente mais gentil de dizer que sou preguiçosa.

Poucos dias depois da mudança, meu quarto se transforma numa bagunça de roupas, papéis soltos e canecas de chá pela metade. Perco o *planner* que deveria me ajudar a ficar em dia com as coisas, mas era de esperar porque eu perco tudo. Pelo menos uma vez por semana, abro a porta e dou de cara com minhas chaves penduradas na maçaneta, deixadas por quem quer que as tenha encontrado num banheiro, sala de aula ou refeitório. Não sei onde está nada: livros acabam imprensados entre minha cama e a parede, deveres de casa se amassam no fundo da minha mochila. Os professores vivem irritados com meus deveres amassados e me lembram dos pontos que vão me tirar por desleixo.

— Você precisa de um sistema de organização! — exclama minha professora de história nível universitário enquanto eu folheio enlouquecidamente meu livro em busca das anotações que fiz no dia anterior. — Estamos só na segunda semana. Como você pode já estar tão atolada?

O fato de eu acabar encontrando as anotações não nega o fato: eu sou desleixada e isso é sinal de fraqueza, uma falha de caráter séria.

Em Browick, os professores e seus orientandos jantam juntos uma vez por mês, tradicionalmente na casa do professor, mas minha orientadora, a Sra. Antonova, nunca nos convida para ir à sua casa.

— Eu preciso ter limites — diz ela. — Nem todos os professores concordam comigo, e tudo bem. A vida deles é dominada pelos alunos, e tudo bem. Mas a minha, não. Vamos a algum lugar, comemos, conversamos um pouco, depois seguimos para casa. Limites.

Em nosso primeiro encontro do ano, ela nos leva ao restaurante italiano do centro. Enquanto eu me concentro em enrolar o linguini no garfo, a Sra. Antonova comenta que a falta de organização é meu assunto mais urgente na avaliação dos professores. Tento não soar blasé demais ao dizer que vou melhorar. Ela dá a volta na mesa dizendo a cada um dos orientandos seus tópicos de avaliação. Ninguém mais tem problemas de organização, mas minha situação não é a pior: Kyle Guinn não entregou os trabalhos em duas de suas aulas, uma ofensa grave. Quando a Sra. Antonova lê a avaliação dele, o restante de nós fixa os olhos nas respectivas massas, aliviado por não estar numa situação tão ruim quanto a dele. Ao final do jantar, depois de tirarem nossos pratos, ela passa uma lata de donuts com recheio de cereja feitos em casa.

— São *pampushky* — diz. — Da Ucrânia, como minha mãe.

Enquanto saímos do restaurante e subimos o morro outra vez em direção ao campus, a Sra. Antonova ajusta o passo ao meu.

— Vanessa, me esqueci de dizer: você deveria pegar uma extracurricular este ano. Talvez mais de uma. Precisa pensar nas aplicações para a faculdade. Por enquanto você tem bem pouca coisa.

Ela começa a fazer sugestões e eu aquiesço. Sei que preciso me envolver mais e já tentei: na semana passada quase entrei no clube de francês. Saí imediatamente quando me dei conta de que os participantes usavam boinazinhas pretas em todos os encontros.

— E o clube de escrita criativa? — pergunta ela. — Combinaria com você, com sua poesia.

Também já pensei sobre isso. O clube de escrita criativa publica um jornalzinho de literatura, e no ano anterior eu o li de cabo a rabo, comparei meus poemas com os publicados ali e tentei ser objetiva ao decidir quais eram os melhores.

— É, pode ser — respondo.

Ela leva a mão ao meu ombro.

— Pense no assunto — diz ela. — O supervisor este ano é o Sr. Strane. Ele é bom nessa matéria.

Ela olha por cima do ombro, bate uma palma e diz alguma coisa em russo para os retardatários. Por algum motivo, russo é mais eficaz do que inglês para nos fazer apressar o passo.

* * *

O clube de escrita criativa tem mais um integrante, Jesse Ly: aluno do segundo ano, ele é a coisa mais próxima que Browick tem de um gótico, e segundo os boatos é gay. Quando entro na sala, ele está sentado à mesa de trabalho diante de uma pilha de papéis, com os coturnos apoiados numa cadeira e uma caneta enfiada atrás da orelha. Olha de relance para mim, mas não diz nada. Duvido até que saiba meu nome.

Mas o Sr. Strane pula de trás da sua mesa e atravessa a sala a passos largos até mim.

— Veio para o clube? — pergunta ele.

Abro a boca sem saber muito bem o que dizer. Se eu soubesse que só haveria mais uma pessoa, provavelmente não teria vindo. Quero desistir na hora, mas o Sr. Strane está feliz da vida, aperta minha mão e diz:

— Com você, nosso público acaba de dobrar.

E tenho a sensação de que não posso mudar de ideia.

Ele me conduz até uma das cadeiras, senta-se ao meu lado e explica que a pilha de papéis são os textos que as pessoas inscreveram para o jornalzinho de literatura.

— São todos trabalhos de alunos — diz ele. — Faça o possível para ignorar os nomes. Leia cada um dos textos com cuidado, do início ao fim, antes de tomar uma decisão.

Ele diz que eu devo escrever meus comentários nas margens, depois atribuir a cada texto uma nota de um a cinco, sendo um com certeza não e cinco com certeza sim.

Sem erguer os olhos, Jesse diz:

— Estou ticando. Foi assim que fizemos no ano passado.

Ele indica os papéis que já leu. No canto superior direito de cada um há um tique minúsculo com um sinal de menos ou de mais do lado. O Sr. Strane ergue as sobrancelhas, obviamente irritado, mas Jesse nem repara. Seus olhos estão fixos no poema que ele está lendo.

— Qualquer método que vocês dois decidirem está bom — diz o Sr. Strane.

Ele sorri e pisca para mim. Ao se levantar, dá um tapinha no meu ombro.

Com o Sr. Strane do outro lado da sala, novamente atrás da sua mesa, pego um texto da pilha, um conto chamado “O pior dia da vida dela”, de Zoe Green. Zoe estava na mesma aula de álgebra que eu no ano passado. Sentava-se atrás de mim e ria toda vez que Seth McLeod me chamava de

Vermelhona, como se isso fosse a coisa mais engraçada que já tivesse escutado. Balanço a cabeça e tento esquecer a parcialidade. Foi por isso que o Sr. Strane disse para não olhar os nomes.

A história dela é sobre uma menina na sala de espera de um hospital que perde a avó, e no final do primeiro parágrafo eu já estou entediada. Jesse me pega folheando para ver quantas páginas são e diz em voz baixa:

— Na verdade, você não precisa ler tudo se for ruim. Eu editei o jornal no ano passado, quando a supervisão era da Sra. Bloom, e ela não se importava.

Meus olhos se voltam para o Sr. Strane sentado atrás da sua escrivaninha e curvado acima da própria pilha de papéis. Dou de ombros e digo:

— Vou continuar. Não tem problema.

Jesse estreita os olhos para o papel que estou segurando.

— Zoe Green? Não foi essa a menina que surtou no torneio de debates do ano passado?

Ela mesma: Zoe, escolhida para defender a pena de morte, desatou a chorar durante a última rodada, quando seu adversário, Jackson Kelly, chamou seu posicionamento de racista e imoral, o que provavelmente não a teria afetado tanto se Jackson não fosse negro. Depois de ele ter sido escolhido o vencedor, Zoe disse que tinha se sentido atacada pessoalmente pelos argumentos dele, o que ia contra as regras do debate, então eles acabaram dividindo o primeiro lugar, o que foi uma babaquice e todo mundo sabia.

Jesse se inclina para a frente, tira o texto de Zoe das minhas mãos, faz um tique com um sinal de menos no canto superior direito e o joga na pilha de “não”.

— Pronto — diz.

Durante a hora restante, enquanto Jesse e eu lemos, o Sr. Strane fica sentado diante da sua escrivaninha no fundo da sala corrigindo provas, levantando-se de vez em quando para xerocar algum papel ou pegar água para a cafeteira. Em determinado momento, ele descasca uma laranja e o cheiro domina a sala. No final, quando me levanto para sair, o Sr. Strane pergunta se vou aparecer no próximo encontro.

— Não sei — respondo. — Ainda estou testando coisas diferentes.

Ele sorri e espera Jesse sair da sala antes de dizer:

— Imagino que socialmente isto aqui não tenha muita graça.

— Ah, não é isso que me incomoda — digo. — Eu não sou uma pessoa supersociável mesmo.

— Ah, é? Por quê?

— Sei lá. Acho que eu não tenho muitos amigos.

Ele assente, pensativo.

— Sei do que você está falando. Também gosto de ficar sozinho.

Meu primeiro impulso é dizer que não, eu não gosto nem um pouco de ficar sozinha, mas talvez ele tenha razão. Talvez na verdade eu seja solitária por opção e prefira a minha própria companhia.

— Bom, antes eu era a melhor amiga da Jenny Murphy — digo. — Da aula de literatura. — As palavras vão saindo e me pegam desprevenida.

É mais do que eu já contei a qualquer professor, sobretudo um professor homem, mas o modo como ele me olha, o sorriso de olhar suave, o queixo apoiado nas mãos, me dá vontade de falar, de me exhibir.

— Ah — diz ele. — A pequena Rainha do Nilo.

Quando franzo a testa, confusa, ele explica que está se referindo ao corte curto de cabelo dela, que a deixa parecida com Cleópatra. Quando ele diz isso eu sinto uma pontada de alguma coisa no estômago, como ciúme, só que pior.

— Acho que o cabelo dela não é *tão* bonito assim... — digo.

O Sr. Strane sorri com malícia.

— Quer dizer que vocês eram amigas. O que houve?

— Ela começou a ficar com Tom Hudson.

Ele reflete por alguns instantes.

— O garoto das costeletas.

Aquiesço e penso em como os professores devem nos reconhecer e nos categorizar mentalmente. Pergunto-me o que ele poderia associar a mim se alguém mencionasse Vanessa Wye. A menina de cabelo ruivo. A que está sempre sozinha.

— Então você foi traída — diz ele, referindo-se a Jenny.

É algo em que nunca pensei e um calor preenche meu peito ao refletir sobre isso. Eu sofri. Eu não a afastei por sentir demais e me apegar além da conta. Não, eu fui prejudicada.

Ele se levanta, vai até o quadro e começa a apagar as anotações da aula.

— O que a levou a tentar o clube? Uma falha no seu currículo?

Confirmo com a cabeça. Parece não ter problema ser sincera com ele.

— A Sra. Antonova disse que eu deveria. Mas eu gosto de escrever.

— Você escreve o quê?

— Poemas, principalmente. Não são bons nem nada.

O Sr. Strane sorri por cima do ombro de um jeito ao mesmo tempo gentil e condescendente.

— Eu gostaria de ler alguma coisa sua.

Meu cérebro se detém no modo como ele diz “sua”, como se as coisas que eu escrevo merecessem ser levadas a sério.

— Claro — respondo. — Se quiser mesmo.

— Eu quero — diz ele. — Se não quisesse não pediria.

Ao ouvir isso, sinto meu rosto corar. Meu pior hábito, segundo minha mãe, é como eu me defendo de elogios com a autodepreciação. Preciso aprender a aceitar elogios. É tudo uma questão de ser ou não confiante, diz ela.

O Sr. Strane larga o apagador na borda do quadro e me observa do outro lado da sala. Põe as mãos nos bolsos e me olha de cima a baixo.

— Que vestido bonito — diz ele. — Gosto do seu estilo.

Balucio um agradecimento, boas maneiras enredadas tão fundo que são um reflexo. Baixo os olhos para o meu vestido. É de malha verde-oliva, um modelo vagamente evasê, mas principalmente sem forma, e que bate acima do joelho. Não é um vestido estiloso. Eu só o uso porque gosto do contraste da cor com meu cabelo. Parece estranho um homem de meia-idade reparar nas roupas de uma menina. Meu pai mal sabe a diferença entre um vestido e uma saia.

O Sr. Strane se volta para o quadro e começa a apagar outra vez, embora já esteja limpo. É quase como se estivesse constrangido e parte de mim quer lhe agradecer de novo, dessa vez com sinceridade. *Muito obrigada*, eu poderia dizer. *Ninguém nunca me disse isso antes*. Espero ele se virar, mas ele continua passando o apagador de um lado para outro, deixando riscos esbranquiçados na superfície verde.

Então, quando me volto na direção da porta, ele diz:

— Espero ver você de novo na quinta.

— Ah, claro — respondo. — Vai ver, sim.

Então volto na quinta, e na terça seguinte, e na outra quinta. Eu me torno uma integrante oficial do clube. Jesse e eu levamos mais tempo do que o esperado para terminar de escolher os textos do jornalzinho literário, principalmente porque sou muito indecisa e fico voltando e mudando meu voto várias vezes. Por outro lado, o julgamento de Jesse é rápido e

implacável; sua caneta rasga o papel. Quando lhe pergunto como ele consegue decidir tão depressa, ele diz que deve ficar óbvio desde a primeira linha se algo é bom ou não. Numa quinta-feira, o Sr. Strane desaparece dentro do escritório nos fundos da sua sala de aula e volta com uma pilha de edições anteriores para entendermos como o jornalzinho deve ficar, embora Jesse tenha sido o editor no ano passado e obviamente já soubesse. Ao folhear uma das edições, vejo o nome de Jesse listado no sumário na parte “Ficção”.

— Olhe só você aqui — digo.

Ao ver o próprio nome, ele resmunga.

— Não leia na minha frente, por favor.

— Por quê?

Dou uma olhada na primeira página.

— Porque eu não quero.

Enfio na mochila e esqueço aquilo até depois do jantar, quando estou soterrada num dever de casa incompreensível de geometria. Pego o jornalzinho, encontro a história dele e leio duas vezes. É boa, muito boa, melhor do que qualquer coisa que eu já tenha escrito, melhor do que qualquer um dos textos que lemos para a nova edição. Quando tento lhe dizer isso na reunião seguinte do clube, ele me interrompe:

— Na verdade, eu não curto mais escrever tanto assim.

Certa tarde, o Sr. Strane nos ensina a usar o novo software de edição para formatar o jornal. Jesse e eu estamos sentados lado a lado em frente ao computador enquanto o Sr. Strane, em pé atrás de nós, observa e corrige. Em determinado momento, quando cometo um erro, ele estende a mão e guia o mouse para mim. Sua mão é tão grande que cobre totalmente a minha. O toque dele deixa meu corpo inteiro quente. Quando erro de novo, ele faz a mesma coisa, e dessa vez aperta um pouco minha mão, como para garantir que vou pegar o jeito, mas não faz o mesmo com Jesse, nem sequer quando ele sai do programa por acidente sem salvar e o Sr. Strane precisa explicar todos os passos outra vez.

* * *

Chega o final de setembro, e, por uma semana, o clima está perfeito, ensolarado e fresco. A cada manhã as folhas estão mais brilhantes,

transformando as montanhas discretas ao redor de Norumbega numa profusão de cores. O campus fica igualzinho ao folder pelo qual fiquei obcecada enquanto preenchia o formulário de candidatura para entrar em Browick: alunos de suéter, os gramados verde-esmeralda, o pôr do sol fazendo as ripas brancas brilharem. Eu deveria aproveitar, mas em vez disso o tempo me deixa inquieta, em pânico. Não consigo relaxar depois das aulas, e fico indo da biblioteca para a sala de convivência do alojamento, então para o meu quarto e depois de volta para a biblioteca. Todos os lugares me deixam ansiosa para estar em outro lugar.

Certa tarde, percorro o campus todo três vezes, insatisfeita com todos os lugares que tento — a biblioteca escura demais, meu quarto bagunçado deprimente demais e todos os outros lugares lotados de pessoas estudando em grupos, o que só enfatiza o fato de eu estar sozinha, sempre sozinha — até me forçar a parar no gramado em declive atrás do prédio de humanas. *Calma, respira.*

Apoio-me no bordo solitário que costuma atrair meu olhar durante a aula de literatura e toco as bochechas quentes com as costas da mão. Estou tão alterada que chego a suar, apesar de fazer só dez graus.

Tudo bem, penso. Fique aqui até se acalmar.

Sento-me com as costas apoiadas na árvore e enfio a mão na mochila, encontro meu livro de geometria e continuo tateando até achar meu caderno espiralado, pensando que vou me sentir melhor se trabalhar um pouco num poema, mas, quando abro o último que escrevi, algumas estrofes sobre uma menina presa numa ilha que chama os marinheiros para a margem, leio os versos e me dou conta de que são ruins: canhestros, desconexos, praticamente incoerentes. E eu achei que aqueles versos estivessem bons... Como fui capaz de acreditar que estavam bons? É evidente que estão ruins. Provavelmente todos os meus poemas são ruins. Encolho-me toda e pressiono as pálpebras com a palma das mãos até ouvir passos se aproximando, folhas estalando e gravetos se partindo. Ergo os olhos e uma silhueta muito alta está tapando o sol.

— Oi — diz.

Protejo os olhos. É o Sr. Strane. Sua expressão muda quando ele repara no meu rosto, nos meus olhos vermelhos.

— Você está chateada — diz ele.

Encarando-o, confirmo com a cabeça. Mentir me parece inútil.

— Prefere ficar sozinha? — pergunta ele.

Hesito, então nego com a cabeça.

Ele se senta no chão ao meu lado, deixando alguns metros entre nós. Suas pernas compridas estão esticadas, os contornos dos joelhos visíveis através da calça. Ele não desvia o olhar de mim e me observa secar os olhos.

— Eu não quis me intrometer. Vi você daquela janela ali e resolvi dar um oi. — Ele aponta para o prédio de humanas atrás de nós. — Posso perguntar o que está te chateando?

Respiro fundo, tento escolher as palavras, mas após alguns instantes balanço a cabeça.

— É uma longa história — digo.

Porque não é só o fato de o meu poema estar ruim ou de eu ser incapaz de escolher um lugar para estudar sem ficar exausta. É um sentimento mais sombrio, um medo de haver alguma coisa errada comigo que eu nunca vou conseguir consertar.

Imagino que o Sr. Strane se contente com isso. Mas não, ele fica esperando da mesma forma que esperaria em sala de aula a resposta para uma pergunta difícil. É claro que parece grande demais para explicar, Vanessa. É assim que as perguntas difíceis nos fazem sentir.

Inspiro fundo e digo:

— Esta época do ano me deixa louca. Como se meu tempo estivesse acabando ou algo assim. Como se eu estivesse desperdiçando minha vida.

O Sr. Strane pisca. Dá para perceber que não era o que ele esperava que eu dissesse.

— Desperdiçando sua vida — repete ele.

— Eu sei que não faz sentido.

— Não, faz, sim. Faz total sentido. — Ele se recosta nas próprias mãos e inclina a cabeça. — Sabe, se você tivesse minha idade, eu diria que parece estar começando uma crise da meia-idade.

O Sr. Strane sorri e, sem querer, meu rosto imita o dele. Ele sorri, eu sorrio.

— Parece que você andou escrevendo — diz ele. — Foi coisa boa?

Dou de ombros, sem saber se quero considerar algo que eu mesma escrevi bom. Parece presunçoso, algo que não cabe a mim dizer.

— Pode me mostrar?

— Nem pensar. — Seguro o caderno com ambas as mãos, puxo-o para o peito e nos olhos dele vejo um lampejo de alerta, como se meu movimento

súbito o tivesse assustado. Eu me controlo e acrescento: — É que ainda não está pronto.

— Alguma coisa que a gente escreve algum dia fica pronta?

Isso parece uma pegadinha. Penso por um instante, então digo:

— Algumas coisas podem ficar mais prontas do que outras.

Ele sorri. Gostou da resposta.

— Você tem alguma coisa mais pronta que possa me mostrar?

Solto um pouco o caderno e abro a capa. Está cheio de vários poemas pela metade, versos rabiscados e reescritos. Folheio as páginas recentes para encontrar aquela na qual venho trabalhando há algumas semanas. O poema não está pronto, mas não é horrível. Entrego o caderno a ele, torcendo para que não repare nos rabiscos das margens nem na trepadeira florida subindo pela lombada.

Ele segura o caderno com todo o cuidado e o simples fato de ver meu caderno nas mãos dele me deixa em choque. Ninguém nunca tocou meu caderno, quanto mais leu alguma coisa ali escrita. Ao final do poema, ele diz:

— Hum.

Fico esperando uma reação mais clara, esperando que me diga se achou bom ou não, mas ele apenas fala:

— Vou reler.

Ele finalmente ergue os olhos e diz:

— Que lindo, Vanessa.

Então solto o ar com tanta força que chego a rir.

— Quanto tempo você passou trabalhando nisso? — pergunta ele.

Pensando que é mais impressionante encontrar um gênio instantâneo, dou de ombros e minto:

— Pouco.

— Você disse que escreve com frequência.

Ele me devolve o caderno.

— Todo dia, normalmente.

— Dá para ver. Você é muito boa. Digo isso como leitor, não como professor.

Fico tão feliz que volto a rir, e o Sr. Strane abre aquele seu sorriso carinhoso e condescendente.

— Achou graça? — pergunta ele.

— Não, é que essa é a coisa mais legal que alguém já falou sobre o que eu escrevo.

— Está brincando! Isso não é nada. Eu poderia dizer coisas bem mais legais...

— É que na verdade eu nunca deixei ninguém ler as minhas... — Quase digo *coisas*, mas em vez disso decido tentar a palavra que ele usou: — ... o meu trabalho.

Um silêncio se instala entre nós. Ele se recosta nas mãos e observa a paisagem: o pitoresco centro da cidade, o rio distante, os morros baixos. Torno a olhar para o meu caderno, com os olhos voltados para as páginas, mas sem ver nada. Estou consciente demais do corpo dele ao lado do meu, do seu tronco inclinado e da barriga forçando o pano da camisa, das pernas compridas cruzadas nos tornozelos, de como uma das pernas da calça subiu, deixando à mostra um centímetro de pele acima da sua bota de caminhada. Com medo de ele se levantar e ir embora, tento pensar em algo para dizer que possa mantê-lo ali, mas antes que eu possa fazer isso ele pega do chão uma folha de bordo vermelho, a gira pelo caule, observa-a por um instante e então a ergue junto ao meu rosto.

— Olhe só — diz ele. — Combina com a cor do seu cabelo.

Fico paralisada e sinto minha boca se escancarar. Ele segura a folha de bordo ali por mais um segundo, com a ponta roçando meu cabelo. Então, balançando de leve a cabeça, baixa a mão, e a folha cai no chão. Ele se levanta — tapando o sol mais uma vez —, limpa as mãos nas coxas e volta para o prédio de humanas sem se despedir.

Quando ele desaparece sou tomada por um frenesi, uma necessidade de fugir. Fecho o caderno com força, pego minha mochila e sigo para o alojamento, mas depois penso melhor e volto para examinar o chão em busca da folha que ele encostou no meu cabelo. Quando ela está segura, guardada entre as páginas do meu caderno, atravesso o campus como se estivesse leve, mal fazendo contato com a terra entre um passo e outro. Só quando já estou no meu quarto que me lembro de ele ter dito que me viu da sua janela, e fecho os olhos com força ao imaginá-lo na sala de aula, me vendo procurar a folha.

* * *

Passo o fim de semana seguinte em casa para o aniversário de papai. O presente de mamãe para ele é uma filhote de labrador amarela do abrigo de animais, cujo motivo para ter sido abandonada pelo dono foi “pigmentação clara demais”. Papai batiza a filhote de Babe em homenagem à porquinha do filme, porque ela parece uma porquinha com a barriga estufada e o nariz cor-de-rosa. Nosso último cachorro morreu no verão, um pastor de doze anos que papai havia encontrado vagando pela cidade, então nós nunca tínhamos tido um filhote, e eu me apaixono tanto que passo o fim de semana inteiro carregando a cachorrinha para todo lado como se fosse um bebê, fazendo carinho nas almofadas de suas patas que parecem jujubas e sentindo seu hálito doce.

À noite, depois que meus pais vão para a cama, fico em pé em frente ao espelho do meu quarto, examino meu rosto e meu cabelo, tentando me ver como o Sr. Strane me vê: uma menina de cabelo vermelho como bordo que usa vestidos legais e estilosos. Mas não enxergo nada além de uma criança pálida e sardenta.

Quando mamãe e eu voltamos de carro para Browick, papai fica em casa com Babe, e no espaço fechado do carro a vontade de contar faz meu peito arder. Mas o que tenho para contar? Que ele tocou minha mão algumas vezes, que fez um comentário sobre o meu cabelo?

Enquanto atravessamos a ponte para entrar na cidade, eu pergunto, com minha voz mais casual:

— Já reparou que meu cabelo é da cor das folhas de bordo?

Mamãe olha para mim, surpresa.

— Bom, existem diferentes tipos de bordo — diz ela. — E todos eles ficam de uma cor diferente no outono. Tem o bordo-açucareiro, o bordo listrado, o bordo vermelho. E quanto mais ao norte você estiver, tem também o bordo-da-montanha...

— Deixe para lá. Esquece.

— Desde quando você se interessa por árvores?

— Eu estava falando sobre o meu cabelo, não sobre árvores.

Ela pergunta quem me falou que meu cabelo parecia folhas de bordo, mas não parece desconfiada. Sua voz está suave, como se ela achasse aquilo fofo.

— Ninguém — respondo.

— Alguém deve ter te dito isso.

— Não posso reparar numa coisa dessas em mim mesma?

Paramos num sinal vermelho. No rádio, uma voz lê as principais manchetes do noticiário.

— Se eu te contar, você promete que não vai surtar? — digo.

— Eu nunca surtaria.

Eu a encaro com um olhar demorado.

— Promete.

— Está bem, prometo — diz ela.

Inspiro fundo.

— Quem me falou foi um professor. Que meu cabelo é da mesma cor das folhas de bordo.

Sinto uma tontura de alívio ao dizer essas palavras e quase dou uma gargalhada.

Mamãe estreita os olhos.

— Um professor? — pergunta ela.

— Mãe, olhe a rua.

— Professor ou professora?

— Que diferença faz?

— Um professor não deveria dizer essas coisas. Quem foi?

— Mãe!

— Eu quero saber.

— Você prometeu não surtar.

Ela comprime os lábios, tentando se acalmar.

— Só estou dizendo que é uma coisa estranha de se falar para uma menina de quinze anos.

Atravessamos a cidade: quarteirões de mansões vitorianas caindo aos pedaços e transformadas em apartamentos, o centro vazio, o hospital imenso, a estátua de um Paul Bunyan sorridente que, com cabelo e barba pretos, se parece um pouco com o Sr. Strane.

— Foi um professor — digo. — Você acha mesmo estranho?

— Acho — diz mamãe. — Acho mesmo. Quer que eu fale com alguém? Eu vou lá e faço uma cena.

Eu a imagino irrompendo pelo prédio da administração e exigindo falar com a diretora. Balanço a cabeça. Não, eu não quero isso.

— Foi só uma coisa aleatória que ele falou — digo. — Não foi nada de mais.

Com isso mamãe relaxa um pouco.

— Quem foi? — pergunta de novo. — Eu não vou fazer nada. Só quero saber.

— Meu professor de política. — Nem sequer hesito ao mentir. — O Sr. Sheldon.

— Sr. *Sheldon*. — Ela cospe o nome como se fosse o mais idiota que já escutou. — Enfim, você não deveria andar com professores. Concentre-se em fazer amigos.

Observo a estrada passar. Nós poderíamos pegar a interestadual até Browick, mas mamãe se recusa, diz que lá é uma pista de corrida cheia de gente raivosa. Em vez disso, ela pega uma estrada de mão dupla que leva o dobro do tempo.

— Não tem nada de errado comigo, sabe.

Ela me olha de relance, com a testa franzida.

— Prefiro ficar sozinha. É normal. Você não deveria me encher tanto o saco com isso.

— Não estou enchendo o saco — diz ela, mas nós duas sabemos que não é verdade. Depois de um instante, ela acrescenta: — Desculpe. É que eu fico preocupada com você.

Mal conversamos durante o resto do trajeto e, enquanto olho pela janela, é inevitável sentir que eu venci.

* * *

Estou sentada em um cubículo de estudo na biblioteca, com o dever de geometria espalhado na minha frente. Tento me concentrar, mas meu cérebro parece uma pedra quicando na água. Ou melhor, não: parece uma pedra chacoalhando dentro de uma lata. Pego meu caderno para anotar a frase e me distraio com o poema da menina na ilha no qual ainda estou trabalhando. Quando torno a olhar para cima, uma hora se passou e meu dever de geometria continua intacto.

Esfrego o rosto, pego meu lápis e tento avançar no dever, mas minutos depois estou olhando pela janela. É a hora dourada em que a luz incendeia as árvores cor de fogo. Meninos de camisa de futebol e chuteiras penduradas nos ombros voltam dos campos. Duas meninas carregam estojos de violino como se fossem mochilas e seus rabos de cavalo gêmeos balançam a cada passo.

Então vejo a Sra. Thompson e o Sr. Strane andando juntos em direção ao prédio de humanas. Eles caminham devagar, sem pressa, o Sr. Strane com as mãos unidas às costas e a Sra. Thompson sorrindo e tocando o próprio rosto. Tento lembrar se já vi os dois juntos, tento decidir se a Sra. Thompson é bonita. Ela tem olhos azuis e cabelo preto, uma combinação que, segundo minha mãe, chama a atenção, mas é rechonchuda e tem a bunda grande demais. O tipo de corpo que tenho medo de ter quando for adulta, se não tomar cuidado.

Estreito os olhos para ver ao longe e reparar em mais detalhes. Eles estão próximos, mas sem se tocar. Em determinado momento, a Sra. Thompson inclina a cabeça para trás e ri. O Sr. Strane é engraçado? Ele nunca me fez rir. Encosto o rosto na janela e tento mantê-los no meu campo de visão, mas eles dobram uma esquina e somem atrás das folhas laranja de um carvalho.

* * *

Fazemos o teste preliminar de conclusão do ensino médio e eu me saio razoavelmente bem, mas não tão bem quanto outros alunos do primeiro ano, que começam a receber em suas caixas de correio folders de universidades da Ivy League. Compro outro *planner* para ajudar na minha organização, e os professores notam isso e comunicam à Sra. Antonova, que me dá uma lata de balas de avelã para me parabenizar.

Na aula de literatura lemos Walt Whitman, e o Sr. Strane fala sobre a ideia de que as pessoas contêm multidões e contradições. Começo a prestar atenção nas maneiras como ele parece contradizer a si mesmo, como o fato de ter estudado em Harvard e contar histórias sobre ter crescido pobre, o modo como ele salpica obscenidades nos discursos eloquentes e combina blazers de alfaiataria e camisas passadas a ferro com botas gastas. Seu estilo de lecionar também é contraditório. Falar na aula sempre parece arriscado, porque se ele gostar do que você disser vai bater palmas e correr até o quadro para discorrer sobre o comentário brilhante que você fez, mas, se não gostar, não deixa nem você terminar, interrompe com um “Já chega” que corta até o osso. Então fico com medo de falar, muito embora às vezes, depois de fazer uma pergunta aberta à turma, ele

fixe os olhos em mim como se quisesse saber o que eu especificamente tenho a dizer.

Nas margens das minhas anotações na aula, registro os detalhes que ele deixa escapar sobre si mesmo: foi criado em Butte, Montana — que se pronuncia *biúte* —; antes de ir para Harvard aos dezoito anos, nunca tinha visto o mar; mora no centro de Norumbega, em frente à biblioteca pública; não gosta de cachorros, foi atacado por um quando era pequeno. Numa terça-feira, quando o clube de escrita criativa acaba, depois que Jesse já saiu e está na metade do corredor, o Sr. Strane diz que tem uma coisa para mim. Abre a gaveta da escrivaninha e pega um livro.

— É para a aula? — pergunto.

— Não — diz ele. — É para você. — Ele dá a volta na mesa e me entrega o livro: *Ariel*, de Sylvia Plath. — Já leu alguma coisa dela?

Nego com a cabeça e viro o livro. É de segunda mão, encadernado em tecido azul. Um pedacinho de papel desponta entre as páginas como um marcador improvisado.

— Ela é meio supervalorizada — diz o Sr. Strane. — Mas as meninas adoram.

Não entendo o que ele quer dizer com “supervalorizada”, mas prefiro não perguntar. Folheio o livro — relances de poemas — e paro na página marcada. O título “Lady Lazarus” está em maiúsculas e negrito.

— Por que este aqui está marcado? — pergunto.

— Deixe eu te mostrar.

O Sr. Strane para ao meu lado e vira a página. Estar assim tão perto dele me dá a sensação de ser engolida. Minha cabeça não bate nem no seu ombro.

— Aqui.

Ele aponta para os versos:

Das cinzas

Eu surjo com meus cabelos vermelhos

E devoro homens feito ar.

— Isso me lembrou você — diz ele.

Então leva a mão até minhas costas e puxa meu rabo de cavalo.

Encaro o livro como se estivesse estudando o poema, mas as estrofes se embaralham até virarem borrões pretos na página amarelada. Não sei

como reagir. Tenho a impressão de que deveria rir. Fico pensando se ele está dando em cima de mim, mas não pode ser. Deveria ser algo divertido, e aquilo é pesado demais para ser divertido.

Em voz baixa, o Sr. Strane pergunta:

— Tudo bem ter me lembrado de você?

Passo a língua pelos lábios e dou de ombros.

— Claro.

— Porque a última coisa que eu quero é passar dos limites.

Passar dos limites. Também não sei o que ele quer dizer com isso, mas o jeito como me olha me impede de fazer qualquer pergunta. De repente ele parece ao mesmo tempo constrangido e esperançoso, como se fosse chorar caso eu tivesse dito que não estava tudo bem.

Portanto, eu sorrio e balanço a cabeça.

— Não está passando, não.

Ele solta o ar.

— Que bom — diz, afastando-se de mim e voltando para sua escrivaninha. — Dê uma lida e me diga o que achou. Quem sabe você vai se inspirar para escrever um ou dois poemas.

Saio da sala e vou direto para o alojamento, onde me acomodo na cama e leio *Ariel* do início ao fim. Gosto dos poemas, mas estou mais interessada em entender por que eles o fizeram pensar em mim e quando isso pode ter acontecido... Na tarde da folha, talvez? Cabelo vermelho como bordo. Fico pensando quanto tempo fazia que ele estava com aquele livro na gaveta da escrivaninha, se esperou um pouco para decidir se me dava ou não. Talvez tenha tido que tomar coragem.

Pego o pedacinho de papel que ele usou para marcar “Lady Lazarus” e escrevo numa bela letra cursiva *Eu surjo com meus cabelos vermelhos*, então espeto o papel na cortiça acima da minha escrivaninha. Só os adultos dizem coisas legais sobre meu cabelo, mas aquilo é mais do que ser legal. Ele pensa em mim. Pensa tanto que certas coisas o fazem se lembrar de mim. Isso significa alguma coisa.

Espero alguns dias antes de devolver *Ariel*. Fico enrolando depois da aula até todo mundo sair, então ponho o livro na escrivaninha dele.

— E aí?

Ele se inclina para a frente, apoiado nos cotovelos, ansioso para ouvir o que tenho a dizer.

Eu hesito, franzo o nariz.

— Ela é meio autocentrada.

Isso o faz rir, uma risada de verdade.

— Justo. E gostei da sinceridade.

— Mas eu gostei — digo. — Principalmente do poema marcado.

— Achei que iria gostar. — Ele vai até as estantes embutidas e dá uma olhada nas prateleiras. — Este aqui — diz, entregando-me outro livro, dessa vez de Emily Dickinson. — Vamos ver o que você acha deste aqui.

Não espero para lhe devolver o Dickinson. No dia seguinte depois da aula, ponho o livro na sua escrivaninha e digo:

— Não sou muito fã.

— Está de brincadeira.

— Achei meio chato.

— Chato! — Ele espalma a mão no peito. — Vanessa, assim você parte meu coração.

— O senhor falou que gostava da minha sinceridade — retruco, rindo.

— E gosto mesmo — diz ele. — Só que gosto mais quando concordamos.

O próximo livro é de Edna St. Vincent Millay, que, segundo ele, é a coisa mais distante que pode haver de chato.

— E ela era uma garota ruiva do Maine, igualzinha a você — diz ele.

Carrego os livros dele comigo e leio sempre que posso, a cada minuto livre e durante cada refeição. Começo a perceber que o importante não é se eu gosto ou não dos livros. Ele está me dando lentes diferentes através das quais pode me ver. Os poemas são pistas para me ajudar a entender por que ele está tão interessado, o que exatamente vê em mim.

Seu interesse me dá coragem suficiente para lhe mostrar rascunhos dos meus poemas quando ele pede para ler mais do que eu escrevi, e os devolve com críticas; não só elogios, mas sugestões para melhorar o texto. Circula palavras que me deixam insegura e escreve: *Melhor escolha?* Outras ele risca totalmente e comenta: *Você pode fazer melhor.* Em um poema que escrevi no meio da noite, depois de acordar de um sonho passado num lugar que parecia um misto da sala de aula dele com meu quarto em casa, ele escreve: *Vanessa, este aqui me assusta um pouco.*

Começo a passar o tempo de estudo na sala dele, estudando enquanto ele trabalha na escrivaninha e as janelas cobrem nós dois com a luz de outubro. Às vezes outros alunos aparecem para pedir ajuda com trabalhos, mas na maior parte do tempo somos só nós dois. Ele pergunta sobre a

minha vida, sobre eu ter crescido no lago Whalesback, sobre o que penso de Browick e o que quero fazer quando crescer. Diz que para mim o céu é o limite, que tenho uma inteligência rara, algo impossível de ser medido com notas ou testes.

— Às vezes eu me preocupo com alunos como você — diz ele. — Os que vêm de cidadezinhas minúsculas com escolas carentes. É fácil ficar sobrecarregado e perdido num lugar como este. Mas você está se saindo bem, não está?

Confirmo com a cabeça, mas me pergunto sobre o que ele está pensando ao dizer “carente”. Minha antiga escola não era tão ruim assim.

— Só não se esqueça de uma coisa: você é especial — diz ele. — Você tem uma coisa que essas pessoas obcecadas por sucesso que vemos aos montes por aqui só podem sonhar em ter. — Ao dizer “obcecadas por sucesso que vemos aos montes por aqui”, ele indica as cadeiras vazias e eu penso em Jenny, na obsessão dela por notas, em como certa vez eu entrei no nosso quarto e a encontrei chorando na cama, ainda de botas e com os lençóis cheios de sal grosso, com a prova do meio do semestre de pré-cálculo amassada no chão. Tinha tirado oitenta e oito. Jenny, oitenta e oito é uma nota boa, eu disse a ela, mas isso não serviu de consolo. Ela rolou de frente para a parede e escondeu o rosto com as mãos enquanto continuava chorando.

Numa outra tarde, enquanto prepara a próxima aula, o Sr. Strane diz, do nada:

— Fico pensando o que os outros acham de você passar tanto tempo comigo.

Não sei a quem ele está se referindo quando diz “os outros”: os demais alunos ou professores, ou talvez ele queira dizer todo mundo, reduzindo o mundo inteiro a um “outro” coletivo.

— Eu não me preocuparia com isso — digo.

— Por quê?

— Porque ninguém nunca repara em nada que eu faço.

— Isso não é verdade — retruca ele. — Eu reparo em você o tempo todo.

Ergo os olhos do meu caderno. Ele parou de digitar e está com os dedos apoiados nas teclas enquanto me encara com uma expressão tão terna que faz meu sangue gelar.

Depois disso o imagino me observando quando estou com os olhos vermelhos de sono no café da manhã, quando caminho pelo centro da cidade, quando solto o elástico do rabo de cavalo no quarto e me deito na cama com o último livro que ele escolheu para mim. Na minha mente, ele me vê virar as páginas, fascinado com cada coisinha que eu faço.

* * *

Chega o fim de semana de visita dos pais, três dias em que Browick exhibe sua melhor forma. Na sexta-feira é oferecido um coquetel só para os pais seguido de um jantar formal para a escola inteira no refeitório, com pratos que nos dias normais nunca aparecem no cardápio: rosbife, batatinhas assadas, torta quente de mirtilo. Os encontros entre pais e professores acontecem no sábado antes do almoço, a tarde é dedicada aos jogos, e os pais que ficam até domingo vão ao centro de manhã, assistir à missa ou fazer um brunch. No ano passado os meus participaram de tudo, até da missa de domingo, mas neste ano mamãe me diz: “Vanessa, se a gente tiver que aguentar tudo aquilo outra vez, seu pai e eu vamos perder a vontade de viver”, então eles só vêm no sábado para os encontros com os professores. Tudo bem. Browick é o meu mundo, não o deles. Provavelmente prefeririam votar no Partido Republicano a colar no carro um daqueles adesivos que diz MINHA FILHA ESTUDA EM BROWICK.

Depois dos encontros com os professores eles visitam o meu quarto, papai com o boné do Red Sox e camisa xadrez e mamãe contrastando com ele com um conjuntinho de blusa e cardigã. Ele anda pelo quarto e inspeciona as estantes enquanto ela se reclina ao meu lado na cama e tenta segurar minha mão.

— Pare — digo, puxando a mão para longe.

— Então deixe eu te dar uma fungada no cangote — diz ela. — Estou com saudade do seu cheiro.

Ergo o ombro até a orelha para impedi-la.

— Que estranho, mãe — digo. — Isso não é normal.

No último recesso de inverno, ela perguntou se podia ficar com meu cachecol preferido para guardá-lo numa caixa e cheirá-lo sempre que sentisse saudade. É o tipo de pensamento que preciso afastar da cabeça na hora para não sentir uma culpa que me impede de respirar.

Mamãe começa a descrever todos os encontros e tudo que eu quero saber é o que o Sr. Strane falou, mas espero ela percorrer a lista de professores, pois não quero levantar suspeitas demonstrando um interesse excessivo.

Ela enfim diz:

— Mas o seu professor de literatura parece um homem interessante.

— O grandão de barba? — pergunta papai.

— É, o que estudou em Harvard — diz ela, enfatizando bem a palavra.

Haaar-vaaard.

Fico pensando em como esse assunto surgiu, se o Sr. Strane deu um jeito de incluir na conversa a informação de que tinha estudado lá ou se meus pais repararam no diploma pendurado na parede atrás da escrivaninha dele.

— Um homem muito interessante — repete minha mãe.

— Como assim? — pergunto. — O que ele falou?

— Ele disse que você escreveu um texto bom na semana passada.

— Só isso?

— Deveria ter dito mais?

Mordo o interior da bochecha, consternada ao imaginá-lo falando de mim como se eu fosse só mais uma aluna. *Ela escreveu um texto bom na semana passada.* Talvez eu seja só isso para ele...

— Sabe quem não me impressionou nem um pouco? — diz mamãe. — Aquele seu professor de política, o Sr. Sheldon. — Ela me lança um olhar severo antes de acrescentar: — Me pareceu um tremendo escroto.

— Jan, pare com isso — pede papai.

Ele odeia quando ela fala palavrão na minha frente.

Levanto-me da cama, abro a porta do armário e fico revirando as roupas para não ter que olhar para eles enquanto debatem se devem ficar e jantar no campus ou voltar para casa antes de escurecer.

— Você se importaria se a gente não ficasse para o jantar? — perguntam eles.

Encaro as roupas penduradas e balbucio que não tem problema. Ao me despedir deles do meu modo brusco habitual, tento não me irritar quando mamãe fica com os olhos marejados.

Na sexta-feira antes da data de entrega do nosso trabalho sobre Whitman, o Sr. Strane dá a volta na mesa e nos pede aleatoriamente que dividamos com a turma a tese da nossa dissertação. Ele nos dá um retorno imediato e avalia nossas teses como “bom, mas precisa melhorar” ou “jogue fora e comece outra vez”, e durante esse processo todo mundo fica muito ansioso. Tom Hudson leva um “jogue fora e comece outra vez”, e por um segundo eu acho que ele talvez vá chorar. Mas quando Jenny leva um “bom, mas precisa melhorar” ela de fato pisca para impedir as lágrimas de escorrerem, e parte de mim quer dar a volta correndo na mesa, abraçá-la e dizer ao Sr. Strane para deixá-la em paz. Quando chegamos ao meu trabalho, ele diz que está perfeito.

Como depois de todo mundo ser avaliado ainda faltam quinze minutos para o fim da aula, o Sr. Strane nos diz para passar o resto do tempo melhorando nossas teses. Fico sentada sem saber muito bem o que fazer, já que ele considerou a minha perfeita como está, e de trás da sua escrivaninha ele me chama. Ergue o poema que lhe entreguei no início da aula e faz um gesto para que eu me aproxime.

— Vamos nos reunir e falar sobre isto aqui — diz ele.

Fico de pé e minha cadeira arranha o piso bem na hora em que Jenny larga o lápis para alongar o pulso. Por um instante nossos olhares se cruzam, e eu sinto que ela me observa enquanto vou até a mesa dele.

Sento-me na cadeira ao lado do Sr. Strane e vejo que não tem nada escrito nas margens do meu poema.

— Chegue um pouco mais perto para a gente poder falar baixo — diz ele.

Antes de eu conseguir me mexer, ele faz um gancho com os dedos no encosto da minha cadeira e me puxa bem para junto de si até ficarmos a menos de trinta centímetros de distância.

Se alguém estranha o que estamos fazendo, não demonstra. Estão todos de cabeça baixa, concentrados. É como se eles estivessem em um mundo e o Sr. Strane e eu, em outro. Com a base da mão, ele alisa o vinco do meu poema onde eu o dobrei e começa a ler. Está tão próximo que sinto seu cheiro — café e pó de giz —, e enquanto ele lê fico observando suas mãos, as unhas achatadas e roídas, os pelos escuros nos pulsos. Eu me pergunto por que ele pediu que nos reuníssemos se ainda não leu o poema. Fico imaginando o que pensou dos meus pais, se os achou jecas, papai com camisa xadrez e mamãe com a bolsa agarrada ao peito. *Ah, o senhor*

estudou em Harvard, devem ter dito, com a surpresa acentuando ainda mais o sotaque deles.

O Sr. Strane aponta para o poema com a caneta e sussurra:

— Nessa, eu preciso perguntar: você estava querendo ser sexy aqui?

Meus olhos se fixam nos versos que ele está mostrando:

*Ventre violeta & suave, ela se mexe dormindo,
chuta as cobertas com os dedos dos pés com esmalte lascado
e boceja para deixá-lo espiar dentro dela.*

É como se a pergunta fizesse meu espírito deixar o corpo, como se meu corpo continuasse ao lado dele enquanto meu cérebro se refugia de volta na mesa. Ninguém nunca disse que eu era sexy e só meus pais me chamam de Nessa. Fico pensando se eles me chamaram assim durante a reunião com ele. Talvez o Sr. Strane tenha reparado e memorizado o apelido para usar mais tarde.

Eu estava tentando ser sexy?

— Sei lá.

Ele se afasta um pouco de mim, um movimento ínfimo, mas que eu sinto, e diz:

— Não quero constranger você.

Percebo que é um teste. Ele quer ver minha reação ao ser chamada de sexy, e ficar constrangida quer dizer que eu não passei. Então balanço a cabeça.

— Eu não estou constrangida.

Ele continua lendo, faz um ponto de exclamação ao lado de outro verso e sussurra, mais para si mesmo do que para mim:

— Ah, que lindo.

Em algum lugar no corredor, uma porta bate. À mesa, Gregg Akers estala um dedo de cada vez e Jenny esfrega a borracha em cima do enunciado da sua tese que ela não consegue acertar. Meus olhos se desviam para a janela e detectam algo vermelho. Estreito os olhos e vejo um balão, cuja cordinha se prendeu em um galho sem folhas de bordo. A brisa o faz flutuar e bater nas folhas e na casca do tronco. De onde um balão pode ter vindo? Fico encarando-o por um tempo que parece muito longo, tão concentrada que nem sequer pisco.

Então o joelho do Sr. Strane encosta na minha coxa nua, logo abaixo da barra da saia. Com os olhos ainda no poema e acompanhando os versos com a caneta, ele aninha o joelho em mim. Fico imóvel, apavorada. Às mesas, há nove cabeças baixas em plena concentração. Do lado de fora da janela, um balão vermelho pende flácido de um galho da árvore.

A princípio, suponho que ele não tenha notado, que pode estar pensando que minha perna é a mesa ou a lateral da cadeira. Fico esperando que perceba o que fez, que veja onde seu joelho foi parar, sussurre um rápido “desculpe” e se afaste, mas seu joelho continua encostado em mim. Quando tento ser educada e me afastar, ele se move junto.

— Acho que a gente é bem parecido, Nessa — sussurra ele. — Dá para ver pelo jeito como você escreve que é uma romântica sombria como eu. Gosta de coisas sombrias.

Protegido pela mesa, ele baixa a mão e acaricia de leve meu joelho, com timidez, como se acariciaria um cachorro antes de ter certeza de que não fosse ficar bravo e morder. Eu não mordo. Não me mexo. Nem sequer respiro. Ele continua fazendo anotações no poema enquanto acaricia meu joelho com a outra mão, e eu sinto minha mente vagar. Ela vai até o teto e me vejo de cima: ombros curvados, olhar vidrado, cabelo ruivo brilhante.

Então a aula termina. Ele se afasta de mim, deixando fria a parte do joelho onde sua mão estava. A sala é tomada por movimentos e sons, zíperes e livros sendo fechados, risos e palavras, sem ninguém saber o que aconteceu bem ali.

— Aguardo ansiosamente o próximo — diz o Sr. Strane.

Ele me entrega o poema com anotações como se estivesse tudo normal, como se o que ele fez nunca tivesse acontecido.

Os nove outros alunos juntam suas coisas e saem da sala para seguir sua vida rumo a treinos, ensaios e reuniões de clubes. Saio da sala também, mas estou diferente. Não sou mais humana. Não tenho amarras. Enquanto eles percorrem o campus, terrenos e normais, eu levanto voo, arrastando atrás de mim um rabo de cometa vermelho como bordo. Não sou mais eu mesma, não sou ninguém. Sou um balão vermelho preso nos galhos de uma árvore. Não sou absolutamente nada.

2017

Estou no trabalho, observando o lobby do hotel, quando recebo uma mensagem de texto de Ira. Meu corpo enrijece enquanto vejo os alertas de notificação se acumularem na tela do celular, o contato dele ainda marcado como NÃO FAÇA ISSO desde a última vez que terminamos.

Tudo bem?
Andei pensando em você.
Topa beber alguma coisa?

Não toco no telefone. Não quero que ele saiba que vi as mensagens, mas enquanto recomendo restaurantes, ligo para fazer reservas e digo a cada hóspede que é um prazer ajudar, um prazer imenso, um fogo discreto se acende na minha barriga. Três meses se passaram desde que Ira disse que precisávamos terminar, e dessa vez eu me comportei bem. Não fiquei passando em frente ao prédio dele na esperança de vê-lo, não liguei, não mandei mensagens... nem quando estava bêbada. Acho que essa é minha recompensa por todo o autocontrole.

Duas horas depois, respondo: Estou bem. Topo beber alguma coisa. Ele responde na hora: Está no trabalho? Estou jantando com alguns amigos agora. Posso ficar na rua e te encontrar quando sair. Minhas mãos tremem enquanto envio um único emoji com o polegar para cima, como se fosse difícil demais digitar “combinado, então”.

Às onze e meia, quando saio do hotel, ele está lá fora encostado na bancada do manobrista, os ombros curvados, olhando o celular. Na mesma hora reparo no que mudou nele: cabelo mais curto e roupas da moda, uma calça preta skinny e uma jaqueta jeans com furos nos cotovelos. Ele se sobressalta ao me ver e guarda o telefone no bolso da calça.

— Foi mal ter demorado tanto a sair — digo. — A noite foi movimentada.

Fico parada segurando a bolsa, sem saber como cumprimentá-lo, ou o que é permitido.

— Tudo bem, cheguei faz só alguns minutos. Você está bonita.
— Estou igual — digo.
— Bom, você sempre foi bonita.

Ele estende um dos braços como se quisesse me abraçar, mas eu nego com a cabeça. Ele está sendo legal demais. Se quisesse voltar estaria desconfiado e esquivo, como eu.

— Você está muito... — procuro a palavra certa — ... estiloso — digo, com a intenção de provocá-lo, mas Ira apenas ri e me agradece com sinceridade.

Vamos a um bar novo com mesas de madeira de demolição e cadeiras de metal, e um menu de cervejas de cinco páginas divididas por estilos, depois por país de origem, e então por teor alcoólico. Quando entramos, dou uma olhada no recinto e verifico cada cabeça loura para ver se não é Taylor Birch, mas não sei se a reconheceria mesmo se aparecesse bem na minha frente. Passei as últimas duas semanas vendo mulheres na rua que tive certeza de serem ela, mas todas as vezes era só uma desconhecida com um rosto nem um pouco parecido.

— Vanessa? — Ira toca meu ombro e me dá um susto como se eu tivesse esquecido que ele está ali. — Tudo bem?

Aquiesço, dou um sorriso chocho e puxo uma cadeira vazia.

Quando o garçom chega e começa a enumerar recomendações, eu o interrompo:

— É opção demais. Pode me trazer qualquer coisa que eu vou gostar — digo de brincadeira, mas pareço grosseira.

Ira olha para o garçom como quem diz *Me desculpe por ela*.

— A gente poderia ter ido a outro lugar — diz ele para mim.

— Aqui está bom.

— Você parece estar detestando.

— Eu detesto qualquer lugar.

O garçom traz as cervejas: um líquido escuro com cheiro de vinho num copo que parece um balde para Ira e uma lata de Miller Lite para mim.

— Vai querer um copo? — pergunta o garçom. — Ou assim está bom?

— Ah, está bom assim.

Sorrio e aponto para a lata na minha melhor tentativa de ser simpática. O garçom se vira para a mesa ao lado.

Ira me observa demoradamente.

— Está tudo bem? Me diga a verdade.

Dou de ombros e bebo um gole.

— Está.

— Eu vi o post no Facebook.

Fico puxando o anel da lata de cerveja com a unha. *Tec-tec-tec*.

— Que post no Facebook?

Ele franze a testa.

— Aquele sobre o Strane. Você não viu? Da última vez que olhei, tinha sido compartilhado umas duas mil vezes.

— Ah, sei. Esse post.

Na verdade, já são quase três mil compartilhamentos, embora a atividade tenha diminuído. Bebo outro gole e folheio o cardápio de cervejas.

Com uma voz suave, Ira diz:

— Estou preocupado com você.

— Não deveria. Eu estou bem.

— Você falou com ele desde que publicaram o post?

Fecho o cardápio com força.

— Não.

Ira me observa.

— Sêrio?

— Sêrio.

Ele pergunta se eu acho que Strane vai ser demitido e eu dou de ombros entre um gole e outro. Como eu poderia saber? Ele pergunta se eu pensei em entrar em contato com Taylor e não respondo. Continuo puxando o anel, o *tec-tec-tec* agora um *tóin-tóin-tóin* ecoando pela latinha já pela metade.

— Eu sei como deve ser isso para você — diz ele —, mas poderia ser uma oportunidade, não acha? De resolver essa questão e seguir em frente.

Eu me forço a respirar enquanto reflito sobre isso. “Resolver essa questão e seguir em frente” soa como pular de um precipício, soa como morrer.

— A gente pode mudar de assunto? — pergunto.

— Claro — diz ele. — Lógico.

Ele me pergunta sobre o trabalho, se continuo procurando outro emprego. Conta que arrumou um apartamento em Munjoy Hill e meu coração acelera, um instante de ilusão em que penso que vai me chamar para morar com ele. É ótimo, diz, bem grande. Cabe uma mesa na cozinha, o quarto tem vista para o mar. Aguardo, esperando pelo menos ele me convidar para uma visita, mas apenas ergue o copo.

— Deve ser caro se é tão legal assim — comento. — Como você está dando conta?

Ira comprime os lábios enquanto engole.

— Eu dei sorte.

Imagino que vamos continuar bebendo, afinal é o que ele e eu costumamos fazer: bebemos e continuamos bebendo até um de nós tomar coragem para perguntar: “E aí, vai voltar para casa comigo ou não?” Mas antes que eu consiga pedir outra cerveja Ira entrega o cartão de crédito ao garçom, decretando o fim da noite. É como um tapa na cara.

Quando saímos do bar para o frio do lado de fora, ele pergunta se continuo com Ruby e eu me sinto grata por, pelo menos em relação a essa pergunta, não ter que mentir para dar a resposta que ele quer.

— Fico muito feliz em ouvir isso — diz Ira. — É realmente a melhor coisa para você.

Tento sorrir, mas não gosto de como ele diz “a melhor coisa para você”. Essa frase traz coisas demais: lembranças dele dizendo que o modo como eu romantizava o abuso era perturbador, quase tão perturbador quanto o fato de eu ainda manter contato com o homem que tinha abusado de mim. Desde o início Ira me disse que eu precisava de ajuda. Após seis meses juntos, me deu uma lista de terapeutas que ele mesmo tinha pesquisado e me implorou para tentar. Quando recusei, falou que se eu o amasse tentaria, e eu disse que se ele me amasse esqueceria aquilo. Um ano depois, ele tentou transformar a questão num ultimato: ou eu fazia terapia ou nós terminávamos. Nem isso me convenceu e quem acabou desistindo foi ele. Então, quando comecei a terapia com Ruby, ainda que estivesse indo por causa do meu pai, Ira se comportou como se tivesse vencido. *O que quer que faça você ir, Vanessa*, ele tinha dito.

— E o que Ruby está achando disso tudo? — pergunta ele.

— Como assim?

— Do post no Facebook, do que ele fez com a tal menina...

— Ah. Na verdade, a gente não fala sobre isso.

Meus olhos acompanham o padrão dos tijolos da calçada sob a luz dos postes, a névoa se movendo acima da água.

Ira passa dois quarteirões sem dizer nada. Quando chegamos à Congress Street, onde eu vou dobrar à esquerda, e ele, à direita, meu peito dói tamanha a vontade de pedir que volte para casa comigo, muito embora nem de longe eu esteja bêbada o bastante, muito embora passar meia hora

com ele já tenha me feito odiar a mim mesma. Eu só preciso que alguém toque em mim.

— Você não contou para ela — diz Ira.

— Conteí, sim.

Ele inclina a cabeça e estreita os olhos.

— Sei... Você contou para sua terapeuta que o homem que abusou de você na infância foi publicamente acusado de abuso por outra pessoa, e vocês não tocam nesse assunto? Fala sério.

Dou de ombros.

— Não é tão importante assim para mim.

— Certo.

— E ele não abusou de mim.

As narinas de Ira inflam e seu olhar endurece, atravessado por um conhecido lampejo de frustração. Ele me dá as costas como se fosse embora — melhor se afastar do que perder a paciência comigo —, mas então torna a se virar.

— Ela pelo menos sabe dele?

— Eu não faço terapia para falar sobre isso, está bem? Faço por causa do meu pai.

É meia-noite. Sinos distantes ecoam da catedral, o sinal passa de vermelho-amarelo-verde para amarelo piscante, e Ira balança a cabeça. Ele tem nojo de mim. Sei o que ele pensa, o que qualquer um pensaria — que estou inventando desculpas, que sou uma facilitadora —, mas estou defendendo a mim mesma tanto quanto Strane. Porque, por mais que às vezes eu use a palavra abuso para descrever certas coisas que foram feitas comigo, na boca de outra pessoa ela se torna feia e definitiva. Engole tudo que aconteceu. Engole a mim e todas as vezes que eu quis, que eu implorei. Como as leis que dizem que todo sexo que fiz com Strane antes de completar dezoito anos era estupro. Por acaso devemos acreditar que aniversário é um passe de mágica? É um marcador tão arbitrário quanto qualquer outro. Não faz sentido algumas meninas ficarem prontas mais cedo?

— Sabe de uma coisa? — diz Ira. — Nessas últimas semanas, com essa história toda na mídia, só consegui pensar em você. Fiquei preocupado.

Faróis se aproximam, cada vez mais altos, e passam por cima de nós quando o carro dobra a esquina.

— Achei que você fosse ficar arrasada com o que aquela menina escreveu, mas pelo visto não está nem aí.

— Por que eu deveria me importar?

— Porque ele fez a mesma coisa com você! — grita Ira, sua voz reverberando nos prédios.

Ele engole o ar e encara o chão, envergonhado por ter perdido o controle. Ninguém nunca o frustrou tanto quanto eu. Ele costumava dizer isso o tempo todo.

— Ira, você não deveria se importar tanto — digo.

Ele bufa e depois ri.

— Eu sei que não, pode acreditar.

— Não quero sua ajuda com esse assunto. Você não entende. Nunca entendeu.

Ele joga a cabeça para trás.

— Bom, essa foi minha última tentativa.

Quando ele começa a se afastar, eu digo:

— Ela está mentindo.

Ele para e se volta.

— A menina que escreveu o post. É tudo mentira.

Fico esperando, mas Ira não diz nada nem se mexe. Outro par de faróis se aproxima e passa por cima de nós.

— Acredita em mim? — pergunto.

Ira balança a cabeça, mas não com raiva. Ele sente pena de mim, o que é pior do que se preocupar comigo, pior do que qualquer coisa.

— O que vai ser preciso, Vanessa? — pergunta ele.

Ele começa a subir a Congress Street em direção à colina, então diz por cima do ombro:

— Aliás, sabe o apartamento novo? Eu consigo pagar porque estou namorando. A gente mora junto.

Ele anda de costas e observa minha expressão, mas eu não revelo nada. Engulo a saliva, a garganta arde, e pisco tão depressa que Ira fica todo borrado até virar uma sombra, uma névoa.

* * *

Ainda estou dormindo ao meio-dia quando escuto o toque especial que associei ao número de Strane no celular. Isso invade meu sonho, uma melodia que parece o tilintar de uma caixa de joias e me tira tão suavemente do sono que ainda estou meio sonhando quando atendo.

— Eles vão se reunir hoje — diz ele. — Para decidir o que fazer comigo.

Pisco para acordar. Minha mente grogue tem dificuldade para entender a quem Strane está se referindo quando diz “eles”.

— A escola?

— Eu sei o que vai acontecer — diz ele. — Dou aula aqui há trinta anos e eles vão me jogar fora como se eu fosse um saco de lixo. Só queria que acabassem logo com isso.

— Eles são uns monstros.

— Eu não diria tanto. Eles estão com as mãos atadas. Se existe algum monstro nisso tudo, é a história que essa não-sei-quem inventou. Ela me acusou de algo vago o suficiente para ser aterrorizante. Parece um maldito filme de terror.

— Para mim está mais para Kafka — digo.

Ouçoo sorrir.

— Talvez você tenha razão.

— Então você não está dando aula hoje?

— Não, eles me proibiram de entrar no campus até tomarem uma decisão. Estou me sentindo um criminoso. — Ele solta o ar demoradamente. — Escute, estou em Portland. Estava pensando se poderia te ver.

— Você está aqui?

Levanto da cama afobada e atravesso o corredor até o banheiro. Meu estômago se revira quando me vejo no espelho, as linhas finas ao redor da boca e dos olhos que pareceram se materializar assim que completei trinta anos.

— Você ainda mora no mesmo apartamento? — pergunta ele.

— Não, eu me mudei. Faz cinco anos.

Pausa de um segundo.

— Pode me explicar como chego aí?

Penso na louça na pia da cozinha com restos de comida, na lixeira transbordando, na sujeira acumulada. Imagino-o entrando no meu quarto e

vendo as pilhas de roupa suja, as garrafas vazias enfileiradas junto ao colchão, minha bagunça eterna.

Você precisa superar isso, diria ele. *Está com trinta e dois anos, Vanessa.*

— Que tal num café? — pergunto.

* * *

Ele está sentado a uma mesa de canto, a princípio quase irreconhecível, um homem velho e corpulento com as mãos ao redor de uma caneca de café, mas, assim que eu me aproximo, passando pelo meio da fila do balcão e serpenteando entre as cadeiras, ele me vê e se levanta. Então se torna inconfundível: a montanha de 1,95 metro, sólida, segura e tão conhecida que meu corpo assume o controle e eu jogo os braços ao redor dele, agarrando seu casaco para tentar me aproximar o máximo possível. Afundar nele me dá a mesma sensação de quando eu tinha quinze anos: aquele cheiro de café e pó de giz, o topo da minha cabeça mal chegando ao seu ombro.

Quando ele me solta, está com os olhos marejados. Envergonhado, empurra os óculos para cima da testa e enxuga as bochechas.

— Desculpe — diz. — Sei que a última coisa com a qual você quer lidar é um velho piegas. É que ver você... — Ele não termina a frase. Apenas encara meu rosto.

— Tudo bem — digo. — Não tem problema.

Meus olhos também estão marejados.

Nós nos sentamos um de frente para o outro como se fôssemos normais, feito duas pessoas colocando o papo em dia depois de um tempo sem se ver. Ele parece bem mais velho, todo cinza, não só o cabelo: a pele e os olhos também. Está sem barba, a primeira vez que o vejo sem ela, agora substituída por uma papada para a qual não consigo olhar sem ter ânsia de vômito. A papada pende feito uma água-viva, puxando todo o seu rosto para baixo. É uma mudança chocante. Faz cinco anos que não o vejo, tempo suficiente para a idade destruir um rosto, mas imagino que isso tenha acontecido desde o post de Taylor, como o mito das pessoas que são tão derrotadas pela dor que ficam grisalhas da noite para o dia. Um

pensamento repentino me faz gelar: talvez aquilo acabe com ele. Talvez aquilo o mate.

Balanço a cabeça para afastar o pensamento e digo, mais para mim mesma do que para ele:

— Pode ser que acabe tudo bem.

— Pode ser — concorda ele. — Mas não vai.

— Mesmo que eles forcem você a sair, isso seria tão ruim assim? Seria como se aposentar. Você poderia vender sua casa e se mudar de Norumbega. Que tal voltar para Montana?

— Não quero — diz ele. — Minha vida é aqui.

— Você poderia viajar, tirar umas férias de verdade.

— Férias — desdenha ele. — Fala sério. Seja qual for o desfecho dessa história, meu nome está arruinado, minha reputação, destruída.

— A poeira vai acabar baixando.

— Não vai, não. — Seus olhos brilham com intensidade suficiente para me impedir de comentar que eu sei do que estou falando, que também já fui expulsa de lá um dia. — Vanessa... — Ele se inclina para a frente por cima da mesa. — Você disse que a menina escreveu para você algumas semanas atrás. Tem certeza de que você não respondeu?

Eu o encaro por bastante tempo.

— Tenho, tenho certeza.

— E não sei se você continua indo naquela psiquiatra...

Ele morde o lábio e deixa a pergunta no ar.

Começo a corrigi-lo — ela não é psiquiatra, é terapeuta —, mas sei que não importa, a questão não é essa.

— Ela não faz a menor ideia. Não falo com ela sobre você.

— Ok — diz ele. — Ótimo. E em relação àquele seu antigo blog, eu tentei acessar...

— O blog não existe mais. Faz anos que o tirei do ar. Por que você está me interrogando desse jeito?

— Alguém mais além daquela menina procurou você?

— Quem mais me procuraria? A escola?

— Não sei — diz ele. — Só estou me certificando...

— Acha que eles vão tentar me envolver?

— Não faço ideia. Eles não estão me dizendo nada.

— Mas você acha que eles vão...

— Vanessa. — Minha boca se fecha de repente. Ele deixa a cabeça pender, inspira, então retoma devagar: — Eu não sei o que eles vão fazer. Só quero garantir que não há nenhum incêndio que precise ser apagado. E quero ter certeza de que você está se sentindo... — Ele procura a palavra certa. — Firme.

— Firme — repito.

Ele assente com os olhos fixos em mim, fazendo a pergunta que não se atreve a verbalizar: se eu sou forte o suficiente para aguentar o que quer que possa acontecer.

— Pode confiar em mim — digo.

Ele sorri e a gratidão suaviza seu semblante. Há alívio nele agora, um relaxamento dos ombros, e seus olhos percorrem o café.

— Mas como você está? — pergunta ele. — Como sua mãe está segurando as pontas?

Dou de ombros. Falar sobre ela com Strane sempre me dá a sensação de estar traindo.

— Você continua namorando aquele menino? — Ele está se referindo a Ira. Nego com a cabeça, e, sem surpresa, Strane aquiesce e me dá uns tapinhas na mão. — Ele não era o cara certo para você.

Ficamos sentados em silêncio em meio ao barulho de louça, ao sibilo e ao ronco da máquina de café, às batidas do meu coração. Passei anos imaginando isso — estar diante dele outra vez, ao seu alcance —, mas agora que estou aqui tudo que sinto é que estou fora de mim, como se estivesse olhando de outra mesa do lado oposto do salão. Não parece certo nós podermos conversar como duas pessoas normais, nem ele suportar olhar para mim sem cair de joelhos.

— Está com fome? — pergunta ele. — A gente poderia comer alguma coisa.

Hesito, checo a hora no celular, e ele repara no meu terninho preto e no crachá dourado com meu nome.

— Ah, uma moça trabalhadora — diz ele. — Ainda no hotel, imagino.

— Eu poderia avisar que vou faltar.

— Não, não faça isso.

Ele se recosta na cadeira, ganhando imediatamente um ar mais sombrio. Sei qual é o problema: eu deveria ter aceitado na hora a proposta dele, dito sim no mesmo instante. Hesitar foi um erro, e, com ele, um erro basta para estragar tudo.

— Posso tentar sair mais cedo — digo. — A gente poderia jantar.

Ele faz um gesto com a mão.

— Não tem problema.

— Você poderia dormir lá em casa.

Ao ouvir isso ele para e seus olhos percorrem meu rosto enquanto pensa a respeito. Pergunto-me se ele está se lembrando de mim aos quinze anos ou se está pensando na última vez em que tentamos, na casa dele, na cama com lençóis de flanela. Tentamos recriar a primeira vez, eu de pijama fino, a iluminação baixa. Não deu certo. Ele não parava de ficar mole; eu estava velha demais. Depois fui chorar no banheiro, com a torneira aberta e tapando a boca com a mão. Quando saí, ele estava de roupa e sentado na sala. Nunca mais tocamos no assunto e desde aquele dia nos limitamos ao telefone.

— Não — diz ele com a voz suave. — Não, é melhor eu voltar para casa.

— Está bem.

Empurro a cadeira para trás com tanta força que ela range no piso feito unhas no quadro-negro. Minhas unhas no quadro-negro dele.

Strane me observa vestir o sobretudo e levar a bolsa ao ombro.

— Há quanto tempo você está nesse emprego?

Dou de ombros, o cérebro preso a uma lembrança dos dedos dele dentro da minha boca, do pó de giz na minha língua.

— Não sei — respondo bem baixinho. — Um tempo.

— Tempo demais — diz ele. — Você deveria amar o que faz. Não se contente com menos.

— Tudo bem. É um emprego.

— Mas você nasceu para mais do que isso — diz ele. — Era tão inteligente... Brilhante. Achei que fosse publicar um romance aos vinte anos, conquistar o mundo. Tem tentado escrever ultimamente?

Faço que não com a cabeça.

— Que desperdício, meu Deus. Eu queria que tivesse.

Comprimo os lábios.

— Sinto muito te decepcionar.

— Ah, não faça assim. — Ele se levanta, segura meu rosto com as mãos e abaixa a voz para um murmúrio enquanto tenta me acalmar. — Logo mais eu vou na sua casa ficar com você. Prometo.

Damos um selinho de despedida, e o barista no balcão segue contando as gorjetas da caixinha, o velho perto da janela continua suas palavras cruzadas. O fato de ele me beijar costumava ser lenha para uma fogueira de boatos que se espalhavam feito um incêndio na mata. Agora quando nos tocamos o mundo nem sequer repara. Eu sei que deveria haver liberdade nisso, mas a única sensação que tenho é de perda.

* * *

Em casa, depois do trabalho, fico deitada na cama com o celular, relendo a mensagem que Taylor Birch me mandou antes de postar as acusações contra Strane. Oi, Vanessa. Não tenho certeza se você sabe alguma coisa sobre mim, mas você e eu estamos na situação estranha de compartilhar uma experiência, uma coisa que foi traumática para mim e imagino que para você também. Acesso o perfil dela, mas, como nada de novo foi postado, confiro o conteúdo antigo: fotos das férias em São Francisco, comendo burritos em Mission, uma selfie com a Golden Gate ao fundo; fotos dela no apartamento onde mora: sofá de veludo, piso de tábuas corridas reluzente, plantas viçosas. Rolo a tela até chegar a fotos dela com um gorro cor-de-rosa da Marcha das Mulheres, comendo um donut do tamanho da sua cabeça e posando com amigos num bar do centro numa foto com a legenda Encontro de ex-alunos de Browick!

Entro no meu perfil e tento me ver pelos olhos dela. Sei que me fuxica: um ano atrás, ela deu like em uma das minhas fotos, um clique duplo acidental que reverteu na mesma hora, mas mesmo assim recebi a notificação. Tirei um print da tela e mandei para Strane com a mensagem Acho que ela não consegue largar o osso, mas ele não respondeu, completamente desinteressado pelas nuances das mídias sociais, pela sensação de superioridade e triunfo que temos quando alguém que está olhando nossas coisas escondido se denuncia. Ou talvez ele nem sequer tenha entendido o que eu estava querendo dizer. Às vezes eu me esqueço da idade dele. Antes eu pensava que a diferença entre nós fosse diminuir conforme eu ficasse mais velha, mas continua tão grande quanto sempre foi.

As horas passam enquanto vou cavando mais fundo, fazendo login nas minhas contas antigas de sites de fotos e rolando a tela para trás no tempo, de 2017 a 2010, 2007, 2002: o ano em que comprei minha primeira câmera digital, o ano em que fiz dezessete. Prendo a respiração quando as fotos que estou procurando finalmente carregam: eu de tranças, vestido de alça e

meias três quartos, em pé diante de várias bétulas. Em uma das fotos estou levantando a saia do vestido e exibindo coxas brancas. Em outra, estou de costas para a câmera, olhando por cima do ombro. A qualidade das fotos é ruim, mas mesmo assim são lindas, e as bétulas formam um fundo monocromático que contrasta com o tom cor-de-rosa e azul do vestido, com meu cabelo cor de cobre.

Abro minhas últimas mensagens de texto com Strane e copio e colo as fotos. Não tenho certeza se já te mostrei estas. Acho que tinha dezessete anos aqui.

Sei que ele já deve ter se deitado horas atrás, mas mesmo assim aperto “enviar” e fico observando a mensagem ser enviada. Continuo acordada até amanhecer, vendo fotos do meu rosto e do meu corpo de adolescente. De vez em quando, checo a mensagem que mandei para Strane a fim de ver se mudou de “entregue” para “lida”. Existe a chance de ele acordar no meio da noite e, ainda meio dormindo, checar o telefone e dar de cara com minha imagem de adolescente, um fantasma digital. Não se esqueça dessa menina.

Às vezes tenho a sensação de que é só isso que estou fazendo sempre que entro em contato: tentando assombrá-lo, arrastá-lo de volta no tempo, pedindo a ele que me conte de novo o que aconteceu. Para que eu entenda de uma vez por todas. Porque eu continuo presa lá. Não consigo seguir em frente.

2000

Uma vez por mês, em uma sexta-feira à noite, há uma festa no refeitório. Com as mesas afastadas e a iluminação baixa, é uma cena que poderia estar acontecendo em qualquer outra escola de ensino médio. Tem o DJ contratado, um bando de gente dançando no meio da pista e os alunos tímidos reunidos em volta separados por gênero. Alguns professores também estão lá. Para vigiar os alunos, ficam vagando pela festa e mantêm distância, prestando menos atenção em nós do que uns nos outros.

Como essa é a festa de Halloween, todo mundo está fantasiado, e ao lado da porta dupla do refeitório há dois baldes gigantes de doces. A maioria das fantasias é preguiçosa — meninos de calça jeans e camiseta branca dizendo que estão de James Dean e meninas de minissaia plissada e rabo de cavalo dizendo que estão de Britney Spears —, mas alguns se esforçaram bastante com materiais comprados no centro da cidade. Uma menina anda pelo refeitório fantasiada de dragão, com asas cheias de espinhos e uma cauda de escamas verde-azuladas, seguida pelo namorado, um cavaleiro de armadura de papelão cheirando a tinta de spray. Um menino de terno balança um charuto de mentira na cara das meninas e ri por trás da máscara de Bill Clinton. Enquanto isso, eu sou uma gata pouco confiante, de vestido e meia-calça pretos, com bigodes desenhados no rosto e orelhas de papelão improvisadas em dez minutos. Vim só para ver o Sr. Strane. Ele está ajudando a supervisionar.

Em geral, não vou às festas. Tudo nelas me repele: a música ruim, o DJ constrangedor com barbicha e cabelo espetado descolorido nas pontas, os alunos que fingem não reparar nos casais se agarrando. Estou me forçando a suportar essa porque já faz uma semana. Uma semana inteira desde que o Sr. Strane tocou em mim, desde que pôs a mão no meu joelho e me disse que dava para perceber que éramos parecidos, duas pessoas que gostam de coisas sombrias. Desde então... Nada. Quando eu falei durante a aula, os olhos dele se fixaram na escrivadinha como se ele não suportasse olhar para mim. No encontro do clube de escrita criativa, juntou suas coisas e deixou Jesse e eu sozinhos (“Reunião de departamento”, explicou, mas, se fosse uma reunião do departamento, por que precisaria do sobretudo e de todas as coisas dentro da pasta?), e depois, quando fui procurá-lo durante a

hora de estudo dirigido, a porta estava fechada e a sala, escura por trás do vidro rugoso.

Por isso estou impaciente, talvez até desesperada. Quero que alguma coisa aconteça, o que parece mais provável num evento como aquele, onde os limites são temporariamente borrados, com alunos e professores jogados juntos num recinto mal iluminado. Na verdade, não estou ligando para o que possa ser a outra coisa... outro toque, um elogio. Não importa, contanto que ele me diga o que quer, o que está acontecendo, se é que está acontecendo alguma coisa.

Dou mordidas bem pequenas em um chocolate em miniatura e fico observando os casais dançarem uma música lenta, ondulando pela pista feito garrafas numa piscina. Em determinado momento, Jenny atravessa o salão usando um vestido de cetim que lembra vagamente um quimono, com dois hashis enfiados no rabo de cavalo curto. Por um instante, ela parece estar vindo bem na minha direção e eu fico paralisada, sentindo o chocolate derreter na língua, mas então Tom surge por trás dela usando roupas normais, calça jeans e uma camiseta do Beck, nem sequer tentando parecer fantasiado. Ele toca no ombro de Jenny e ela se desvencilha com um tranco. A música está alta demais para ouvir o que eles estão dizendo, mas é óbvio que estão brigando e que a briga é feia. O queixo de Jenny treme e ela fecha os olhos com força. Quando Tom encosta os dedos no braço dela, ela espalma a mão em cheio no peito dele e o empurra com tanta força que ele cambaleia para trás. É a primeira vez que os vejo brigar.

Estou tão fascinada que quase não reparo no Sr. Strane saindo pela porta. Quase o deixo escapar.

Quando saio, noto que está um breu lá fora, sem lua e quase zero grau. O som da festa diminui até se transformar apenas nas batidas de um grave e vocais distantes quando a porta se fecha atrás de mim com um clique. Olho em volta. Meus braços se arrepiam enquanto meus olhos procuram por ele, mas encontram apenas as sombras das árvores e o gramado vazio do campus. Estou prestes a reconhecer a derrota e voltar para dentro quando uma silhueta emerge da sombra de um abeto: o Sr. Strane, vestindo um casaco de pena de ganso, camisa de flanela e calça jeans, com um cigarro apagado entre os dedos.

Sem saber o que fazer, não me mexo. Sinto que ele está constrangido por ser flagrado com o cigarro e minha mente assume o controle: imagino-

o fumando escondido, como meu pai faz à noite na margem do lago. Suponho que ele queira parar e considere sua incapacidade de fazer isso uma fraqueza. Sente vergonha.

Mas mesmo que ele sinta vergonha, penso, poderia ter continuado escondido. Poderia ter me deixado ir embora.

Ele gira o cigarro entre o polegar e o indicador.

— Me pegou no flagra.

— Pensei que estivesse indo embora — digo. — Queria dar tchau.

Ele tira um isqueiro do bolso e o vira algumas vezes na palma da mão. Mantém os olhos fixos em mim. Com súbita clareza, penso: *Alguma coisa vai acontecer*. E, à medida que essa certeza se assenta em mim, meu coração desacelera e meus ombros relaxam.

Ele acende o cigarro e faz um gesto para eu segui-lo até debaixo da árvore. É um abeto imenso, provavelmente a maior árvore do campus, os galhos mais baixos ainda bem acima da nossa cabeça. No início, a escuridão é tanta que só consigo ver a brasa vermelha do cigarro quando ele o leva à boca. Minha visão se adapta e ele surge, assim como os galhos logo acima e o tapete de folhas secas cor de laranja sob nossos pés.

— Não fume — diz o Sr. Strane. — É um hábito horrível.

Ele solta a fumaça e o cheiro do cigarro invade minha cabeça. Estamos a um metro e meio de distância. A sensação de perigo é tão grande que é estranho pensar que já estivemos mais próximos muitas vezes.

— Mas deve ser bom — digo. — Se não, por que as pessoas fumariam?

Ele ri e dá outro trago.

— Acho que você tem razão. — Ele me olha de cima a baixo e pela primeira vez repara na minha fantasia. — Olhe só para você. Uma gatinha.

Eu rio com o choque de ouvi-lo dizer isso, embora ele não tenha usado a palavra num contexto sexual. Mas ele não ri. Apenas me encara, o cigarro na mão soltando fumaça.

— Sabe o que eu gostaria de fazer agora? — pergunta. Ele está com a fala mais arrastada do que de costume e oscila ao apontar o cigarro para mim. — Queria encontrar uma cama bem grande, pôr você debaixo das cobertas e lhe dar um beijo de boa-noite.

Por um segundo, meu cérebro entra em curto-circuito e quase morro. Passam-se instantes vazios, uma tela de estática, um muro de ruído branco. Então volto à vida com um barulho áspero e engasgado; não exatamente uma risada, não exatamente um grito.

Uma porta do refeitório se abre por dentro e a música vaza da festa. Mais alto, uma voz de mulher chama:

— Jake?

O momento é destruído. O Sr. Strane se vira e vai depressa em direção à voz, jogando o cigarro no chão sem pisar em cima para apagá-lo. Fico olhando a fumaça subir das folhas caídas enquanto ele caminha a passos largos até as portas, até a Sra. Thompson.

— Vim só tomar um pouco de ar — diz ele.

Juntos, os dois entram. Estou escondida pela árvore, como ele estava quando eu saí. Ela não me viu.

Fico observando o cigarro aceso no chão, cogito pegá-lo e levá-lo à boca, mas em vez disso o esmago com o calcanhar. Volto para a festa e encontro Deanna Perkins e Lucy Summers tomando goles de uma garrafinha de plástico enquanto comentam sobre as fantasias. Strane está a apenas alguns metros, ao lado da Sra. Thompson, com os olhos fixos nela. Jenny e Tom estão próximos um do outro na periferia da pista, as pazes feitas. Ela passa o braço em volta dos ombros dele e apoia o rosto no seu pescoço. É um gesto tão íntimo e adulto que por instinto eu desvio os olhos.

O que quer que elas tenham colocado na garrafinha de plástico espirra quando Deanna e Lucy a passam de mão em mão. Enquanto toma um gole, Deanna me flagra olhando para elas e pergunta:

— O que foi?

— Me dá um pouco — peço.

Lucy estende a mão para pegar a garrafa.

— Foi mal, estoque racionado.

— Se não me derem eu deduro vocês.

— Cale a boca.

Deanna acena com a mão.

— Deixe ela beber.

Lucy suspira e estende a garrafa.

— *Um* gole.

O álcool queima mais minha garganta do que o esperado e eu começo a tossir, bem clichê. Deanna e Lucy nem sequer tentam disfarçar o riso. Depois de empurrar a garrafa de volta para elas, saio enfurecida do refeitório querendo que o Sr. Strane repare, que entenda por que estou com

raiva e o que eu quero. Fico esperando lá fora para ver se ele vai me seguir, mas ele não aparece, é claro que não.

O alojamento está silencioso, vazio. Todas as portas estão fechadas, todo mundo ainda está na festa.

Encaro a porta do apartamento da Sra. Thompson no fim do corredor. Se ela não o tivesse chamado, alguma coisa teria acontecido. Ele disse que queria me beijar, então talvez tivesse beijado mesmo. Ainda fantasiada, vou até a porta da Sra. Thompson. O Sr. Strane provavelmente a está fazendo rir nesse exato momento. No fim da noite, os dois provavelmente vão para a casa dele transar. Talvez ele conte sobre mim, como eu o segui até lá fora e ele disse aquilo só para ser legal. *Ela está a fim de você*, dirá a Sra. Thompson para provocá-lo. Como se estivesse tudo só na minha cabeça, uma narrativa inventada.

Pego o pilot preso ao quadro branco. Anotações da semana anterior continuam rabiscadas ali: a data e o horário de uma reunião do alojamento, um convite aberto para jantar espaguete no seu apartamento. Passando a mão, apago tudo e escrevo *PIRANHA*, de forma a ocupar o quadro inteiro.

* * *

A primeira neve cai na noite depois da festa e cobre o campus com dez centímetros grossos. No sábado de manhã, a Sra. Thompson convoca todas nós à sala de convivência e tenta descobrir quem escreveu *piranha* na porta.

— Não estou com raiva — afirma ela. — Só estou tentando entender.

Meu coração martela nos ouvidos e fico sentada com as mãos unidas no colo, torcendo para minhas bochechas não ficarem vermelhas.

Após alguns minutos sentadas em silêncio, ela desiste.

— Podemos deixar para lá — diz. — Mas não se acontecer de novo. Está bem?

Ela assente, nos incentivando a responder que sim. Quando subo a escada de volta, olho por cima do ombro e a encontro parada no meio da sala vazia, esfregando o rosto com as mãos.

No domingo à noite, me aproximo da sua porta e meus olhos se demoram no quadro branco, onde, com esforço, ainda dá para ler *piranha*. Sinto-me culpada, não o suficiente para confessar o que fiz, mas o

suficiente para querer fazer alguma gentileza. Quando a Sra. Thompson abre a porta, está de calça de moletom e suéter de capuz da escola, com o cabelo preso e sem maquiagem, cicatrizes de acne nas bochechas. Pergunto-me se o Sr. Strane já a viu desse jeito.

— O que houve? — pergunta ela.

— Posso levar Mya para passear?

— Ai, meu Deus, ela vai amar.

Ela chama por cima do ombro, mas a cadela husky já está vindo feito uma flecha na minha direção, as orelhas empinadas e os olhos azuis com pupilas dilatadas, impelida pelo som da palavra *passear*.

Enquanto passo a coleira peitoral de Mya por cima de sua cabeça e prendo a guia, a Sra. Thompson lembra que logo vai escurecer.

— A gente não vai longe — digo.

— E não deixe ela correr.

— Eu sei, eu sei.

Na última vez em que levei Mya para passear, soltei-a da guia para brincar, mas ela saiu correndo para o jardim atrás do prédio de artes e rolou em cima do adubo.

A temperatura aumentou para dez graus durante a noite e a neve já sumiu, deixando o chão esponjoso e escorregadio. Pegamos a trilha que dá a volta nos campos esportivos, e eu deixo a coleira bem comprida para Mya farejar e explorar, correndo de um lado para outro. Eu amo Mya; ela é o cachorro mais lindo que já vi, um pelo tão grosso que meus dedos desaparecem até a segunda falange quando coço suas costas. Mas gosto dela principalmente porque ela é difícil. Mandona. Se não quiser fazer alguma coisa, vai responder com um uivo que é quase um resmungo. A Sra. Thompson diz que eu devo ter um dom especial com cachorros, porque Mya não gosta de ninguém a não ser de mim. Mas cães são fáceis de conquistar, mais fáceis do que gente. Para um cachorro amar você, tudo que precisa fazer é ter petiscos no bolso e coçá-lo atrás das orelhas ou na base da cauda. Quando querem ficar sozinhos, eles não fazem joguinhos: avisam.

No campo de futebol, a trilha se divide em outras três menores. Uma leva de volta ao campus, a segunda para dentro da floresta e a terceira ao centro da cidade. Embora eu tenha prometido à Sra. Thompson que ficaria por perto, pego a terceira trilha.

As vitrines das lojas do centro estão decoradas para o fim do ano com folhagens e cornucópias de mentira e a padaria já pendurou as luzinhas de Natal. Enquanto Mya me puxa, confiro meu reflexo em cada vidraça, um vislumbre de dois segundos do cabelo esticado para longe do rosto, possivelmente bonita, mas também parece possível eu estar feia. Quando chegamos à biblioteca pública, eu paro. Impaciente, Mya olha para trás na minha direção, fazendo cintilar seus olhos azuis enquanto eu fico parada encarando a casa do outro lado da rua. A casa dele só pode ser aquela. É melhor do que imaginei, com ripas de cedro acinzentadas e uma porta azul-escura. Mya para ao meu lado e bate a cabeça nas minhas pernas. *Vamos.*

Aquele, claro, é o motivo que me fez percorrer tal caminho, o motivo que me fez sair para um passeio, para início de conversa, e perguntar à Sra. Thompson se podia pegar a cadela emprestada. Eu tinha me imaginado passando por ali quando ele por acaso estivesse do lado de fora. Ele iria me ver e me chamar, perguntaria por que eu estava passeando com a cadela da Sra. Thompson. Conversaríamos um pouco em pé no gramado em frente à casa, e então ele me convidaria para entrar. Nesse ponto a fantasia acaba, porque o que fazemos depois depende do que ele quer, e eu não tenho a menor ideia do que ele quer.

Só que ele não está do lado de fora e tampouco parece estar dentro de casa. As janelas estão escuras, não há carro nenhum em frente à garagem. Ele está em algum outro lugar, levando uma vida sobre a qual eu sei irritantemente pouco.

Levo Mya até o topo da escada da biblioteca. Ficamos escondidas ali, mas continuamos vendo a rua. Fico sentada lhe dando pedacinhos de bacon que roubei do bufê do refeitório até o sol ficar laranja e começar a se pôr. Talvez ele não queira que eu entre por causa do cachorro. Esqueci que ele disse que não gostava de cachorro. Mas ele teria pelo menos que fingir gostar de Mya se estivesse fazendo sei lá o quê com a Sra. Thompson, senão como ela aceitaria? Seria uma traição sair com uma pessoa que odiasse seu cachorro.

Já está quase escuro quando uma caminhonete azul quadradona encosta em frente à garagem. O motor é desligado, a porta do motorista se abre e o Sr. Strane surge de calça jeans e a mesma camisa de flanela que usou na festa de Halloween na sexta-feira. Prendendo a respiração, eu o vejo tirar sacolas de compras do porta-malas do carro e levá-las até os degraus da

frente. À porta, ele tateia em busca das chaves e Mya solta um ganido indignado querendo mais petiscos. Dou-lhe um punhado e ela come o mais depressa que consegue, lambendo a palma da minha mão enquanto fico observando a típica casinha de madeira de três andares se iluminar conforme o Sr. Strane anda pelos cômodos.

* * *

Ao fim da aula da segunda-feira, eu demoro a ir embora. Depois que todo mundo sai, ponho a mochila em um dos ombros e digo com minha voz mais indiferente:

— Sua casa fica em frente à biblioteca pública, não é?

De trás da escrivaninha, o Sr. Strane me encara, surpreso.

— Como é que você sabe? — pergunta ele.

— Você comentou uma vez.

Ele me observa, e quanto mais o faz mais difícil é me manter indiferente. Comprimo os lábios e tento sustentar a testa franzida.

— Não me lembro de ter comentado — retruca ele.

— Bom, mas comentou. Senão como é que eu iria saber? — Minha voz soa ríspida, zangada, e percebo que ele fica um pouco espantado. Mais do que tudo, porém, parece achar graça, como se considerasse minha frustração bonitinha. — Talvez eu tenha ido lá — acrescento. — Sabe como é, para conferir.

— Sei.

— Está bravo?

— Nem um pouco. Estou lisonjeado.

— Vi você tirando as compras do carro.

— Viu? Quando?

— Ontem.

— Você estava me observando.

Aquiesço.

— Deveria ter aparecido e dado um oi.

Meus olhos se estreitam. Não é o que eu esperava ouvir.

— E se alguém me visse?

Ele sorri e inclina a cabeça.

— Que importância teria alguém ver você me dando oi?

Cerro o maxilar e respiro com força pelo nariz. A inocência dele parece fingida, como se estivesse brincando comigo ao se fazer de sonso.

Ainda sorrindo, ele se inclina para trás na cadeira, e o fato de agir assim — de se recostar, cruzar os braços, me olhar de cima a baixo como se eu fosse divertida, apenas algo para observar — faz uma raiva brotar em mim, tão súbita e forte que cerro os punhos para não gritar, projetar o corpo para a frente, pegar a caneca de Harvard que está em cima da mesa e jogar na cara dele.

Dou meia-volta, saio da sala e desço o corredor pisando firme. Minha fúria dura o caminho inteiro até o alojamento, mas ao chegar no meu quarto a raiva passa e só fica o desejo latejante e dolorido de entender, que já carrego comigo há semanas. Ele disse que queria me beijar. Ele *tocou* em mim. Todas as interações entre nós dois agora estão tingidas com algo potencialmente desastroso, e não é justo da parte dele fingir o contrário.

* * *

Minha nota de geometria da prova do meio do semestre é D+. Todos os olhos se fixam em mim quando a Sra. Antonova anuncia isso durante nossa reunião mensal de orientação no restaurante italiano. No início, não me dou conta de que ela está falando comigo. Meu pensamento vagueia enquanto metodicamente parto um pedaço de pão e enrolo as migalhas entre os dedos.

— *Vanessa* — diz ela, batendo na mesa com o nó dos dedos. — D+.

Ergo os olhos e reparo que estão me encarando. Vejo a Sra. Antonova segurando um pedaço de papel, a sua avaliação.

— Então acho que agora só tenho como melhorar — digo.

A Sra. Antonova me encara por cima dos óculos.

— Você ainda pode piorar — diz ela. — Pode repetir de ano.

— Não vou repetir de ano.

— Você precisa de um plano de ação, de um tutor. Vamos arrumar um para você.

Emburrada, encaro a mesa enquanto ela passa para o aluno seguinte. Contraio a barriga ao pensar num tutor, porque os tutores se reúnem com os alunos durante os horários de estudo dirigido, o que significaria menos tempo com o Sr. Strane. Kyle Guinn sorri com empatia para mim após

receber notícias parecidas em relação à sua nota de espanhol, e eu afundo tanto na cadeira que meu queixo praticamente encosta na mesa.

Quando volto para o campus, a sala de convivência do alojamento está lotada enquanto o resultado das eleições passa na televisão. Eu me espremo em um dos sofás e fico vendo os estados serem divididos em duas colunas conforme os locais de votação fecham. “Gore ganha em Vermont”, diz o âncora do noticiário. “Bush vence no Kentucky.” Em determinado momento, quando Ralph Nader aparece na tela por um breve instante, Deanna e Lucy batem palmas, e quando Bush surge todo mundo vaia. A vitória de Gore parece certa até pouco antes das dez, quando eles anunciam que vão recolocar a Flórida na coluna “empate técnico”, e fico tão farta daquilo tudo que desisto e vou me deitar.

No começo todo mundo faz piada com o fato de a eleição não acabar nunca, mas a graça termina quando a recontagem na Flórida começa para valer. O Sr. Sheldon passa a maior parte dos dias com os pés em cima da mesa, mas ele então ganha vida e começa a desenhar no quadro teias complexas cujo objetivo é ilustrar as muitas maneiras possíveis de fracasso da democracia. Em uma das aulas ele nos faz uma preleção de todas as formas de se classificar os pedacinhos de papel que não se destacam por completo dos furos nas cédulas eleitorais enquanto nós tentamos não rir.

Enquanto isso, em literatura norte-americana lemos *A River Runs Through It* e o Sr. Strane nos conta histórias da sua juventude em Montana: fazendas e caubóis de verdade, cães devorados por ursos-pardos, montanhas tão altas que tapavam o sol. Tento imaginá-lo criança, mas nem sequer consigo visualizar como ele ficaria sem barba. Depois de *A River Runs Through It*, começamos a ler Robert Frost e o Sr. Strane recita de cabeça o poema “The Road Not Taken”. Diz que não deveríamos nos animar com o poema, que a mensagem de Frost é incompreendida. O poema não é uma celebração das escolhas pouco ortodoxas, mas uma exposição irônica sobre a futilidade da escolha. Segundo ele, ao acreditarmos que a vida contém infinitas possibilidades, nós afastamos a verdade horrorosa de que viver é apenas avançar no tempo enquanto um relógio interno faz a contagem regressiva para o último instante fatal.

— Nós nascemos, vivemos, morremos — diz ele —, e as escolhas que fazemos no meio, todas essas coisas com as quais ficamos quebrando a cabeça dia após dia, nenhuma delas tem a menor importância no fim.

Ninguém diz nada para refutar o argumento dele, nem mesmo Hannah Levesque, que é supercatólica e provavelmente acredita que, no fim, as escolhas que fazemos na verdade têm certa importância. Ela apenas o encara com os lábios levemente entreabertos, abobalhada.

O Sr. Strane distribui cópias de outro poema de Frost, “Putting in the Seed”, e nos diz para lermos em silêncio. Depois de terminarmos nos pede para ler outra vez.

— Só que dessa vez — diz ele —, quando estiverem lendo, eu quero que pensem em sexo.

Aquilo leva um segundo para ser absorvido, para as testas franzidas darem lugar a rostos corados. Mas quando isso acontece o Sr. Strane percebe o constrangimento palpável com um sorriso no rosto.

Só eu não fico encabulada. Para mim, a menção a sexo me atinge como um tapa na cara e deixa meu corpo quente. Talvez aquilo tenha a ver comigo. Talvez aquele seja o próximo movimento dele.

— Está dizendo que esse poema é sobre sexo? — pergunta Jenny.

— Estou dizendo que ele merece ser lido com atenção e a mente aberta — diz o Sr. Strane. — E, vamos ser honestos, não estou pedindo a vocês que pensem em nada em que já não passem um tempo significativo pensando. Agora vamos lá.

Ele bate uma palma para assinalar que devemos começar.

Na segunda leitura do poema, com a mente focada em sexo, reparo em coisas nas quais não reparei antes: nos detalhes de pétalas brancas macias, vagem lisa e ervilha rugosa, na imagem final de um corpo arqueado. Até mesmo a expressão “plantar a semente” é obviamente sugestiva.

— O que acham agora?

O Sr. Strane está de costas para o quadro-negro, com um dos pés cruzado na frente do outro. Não dizemos nada, mas nosso silêncio prova que ele tem razão, que o poema, no final das contas, é sobre sexo.

Ele aguarda e seus olhos percorrem a sala, parecendo se fixar em cada aluno, menos em mim. Tom inspira fundo, prestes a dizer alguma coisa, mas o sinal toca e o Sr. Strane balança a cabeça como se estivesse decepcionado.

— Vocês são todos uns puritanos — diz ele, dispensando a turma com um aceno.

Quando estamos saindo da sala e começando a avançar pelo corredor, Tom pergunta:

— Que diabo foi isso?

E com uma autoridade incisiva que me enfurece, Jenny diz:

— Ele é um tremendo misógino. Minha irmã me avisou.

Mais tarde, Jesse não aparece no clube de escrita criativa e a sala parece imensa com somente eu e o Sr. Strane. Fico sentada diante da mesa de trabalho, e ele, atrás da escrivaninha, ambos nos encarando através de um vasto continente.

— Não tem muita coisa para você fazer hoje — diz ele. — O jornalzinho de literatura está encaminhado. Podemos começar a editar quando Jesse estiver aqui para ajudar.

— É para eu ir embora?

— Não se você quiser ficar.

É claro que eu quero ficar. Pego meu caderno na mochila e o abro no poema que comecei a escrever na noite anterior.

— O que achou da aula hoje? — pergunta ele.

O sol baixo atravessa o bordo vermelho já esquelético e entra na sala. Atrás da escrivaninha, o Sr. Strane é uma sombra. Antes que eu possa responder, ele emenda:

— Estou perguntando porque vi a sua cara. Parecia uma raposinha assustada. Eu esperava que os outros ficassem escandalizados, mas você, não.

Então ele estava me olhando. Escandalizada. Penso em Jenny chamando-o de misógino, em como ela soou careta e comum. Eu não sou assim. Nem quero ser.

— Eu não fiquei. Gostei da aula.

Protejo os olhos para discernir os traços dele, seu sorriso carinhoso e condescendente. Não vejo esse sorriso há semanas.

— Que alívio — diz ele. — Estava começando a me perguntar se tinha me enganado a seu respeito.

Fico sem ar ao pensar em como estou perto de um grave passo em falso. Uma única reação errada poderia arruinar tudo.

Ele então estende a mão para baixo, abre a última gaveta da escrivaninha, pega um livro, e minhas orelhas se aguçam como as de um cão em alerta. Reação pavloviana: aprendi isso na minha eletiva de psicologia na última primavera.

— É para mim? — pergunto.

Ele faz uma careta, como se não tivesse certeza.

— Se eu te emprestar isto aqui, você precisa me prometer que não vai contar para ninguém.

Estico o pescoço para tentar ler o título do livro.

— É ilegal, por acaso?

Ele ri, ri de verdade, igual a quando eu disse que Sylvia Plath era autocentrada.

— Vanessa, como você sempre dá um jeito de ter a resposta perfeita até mesmo para o que não entende?

Faço uma careta. Não gosto que ele pense que há coisas que eu não entendo.

— Que livro é?

Ele o aproxima, com a capa ainda tampada. Agarro-o assim que ele o põe na mesa. Viro a edição de bolso e vejo um par de pernas magricelas com meias três quartos e sapatos de verniz, uma saia plissada que termina acima dos joelhos ossudos. Em letras brancas e grandes por cima das pernas: *Lolita*. Já ouvi essa palavra em algum lugar, em algum artigo sobre Fiona Apple, acho, descrevendo-a como “lolitesca”, ou seja, sensual e jovem demais. Agora entendo por que ele riu quando perguntei se o livro era ilegal.

— Não é poesia — diz ele. — É prosa poética. No pior dos casos, você vai gostar do estilo.

Sinto-o me observar enquanto viro o romance e leio rápido a descrição. Aquilo obviamente é mais um teste.

— Parece interessante. — Jogo o livro dentro da mochila e viro-me para o meu caderno. — Obrigada.

— Depois me diga o que achou.

— Pode deixar.

— E se alguém vir você com ele, não fui eu que lhe dei.

Reviro os olhos e digo:

— Eu sei guardar segredo.

Isso não é necessariamente verdade: antes dele eu nem sequer tivera um segredo de verdade. Mas sei o que precisa ouvir. É como ele disse: eu sempre tenho a resposta perfeita.

* * *

Feriado de Ação de Graças. Cinco dias de banhos que duram até a água quente acabar, de me examinar de corpo inteiro em frente ao espelho que fica atrás da porta do meu quarto, de tirar as sobrelanceiras até mamãe esconder a pinça, de tentar fazer a cachorrinha me amar tanto quanto ama meu pai. Saio todos os dias para caminhar, usando um casaco laranja fluorescente ao subir a encosta de granito que se eleva acima do lago. É crivada de cavernas, fendas na rocha grandes o bastante para gaviões fazerem ninho e animais se esconderem.

Dentro da maior caverna há uma cama de armar. Está ali desde que me entendo por gente, abandonada por algum antigo escalador. Encaro a armação de metal da cama e o colchão de lona apodrecido e penso no primeiro dia de aula, quando o Sr. Strane disse que conhecia o lago Whalesback, que já tinha ido lá uma vez. Imagino-o me encontrando agora, sozinha no meio da mata. Ele estaria livre para fazer o que quisesse comigo sem correr o risco de ser pego.

À noite, leio *Lolita* na cama, comendo distraidamente um pacote inteiro de biscoitos de sal e posicionando um travesseiro para esconder a capa caso meus pais abram a porta. Enquanto o vento chacoalha a vidraça, viro as páginas e sinto um calor vagaroso dentro de mim, carvões quentes, brasas de um vermelho intenso. Não é só a trama, a história de uma menina aparentemente normal que na verdade é um demônio mortal disfarçado e do homem que a ama. É o fato de ele ter me dado aquele livro. Agora há um contexto totalmente novo para o que estamos fazendo, uma nova compreensão para o que talvez ele queira comigo. Que conclusão pode ser tirada exceto a mais óbvia? Ele é Humbert, e eu, Dolores.

Vamos passar o feriado na casa dos meus avós em Millinocket. A casa é a mesma desde 1975, com carpete grosso e relógios em formato de estrela, cheiro de cigarro e licor de café pairando no ar mesmo com o peru assando no forno. Meu avô me dá um pacote de biscoito e uma nota de cinco dólares. Minha avó pergunta se engordei. Comemos legumes de raiz, brioques de supermercado e uma torta de limão com suspiro dourado nas pontas que papai belisca quando pensa que ninguém está vendo.

No caminho de volta para casa, o carro avança por cima do gelo e dos buracos, com uma parede interminável de floresta escura feito breu de um lado e de outro. O rádio toca hits dos anos 1970 e 1980, e papai batuca no volante ao ritmo de “My Sharona” enquanto mamãe dorme com a cabeça

encostada no vidro. “Que mente mais suja/ Fico sempre excitado com o toque das mais novinhas.” Vejo os dedos dele tamborilarem ao ritmo da música quando vem de novo o refrão. Será que ele está ouvindo a letra direito, o que está cantarolando? “Fico sempre excitado com o toque das mais novinhas.” Quase enlouqueço percebendo essas coisas que ninguém parece notar.

* * *

Na primeira noite de volta depois do feriado, janto na ponta vazia de uma mesa enquanto Lucy e Deanna, a algumas cadeiras de distância, fofocam sobre uma menina popular, do último ano, que supostamente foi drogada à festa de Halloween. Aubrey Dana pergunta de quê.

Deanna hesita, então responde:

— Pó.

Aubrey balança a cabeça.

— Ninguém aqui tem pó — diz ela.

Deanna não discute. Aubrey é de Nova York, o que a torna uma autoridade.

Levo um minuto para me dar conta de que o pó a que elas estão se referindo é cocaína, o tipo de coisa que em geral me faz sentir uma caipira, mas agora aquela fofoca me parece triste. E daí se alguém foi à festa drogado? Elas não têm coisa melhor para conversar? Baixo os olhos para meu sanduíche de manteiga de amendoim e me permito me desligar, busco refúgio no final de *Lolita* que acabo de reler, naquela cena derradeira de Humbert ensanguentado, atordoado e ainda apaixonado por Lo, mesmo depois de quanto ela o magoou e de quanto ele a magoou. Os sentimentos que ele tem por ela são infinitos e fogem ao seu controle. Como pode ser diferente quando o mundo inteiro o demoniza por causa disso? Se ele pudesse parar de amá-la, o faria. Sua vida seria bem mais fácil se ele a deixasse em paz.

Enquanto mexo na casca do meu sanduíche, fico tentando ver as coisas do ponto de vista do Sr. Strane. Ele deve estar assustado... Assustado, não — apavorado. Eu ando totalmente envolvida na minha frustração e impaciência, e nunca levei em conta tudo que estava em jogo para ele ou quanto arriscou ao tocar minha perna e dizer que queria me beijar. Ele não

sabia qual seria minha reação a essas coisas. E se eu tivesse ficado ofendida, se tivesse contado? Vai ver desde o início o corajoso foi ele e eu, a egoísta.

Porque, pensando bem, qual é o risco para mim? Se eu tentar alguma coisa e ele refutar, a única coisa que vou sofrer é uma pequena humilhação. Grande coisa. Minha vida continua sem interrupção. Não é justo esperar que ele fique mais vulnerável do que já ficou. No mínimo preciso percorrer metade do caminho, mostrar a ele o que eu quero e que estou disposta a deixar o mundo me demonizar também.

De volta ao meu quarto, deito-me na cama e folheio *Lolita* até encontrar a linha que estou procurando na página dezessete. Quando Humbert descreve as qualidades da ninfeta escondida no meio das meninas comuns: “Elas não a reconhecem, e nem ela própria tem consciência do seu poder fantástico.”

Eu tenho poder. Poder de fazer acontecer. Poder sobre ele. Que idiota eu fui por não ter percebido isso antes.

* * *

Antes da aula de literatura norte-americana, passo no banheiro para conferir meu rosto. Estou maquiada: de manhã, passei todos os produtos que tenho um por cima do outro e repartí o cabelo de lado em vez de no meio. A mudança é suficiente para que o rosto no espelho pareça desconhecido: uma menina de alguma revista ou de algum videoclipe. Britney Spears batendo com o pé na mesa enquanto espera o sinal tocar. Quanto mais eu me olho, mais meus traços se desconstroem. Um par de olhos verdes se afasta de um nariz sardento, lábios cor-de-rosa grudentos se separam e cada um nada numa direção. Basta uma piscadela e tudo volta ao lugar.

Passo tanto tempo no banheiro que pela primeira vez na vida chego atrasada à aula de literatura. Ao entrar correndo na sala, sinto olhos fixos em mim e imagino que sejam os do Sr. Strane, mas quando olho por entre os meus cílios pesados de rímel vejo que é Jenny, com a caneta pairando acima das anotações à medida que absorve as mudanças em mim, a maquiagem e o cabelo.

Neste dia estamos lendo Edgar Allan Poe, o que é tão adequado que minha vontade é bater a cabeça na mesa e rir.

— Ele não se casou com a própria prima? — pergunta Tom.

— Casou — responde o Sr. Strane. — Tecnicamente falando.

Hannah Levesque torce o nariz.

— Eca.

O Sr. Strane não diz nada sobre o que eu sei que enojaria ainda mais o restante deles: que Virginia Clemm não era só prima de Poe, mas tinha treze anos. Ele manda cada um de nós ler em voz alta uma estrofe de “Annabel Lee”, e minha voz treme quando leio as linhas: “*Eu* era uma criança e *ela* era uma criança.” Imagens de *Lolita* encham minha cabeça e se misturam com a lembrança do Sr. Strane sussurrando *Você e eu somos iguais* enquanto acariciava meu joelho.

Quase no fim da aula, ele inclina a cabeça para trás, fecha os olhos e recita de cor o poema “Alone”, sua voz grave e bem enunciada faz os versos “Eu não era capaz de trazer/ Minhas paixões de uma fonte comum” soarem como uma canção. Ao escutá-lo, sinto vontade de chorar. Eu o vejo com muita clareza agora, entendo como deve ser solitário para ele querer a coisa errada, a coisa má, enquanto vive num mundo que com certeza o transformaria num vilão caso descobrisse.

No fim da aula, depois de todo mundo sair, pergunto se posso fechar a porta e a fecho com um empurrão sem esperar pela resposta. Essa parece a coisa mais corajosa que já fiz. Ele está em frente ao quadro-negro, com o apagador na mão, as mangas arregaçadas até os cotovelos. E me olha de cima a baixo.

— Você está um pouco diferente hoje — diz.

Não digo nada, apenas puxo as mangas do suéter e giro os tornozelos.

— É como se você tivesse envelhecido cinco anos durante o feriado — completa ele, largando o apagador e limpando as mãos. Aponta para o papel que estou segurando. — Isso é para mim?

Faço que sim com a cabeça.

— É um poema.

Quando lhe entrego, ele começa a ler na mesma hora, sem erguer os olhos nem mesmo quando anda até a escrivaninha e se senta. Sem perguntar, vou atrás dele e me sento ao seu lado. Terminei o poema ontem à noite, mas fiquei ajustando os versos ao longo do dia para torná-los mais parecidos com *Lolita*, mais sugestivos.

*Ela chama os barcos do mar com um aceno.
Um a um, eles deslizam até a margem de areia
com um baque cujo eco
reverbera por seus ossos ocos.
Ela se arrepia & estremece
enquanto os marinheiros a possuem,
então chora quando cuidam dela,
quando lhe dão para comer punhados de algas salgadas
dizendo que sentem,
sentem muito pelo que fizeram.*

O Sr. Strane larga o poema na escrivaninha e se recosta na cadeira, quase como se quisesse se distanciar do texto.

— Você nunca põe título — diz ele, e sua voz soa distante. — Deveria pôr um título.

Um minuto se passa e ele não se mexe nem diz nada, apenas encara o poema.

Sentada ali em silêncio, sou atingida pela sensação horrorosa de que ele se cansou de mim, de que quer que eu o deixe em paz. Isso me faz fechar os olhos com força de tão constrangida que estou por ter escrito um poema explicitamente sexual e pensado que podia armar um esquema e vestir uma fantasia para conseguir o que eu quero, por ter interpretado coisas demais no fato de ele ter me emprestado um livro e feito comentários legais para mim. Eu vi o que eu quis ver, me convenci de que minhas fantasias eram reais. Fungando feito uma criancinha, sussurro que eu sinto muito.

— Ei — diz ele, subitamente meigo. — Ei, sente muito por quê?

— Porque — digo, inspirando fundo. — Porque eu sou uma idiota.

— Por que está dizendo essas coisas? — O braço dele está em volta dos meus ombros, puxando-me para perto. — Você não é nada disso.

Quando eu tinha nove anos, caí da última árvore na qual tentei subir. Ele me abraçando me dá a mesma sensação dessa queda: como a terra subiu ao meu encontro em vez do contrário, o modo como o chão pareceu me engolir nos segundos após a aterrissagem. Estamos tão próximos que, se eu inclinar um pouco a cabeça, minha bochecha vai encostar no ombro dele. Respiro o cheiro da lã do seu suéter, o cheiro de café e pó de giz da sua pele, minha boca a poucos centímetros do seu pescoço.

Ficamos assim, o braço dele me segurando e minha cabeça apoiada no seu ombro, enquanto as risadas vêm do corredor lá fora e o sino da igreja bate a meia hora. Meus joelhos encostam na sua coxa, as costas da minha mão roçam a perna da sua calça. Com a respiração entrecortada perto do seu pescoço, desejo que ele faça alguma coisa.

Então, um pequeno movimento: o polegar dele acaricia meu ombro.

Ergo o rosto de modo que minha boca quase encosta no seu pescoço e o sinto engolir em seco uma, duas vezes. É o jeito que ele engole em seco — como se estivesse empurrando algo para dentro de si — que me dá coragem para encostar os lábios na sua pele. É só um beijinho, mas ele estremece, e a sensação me faz crescer como uma onda.

Ele então me beija no topo da cabeça, seu típico meio beijo, e mais uma vez eu encosto a boca no seu pescoço. É um diálogo de ações pela metade; nenhum de nós dois se compromete por inteiro. Ainda há uma chance de recuar, de mudar de ideia. Beijos pela metade podem ser esquecidos, mas beijos inteiros, não. A mão dele aperta meu ombro com força, cada vez mais forte, e algo dentro do meu corpo começa a crescer. Luto para contê-lo com medo de que, caso não faça isso, eu seja capaz de dar um pulo para a frente, agarrá-lo pelo pescoço e estragar tudo.

Então, sem aviso, ele solta. Afasta-se de mim e paramos de nos tocar. Por trás dos óculos, ele pisca como se estivesse ajustando os olhos a outra luz.

— A gente deveria conversar sobre isso — diz.

— Está bem.

— Isso é sério.

— Eu sei.

— A gente está violando muitas regras.

— Eu *sei* — repito, irritada com a ideia de ele achar que eu não me dou conta disso, que eu já não passei horas tentando entender exatamente quão sério aquilo é.

Ele me observa com uma expressão confusa e séria. Entre os dentes, murmura:

— Que surreal.

O ponteiro dos segundos do relógio da sala continua girando. Ainda estamos no horário de estudo dirigido. A porta está fechada, mas tecnicamente alguém poderia entrar a qualquer momento.

— Então, o que você quer fazer? — pergunta ele.

É uma pergunta ampla demais. O que eu quero depende do que ele quer.
— Não sei.

Ele se vira para as janelas e cruza os braços. *Não sei* não é uma boa resposta. É o que uma criança diria, não alguém disposto e capaz de tomar as próprias decisões.

— Eu gosto da sua companhia — digo. Ele espera que eu fale mais, e meus olhos percorrem a sala enquanto me esforço para encontrar as palavras certas. — Também gosto do que a gente faz.

— Como assim, “o que a gente faz”?

Ele quer que eu diga, mas não sei como chamar aquilo.

Indico o espaço entre a gente.

— Isso.

Com um sorriso bobo, ele diz:

— Eu também gosto. E que tal isto aqui? — Ele inclina o corpo para a frente e toca meu joelho com as pontas dos dedos. — Você gosta?

Observando meu rosto, ele sobe as pontas dos dedos, deslizando-as pela minha perna e continua até roçar a forquilha da minha meia-calça. Fecho as pernas por reflexo, prendendo a mão dele.

— Fui longe demais — admite ele.

Balanço a cabeça e relaxo as pernas.

— Tudo bem.

— Tudo bem, nada.

Ele tira a mão de debaixo da minha saia e escorrega feito um líquido para fora da cadeira e até o chão. Ajoelhado na minha frente, apoia a cabeça no meu colo e diz:

— Eu vou estragar você.

É a coisa mais inacreditável que já aconteceu até então, mais surreal do que quando ele falou que queria me beijar ou quando sua mão acariciou minha perna. “Eu vou estragar você.” Ele diz isso com um tormento evidente, um vislumbre de quanto pensou a respeito, de quanto lutou contra aquilo. Ele quer fazer a coisa certa, não quer me machucar, mas se resignou à probabilidade de que vai fazer isso.

Com as mãos suspensas no ar, absorvo seus detalhes: cabelo preto, mas grisalho nas têmporas; a textura lisa da barba que termina numa linha marcada sob o maxilar. Há um pequeno corte em seu pescoço, levemente inflamado, e eu o imagino naquela manhã no banheiro, gilete na mão, enquanto eu estava descalça no meu quarto do alojamento me maquiando.

— Eu quero ser uma presença positiva na sua vida — diz ele. — Alguém de quem você possa se recordar com afeto, o velho professor engraçado que estava pateticamente apaixonado por você, mas manteve as mãos no bolso e foi um bom menino no final.

Com a cabeça dele ainda pesada no meu colo, minhas pernas começam a tremer e minhas axilas e a parte de trás dos joelhos ficam molhadas de suor. “Pateticamente apaixonado por você.” Assim que ele diz isso eu me transformo numa pessoa por quem alguém está apaixonado, não apenas um menino idiota da minha idade, mas um homem que já viveu uma vida inteira, que fez e viu tanta coisa e ainda me acha digna do seu amor. Sinto-me forçada a ultrapassar um limite, catapultada para fora da minha vida normal para um lugar onde é possível homens adultos estarem tão pateticamente apaixonados por mim a ponto de se ajoelharem aos meus pés.

— Tem dias em que eu me sento na sua cadeira depois de você sair da sala. Apoio a cabeça na mesa como se tentasse respirar você. — Ele ergue a cabeça do meu colo, esfrega o rosto, então se senta sobre os calcanhares. — Porra, qual é o problema comigo? Eu não posso dizer isso. Vai te dar pesadelos.

Ele se iça de volta até sua cadeira e eu sei que preciso lhe oferecer alguma coisa para convencê-lo de que não estou com medo. Preciso ficar à sua altura, mostrar que ele não está sozinho.

— Eu penso em você o tempo todo — digo.

Por alguns instantes o rosto dele se ilumina. Ele se controla e ri de desdém.

— Duvido.

— O tempo todo. Estou obcecada.

— Acho difícil acreditar nisso. Meninas lindas não se apaixonam por velhos tarados.

— Você não é tarado.

— Ainda não — diz ele. — Mas se eu me aproximar mais de você, vou ficar.

Ele precisa de mais, então eu lhe dou mais. Digo-lhe que escrevo meus poemas idiotas só para que ele os leia (“Seus poemas não são idiotas”, retruca ele. “Por favor, não os chame assim.”), que passei o feriado de Ação de Graças inteiro lendo *Lolita* e me sinto mudada por causa do livro,

que hoje me vesti para ele, que fechei a porta da sala porque queria que ficássemos a sós.

— E eu pensei que a gente poderia... — Não termino a frase.

— Que a gente poderia o quê?

Reviro os olhos e dou uma risadinha.

— Você sabe.

— Não sei, não.

Girando de leve na cadeira, eu digo:

— Que a gente poderia, sei lá, se beijar ou algo assim.

— Quer que eu te beije?

Ergo os ombros e encolho a cabeça até meu cabelo tapar o rosto, envergonhada demais para responder.

— Isso é um sim?

Por trás do cabelo, solto um grunhido discreto.

— Você já foi beijada alguma vez?

Ele afasta meu cabelo para me ver e eu nego com a cabeça, nervosa demais para mentir.

Ele se levanta, tranca a porta da sala e apaga a luz para ninguém ver através das janelas. Quando segura meu rosto nas mãos, fecho os olhos e os mantenho fechados. Os lábios dele estão secos, como roupa endurecida após secar ao sol. Sua barba é mais macia do que eu esperava, mas seus óculos machucam, pressionam minhas bochechas.

Damos um beijo de boca fechada, depois outro. Ele emite um *hum* mudo, e então damos um beijo de boca aberta que dura algum tempo. Não me concentro em nada do que está acontecendo, minha mente está tão distante que poderia muito bem pertencer a outra pessoa. Durante todo o tempo, só consigo pensar em como é estranho ele ter uma língua.

Depois do beijo meus dentes não param de bater. Eu quero ser destemida, dar um sorriso irônico e dizer algo atrevido e provocante, mas tudo que consigo fazer é limpar o nariz na manga dele e sussurrar:

— Estou me sentindo superestranha.

Ele beija minha testa, minhas têmporas, o canto do meu maxilar.

— Estranha no bom sentido, espero.

Sei que eu deveria dizer sim, tranquilizá-lo, não lhe dar nenhum motivo para duvidar de quanto eu quero aquilo, mas apenas deixo o olhar perdido enquanto ele se inclina para a frente e volta a me beijar.

* * *

Sento-me no meu lugar de sempre à mesa de trabalho, com as mãos espalmadas sobre o tampo para me impedir de tocar a pele irritada nos cantos da boca. Outros alunos vão chegando, abrindo os casacos e tirando das mochilas exemplares de *Ethan Frome*. Eles não sabem o que aconteceu, jamais poderão saber, mas mesmo assim eu quero gritar. Ou então, se não puder gritar, quero pressionar a base das mãos na mesa, atravessar a madeira até a superfície inteira rachar e os pedaços cheios de farpas caírem de tal modo que o segredo fique escrito no chão.

Do outro lado da mesa, Tom se inclina para trás e estica os braços até sua camiseta subir e revelar uns cinco centímetros de barriga. A cadeira de Jenny está vazia. Antes de Tom entrar, Hannah Levesque comentou alguma coisa sobre eles terem terminado, uma fofoca que dois meses antes teria me deixado em polvorosa. Agora eu mal presto atenção. Dois meses parecem uma vida.

Durante a aula, enquanto o Sr. Strane faz uma preleção sobre *Ethan Frome*, suas mãos tremem de leve e ele reluta em olhar na minha direção. Ou não, que ridículo pensar nele agora como um “senhor”. Mas pensar em chamá-lo pelo primeiro nome também parece errado. Em determinado momento, ele toca a testa com a mão e perde a linha de raciocínio, algo que nunca vi acontecer.

— Certo — balbucia ele. — Onde é que eu estava mesmo?

O relógio acima do batente da porta marca dois, três, quatro segundos. Hannah Levesque faz algum comentário dolorosamente óbvio sobre o romance, e em vez de lhe dar um chega para lá Strane diz:

— Isso, exato.

Virando-se para o quadro, escreve em letras grandes: *De quem é a culpa?* Um oceano ruge em meus ouvidos.

Ele comenta todo o enredo do romance, apesar de só termos lido as primeiras cinquenta páginas para a aula. A aparência da jovem Mattie e o dilema moral no qual Ethan, casado e mais velho, se vê. Será que o amor de Ethan por ela é mesmo errado? Ele vive desolado. Tudo que tem é a adoentada Zeena do andar de cima.

— As pessoas arriscam tudo por um pouquinho de algo especial — diz Strane, com tanta sinceridade na voz que risadas percorrem a mesa de trabalho.

Eu já deveria estar acostumada, mas é surreal como ele consegue falar ao mesmo tempo sobre os livros e sobre mim, e os outros não fazem a menor ideia. Igual a quando ele me tocou atrás da sua escrivaninha enquanto todo mundo estava sentado ali, trabalhando nas dissertações. As coisas acontecem bem na frente deles. É como se fossem comuns demais para perceber.

De quem é a culpa? Ele sublinha a pergunta e nos olha à espera de respostas. Está se esforçando. Percebo agora. Não que ele esteja nervoso por estar perto de mim; está pensando se fez alguma coisa errada. Se eu fosse mais corajosa, levantaria a mão e comentaria o seguinte sobre Ethan Frome e sobre ele: *O personagem não fez nada de errado*. Ou então diria: *Mattie também não deveria ficar com parte da culpa?* Mas permaneço sentada em silêncio; uma ratinha assustada.

No fim da aula, *De quem é a culpa?* continua escrito no quadro. Os outros alunos começam a sair pela porta, a descer o corredor e a sair para o pátio, mas eu não me apresso. Fecho o zíper da mochila, abaixo-me e finjo amarrar os sapatos, lenta como um bicho-preguiça. Ele só se dirige a mim quando o corredor do lado de fora da sala fica vazio. Sem testemunhas.

— Tudo bem? — pergunta ele.

Abro um grande sorriso e puxo as alças da mochila.

— Tudo.

Sei que não posso demonstrar nenhum pinga de inquietação. Se fizer isso, talvez ele decida que não sou capaz de lidar com mais beijos.

— Eu estava preocupado que você pudesse ter ficado abalada — diz ele.

— Não fiquei.

— Ok. — Ele solta o ar. — Pelo visto está se saindo melhor do que eu.

Combinamos de eu voltar mais tarde, depois do tempo de estudo dirigido, pois o prédio de humanas vai estar tranquilo. Estou quase saindo pela porta quando ele diz:

— Você está linda.

Não consigo conter o sorriso que toma conta do meu rosto. Estou linda mesmo, com suéter verde-escuro, a calça de veludo cotelê que me veste melhor, o cabelo caindo em ondas por cima dos ombros. Foi de propósito.

Quando volto à sala o sol já se pôs, e como não há persianas na janela nós apagamos as luzes, nos sentamos atrás da escrivaninha dele e ficamos nos beijando no escuro.

* * *

A Sra. Thompson organiza um amigo-oculto no alojamento e eu tiro Jenny, o que deveria me magoar. Em vez disso, sinto apenas uma vaga irritação. Pego os dez dólares que deveria gastar com um presente, vou ao mercado, compro para ela meio quilo de um café torrado e moído de marca genérica e gasto o restante em lanches para mim. Nem sequer embalo o café: na troca de presentes, entrego-o para ela dentro da sacola de plástico do mercado.

— O que é isso? — pergunta ela, as primeiras palavras que me dirige desde a última primavera no último dia de aula, um *A gente se vê, então* dito por cima do ombro enquanto saía pela porta do nosso quarto no alojamento.

— Seu presente.

— Você não embrulhou?

Ela abre a sacola com as pontas dos dedos, como se estivesse com medo do que tem lá dentro.

— É café — digo. — Porque você vivia tomando café e tal.

Ela baixa os olhos para o pacote e pisca com tanta força que por um segundo fico assustada, achando que está prestes a chorar.

— Toma. — Ela me entrega um envelope. — Eu tirei você.

Dentro do envelope há um cartão e dentro deste há um vale-presente de vinte dólares da livraria do centro. Seguro o vale-presente numa das mãos e o cartão na outra, e meus olhos se movem depressa entre os dois. No cartão, ela escreveu: *Feliz Natal, Vanessa. Sei que não mantivemos contato, mas espero que seja possível recuperar nossa amizade.*

— Por que fez isso? — pergunto. — Era para a gente gastar só dez dólares.

A Sra. Thompson passa de dupla em dupla comentando os presentes. Quando chega a nós duas, vê as bochechas vermelhas de Jenny, o pacote embalado a vácuo de café barato caído no chão e a culpa estampada no meu rosto.

— Humm, que presente legal! — diz ela, tão entusiasmada que eu acho que está falando sobre o vale-presente, mas está se referindo ao café. — Na minha opinião, cafeína nunca é demais. O que você ganhou, Vanessa?

Mostro o vale-presente e a Sra. Thompson abre um leve sorriso.

— Isso é legal também.

— Tenho dever para fazer — diz Jenny.

Ela pega o café com dois dedos, como se fosse algo nojento que não quisesse tocar, e sai da sala de convivência. Minha vontade é falar mais, gritar nas suas costas que o único motivo pelo qual quer qualquer coisa comigo é porque Tom terminou com ela, e que agora é tarde porque eu já estou em outra. Agora estou fazendo coisas que Jenny nem sequer seria capaz de imaginar.

A Sra. Thompson vira-se para mim.

— Achei um bom presente, Vanessa. O importante não é só quanto dinheiro se gasta.

Percebo por que ela está sendo simpática: acha que sou tão pobre que um pacote de café de três dólares é tudo que posso comprar. A suposição é ao mesmo tempo engraçada e ofensiva, mas eu não a corrijo.

— O que vai fazer no Natal, Sra. Thompson? — pergunta Deanna.

— Passar um tempo em casa, em Nova Jersey — diz ela. — Talvez viaje para Vermont com uns amigos.

— E o seu namorado? — pergunta Lucy.

— Eu não tenho namorado.

A Sra. Thompson se afasta para olhar outros presentes de amigo-oculto e eu a vejo unir as mãos nas costas e fingir não escutar quando Deanna cochicha para Lucy:

— Ué, achei que ela namorasse o Sr. Strane, não?

* * *

Certa tarde, Strane diz que meu nome surgiu com o escritor irlandês Jonathan Swift, que certa vez conheceu uma mulher chamada Esther Vanhomrigh, cujo apelido era Essa.

— Ele desconstruiu o nome dela e o montou outra vez como algo novo — disse Strane. — Van-essa virou Vanessa. Virou você.

Eu não digo, mas às vezes tenho a sensação de que é exatamente isso que ele está fazendo comigo: me desconstruindo, me montando outra vez como alguém novo.

Strane conta que a primeira Vanessa era apaixonada por Swift e era vinte e dois anos mais nova. Era seu professor particular. Ele vai até a estante atrás da sua escrivaninha e encontra uma cópia do poema escrito

por Swift intitulado “Cadenus e Vanessa”. É um poema longo, de sessenta páginas, todas sobre uma menina jovem e apaixonada pelo professor. Meu coração dispara quando dou uma olhada no texto, mas como sinto seu olhar fixo em mim tento não demonstrar, dou de ombros e digo com minha voz mais preguiçosa:

— Isso é meio engraçado, eu acho.

Strane franze a testa.

— Eu não achei engraçado, achei sinistro. — Ele recoloca o livro na estante e torna a murmurar: — Isso me perturbou. Me fez começar a pensar em destino.

Observo-o se sentar diante da escrivaninha e abrir os boletins. As pontas das suas orelhas estão vermelhas, como se ele estivesse envergonhado. Será que sou capaz de deixá-lo envergonhado? Às vezes esqueço que ele também pode ser vulnerável.

— Entendo o que você quer dizer — digo.

Ele ergue os olhos do boletim e a luz reflete em seus óculos.

— Eu meio que sinto que essa coisa toda é o destino.

— Essa coisa toda — repete ele. — O que a gente faz junto, você quer dizer?

Assinto.

— Tipo, talvez tenha nascido para isso.

À medida que absorve minhas palavras, seus lábios começam a tremer como se ele estivesse se esforçando para não sorrir.

— Feche a porta — diz ele. — Apague a luz.

* * *

Uso o orelhão que fica na sala de convivência do alojamento para ligar para casa no domingo anterior ao recesso de Natal, e mamãe diz que precisa me buscar na terça em vez de na quarta, o que significa um dia a mais de feriado, um dia a mais sem Strane. Já é difícil o suficiente passar um fim de semana sem ele, não sei como vou sobreviver a três semanas, então quando ela me diz isso eu fico sem chão.

— Você nem me perguntou! Não pode simplesmente resolver que vai me buscar um dia antes sem me perguntar se pode. — Meu pânico vai

ganhando força e eu me contenho para não chorar. — Tenho responsabilidades. *Coisas que preciso fazer.*

— Que coisas? — pergunta mamãe. — Meu Deus, por que você está tão nervosa? De onde veio isso?

Encosto a testa na parede, respiro fundo e consigo falar:

— Tem uma reunião do clube de escrita criativa que não posso faltar.

— Ah. — Mamãe solta o ar como se esperasse algo mais grave. — Bom, eu só chego às seis. Deve dar tempo de você fazer sua reunião.

Ela morde algo que se esmigalha entre os dentes. Detesto seu jeito de comer enquanto fala comigo, ou de limpar, ou de conversar com papai ao mesmo tempo. Às vezes ela leva o telefone para o banheiro e só me dou conta quando escuto a descarga ao fundo.

— Eu não sabia que você gostava tanto desse clube — diz ela.

Limpo o nariz com o punho sujo do suéter de moletom.

— Não é questão de gostar. É questão de levar as minhas responsabilidades a sério.

— Humm.

Ela dá outra mordida e o que quer que seja que está comendo bate em seus dentes.

* * *

Na segunda-feira, quando Strane e eu estamos sentados na sala de aula escura, não o deixo me beijar. Viro-me para o outro lado e afasto as pernas para ele não alcançá-las.

— O que houve? — pergunta ele.

Balanço a cabeça, sem saber como explicar. Ele não parece incomodado com o recesso iminente. Nem sequer mencionou o assunto.

— Tudo bem se você não quiser que eu te toque — diz ele. — É só me dizer que eu paro.

Ele chega mais perto com os olhos semicerrados fixos em mim, tentando discernir minha expressão no escuro. Vejo o brilho momentâneo de seus olhos porque ele está sem óculos. Desde que falei que os óculos machucavam meu rosto, ele os tira antes de nos beijarmos.

— Por mais que eu quisesse, não posso ler seus pensamentos — diz ele.

As pontas dos seus dedos tocam meus joelhos e esperam para ver se vou me afastar. Como isso não acontece, suas mãos sobem mais um pouco pelas minhas coxas, chegam ao quadril e ao redor da cintura, e os pés da cadeira rangem quando ele me puxa para perto. Suspiro e me encosto nele. Seu corpo é como uma montanha.

— É que a gente não vai poder fazer isso por muito tempo — digo. — Três semanas inteiras.

Sinto-o relaxar.

— É isso que está te deixando de mau humor?

É o jeito como ele ri que me faz começar a chorar, como se eu estivesse sendo ridícula. Mas ele acha que o que está me abalando tanto é a possibilidade de sentir saudade.

— Eu não vou a lugar algum — diz ele, beijando minha testa e me chamando de sensível. — Como uma... — Ele se interrompe e dá um risinho. — Eu ia dizer como uma menininha. Às vezes esqueço que é exatamente isso que você é.

Afundo mais o rosto nele e sussurro que tenho a sensação de estar fora de controle. Quero que diga que sente o mesmo, mas ele simplesmente continua acariciando meu cabelo. Talvez não precise dizer. Eu me lembro da sua cabeça no meu colo na tarde em que nos beijamos pela primeira vez, em como ele resmungou: *Eu vou estragar você*. É claro que ele está fora de controle. É preciso estar descontrolado para fazer o que ele está fazendo.

Ele se afasta e me beija nos cantos da boca.

— Tive uma ideia — diz.

O chão lá fora está coberto de neve e reflete luz suficiente dentro da sala para que eu veja seu sorriso, as rugas que surgem em volta dos olhos. De perto seu rosto é desconexo, imenso. No osso do nariz, as marcas dos óculos nunca somem.

— Mas precisa me prometer que só vai concordar com o que vou propor se quiser de verdade — diz ele. — Está bem?

Eu fungo e seco os olhos.

— Está bem.

— E se depois do Natal... digamos na primeira sexta-feira em que a gente voltar... — Ele respira fundo. — E se você fosse à minha casa?

Pisco, surpresa. Imaginei que isso fosse acabar acontecendo, mas parece cedo demais, embora talvez não seja. Faz mais de duas semanas

que estamos ficando.

Como não digo nada, ele continua:

— Acho que seria legal passar um tempo juntos fora desta sala de aula. A gente poderia jantar, se olhar com a luz acesa. Não seria divertido?

Na mesma hora eu fico com medo. Queria não sentir isso e, enquanto mordo o interior da bochecha, faço o melhor que posso para racionalizar o que estou sentindo. Não estou com medo dele, mas do seu corpo: do tamanho, da expectativa de fazer coisas com ele. Enquanto ficarmos dentro da sala de aula não temos como fazer nada além de nos beijar, mas ir à casa dele significa que qualquer coisa pode acontecer. Que o óbvio vai acontecer. Ou seja, sexo.

— Como é que vou chegar lá? — pergunto. — E o toque de recolher?

— Você sai escondida do alojamento depois. Posso esperar no estacionamento e te levo. Aí de manhã te trago de volta cedo o suficiente para ninguém reparar.

Quando ainda assim eu hesito, o corpo dele se contrai. Sua cadeira rola para trás, para longe de mim, e o ar frio atinge minhas pernas.

— Não vou forçar se você não estiver pronta — diz ele.

— Eu estou pronta.

— Não parece.

— Estou, sim — insisto. — Eu vou.

— Mas é isso que você quer?

— É.

— Mesmo?

— *Sim*.

Ele me encara e o brilho dos seus olhos se move de um lado para outro. Mordo com mais força o interior da bochecha, pensando que talvez ele não fique bravo comigo se eu me machucar a ponto de provocar uma nova crise de choro.

— Olhe — diz ele. — Não estou com expectativa alguma. Ficaria feliz em me sentar no sofá com você e ver um filme. A gente não precisa nem ficar de mãos dadas se você não quiser, está bem? É importante que você nunca se sinta coagida. É o único jeito de eu me perdoar.

— Eu não estou me sentindo coagida.

— Não? Não mesmo?

Faço que não com a cabeça.

— Que bom. Isso é bom. — Ele estende as mãos e segura as minhas. — É você quem está no controle, Vanessa. Você decide o que a gente faz.

Eu me pergunto se ele acredita mesmo nisso. Foi ele quem tocou em mim primeiro, que disse querer me beijar, que me falou que estava apaixonado. Todos os primeiros passos foram dados por ele. Eu não me sinto forçada e sei que tenho o poder de dizer não, mas isso não é o mesmo que estar no controle. Mas talvez ele precise acreditar nisso. Talvez haja toda uma lista de coisas nas quais ele precisa acreditar.

* * *

De Natal eu ganho: uma nota de cinquenta dólares; dois suéteres, um de malha lilás, o outro de lã mohair branca; um CD novo da Fiona Apple para substituir o meu que arranhou; botas compradas no outlet da L.L.Bean, mas só dá para ver que a costura está errada olhando bem de perto; uma chaleira elétrica para o meu quarto no alojamento; uma caixa de balas de açúcar de bordo; meias e lingerie; um chocolate aromatizado com laranja.

Em casa com meus pais, faço o possível para enfiar Strane em uma gaveta e deixá-la bem trancada. Resisto ao impulso de ficar na cama sonhando acordada e escrevendo sobre ele e opto por coisas que me fazem sentir como a menina que eu era antes: ler junto ao fogão a lenha; picar figos e nozes com minha mãe à mesa da cozinha; ajudar meu pai a trazer uma árvore de Natal para casa, com a Babe pulando ao nosso lado feito um golfinho amarelo de pelúcia enquanto atravessamos a neve. Na maioria das noites, depois de papai ir para a cama e de Babe segui-lo até o andar de cima, mamãe e eu nos deitamos no sofá e ficamos vendo televisão. Gostamos dos mesmos programas: dramas de época, *Ally McBeal*, *Daily Show*. Rimos com Jon Stewart, fazemos careta quando George W. Bush aparece na tela. A recontagem agora já terminou faz tempo e Bush foi eleito.

— Ainda não acredito que ele roubou a eleição — digo.

— Todos eles roubam eleições — diz mamãe. — É que quando quem rouba é democrata não é tão ruim.

Enquanto assistimos à TV comendo biscoitos caros de gengibre e limão que mamãe esconde no alto da despensa, ela aproxima bem devagar os pés

de mim e tenta enterrá-los debaixo da minha bunda, apesar de eu detestar isso. Quando resmungo, ela me diz para deixar de ser chata.

— Você já morou dentro do meu útero, sabia?

Conto a ela sobre o cartão que Jenny me deu com o presente de amigo-oculto falando sobre reatarmos a amizade, e mamãe dá um sorriso irônico e me cutuca com o dedo.

— Eu falei que ela ia tentar fazer isso. Espero que você não caia nessa.

Ela pega no sono com o cabelo louro desbotado todo embaraçado na frente do rosto enquanto a televisão começa a passar anúncios de tele vendas. É nessa hora que Strane volta com tudo, quando a casa está silenciosa e sou a única pessoa acordada. Encaro a tela com olhos vidrados e o sinto ali comigo, me abraçando, enfiando a mão na minha calça de pijama. Do outro lado do sofá, minha mãe ronca, me tirando do devaneio, e fujo correndo para o andar de cima. Meu quarto é o único local seguro para deixá-lo entrar, onde posso fechar a porta, me deitar na cama e imaginar como vai ser na casa dele, a sensação de transar. Como ele é sem roupa.

Vasculho as edições antigas que tenho da *Seventeen* em busca de matérias sobre primeira vez, para o caso de haver alguma coisa que eu deva fazer para me preparar, mas todas dizem as mesmas bobagens do tipo “Transar é um passo importante, não se sinta pressionada, você tem todo o tempo do mundo!”. Então entro na internet e encontro uma discussão em um fórum com o título “Conselhos para perder a virgindade”, e o único conselho para meninas é “Não fique apenas deitada ali”. Mas o que significa isso? Que é para ficar por cima? Tento me imaginar fazendo isso com Strane, mas é constrangedor demais e meu corpo inteiro se retrai ao pensar nisso. Fecho o navegador, não sem antes verificar três vezes o histórico para ter certeza de que apaguei tudo.

Na véspera do dia de voltar para Browick, enquanto meus pais assistem a Tom Brokaw, entro de fininho no quarto deles, abro a primeira gaveta da cômoda da minha mãe e reviro os sutiãs e as calcinhas até encontrar uma camisola preta de seda ainda com a etiqueta. De volta ao meu quarto, experimento-a sem nada por baixo. Está um pouco comprida e passa dos joelhos, mas é justa e deixa o contorno do meu corpo visível de um jeito que parece adulto e sensual. Olhando no espelho, faço um coque no alto da cabeça e depois deixo o cabelo cair em volta do rosto. Mordo o lábio inferior até que fique inchado e vermelho. Uma das alças cai pelo meu

braço e imagino Strane, com seu sorriso carinhoso e condescendente, colocando-a de volta no lugar. Pela manhã, enfio a camisola no fundo da mala e não paro de sorrir durante todo o caminho de volta para Browick, feliz ao pensar como é fácil se safar com alguma coisa, com qualquer coisa.

* * *

No campus, os montes de neve estão mais altos, as decorações de Natal sumiram e os alojamentos fedem ao vinagre usado para lavar os pisos de tábua corrida. Na segunda de manhã bem cedo vou ao prédio de humanas em busca de Strane. Quando ele me vê, seu rosto se ilumina e se abre num sorriso, a boca faminta. Ele tranca a porta da sala de aula, me empurra contra o gaveteiro e me beija com tanta força que praticamente me morde, fazendo nossos dentes baterem. Ele afasta minhas pernas com a coxa e se esfrega em mim... É gostoso, mas acontece tão depressa que fico sem ar, e ao me escutar arfando ele me solta, cambaleia para trás e pergunta se me machucou.

— Não consigo me controlar quando estou com você — diz ele. — Estou me comportando feito um adolescente.

Ele pergunta se está tudo certo para sexta-feira. Diz que passou as últimas semanas pensando em mim o tempo todo e ficou surpreso com quanto sentiu minha falta. Estreito os olhos ao escutar isso. Surpreso por quê?

— Porque a gente, na verdade, não se conhece tão bem assim — explica ele. — Mas, meu Deus, você mexe comigo de um jeito... — Quando pergunto o que ele fez no Natal, ele responde: — Fiquei pensando em você.

A semana parece uma contagem regressiva, feito passos lentos por um corredor comprido. Quando chega sexta à noite, quase parece irreal colocar a camisola preta na mochila enquanto do outro lado do corredor Mary Emmett canta aos berros aquela música do *Rent* de quinhentos minutos com a porta escancarada e Jenny passa de roupão a caminho do chuveiro. Estranho pensar que para elas é só mais uma sexta à noite, pensar na facilidade com que a vida normal delas continua em paralelo à minha.

Às nove e meia vou falar com a Sra. Thompson, digo que não estou me sentindo bem e que vou para a cama cedo, então espero o corredor ficar livre e saio de fininho pela escada dos fundos, aquela com o alarme quebrado. Atravesso o campus depressa e vejo a caminhonete de Strane esperando com os faróis apagados no estacionamento atrás do prédio de humanas. Quando abro a porta do carona e entro, ele me puxa para perto e ri de um jeito que eu ainda não tinha escutado: uma risada histérica e arquejante, como se não acreditasse que aquilo está mesmo acontecendo.

* * *

A casa dele é austera e mais limpa do que eu jamais vi a casa dos meus pais ficar, a pia da cozinha está vazia e reluzente, com um pano de prato secando pendurado na torneira comprida. Alguns dias antes ele me perguntou o que eu gosto de comer, disse que queria ter minhas comidas preferidas à mão, e me mostra os três potes de sorvete caro no congelador, um engradado de seis Cocas sabor cereja na geladeira, dois pacotes grandes de batatas chips na bancada. Em cima da bancada há também uma garrafa de uísque, além de um copo com o gelo quase todo derretido.

Na sala, a mesa de centro não tem nenhuma bagunça acumulada, apenas uma pilha de descansos para copos e dois controles remotos. As estantes são organizadas, nada jogado de qualquer jeito nem de cabeça para baixo. Enquanto ele me mostra a casa, eu bebo refrigerante e tento parecer impressionada, mas nada além da conta, e interessada, mas nada além da conta. Na verdade, porém, estou tremendo toda.

O quarto dele é o último cômodo que me mostra. Ficamos parados à porta enquanto as bolhas estouram dentro da minha lata de refrigerante, nenhum dos dois sabendo muito bem qual deve ser o próximo passo. Eu preciso voltar para o alojamento dali a seis horas, mas faz só dez minutos que estou ali. A cama dele se estende à nossa frente, uma cama arrumada com edredom cáqui e travesseiros com fronhas quadriculadas. Parece cedo demais.

— Está cansada? — pergunta ele.

Faço que não com a cabeça.

— Na verdade, não.

— Então talvez não devesse estar bebendo isso. — Ele tira o refrigerante da minha mão. — É cheio de cafeína.

Sugiro ver TV na esperança de fazê-lo se lembrar do que propôs: ficarmos sentados no sofá de mãos dadas assistindo a um filme.

— Com certeza vou dormir se fizermos isso — diz ele. — Por que não nos preparamos logo para a cama?

Ele se vira para a cômoda, abre a gaveta de cima e pega alguma coisa. É um pijama, um short e um top de algodão branco estampados com morangos pequenos e vermelhos. Está dobrado à perfeição e ainda com a etiqueta, novinho em folha, comprado especialmente para mim.

— Achei que você pudesse se esquecer de trazer roupa de dormir — diz ele, entregando-me o pijama.

Não comento sobre a camisola preta no fundo da minha mochila.

No banheiro, tento fazer o mínimo de barulho possível ao tirar a roupa e arrancar a etiqueta do pijama. Antes de vesti-lo, encaro meu rosto no espelho, espio dentro do chuveiro o frasco de xampu e o sabonete em barra e inspeciono tudo em cima da bancada. Ele tem uma escova de dentes elétrica, um barbeador elétrico, uma balança digital na qual subo e encolho os dedos enquanto os números começam a piscar: sessenta e seis quilos, um a menos do que no Natal.

Segurando a parte de cima do pijama, fico pensando no que o levou a escolher especificamente aquele dali. Deve ter sido porque ele gostou da estampa, afinal já disse que meu cabelo e minha pele o faziam pensar em morangos com creme. Imagino-o perambulando pela seção de roupas femininas, suas mãos grandes tocando os mais variados pijamas, e esse pensamento me enche de ternura, algo parecido com o que senti alguns anos antes ao ver a foto daquele gorila famoso com o gatinho de estimação no colo, a vulnerabilidade de algo tão grande manuseando algo tão delicado, dando o melhor de si para ser cuidadoso e gentil.

Abro a porta do banheiro e entro no quarto protegendo o peito com o braço. O abajur da cabeceira está aceso, uma luz quente e suave. Ele está sentado na beirada da cama, ombros encolhidos, mãos unidas.

— Coube direitinho?

Estremeço e confirmo com um gesto breve de cabeça. Do outro lado da janela passa um carro, o barulho se aproxima e em seguida vai embora, e um silêncio paira no ar.

— Posso ver? — pergunta, e eu dou um passo na sua direção, perto o suficiente para ele me segurar pelo pulso e baixar meu braço. Ele suspira enquanto me observa. — Ah, não — diz, como se já estivesse arrependido do que estamos prestes a fazer.

Ele se levanta, afasta o edredom e fica murmurando “ok, ok, ok”. Diz que vai ficar de roupa por enquanto, e sei que isso é para me tranquilizar e talvez para acalmá-lo também. Na sua camisa, rodela escuras se espalham pelas axilas, igualzinho ao que aconteceu durante o discurso de boas-vindas no primeiro dia de aula.

Eu me deito na cama ao seu lado e ficamos debaixo das cobertas, sem nos tocar, sem dizer nada. O teto é revestido de ladrilhos creme e dourados que formam um padrão de arabescos no qual meus olhos ficam dando voltas e mais voltas. Debaixo do edredom de plumas, minhas mãos e meus pés estão mais quentes, mas a ponta do nariz continua fria.

— Meu quarto lá em casa também é sempre frio assim — digo.

— É?

Ele se vira para mim, grato por eu ter tornado aquilo de certa forma normal ao dizer alguma coisa. Então pede que eu descreva meu quarto, sua aparência, a disposição das coisas. Desenho um mapa no ar.

— Aqui fica a janela que dá para o lago — digo — e ali a janela que dá para a montanha. Aqui fica meu armário e ali minha cama.

Descrevo meus cartazes, digo de que cor é minha colcha. Conto que no verão às vezes eu acordo no meio da noite com o barulho das mobelhas gritando lá no lago, e que como a casa não é bem aquecida, no inverno acumula gelo nas paredes.

— Espero um dia poder ver com meus próprios olhos — diz ele.

Eu rio ao imaginá-lo no meu quarto, em como pareceria grande ali, com a cabeça batendo no teto.

— Acho que isso não vai acontecer.

— Nunca se sabe — diz ele. — As oportunidades surgem.

Ele me fala sobre seu quarto de infância em Montana. Lá também fazia frio no inverno, diz. Descreve Butte, a antiga cidade mineradora, que antes era o lugar mais rico do mundo e agora não passava de uma bacia marrom e côncava rodeada por montanhas. Ele descreve as entradas das minas abandonadas que despontam entre as casas, conta como o centro foi construído na encosta de um morro e que no alto desse morro há uma grande vala de ácido deixada pela mineração.

— Parece horrível — digo.

— Parece — concorda ele —, mas é o tipo de lugar difícil de entender até ver com os próprios olhos. Tem uma beleza estranha.

— Beleza numa vala de ácido?

Ele sorri.

— Um dia a gente vai lá. Você vai ver.

Debaixo do edredom, ele entrelaça os dedos nos meus e continua falando, conta-me sobre a irmã mais nova, sobre os pais, que seu pai trabalhava na mineração de cobre e era intimidador, mas gentil, e que sua mãe era professora.

— Como ela era? — pergunto.

— Brava — responde ele. — Ela era uma mulher muito brava.

Mordo o lábio, sem saber ao certo o que dizer.

— Ela não gostava de mim e nunca entendi direito por quê — acrescenta ele.

— Ela ainda está viva?

— Os dois já morreram.

Começo a dizer que sinto muito, mas ele me interrompe e aperta minha mão.

— Tudo bem — diz. — Já faz muito tempo.

Ficamos deitados por um tempo sem dizer nada, de mãos dadas debaixo das cobertas. Inspiro e solto o ar, fecho os olhos e tento descrever o cheiro do quarto dele. É um aroma tênue, masculino, com traços de sabonete e desodorante nos lençóis de flanela e de cedro no armário. É estranho pensar que é ali que ele vive como uma pessoa normal, onde dorme, come e faz todas as tarefas monótonas e cotidianas da vida: lavar a louça, limpar o banheiro, pôr roupa na máquina. Será que ele lava a própria roupa? Tento imaginá-lo levando roupas da lavadora para a secadora, mas a imagem se desfaz assim que a visualizo.

— Por que você nunca se casou? — pergunto.

Ele me olha e sinto o aperto da sua mão afrouxar por um segundo, tempo suficiente para me avisar que foi a pergunta errada a fazer.

— Casamento não é para todo mundo — diz ele. — Você vai entender isso quando ficar mais velha.

— Não, eu entendo — digo. — Eu também não quero me casar.

Não sei se isso é exatamente verdade, mas estou tentando ser generosa. A preocupação dele é evidente, em relação a mim e ao que estamos

fazendo. Ele se sobressalta com o menor dos movimentos, como se eu fosse um animal propenso a dar o bote.

Ele sorri e seu corpo relaxa. Eu disse a coisa certa.

— É claro que não. Você se conhece o suficiente para entender aquilo para o que não foi feita — diz ele.

Sinto vontade de perguntar para o que fui feita, mas não quero mostrar que na verdade eu não me conheço, nem quero abusar agora que ele está segurando minha mão outra vez e inclinando a cabeça na minha direção como se estivesse se aproximando para me beijar. Ele não me beijou desde que eu cheguei.

Ele torna a perguntar se estou cansada e faço que não com a cabeça.

— Quando estiver, me avise e eu posso ir para a sala — diz ele.

Para a sala? Franzo a testa e tento entender o que ele está querendo dizer.

— Você vai, tipo, dormir no sofá?

Ele solta minha mão e começa a falar, depois para e recomeça:

— Estou com vergonha do jeito que toquei em você pela primeira vez no começo do ano. Não é assim que gosto de me comportar.

— Mas eu gostei.

— Eu sei que gostou, mas não foi confuso? — Ele se vira para mim. — Deve ter sido. Eu não gostei de fazer isso, de agir sem conversar primeiro. Conversar sobre absolutamente tudo é o único jeito de redimir o que a gente está fazendo.

Ele não diz, mas eu sei o que é exigido de mim agora: contar como estou me sentindo e o que quero. Rolo para perto dele e afundo o rosto no seu pescoço.

— Eu não quero que você durma no sofá.

Sinto-o sorrir.

— Está bem — diz ele. — Tem alguma coisa que você queira?

Aninho-me junto dele e coloco a perna em cima da sua. Não posso responder. Ele pergunta se pode me beijar e, quando aquiesço junto ao seu pescoço, ele segura uma mecha do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás.

— Meu Deus, olhe só para você! — exclama ele.

Ele diz que sou perfeita, tão perfeita que não posso ser real. Ele me beija e outras coisas começam a acontecer depressa, coisas que ainda não

fizemos: tirar a parte de cima do meu pijama pela cabeça, beliscar e apertar, pôr a mão dentro do short do pijama e me apalpar ali.

Ele pede permissão para tudo que faz. “Posso?”, antes de tirar completamente o top pela minha cabeça. “Tudo bem?”, antes de puxar minha calcinha para o lado e escorregar um dedo lá para dentro tão depressa que, por um segundo, fico atordoada e meu corpo se finge de morto. Depois de um tempo, ele passa a pedir permissão depois de já ter feito a coisa sobre a qual está perguntando. “Posso?”, pergunta ele, querendo saber se pode puxar o short do pijama para baixo, mas eu já não estou mais de short. “Tudo bem?”, querendo saber se pode se ajoelhar entre as minhas pernas, mas ele já está lá, grunhindo e dizendo:

— Sabia que você era ruiva aqui também.

Só entendo o que ele está fazendo depois que começa. Me beijando lá embaixo, me chupando. Não sou idiota, sei que as pessoas fazem isso, mas eu não tinha pensado que seria algo que ele iria querer. Ele enfia os braços debaixo de mim, me puxa mais para perto e eu afundo os calcanhares no colchão, estendo a mão para baixo e agarro um tufo do seu cabelo com tanta força que deve doer, mas seus beijos, lambidas e o que mais ele está fazendo — como sabe exatamente o que fazer para me dar prazer? Como sabe tudo sobre mim? —, nada disso para. Mordo o lábio para não gritar e ele faz um ruído borbulhante, como se estivesse chupando o restinho de refrigerante por um canudo, o que me deixaria com vergonha se eu não estivesse gostando tanto. Cubro os olhos com o braço e caio em redemoinhos de cor, de ondas do mar que crescem até virar montanhas. Tenho a sensação de ser muito pequena até gozar com mais força do que quando me masturbo, com tanta força que chego a ver estrelas.

— Chega, para — digo. — Para, para.

Ele recua como se eu tivesse lhe dado um chute e se senta de joelhos, ainda de camiseta e calça jeans, com o cabelo despenteado e o rosto brilhando.

— Você gozou? — pergunta. — Sério, rápido assim?

Junto as pernas e fecho os olhos com força. Não consigo falar, não consigo pensar. Foi rápido? Quanto tempo levou? Um minuto, dez ou vinte? Não faço ideia.

— Você gozou, né? Sabe como isso é especial? — pergunta ele. — Como é raro?

Abro os olhos e o vejo limpar a boca com as costas da mão, depois para e leva a mão ao rosto, respira fundo e fecha os olhos.

Ele diz que queria fazer aquilo comigo toda noite. Puxando o edredom, deita-se ao meu lado e completa:

— Toda santa noite antes de você dormir.

Ficar aconchegada junto dele é quase tão bom quanto ser chupada por ele, com seu queixo apoiado na minha cabeça e seu corpo grande enroscado no meu. Ele está com o meu cheiro.

— Não vamos passar disso por enquanto — diz ele.

E eu me derreto ao pensar que sexo é apenas ele fazendo aquilo em mim.

Ele estende o braço e apaga a luz da cabeceira, mas eu não consigo dormir. Seu braço começa a pesar em cima do meu ombro enquanto eu relembro o jeito como ele disse “ah, não” ao me ver de pijama, o modo como enfiou os braços debaixo das minhas pernas para me puxar mais para perto do seu rosto quando me chupou. O modo como ele, em determinado momento, estendeu a mão para cima e segurou a minha enquanto tudo acontecia.

Quero que ele faça outra vez, mas não me atrevo a acordá-lo para pedir. Talvez ele repita de manhã antes de eu ir embora. Talvez a gente possa fazer isso às vezes na sala dele quando a aula terminar, ou então sair do campus de carro e fazer lá dentro. Minha mente não sossega. Mesmo quando eu finalmente cochilo, meu cérebro continua tramando.

Quando acordo, cerca de duas horas depois, está escuro lá fora. A luz do corredor entra pela porta do quarto e se espalha pelo chão. Ao meu lado, Strane está acordado, com a boca quente no meu pescoço. Viro-me de costas, sorrindo, imaginando que ele vai aproximar o rosto das minhas pernas, mas quando me viro ele está nu. Uma pele muito branca coberta de pelos pretos do peito até as pernas, e no meio está seu pênis imenso e duro.

— Ah! — digo. — Ok! Uau. Ok. — Palavras pequenas e estúpidas. Quando ele segura meu pulso e guia minha mão até lá, eu repito: — Ah! Ok!

Ele fecha meus dedos em volta daquilo e eu sei que devo fazer aquele negócio de sobe e desce, e minha mão na mesma hora começa a bombear, obediente como um robô, desconectada do cérebro. É uma pele solta deslizando por cima de um pilar de músculo, só que de modo irregular, robusto. É como um cachorro tentando vomitar um lixo que ficou

fermentando por dias na sua barriga, a mesma ânsia violenta que sacode o corpo todo.

— Mais devagar, baby — diz ele. — Um pouco mais devagar.

Ele me mostra o que está querendo dizer e tento manter o ritmo mesmo começando a sentir uma câibra no braço. Quero dizer a ele que estou cansada, rolar de lado e nunca mais olhar para aquele troço, mas isso seria egoísta. Ele disse que meu corpo nu é a coisa mais linda que já viu. Seria cruel retribuir isso com nojo. Pouco importa que minha pele se arrepie quando toco nele. Pouco importa. Está tudo bem. *Ele fez aquilo em você, agora você faz isso nele. Pode suportar alguns poucos minutos disso.*

Quando ele guia minha mão para longe, tenho medo de que em seguida vá me pedir para usar a boca, e isso eu não quero fazer, não consigo, mas ele diz:

— Você quer que eu te coma? — É uma pergunta, mas na verdade ele não está perguntando.

Não entendo aquela mudança. Agora nem tenho mais certeza se ele disse mesmo *Não vamos passar disso por enquanto*, ou vai ver “por enquanto” queria dizer algo totalmente diferente do que eu imaginava. Se eu quero que ele me coma? Me comer. A crueza da expressão me faz virar a cabeça para o travesseiro. A voz dele nem sequer soa a mesma, está alterada e rascante. Quando abro os olhos, ele está se posicionando entre as minhas pernas, com a testa franzida de concentração.

Tento ganhar tempo e digo a ele que não quero engravidar.

— Você não vai engravidar — diz ele. — É impossível.

Afasto os quadris.

— Como assim?

— Eu operei, fiz vasectomia — diz ele. Segura-se com uma das mãos e me firma com a outra. — Você não vai engravidar. É só relaxar.

Ele tenta meter enquanto crava o polegar com força na minha pélvis. Não entra.

— Você precisa relaxar, meu bem — diz ele. — Respire fundo.

As lágrimas começam a brotar, mas ele não para, só diz que estou indo superbem enquanto continua tentando meter. Me diz para inspirar e expirar, e quando eu solto o ar ele arremete com força e empurra um pouco mais para dentro. Começo a chorar, chorar de verdade. Nem assim ele para.

— Você está indo superbem — diz ele. — Respire fundo mais uma vez, está bem? Tudo bem se doer. Não vai doer para sempre. Respire fundo só mais uma vez, ok? Isso. Que gostoso. Que gostoso.

* * *

Ele sai da cama assim que termina, um lampejo de barriga e bunda antes de eu fechar os olhos. Veste a cueca e o cós de elástico estala feito um chicote, como algo se partindo ao meio. Enquanto vai até o banheiro, ele tosse alto e com força e eu o ouço escarrar na pia. Debaixo das cobertas, estou dolorida e pegajosa, com as pernas grudadas até as coxas. Minha mente parece o lago em um dia calmo: vidrada e imóvel. Eu não sou nada, não sou ninguém, não estou em lugar nenhum.

Ao voltar para o quarto, parece outra vez ele mesmo, vestindo uma camiseta e uma calça de moletom, de óculos. Ele se deita na cama e enrosca o corpo no meu.

— A gente fez amor, viu? — sussurra.

E eu avalio a distância entre “te comer” e “fazer amor”.

Depois de algum tempo, transamos outra vez e é mais lento, mais fácil. Eu não gozo, mas pelo menos dessa vez não choro. Até gosto do peso dele em cima de mim, tão grande que desacelera meu coração. Ele goza com um grunhido e um tremor se apodera do seu corpo, irradiando-se lá do fundo. Senti-lo tremendo em cima de mim faz meus músculos se contraírem e o apertarem com ainda mais força lá dentro, e eu entendo então o que as pessoas provavelmente querem dizer quando falam aquelas coisas sobre dois que viram um.

Ele se desculpa por terminar tão depressa, por ser desajeitado. Diz que já faz um tempo desde a última vez que trocou intimidades com alguém. Rolo a palavra *intimidades* dentro da boca e penso na Sra. Thompson.

Depois de transarmos pela segunda vez, vou ao banheiro e espio dentro do armário de remédios, algo que eu não pensaria em fazer caso não tivesse visto mulheres no cinema fazerem isso ao passar a noite na casa de um desconhecido. No armário dele há os habituais Band-Aids, pomada antibiótica, remédios para indigestão vendidos sem receita e dois frascos de medicação controlada etiquetada com nomes que reconheço dos comerciais: Viagra e Wellbutrin.

No trajeto escuro de volta até o campus, com as luzes da rua passando em clarões amarelos, ele pergunta como estou me sentindo.

— Espero que não tenha sido demais para você — diz.

Sei que quer a verdade e que eu deveria lhe dizer que não gostei de ser acordada com ele duro e praticamente já metendo em mim. Que eu não estava preparada para transar daquele jeito. Que aquilo pareceu forçado. Mas não sou corajosa o suficiente para dizer nada disso, nem mesmo que sinto ânsia de vômito ao pensar nele levando minha mão até seu pênis, e não entendo por que não parou quando eu comecei a chorar. Que o pensamento *Eu quero ir para casa* passou pela minha cabeça durante todo o tempo da primeira vez em que transamos.

— Está tudo bem — digo.

Ele me observa com atenção, como se quisesse ter certeza de que estou dizendo a verdade.

— Que bom — diz. — É isso que a gente quer.

2017

Mensagem de texto da minha mãe: Ei. Escute só o que aconteceu. No meio da noite, eu não estava conseguindo dormir e ouvi alguma coisa lá fora, desci, acendi a luz da entrada e tinha um URSO revirando a lata de lixo!!! Fiquei apavorada. Gritei, subi correndo e me escondi debaixo das cobertas hahhahaha. Agora estou vendo aquele programa de culinária britânico para tentar me acalmar. Caramba. Por aqui nenhuma grande novidade. Aquela Marjorie que mora do outro lado do lago está com câncer de pulmão. A das cabras. Enfim, ela está mal. Muito triste. Meu carro teve um recall por causa daquele problema na porta. Vai levar de 8 a 12 semanas. Me emprestaram um de merda. Aff. Que horror isso tudo. Enfim, só queria ter notícias suas. Ligue para sua mãezinha quando der.

De olhos vermelhos e ainda na cama às dez da manhã, tento dar sentido à mensagem. Não tenho a menor ideia de quem é Marjorie, nem de qual é o problema com a porta do carro da minha mãe, nem de que programa de culinária britânico ela está falando. Desde que papai morreu, volta e meia recebo mensagens assim. Essa pelo menos tem uma pontuação normal; outras são pensamentos dispersos tipo fluxo de consciência entremeados com elipses, incoerentes a ponto de me preocuparem.

Fecho a mensagem, abro o Facebook e verifico o perfil de Taylor para ver se tem algo novo. No campo de pesquisa, digito nomes que já busquei tantas vezes que aparecem com a primeira letra: Jesse Ly, Jenny Murphy. Jesse mora em Boston e trabalha com marketing. Jenny é cirurgiã na Filadélfia. Nas fotos ela já parece estar na meia-idade, com rugas profundas ao redor dos olhos e o cabelo castanho entremeado de fios grisalhos. Não há nenhum post sobre Strane nos perfis delas, mas por que haveria? São adultas vivendo plenamente. Não têm motivo nenhum para se lembrar do que aconteceu naquela época, ou até mesmo para se lembrar de mim.

Saio do Facebook e digito no Google “Henry Plough Atlantica College”, e o primeiro resultado é seu perfil de professor com a mesma foto de uma década antes em que ele aparece em sua sala, com as cervejas que tomaríamos juntos ainda fechadas na estante ao fundo. Ele tinha trinta e quatro anos na época, só alguns a mais do que eu tenho hoje. O segundo resultado da busca é um artigo do jornal de alunos de Atlantica de maio de 2015, “Professor de literatura Henry Plough ganha prêmio de ensino”. É um prêmio concedido a cada quatro anos, o vencedor escolhido por voto dos alunos. Emma Thibodeau, que está no terceiro ano de literatura, diz que os alunos estão muito felizes com o resultado: “Henry é um professor

incrível, muito inspirador, e dá para falar com ele sobre qualquer coisa. É uma pessoa fantástica. As aulas dele mudaram minha vida.”

Vou até o final do artigo, onde há um cursor parado piscando dentro de um campo de texto vazio. *Quer deixar um comentário?* Digito: “Quanto a ser uma pessoa fantástica, podem confiar, ele não é”, mas o artigo já tem dois anos e, na verdade, Henry nem fez nada tão ruim assim, então de que adianta? Jogo o celular do outro lado da cama e volto a dormir.

* * *

Strane liga quando estou indo a pé para o trabalho, doidona por causa da maconha que fumei enquanto me arrumava. O celular vibra na minha mão, o nome dele pisca na tela, e paro no meio da calçada feito uma turista, alheia ao tráfego de pedestres. Levo o aparelho ao ouvido e alguém esbarra no meu ombro, uma menina de jaqueta jeans... Não, duas meninas de jaquetas idênticas, uma de cabelo preto, a outra loura. Elas andam de braços dados, com as mochilas batendo na bunda. Devem estar no ensino médio e saíram de fininho durante o horário de almoço para perambular pelo centro. A de cabelo preto, que trombou em mim, me observa por cima do ombro.

— Desculpe — diz ela com uma voz preguiçosa e nada sincera.

No telefone, Strane diz:

— Você me ouviu? Eu disse que fui absolvido.

— Quer dizer que está tudo bem?

— Amanhã volto à sala de aula. — Ele ri como se não acreditasse. — Tinha certeza de que era meu fim.

Fico parada na calçada com o olhar ainda fixo nas duas meninas descendo a Congress Street, no cabelo ondulante delas. Ele de volta à sala de aula, novamente ileso. Sou tomada por uma decepção, como se quisesse ver sua queda, um pensamento cruel que me pega desprevenida. Talvez eu só esteja doidona com a mente despencando em um buraco sem fundo de sentimento. Preciso parar de fumar maconha antes do trabalho. Preciso crescer, desapegar, partir para outra.

— Achei que você fosse ficar feliz — diz Strane.

As meninas desaparecem numa rua lateral e eu solto o ar que não percebi que estava prendendo.

— E estou. É claro que estou. Que ótimo. — Volto a andar, com as pernas bambas. — Aposto que está aliviado.

— Estou um pouco mais do que aliviado — diz ele. — Eu já estava começando a aceitar a ideia de passar o resto da vida na prisão.

Eu me seguro para não revirar os olhos diante desse exagero, como se de algum modo ele pudesse me ver. Será que tinha mesmo acreditado que poderia ir preso, um homem branco e bem articulado, formado em Harvard? Esse medo parece infundado e vagamente encenado, mas talvez seja cruel criticar. Ele estava em pânico, em crise. Conquistou o direito de fazer algum melodrama. Não entendo como é encarar uma ruína dessas. Os riscos que ele correu sempre foram maiores do que os meus. *Seja boa uma vez na vida, Vanessa. Por que você precisa sempre ser tão cruel, porra?*

— A gente poderia comemorar — digo. — Posso pedir folga no sábado. Tem um restaurante escandinavo novo que todo mundo está elogiando.

Strane inspira com força.

— Não tenho certeza se isso vai funcionar — diz ele. Abro a boca para propor outra coisa, outro restaurante, outro dia, que eu vá a Norumbega em vez de ele vir até mim, mas ele arremata: — Agora preciso ser cauteloso.

Cauteloso. A palavra me faz estreitar os olhos para tentar entender o que de fato ele está dizendo.

— Você não vai ter problemas por ser visto comigo — digo. — Eu tenho trinta e dois anos.

— Vanessa.

— Ninguém lembra.

— É claro que lembra — diz ele.

A impaciência aguça suas palavras. Ele não deveria ter que explicar que mesmo aos trinta e dois anos eu continuo sendo ilícita, perigosa. Sou a prova viva e ambulante da pior coisa que ele já fez. As pessoas se lembram de mim. Ele chegou à beira do desastre porque as pessoas se lembram.

— Seria melhor a gente ficar afastado por um tempo — diz ele. — Só até isso tudo passar.

Concentro-me em respirar ao atravessar a rua em direção ao hotel. Aceno para o manobrista em pé na entrada da garagem, para as arrumadeiras no beco tragando cigarros.

— Está bem — digo. — Se é isso que você quer.

Uma pausa.

— Não é o que eu quero. É como deve ser.

Abro a porta do lobby e meu rosto é atingido por uma lufada de ar permeado de jasmim e cítricos. Eles literalmente bombeiam o aroma pelo sistema de ventilação. Em teoria, o cheiro energiza e rejuvenesce os sentidos. É o tipo de atenção aos detalhes que torna aquele um hotel de luxo.

— É o melhor — diz ele. — Para nós dois.

— Estou no trabalho. Preciso ir.

Desligo na cara dele sem me despedir. Por enquanto isso basta para me dar a sensação de vitória, mas depois que me acomodo atrás da mesa o rombo no meu estômago cria raízes e floresce em humilhação: descartada outra vez na primeira oportunidade, jogada fora como lixo. A mesma coisa que ele fez quando eu tinha vinte e dois anos, quando tinha dezesseis. É uma verdade tão escancarada e amarga que nem mesmo eu consigo melhorá-la para que fique mais palatável. Ele só queria ter certeza de que eu ficaria quieta. Ele me usou outra vez. *Quantas vezes? O que vai ser preciso, Vanessa?*

Na minha mesa, abro o Facebook de Taylor. No alto do feed há uma atualização de status postada menos de uma hora antes: Hoje, a escola que um dia prometeu cuidar de mim e me proteger tomou o partido do abusador. Estou decepcionada, mas não surpresa. Quando clico nos comentários, o primeiro que aparece é um com vinte e poucos likes: Eu sinto muito mesmo. Tem alguma outra coisa que você pode fazer ou isso é o fim? A resposta de Taylor me deixa com a boca seca.

Nem pensar que isso é o fim, escreve ela.

* * *

No meu intervalo saio para o beco atrás do hotel e desencavo um maço de cigarros amarfanhado do fundo da bolsa. Fumo encostada numa escada de incêndio e fico rolando a tela do celular até escutar sapatos se arrastando pela calçada, um silêncio, uma risada abafada. Ergo os olhos e me deparo com as duas meninas de quando estava vindo para cá. Elas agora estão em pé na extremidade mais distante do beco e a loura está segurando o braço da de cabelo preto.

— Pergunte para ela — diz a loura. — Vá lá.

A menina de cabelo preto dá um passo na minha direção, para, cruza os braços.

— Ei — chama ela. — Será que a gente pode, hum...

Ela olha por cima do ombro para a loura, que mantém a mão fechada em frente à boca e sorri por trás do punho da jaqueta jeans.

— Você por acaso tem outro cigarro? — pergunta a menina de cabelo preto.

Quando eu estendo dois, ambas se precipitam.

— Estão meio velhos — digo.

Não faz mal, dizem elas. Não tem problema nenhum. A loura tira a mochila de um dos ombros e pega um isqueiro no bolso da frente. Elas acendem o cigarro uma da outra, encovando as bochechas ao tragar. Estão perto o suficiente para que eu veja o delineado gatinho, as espinhas pequenas ao longo da linha do cabelo. Quando estou com meninas da idade delas, a idade mágica que Strane me ensinou a mitificar, sinto que me transformo nele. Perguntas se acumulam na minha boca, perguntas destinadas a fazê-las ficar mais tempo. Mordo o lábio com força para impedi-las de sair: como vocês se chamam, quantos anos vocês têm, querem mais cigarro, cerveja, baseado? É tão fácil imaginar como deve ter sido para ele, desesperado o suficiente para oferecer o que a menina quisesse para mantê-la por perto.

As duas me agradecem por cima do ombro enquanto tornam a se afastar pelo beco, as risadinhas substituídas por uma indiferença letárgica graças aos cigarros que seguram entre os dedos. Rebolando os quadris, elas dobram a esquina, me lançam um último olhar e desaparecem.

Fico encarando o ponto onde elas sumiram enquanto o sol poente reflete no filete de água que vaza de um latão de lixo, no para-brisa de uma van de entrega parada com o motor ligado. Eu me pergunto o que aquelas meninas viram ao olhar para mim, se sentiram uma irmandade, se o motivo que as fez se atrever a me pedir um cigarro foi por terem visto que eu, apesar da minha idade, na verdade sou uma delas.

Exalo a fumaça, pego o celular e acesso o perfil de Taylor, mas não vejo nada. Minha mente está longe, galopando atrás das meninas, querendo saber o que Strane pensaria delas com seus cigarros filados e suas atitudes duronas. Provavelmente as acharia grosseiras, confiantes demais, arriscadas. *Você é tão maleável*, dizia ele enquanto eu o deixava manusear

meu corpo. Ele transformava isso num elogio, tornava minha passividade algo precioso e raro.

O que ela faria? É uma pergunta que mais parece um labirinto, na qual sou capaz de me perder toda vez que vejo uma adolescente. Se o professor tentasse tocá-la, ela reagiria como deveria, empurrando a mão dele para longe e fugindo? Ou ficaria com o corpo inerte até ele terminar? Às vezes tento imaginar outra menina fazendo o que eu fiz — afundando no prazer daquilo, ansiando por aquilo, construindo a vida ao redor daquilo —, mas não consigo. Meu cérebro chega a um beco sem saída, o labirinto é engolido pela escuridão. Impensável. Indizível.

Eu nunca teria feito aquilo se você não quisesse tanto, dissera ele. Parece uma ilusão. Que menina iria querer o que ele fez comigo? Mas é a verdade, quer alguém acredite, quer não. Atraída por aquilo, por ele, eu era o tipo de menina que não deveria existir: a louca para se jogar na frente de um pedófilo.

Mas não, essa palavra não serve, nunca serviu. É esquivar-se da realidade, uma mentira, do mesmo jeito que é errado me chamar de vítima e nada mais. Ele nunca foi tão simples; nem eu.

Pego o caminho mais longo de volta ao lobby do hotel e atravesso a garagem subterrânea até o subsolo, passando pelo barulho das lavadoras e secadoras de tamanho industrial na lavanderia. A chefe das arrumadeiras me para na escada e pergunta se eu me importaria em levar um conjunto extra de toalhas para o Sr. Goetz, o executivo que aparece segunda-feira sim, segunda-feira não, do quarto 342.

— Tem certeza de que não tem problema? — pergunta ela ao me entregar as toalhas. — Para as minhas meninas ele pode ser um tarado, mas de você ele gosta.

Bato na porta do 342, ouço passos, e então o Sr. Goetz abre a porta: sem camisa e segurando uma toalha em volta da cintura, o cabelo molhado, gotas de água nos olhos, pelos pretos no peito que descem pelo meio da barriga.

Seu rosto se ilumina ao me ver.

— Vanessa! Não esperava ver você. — Ele abre mais a porta e meneia a cabeça para eu entrar. — Pode pôr as toalhas em cima da cama?

Hesito na soleira da porta e calculo a distância até a cama e da cama para o aparador, onde o Sr. Goetz está usando a mão livre para abrir a carteira enquanto a outra continua segurando a toalha. Não quero que a

porta se feche, não quero ficar sozinha com ele. Preciso ser rápida. Vou até a cama e largo as toalhas. Antes de a porta se fechar, já estou de volta.

— Espere um instantinho.

O Sr. Goetz me estende uma nota de vinte. Começo a balançar a cabeça. É gorjeta demais para algo tão corriqueiro quanto toalhas limpas, tanto que se torna suspeito, o suficiente para me deixar com vontade de sair correndo. Ele balança a nota na minha direção como faria com um pedaço de comida para um sem-teto ressabiado. Torno a entrar no quarto, pego o dinheiro e, ao fazer isso, ele alisa meus dedos e me dá uma piscadela.

— Obrigado, meu bem — diz.

De volta ao lobby, em segurança atrás do balcão do concierge, pego a nota de vinte, enfio na bolsa e digo a mim mesma que vou gastar com spray de pimenta ou um canivete, algo que possa levar sempre comigo mesmo que nunca use. Só para saber que está lá.

Então meu celular vibra: um novo e-mail.

Para: vanessawye@gmail.com

De: jbailey@femzine.com

Assunto: Matéria sobre a Escola Browick

Oi, Vanessa.

Meu nome é Janine Bailey e trabalho na redação da *Femzine*. Estou escrevendo uma reportagem sobre as denúncias de abuso sexual na Escola Browick em Norumbega, no Maine, onde pelo que sei você estudou entre 1999 e 2001.

Já entrevistei uma ex-aluna, chamada Taylor Birch, que diz ter sido sexualmente agredida em 2006 pelo professor de literatura Jacob Strane, e durante minha entrevista com ela seu nome veio à tona como outra possível vítima. Durante as minhas pesquisas recebi também uma denúncia anônima relacionada a um abuso sexual ocorrido na Escola Browick envolvendo você e o Sr. Strane.

Vanessa, eu adoraria conversar com você. Faço questão de escrever essa matéria com toda a sensibilidade necessária e quero priorizar as histórias das sobreviventes ao mesmo tempo em que responsabilizo Jacob Strane e a Escola Browick. Com a recente atenção nacional às histórias de agressão sexual, acho que temos uma verdadeira oportunidade de causar impacto, principalmente se eu conseguir combinar sua história com a de Taylor. Você teria, é claro, o controle sobre o que sairia na reportagem em relação à sua experiência. Pense nisso como uma chance de contar sua história.

Você pode falar comigo neste e-mail ou então no (385) 843-0999. Pode ligar ou mandar mensagem quando quiser.

Aguardo o seu contato.

Janine

2001

O inverno desse ano deixa todo mundo exausto. O frio é incansável, durante a noite a temperatura cai a quase menos vinte, e quando fica abaixo de zero neva: ou seja, dias e dias de neve. Depois de cada nevasca, os montes de neve aumentam até o campus se transformar num labirinto fechado sob um céu cinza-claro, e as roupas que no Natal eram novas rapidamente ficam manchadas de sal e cheias de bolinhas à medida que a realidade de mais quatro meses de inverno se concretiza. Os professores ficam impacientes, cruéis até, e fazem avaliações tão duras que saímos aos prantos das reuniões de orientação. No fim de semana prolongado com o feriado do dia de Martin Luther King Jr., a zeladora do alojamento, de saco cheio de nós, tranca o banheiro quando um chumaço de cabelo entope o ralo do chuveiro pela milionésima vez, e a Sra. Thompson é obrigada a usar um clipe de papel para abrir a fechadura. Os alunos também enlouquecem. Certa noite, no refeitório, Deanna e Lucy começam uma briga aos berros por causa de um par de sapatos perdido, e Lucy agarra um punhado de cabelo de Deanna e se recusa a soltar.

Os supervisores dos alojamentos estão sempre atentos a sinais de depressão, porque quatro anos atrás um menino do primeiro ano se enforcou no quarto. A Sra. Thompson organiza várias atividades temáticas para nos ajudar a ficar longe dos sentimentos ruins: noites de jogos e de trabalhos manuais, festas de culinária e exposições de filmes, tudo anunciado num flyer colorido enfiado por baixo das nossas portas. Ela nos incentiva a passar no seu apartamento e usar sua caixa de fototerapia sempre que tivermos a impressão de estarmos “ficando com depressão sazonal”.

Durante tudo isso, eu só estou presente pela metade. Meu cérebro parece partido ao meio, uma das metades no presente, a outra numa existência distinta em meio a todas as coisas que aconteceram comigo. Agora que Strane e eu estamos transando, eu não me encaixo mais nos mesmos lugares de antes. Tudo que escrevo parece oco, paro de me oferecer para passear com a cadela da Sra. Thompson. Nas aulas, me sinto desconectada, como se estivesse observando tudo de longe. Nas aulas de literatura norte-americana, vejo Jenny trocar de lugar na mesa de trabalho para ficar ao lado de Hannah Levesque, que a encara com olhos

arregalados de adoração, a mesma expressão que provavelmente exibi o ano passado inteiro, e sinto uma confusão muda, como se estivesse assistindo a um filme com um enredo confuso. Na verdade, tudo parece simulação, irreal. Não tenho alternativa senão fingir que sou a mesma de sempre, mas um abismo me rodeia e me separa dos outros. Não tenho certeza se o sexo criou o abismo ou se isso sempre existiu e Strane finalmente me fez vê-lo. Ele diz que é a segunda opção. Diz que sentiu meu diferencial assim que me viu.

— Você não se sentiu sempre uma intrusa, desajustada? — pergunta ele. — Aposto que desde que se entende por gente você foi chamada de madura para sua idade. Não foi?

Penso no terceiro ano do fundamental, na sensação de levar para casa um boletim com a seguinte anotação de um professor: *Vanessa é muito precoce, parece ter oito anos com cabeça de trinta*. Na verdade, não tenho certeza se algum dia já fui criança.

* * *

Vinte minutos antes do toque de recolher, vou até o banheiro do alojamento com meus produtos de banho e minha toalha. Encontro Jenny em pé diante da pia, com o rosto todo ensaboado. Morando no mesmo alojamento, inevitavelmente nos esbarramos, mas venho fazendo o possível para reduzir a frequência dos encontros, optando pela escada dos fundos para não passar em frente à sua porta, tomando banho tarde da noite. Somos forçadas a ficar juntas na aula de literatura norte-americana, mas lá fico tão concentrada em Strane que é fácil ignorá-la. Agora quase nem reparo no restante da turma.

De modo que vê-la no banheiro, calçando chinelos de dedo e usando o mesmo roupão velho do ano passado, me deixa tão espantada que por reflexo começo a recuar em direção ao corredor. Ela me detém.

— Não precisa sair correndo — diz ela com uma voz abatida, como se estivesse entediada. — A menos que me odeie tanto assim...

Seus dedos esfregam as bochechas para espalhar o sabonete. Seu cabelo cresceu, diferente do corte curto que exibia no começo do ano, e agora dá para fazer um coque bagunçado na base de seu pescoço esguio. Ela tinha vergonha do pescoço, reclamava que deixava sua cabeça parecida com

uma bola na ponta de um canudo, com uma flor na ponta de um caule. Dizia a mesma coisa dos dedos magros, dos seus pés tamanho trinta e cinco, chamando sempre atenção para os traços que eu mais invejava. Ainda sinto inveja dela? Às vezes flagro Strane observando-a durante a aula, seus olhos acompanhando a curva da coluna dela até o cabelo castanho lustroso. A pequena Cleópatra. “Seu pescoço é perfeito, Jenny”, eu costumava dizer. “Você sabe.” E ela sabia, não tinha como não saber. Só queria me ouvir dizendo.

— Eu não odeio você — digo.

Jenny me encara no espelho com um olhar cético.

— É claro que não.

Eu me pergunto se ficaria magoada caso eu dissesse que na verdade já não sinto mais nada em relação a ela. Que não lembro por que perder sua amizade me causou a sensação de estar perdendo o mundo inteiro, ou por que essa amizade parecia tão profunda e impossível de se repetir. Agora isso tudo me parece apenas constrangedor, como qualquer outra fase já superada. Penso em como me senti arrasada quando ela começou a ficar com Tom e ele passou a aparecer em todos os lugares, sentando-se conosco em todas as refeições, esperando do lado de fora da nossa aula de álgebra para passar com ela os dois minutos que demorava para ir de um prédio a outro. Eu negava que estivesse com ciúme, mas é claro que estava, tanto dela quanto dele. Eu queria tudo: um namorado e uma melhor amiga, que alguém me amasse tanto que ninguém mais pudesse se intrometer entre nós. Era uma carência monstruosa, pulsante, fora do meu controle. Eu sabia que era coisa demais para sentir, quanto mais para demonstrar, mas mesmo assim não impedi o sentimento de se libertar em um sábado à tarde, quando gritei com Jenny na padaria e chorei feito uma criança fazendo birra. Ela havia prometido que passaríamos o dia juntas, só nós duas, um revival da época anterior ao namoro, mas em menos de uma hora Tom apareceu, puxou uma cadeira para a nossa mesa e enfiou o rosto no pescoço dela. Eu não aguentei. Surtei.

Isso foi no fim de abril, mas a raiva já vinha crescendo dentro de mim havia meses, o que explicou a ausência de choque de Jenny, sua reação imediata, como se estivesse esperando minha represa estourar. Assim que voltamos para nosso quarto, ela disse: “Tom acha que você é apegada demais a mim.” Quando perguntei o que ela quis dizer com “apegada demais”, Jenny tentou minimizar. “Foi só uma coisa que ele falou.” Eu não

estava nem aí para o que Tom dizia sobre mim, ele era só um menino que mal abria a boca, e as camisetas de banda eram a única coisa interessante a seu respeito. Mas fiquei mal por Jenny julgar aquilo algo digno de ser repetido: “Apegada demais.” A implicação do que poderia significar ser apegada demais a outra menina me deixou de cabelo em pé. Falei “Isso não é verdade”, e Jenny me lançou o mesmo olhar cético que exibia agora. *Claro, Vanessa. Deve ser isso mesmo.* Não discuti mais, me fechei, parei de falar com ela e iniciamos o impasse silencioso que tinha durado até ali. No fundo, eu sabia que ela estava certa. Eu a amava demais mesmo e não conseguia imaginar que algum dia fosse parar de amar. Mas menos de um ano depois aqui estou eu, sem dar a mínima.

Ela se debruça na pia, enxágua o sabão e enxuga o rosto com batidinhas enquanto diz:

— Posso perguntar uma coisa? Porque ouvi boatos.

Pisco, arrancada das minhas lembranças.

— O que você ouviu?

— Não quero dizer... É que... eu sei que não pode ser verdade.

— Fale logo.

Ela comprime os lábios enquanto busca as palavras certas. Então, em voz baixa, diz:

— Alguém falou que você está tendo um caso com o Sr. Strane.

Ela aguarda minha reação, a negativa esperada, mas estou distante demais para dizer qualquer coisa. Estou olhando para ela pelo lado errado de um telescópio: a toalha ainda encostada na bochecha, o pescoço vermelho. Por fim, articulo as palavras:

— Não é verdade.

Jenny aquiesce.

— Imaginei.

Volta-se para a pia, larga a toalha, pega a escova de dentes e abre a torneira. Nos meus ouvidos, o barulho da água se amplifica até virar um oceano. O banheiro em si parece se desfazer e as paredes de ladrilhos, ondular.

Ela cospe na pia, fecha a torneira e me olha com expectativa.

— Não é? — diz ela.

Quando é que ela havia falado? Enquanto escovava os dentes? Balanço a cabeça e minha boca se entreabre. Jenny me observa com atenção enquanto algo se desenrola atrás dos seus olhos.

— É meio estranho como você sempre fica na sala dele depois da aula — diz ela.

* * *

Strane começa a aparecer em toda parte, como se estivesse tentando me vigiar. Aparece no refeitório e fica me observando da mesa dos professores. Está na biblioteca durante o horário de estudo e fica examinando a estante bem em frente a mim. Passa diante da porta aberta da sala durante minha aula de francês e sempre me olha. Sei que estou sendo vigiada, mas também tenho a sensação de estar sendo cortejada, algo ao mesmo tempo opressivo e lisonjeiro.

No sábado à noite, estou na cama, com o cabelo molhado depois do banho, o dever de casa espalhado na minha frente. O silêncio reina no alojamento. Está havendo uma reunião de atletismo no estádio, uma partida de basquete em outra cidade e um encontro de esqui em Sugarloaf. Estou cochilando quando o barulho de uma batida me faz levantar com um sobressalto e meus livros caem no chão. Abro a porta de supetão, quase esperando ver Strane ali, esperando que ele me segure pela mão e me leve até seu carro, sua casa, sua cama. Mas tudo que vejo é o corredor aceso cheio de portas fechadas, vazio em ambas as direções.

Em outra tarde, ele me pergunta onde fui no horário de almoço. São cinco da tarde e estamos no escritório atrás da sala de aula dele, o restante do prédio de humanas já vazio e escuro. Ali é quase do tamanho de um armário, com espaço suficiente para uma mesa, uma cadeira e um sofá de tweed com os braços puídos. Costumava ser cheio de caixas de livros antigos e provas de alunos já formados há anos, mas ele limpou tudo só para podermos usar. É o esconderijo perfeito: duas portas trancadas entre nós e o corredor.

Subo no sofá.

— Voltei para o meu quarto. Tinha dever de biologia.

— Pensei ter visto você sair de fininho com alguém — diz ele.

— Claro que não.

Ele se acomoda na outra ponta do sofá, puxa minhas pernas para o colo e pega uma prova da pilha a corrigir em cima da mesa. Passamos um

tempo sentados sem dizer nada, ele corrigindo as provas e eu lendo meu dever de história, até que ele diz:

— Só quero ter certeza de que os limites que você e eu estabelecemos continuam firmes.

Encaro-o, sem saber aonde ele está querendo chegar.

— Sei como pode ser tentador se confidenciar com uma amiga.

— Eu não tenho amigas.

Ele deixa a caneta e o papel na mesa e segura meus pés com as mãos. Primeiro os massageia, depois envolve meus tornozelos com os dedos.

— Eu confio em você; confio, sim. Mas entende como é importante mantermos isso em segredo?

— Óbvio.

— Preciso que você leve isso a sério.

— Estou levando a sério.

Tento soltar os pés. Ele aperta meus tornozelos para eu não me mexer.

— Fico pensando se você realmente entende as consequências com as quais teríamos que lidar se ficassem sabendo. — Começo a falar, mas ele me interrompe: — O mais provável seria eu ser demitido. Mas você também seria expulsa. A Browick não ia querer você aqui depois de um escândalo desses.

Encaro-o com uma expressão cética.

— Eles não iriam me expulsar. Não seria culpa minha. — Então, sem querer que ele pense que eu necessariamente acredito nisso, acrescento: — Tecnicamente, quer dizer, porque sou menor de idade.

— Não faria diferença. Não para os caras importantes. Eles excluem qualquer criador de caso. É assim que esses lugares funcionam. — Ele continua falando, com a cabeça inclinada para trás, dirigindo-se ao teto: — Se a gente tiver sorte, a coisa não vai sair da escola, mas, se a polícia ficar sabendo, tenho quase certeza de que iria preso. E você acabaria em algum lar adotivo.

— Imagina! — desdenho. — Eu não iria para um lar adotivo.

— Você ficaria surpresa.

— Talvez você tenha esquecido, mas na verdade tenho pai e mãe.

— Sim, mas o governo não gosta de pais que deixam os filhos se relacionarem com pervertidos. Porque é assim que eles iriam me rotular, como um suposto agressor sexual. Depois de me prenderem, o passo seguinte seria colocar você sob tutela do Estado. Você seria mandada para

algum buraco... uma casa coletiva de jovens recém-saídos do reformatório que fariam sabe-se lá o quê com você. Você perderia todo o controle do seu futuro. Se isso acontecesse, você não conseguiria fazer faculdade. Provavelmente nem sequer terminaria o ensino médio. Você pode não acreditar em mim, Vanessa, mas não faz ideia de como esses sistemas podem ser cruéis. Basta terem uma chance e eles farão o que puderem para arruinar a nossa vida...

Quando ele começa a falar desse jeito, meu cérebro não consegue acompanhar. Parece que ele está exagerando, mas fico soterrada pelo que diz e perco a noção daquilo em que acredito. Ele pode fazer até mesmo as coisas mais absurdas parecerem factíveis.

— Já entendi — digo. — Nunca vou contar para ninguém enquanto viver. Prefiro morrer a contar. Está bom? Prefiro morrer. Agora, por favor, será que a gente pode parar de falar disso?

Essas palavras o fazem despertar como se acabasse de acordar. Ele estende os braços para eu me aninhar e me aconchega no seu corpo. Repete “desculpe” tantas vezes que as palavras param de fazer sentido.

— Eu não quero assustar você — diz ele. — É que tem muita coisa em jogo.

— Eu sei. Não sou burra.

— Eu sei que você não é burra. Sei que não.

* * *

As turmas de francês vão passar o fim de semana em Québec. Saímos cedo de manhã em um ônibus de viagem com assentos felpudos e telinhas de TV. Sento-me a uma janela mais ou menos no meio, tiro meu Discman da mochila, ponho um CD e tento passar a impressão de que não me importo em ser a única sem ter alguém sentado ao lado.

Passo as primeiras duas horas olhando pela janela enquanto o ônibus atravessa morros baixos e campos cultivados. Quando chegamos à fronteira com o Canadá, a paisagem continua a mesma, mas as placas passam a ser em francês. Madame Laurent se levanta em um pulo do seu lugar na frente do ônibus e pede nossa atenção.

— *Regardez!* — Ela aponta para cada placa que passa e nos pede para ler em voz alta. — *Ouest, arrêt...*

Em algum lugar da zona rural de Québec, paramos em uma lanchonete para ir ao banheiro. Na frente do estabelecimento há um telefone público e eu tenho dois cartões pré-pagos no bolso que Strane me deu com instruções para ligar caso me sentisse sozinha. Com o fone na mão, começo a discar quando Jesse Ly sai do restaurante usando um casaco preto comprido que se abre à sua volta, praticamente uma capa, seguido um pouco mais atrás por Mike e Joe Russo, que sorriem com malícia, se cutucam e nem sequer se dão o trabalho de abaixar a voz ao zoar dele.

— Olhem só o Príncipe das Trevas — dizem eles. — É a máfia do casacão.

Eles não o chamam de gay porque isso seria passar do ponto, mas parece que na verdade é disso que estão zombando, não do casaco. A expressão de Jesse, seu queixo recuado para trás e seu maxilar contraído, mostram que ele os ouviu, mas é orgulhoso demais para dizer qualquer coisa. Solto o fone e me aproximo dele depressa.

— Ei!

Sorrio para Jesse como se fôssemos bons amigos. Atrás de nós, os gêmeos Russo param de rir, o que tem menos a ver comigo e mais a ver com Margo Atherton, que está em pé junto ao ônibus tirando o moletom e deixando à mostra quinze centímetros de barriga quando sua camiseta sobe, mas mesmo assim sinto que fiz uma coisa boa. Jesse não diz nada quando embarcamos no ônibus e ocupamos nossos lugares. Antes de partirmos, porém, ele pega suas coisas e vem pelo corredor até mim.

— Posso me sentar aqui? — pergunta, e aponta para o lugar vago.

Afasto o fone de ouvido, faço que sim com a cabeça e tiro a mochila. Ele se senta com um suspiro e inclina a cabeça para trás. Fica assim até o ônibus estremecer, sair do estacionamento e voltar para a rodovia.

— Aqueles caras são uns imbecis — digo.

Ele abre os olhos de repente e respira bruscamente.

— Eles não são tão ruins — diz, abrindo seu romance e se afastando um pouco de mim.

— Mas estavam sendo babacas com você — insisto, como se fosse possível ele não ter percebido.

— Não tem problema, sério — diz ele sem tirar os olhos do livro.

Segura as páginas com força, as unhas pintadas de esmalte preto lascado.

* * *

Chegando à cidade de Québec, Madame Laurent nos guia pelas ruas de pedra e vai mostrando os edifícios históricos: a Catedral Basílica Notre-Dame de Québec, o Château Frontenac. Jesse e eu mal reparamos um no outro quando nos afastamos do restante do grupo para ver os mímicos se apresentarem sobre grandes pedestais de granito, quando descemos no funicular da cidade alta até a cidade baixa e tornamos a subir. Ele compra suvenires vagabundos: uma aquarela do Château Frontenac pintada por uma velha na rua e uma colher com uma cena do Carnaval de Inverno desenhada nas costas, que dá de presente para mim. Reencontramos o grupo uma hora depois e acho que vamos ter problemas, mas ninguém nem sequer notou nosso sumiço. Durante o resto da tarde, Jesse e eu saímos de fininho outra vez e perambulamos pelas ruas da Cidade Antiga sem falar muito, apenas nos cutucando de vez em quando para mostrar algo engraçado ou estranho.

No segundo dia da viagem tento ligar para Strane de um telefone público, mas ninguém atende e não me atrevo a deixar recado. Jesse não me pergunta para quem estou tentando ligar, não precisa perguntar.

— Ele deve estar no campus — diz. — Hoje tem um café com karaokê ou algo assim na biblioteca. Eles fazem todos os professores de humanas comparecerem.

Encaro-o enquanto torno a guardar no bolso o cartão de telefone.

— Não precisa se preocupar — diz Jesse. — Não vou contar para ninguém.

— Como é que você descobriu?

Ele me olha como se dissesse: *Está de sacanagem comigo?*

— Vocês vivem juntos. É bem óbvio o que está acontecendo. Além do mais, eu vi de perto em primeira mão.

Penso no que Strane falou sobre lar adotivo e prisão. Não tenho certeza se o que eu falei equivale a contar para Jesse, mas para ter certeza digo:

— Não é verdade.

As palavras soam tão patéticas que ele simplesmente me lança outro olhar do tipo *Ah, fala sério*.

Vamos embora no domingo de manhã. Com uma hora de viagem, Jesse suspira, apoia o romance que está lendo no colo de cabeça para baixo, olha para mim e faz um gesto para eu tirar o fone.

— Você sabe que é burrice, não sabe? — pergunta ele. — Tipo, uma burrice *inacreditável*.

— O quê?

Ele me encara por bastante tempo.

— Você e seu namorado professor.

Meus olhos percorrem os assentos à nossa volta, mas todos parecem entretidos: dormindo, lendo ou então de fone de ouvido.

Ele continua:

— Não que me incomode moralmente nem nada disso. Só estou dizendo que ele provavelmente vai estragar sua vida.

Ignoro o corte preciso que as palavras dele abrem e digo que o risco vale a pena. Eu me pergunto como devo soar para ele: delirante, corajosa ou ambos? Jesse balança a cabeça.

— O que foi?

— Você é uma idiota. Só isso.

— Nossa, valeu.

— Não estou dizendo isso como uma ofensa. Também sou um idiota, do meu jeito.

Jesse dizendo que sou idiota me lembra de quando Strane me chamou de romântica sombria; as duas coisas parecem sugerir uma tendência a tomar decisões erradas. Outro dia, Strane se referiu a mim como “depressiva” e fui pesquisar o termo: uma pessoa com tendência à melancolia.

* * *

Uma forte nevasca atinge Norumbega e nós acordamos em um campus cintilante coberto por um centímetro de gelo. Os galhos das árvores se vergam com o peso, arqueando-se na direção do solo, e a crosta de neve é tão grossa que dá para andar por cima dela sem que rache sob nossas botas. Num sábado à tarde, no sofá do escritório de Strane, nós transamos pela primeira vez à luz do dia. Depois eu evito observar o corpo nu dele fixando o olhar nos montinhos de poeira que rodopiam sob o sol fraco de inverno que a janela de vidro do mar tinge de verde. Strane traça mapas de veias azuis na minha pele, diz quanto eu o deixo faminto, que se pudesse literalmente me comeria. Ofereço-lhe o braço sem dizer nada. *Pode comer*.

Ele dá apenas uma mordida fraca, mas provavelmente eu o deixaria me rasgar em pedaços. Eu o deixaria fazer qualquer coisa.

Fevereiro começa e eu fico ao mesmo tempo melhor e pior em esconder as coisas. Paro de falar sobre Strane nos meus telefonemas noturnos para casa, mas não consigo ficar longe da sala dele. Agora praticamente faço parte da mobília. Mesmo quando outros alunos pedem ajuda com o dever de casa durante os tempos de estudo dirigido, lá estou eu sentada à mesa fingindo estar absorta no meu trabalho, mas bisbilhotando tão intensamente que minhas orelhas queimam.

Certa tarde em que estamos sozinhos, ele pega na pasta uma câmera Polaroid e pergunta se pode tirar uma foto minha à mesa.

— Quero me lembrar de como você fica sentada aí. — Imediatamente começo a rir de nervoso. Toco meu rosto e mexo no cabelo. Detesto que me fotografem. — Você pode falar que não — diz ele, mas vejo o desejo nos seus olhos, vejo como isso deve ser importante.

Se eu recusasse, ele ficaria magoado. Então o deixo tirar algumas fotos minhas, tanto à mesa quanto sentada atrás da escrivaninha dele e outra no sofá do escritório, com os pés encolhidos sob o corpo e o caderno aberto no colo. Ele fica muito agradecido e sorri enquanto observa as fotos se revelarem. Diz que vai guardá-las para sempre, como se fossem um tesouro.

Noutra tarde ele me traz um livro novo para ler: *Fogo pálido*, de Vladimir Nabokov. Começo a folheá-lo assim que ele me entrega, mas o livro não parece um romance; as páginas mostram um longo poema e uma série de notas de rodapé.

— É um livro difícil — explica Strane. — Menos acessível do que *Lolita*. É o tipo de romance que pede ao leitor que abra mão do controle. É preciso vivenciá-lo mais do que tentar entender. O pós-modernismo... — Ele não termina a frase ao ver a decepção no meu rosto.

Eu queria outro *Lolita*.

— Deixe eu lhe mostrar uma coisa. — Ele pega a edição de bolso da minha mão, abre em determinada página e aponta para uma estrofe. — Olhe, isto aqui parece falar de você.

*Venha ser venerada, venha ser acariciada,
Minha sombria Vanessa, riscada de carmim, minha abençoada
Minha Admirável borboleta! Explique*

*Como você deixou, no lusco-fusco de Lilac Lane,
O toско e histérico John Shade
Molhar de lágrimas seu rosto, sua orelha e omoplata?*

Fico sem ar e meu rosto esquenta.

— Surreal, não é? — Ele sorri para a página. — *Minha sombria Vanessa, venerada e acariciada.*

Ele alisa meu cabelo, enrosca uma mecha no dedo. Riscada de carmim, cabelo vermelho como bordo. Penso no que falei quando ele me mostrou o poema de Jonathan Swift, sobre como tudo aquilo parecia predestinado. Na época, eu não estava falando sério. Só disse aquilo para demonstrar como eu estava feliz e disposta. Mas ver meu nome naquela página agora parece uma queda livre, uma perda de controle. Talvez estivesse mesmo predeterminado. Talvez eu tenha nascido para isso.

Ainda estamos curvados acima do livro, com a mão de Strane apoiada nas minhas costas, quando o velho e já meio calvo Sr. Noyes entra na sala. Nós nos separamos feito duas flechas em direções opostas, eu de volta à mesa e Strane atrás da sua escrivaninha, obviamente pegos em flagrante. Mas o Sr. Noyes parece não se importar. Ele ri e diz para Strane:

— Estou vendo que você tem uma mascote.

Como se não fosse nada de mais. Isso me faz questionar se precisamos mesmo nos preocupar tanto em sermos descobertos. Talvez não fosse o fim do mundo se a escola soubesse. Eles poderiam lhe dar uma advertência, pedir que espere até eu me formar e completar dezoito anos.

Quando o Sr. Noyes vai embora, pergunto a Strane:

— Outros alunos e professores já fizeram isso?

— Isso o quê?

— *Isso.*

Ele ergue o rosto da mesa.

— Já aconteceu.

Ele retorna à sua leitura enquanto a pergunta seguinte pende na minha língua, um peso. Antes de soltá-la, olho para as mãos. Imagino a resposta claramente estampada no rosto dele e não quero vê-la. Na verdade, não quero saber.

— E você? Já fez isso com outra aluna?

— Você acha que eu já fiz? — retruca ele.

Ergo o rosto, pega de surpresa. Não sei o que eu acho. Sei no que quero acreditar, no que preciso acreditar, mas não faço a menor ideia de como essas coisas se alinham com o que pode ter acontecido nos anos anteriores. Ele é professor há quase tanto tempo quanto eu tenho de vida.

Strane me observa enquanto eu tento encontrar as palavras; um sorriso ameaçando surgir no rosto dele. Por fim, diz:

— A resposta é não. Mesmo se eu tivesse tido momentos de desejo, o risco nunca teria valido a pena. Não antes de você aparecer.

Reviro os olhos para tentar esconder quanto isso me faz feliz, mas as palavras dele abrem um buraco no meu peito e me deixam impotente. Nada o impede de estender a mão e pegar o que quiser lá dentro. Eu sou especial. Eu sou especial. Eu sou especial.

* * *

Estou lendo *Fogo pálido* quando a Sra. Thompson bate na minha porta para verificar o toque de recolher. Ela enfia a cabeça pela porta, sem maquiagem, o cabelo preso por um elástico fofinho. Ao me ver, risca meu nome da lista.

— Oi, Vanessa. — Ela entra no quarto. — Lembre-se de assinar antes de sair na sexta, está bem? Você esqueceu antes do feriado de Natal.

Ela se aproxima e eu dobro o cantinho da página que estou lendo e fecho o romance. Estou tonta por ter encontrado mais indícios de mim no texto: a cidade onde o protagonista mora se chama “New Wye”.

— O dever de casa vai bem? — indaga ela.

Eu nunca perguntei a Strane sobre a Sra. Thompson. Desde a festa de Halloween não os vi mais juntos, e lembro que, depois de transarmos pela primeira vez, ele disse que fazia um tempo que não trocava “intimidades”. Se eles nunca transaram, então eram apenas amigos, portanto não tenho motivos para sentir ciúmes. Sei disso tudo. Mesmo assim, quando estou perto dela sou tomada por certa maldade, uma ânsia de lhe mostrar um indício do que fiz, do que sou capaz.

Largo *Fogo pálido* de forma que ela veja a capa.

— Não é dever. Ou melhor, meio que é, acho. É para o Sr. Strane.

Ela abre um sorriso irritantemente bondoso.

— Você tem aula de literatura com o Sr. Strane?

— Aham. — Olho para cima por entre os cílios. — Ele nunca falou com a senhora sobre mim?

As rugas na testa dela se aprofundam. A expressão dura apenas um segundo. Se eu não estivesse prestando o máximo de atenção, nem sequer teria reparado.

— Não falou, não — responde ela.

— Que estranho — digo. — Nós somos bem próximos.

Vejo a desconfiança brotar no seu rosto, a sensação de que há algo errado.

* * *

Na tarde seguinte, enquanto Strane está numa reunião de professores, eu me sento à sua mesa, algo que em outra situação nunca me atreveria a fazer. A porta está fechada e não há testemunhas para me verem folhear as pilhas de trabalhos que ele tem para corrigir, suas preparações de aula, e abrir a gaveta comprida e fina que contém coisas esquisitas: um saco aberto de jujubas, uma medalha de são Cristóvão numa correntinha quebrada e um frasco de remédio para diarreia que eu enfio no fundo, enojada.

Em geral, não há nada de interessante no computador dele, apenas uma pasta de arquivos de aula e o e-mail da escola que ele raramente usa, mas, quando tiro da proteção de tela, um aviso aparece na barra de tarefas: (1) Nova mensagem de melissa.thompson@browick.edu. Clico. O e-mail é uma resposta a um anterior, três ao todo na sequência.

Para: jacob.strane@browick.edu

De: melissa.thompson@browick.edu

Assunto: Preocupação com aluna

Oi, Jake... Queria falar pessoalmente sobre esse assunto com você, mas achei melhor mandar um e-mail... De qualquer forma, talvez seja bom ter isso por escrito. Tive uma conversa estranha com Vanessa Wye uma noite dessas que envolveu você. Ela estava fazendo um dever para sua aula e comentou que vocês dois são “próximos”. Foi a palavra que ela usou... Me deu a sensação de algum ressentimento... de possessividade até, sabe? Ela com certeza parece ter uma quedinha por você... Algo para ficar atento. Sei que você disse que ela passa muito tempo na sua sala. Tome cuidado, só isso :) Melissa

Para: melissa.thompson@browick.edu

De: jacob.strane@browick.edu
Assunto: re: Preocupação com aluna

Melissa,
Valeu pelo aviso. Vou ficar de olho.
JS

Para: jacob.strane@browick.edu
De: melissa.thompson@browick.edu
Assunto: re: re: Preocupação com aluna

Sem problemas... Espero não ter me intrometido... É que eu notei um clima. Bom feriado se não nos vermos mais :) Melissa

Saio da sequência de mensagens, não sem antes marcar o último e-mail que a Sra. Thompson mandou como não lido. A resposta sucinta dele me faz gargalhar, bem como o nervosismo da Sra. Thompson, seus emojizinhos sorridentes, as reticências unindo frases incompletas. Acho que talvez ela não seja uma pessoa inteligente, ou pelo menos não tanto quanto eu. Nunca pensei isso de um professor antes.

Strane volta da reunião de mau humor, joga o bloco de anotações amarelo em cima da mesa e deixa escapar algo que é metade suspiro, metade grunhido.

— Este lugar está indo para o saco — resmunga ele. Depois estreita os olhos para o monitor. — Você tocou nisto aqui? — pergunta. Faço que não com a cabeça. — Humm. — Ele pega o mouse e dá alguns cliques. — Talvez eu precise colocar uma senha.

Ao final do tempo de estudo dirigido, enquanto ele arruma a pasta, pergunto num tom tão dolorosamente casual que nem sequer soa como eu mesma:

— Você sabe que a Sra. Thompson é a supervisora do meu alojamento, não sabe?

Eu me ocupo vestindo o casaco para não ter que olhar para ele enquanto decide o que responder.

— Sei, sim — diz ele.

Puxo o zíper até o pescoço.

— Você e ela são amigos?

— Claro.

— Porque me lembro de ter visto vocês juntos na festa de Halloween.

Olho de relance para ele e observo-o limpar os óculos na gravata e recolocá-los.

— Então você leu meu e-mail — diz ele.

Diante do meu silêncio, ele cruza os braços e me lança um de seus olhares de professor. *Sem enrolação.*

— Vocês eram mais do que amigos? — pergunto.

— Vanessa...

— Só fiz uma pergunta.

— Sim — concorda ele —, mas é uma pergunta maliciosa.

Subo e abaixo o zíper algumas vezes.

— Eu não ligo se for sim ou não. Só seria legal saber.

— E por quê?

— Porque... e se ela sentir que tem alguma coisa acontecendo entre nós dois? Pode ficar com ciúmes e...

— E o quê?

— Sei lá. Dar o troco?

— Que ridículo.

— Ela escreveu esses e-mails.

Strane se recosta na cadeira.

— Acho que a melhor solução para esse problema é você não ler meus e-mails.

Reviro os olhos. Ele está sendo evasivo, o que significa que a verdade não é o que quero escutar e que provavelmente ele e a Sra. Thompson foram mais do que amigos. Devem ter transado.

Jogo a mochila sobre um dos ombros.

— Eu já a vi sem maquiagem, sabia? Ela nem é tão bonita assim. E também é meio gorda.

— Pare — repreende ele. — Isso não é legal.

Encaro-o com raiva. Claro que não é legal; é justamente essa a intenção.

— Estou indo embora. Até daqui a uma semana, então.

Antes de eu abrir a porta da sala, ele diz:

— Você não deveria ficar com ciúmes.

— Eu não estou com ciúmes.

— Está, sim.

— Não estou, *não*.

Ele se levanta, dá a volta na mesa e atravessa a sala na minha direção. Estica a mão por cima do meu ombro, apaga a luz, segura meu rosto com as mãos e beija minha testa.

— Está bem — diz baixinho. — Está bem, você não está com ciúmes.

Deixo que ele me puxe para perto, encosto a bochecha no meio do peito dele. Seu coração ecoa no meu ouvido.

— Não tenho ciúme de qualquer caso que você possa ter tido antes de mim — diz ele.

Caso. Experimento a palavra na boca e me pergunto se significa o que eu espero que signifique: que mesmo que ele tenha feito coisas com a Sra. Thompson, não está mais fazendo, e o que quer que tenha feito com ela nunca foi sério, não como o que ele está tendo comigo.

— Não posso mudar o que fiz antes de conhecer você — diz ele. — Nem você pode.

Para mim, não existe nada antes dele, absolutamente nada, mas eu sei que a questão não é essa. A questão aqui é ele precisar de alguma coisa de mim. Não exatamente perdão, é mais uma absolvição, ou talvez apatia. Ele precisa que eu não ligue para as coisas que fez.

— Está bem — digo. — Eu não vou mais ter ciúmes.

Isso parece muito generoso, como se eu estivesse fazendo um sacrifício por ele. Nunca me senti tão adulta.

* * *

No verão passado, quando eu estava no auge do meu mau humor, mamãe tentou conversar comigo sobre garotos. Ela não entendia o que realmente havia acontecido com Jenny. Achava que tudo tivera a ver com Tom, que eu gostava dele, que ele tinha preferido Jenny a mim ou algum clichê do tipo. Os meninos levam tempo para enxergar além do que está bem na frente deles, dissera ela, e em seguida citou alguma metáfora sobre maçãs que caem das árvores e os meninos pegarem primeiro as maçãs mais fáceis de catar, mas depois de algum tempo aprenderem que as melhores maçãs exigem um pouco mais de trabalho. Eu não quis nem ouvir.

— Então você está dizendo que meninas são frutas que só existem para os meninos comerem? — perguntei. — Parece sexista.

— Não — disse ela —, não é nada disso que estou dizendo.

— Você literalmente está me chamando de maçã podre.

— Não estou, não — disse ela. — As maçãs podres são as outras meninas.

— Por que qualquer menina precisa ser uma maçã podre? Por que a gente precisa ser maçã, para começo de conversa?

Mamãe inspirou fundo e pressionou a base da mão na testa.

— Meu Deus, como você é difícil. Estou dizendo que os meninos levam mais tempo para amadurecer, só isso. Não quero que você fique frustrada.

A intenção dela era me tranquilizar, mas sua lógica era fácil de seguir: meninos nunca prestavam atenção em mim, portanto eu não era bonita, e se eu não era bonita teria que esperar muito tempo até alguém reparar em mim, porque os meninos precisavam amadurecer antes de ligarem para outra coisa. Enquanto isso, aparentemente minha única opção era esperar. Feito meninas sentadas na arquibancada de partidas de basquete vendo os meninos jogarem, ou meninas sentadas no sofá vendo meninos jogarem videogame. Uma espera interminável.

É engraçado pensar como mamãe estava errada em relação a isso tudo. Porque existe opção para quem tem coragem suficiente: passar por cima dos meninos e ir direto para os homens. Homens que nunca vão deixar você esperando; homens famintos e gratos por qualquer migalha de atenção, que se apaixonam tão intensamente a ponto de se jogarem aos seus pés.

Quando estou em casa durante o recesso de fevereiro, vou ao mercado com mamãe e faço um experimento: encaro todos os homens, mesmo os feios, especialmente os feios. Vai saber quanto tempo faz desde a última vez que uma menina os olhou assim. Sinto pena deles, do desespero que devem sentir, da solidão e tristeza. Quando reparam que estou olhando, eles ficam visivelmente confusos e franzem a testa enquanto tentam entender o que estou fazendo. Só alguns reconhecem o que eu sou e ficam sérios ao sustentarem meu olhar.

* * *

Strane diz que não pode passar uma semana sem notícias minhas. Então, certa noite, no meio do recesso, depois de os meus pais irem para a cama, levo o telefone sem fio para o quarto e enfio travesseiros debaixo da porta

para isolar o som. Sinto um frio na barriga ao discar o número dele. Quando ele atende com um alô meio grogue, eu não digo nada, subitamente mortificada ao imaginá-lo rolando de lado e atendendo ao telefone feito um velho que vai para a cama às dez da noite.

— Alô? — diz ele, e a impaciência deixa sua voz mais alta. — Alô?

Eu me compadeço.

— Sou eu.

Ele suspira e diz meu nome, assobiando os “s” entre os dentes. Está com saudades de mim. Quer que eu lhe conte como tem sido meu recesso, quer saber tudo. Faço o melhor que posso para descrever meus dias — passeios com Babe, compras na cidade, patinar no gelo enquanto o sol se põe sobre o lago congelado — ao mesmo tempo em que evito qualquer menção aos meus pais, dando a impressão de que faço tudo sozinha.

— O que você está fazendo agora? — pergunta ele.

— Estou no meu quarto. — Espero ele fazer outra pergunta, mas fica calado. Será que pegou no sono outra vez? — E você, está fazendo o quê?

— Pensando.

— Em quê?

— Em você — diz ele. — E em quando estive aqui nesta cama. Lembra como foi?

Respondo que sim, embora saiba que o que eu senti e o que ele sentiu provavelmente foram coisas bem distintas. Se eu fechar os olhos, sinto os lençóis de flanela, o peso do edredom de penas. A mão dele no meu pulso, guiando-o para baixo.

— O que está vestindo? — pergunta ele.

Meus olhos se fixam na porta e prendo a respiração, atenta a qualquer barulho vindo do quarto dos meus pais.

— Pijama.

— Igual àquele que eu comprei para você?

Digo que não e rio ao pensar em usar algo como aquilo na frente dos meus pais.

— Me conte como é o seu pijama — pede ele.

Baixo os olhos para a estampa de carinhas de cachorro, hidrantes e ossos.

— É ridículo. Você não iria gostar.

— Tire o pijama — diz ele.

— Está muito frio. — Mantenho a voz leve, fingindo ingenuidade, mas sei o que ele quer que eu faça.

— Tire.

Ele aguarda e eu não me mexo. Quando pergunta “Tirou?”, minto e digo que sim.

E a coisa segue daí, ele me dizendo o que fazer e eu não fazendo nada do que ele pede, mas deixando-o acreditar no contrário. Continuo indiferente, um pouco irritada, até ele começar a dizer: “Você é um bebê, uma menininha.” Então algo muda dentro de mim. Não me toco, mas fecho os olhos e me permito sentir um frio na barriga enquanto penso no que ele está fazendo e que está pensando em mim.

— Você faria algo por mim? — pergunta ele. — Quero que diga uma coisa. Só algumas palavrinhas. Você faria isso? Diria algumas palavrinhas para mim?

Abro os olhos.

— Está bem.

— Está bem? Ok. Está bem. — Ouço alguns ruídos, como se ele estivesse trocando o telefone de uma orelha para a outra. — Quero que você diga “te amo, papaizinho”.

Por um segundo, eu rio. É ridículo demais. *Papaizinho*. Não chamo nem meu próprio pai assim, não me lembro de já ter chamado ele desse jeito, mas enquanto estou rindo minha mente se afasta e não acho mais aquilo engraçado. Não acho mais nada. Fico vazia, ausente.

— Vai — diz ele. — Te amo, papaizinho.

Com os olhos fixos na porta do meu quarto, eu não digo nada.

— Só uma vez. — A voz dele soa alterada e rascante.

Sinto meus lábios se moverem e minha cabeça é preenchida por estática, um ruído branco tão alto que mal escuto os sons que saem da minha boca ou os ruídos de Strane: respiração pesada e grunhidos. Ele pede que eu repita, e mais uma vez minha boca forma as palavras, mas é só meu corpo, não meu cérebro.

Eu estou muito longe. Estou suspensa no ar, rodopiando, como fiquei no dia em que ele me tocou pela primeira vez, quando saí voando pelo campus feito um cometa com rabo vermelho como bordo. Agora saio voando da casa para a noite lá fora, passo por entre os pinheiros e por cima do lago congelado onde a água se move e geme abaixo do gelo. Ele pede que eu diga mais uma vez as palavras. Vejo eu mesma de protetor de

orelhas e patins brancos deslizando pela superfície, seguida por uma sombra debaixo da camada de trinta centímetros de gelo: Strane, nadando próximo ao fundo turvo, seus gritos suavizados por grunhidos.

A respiração entrecortada dele cessa e eu aterrisso de volta no meu quarto. Ele acabou; é o fim. Tento imaginar como funciona quando ele faz isso, se goza na mão, numa toalha ou direto no lençol. Que nojento é para os homens; eles têm uma gosma que os denuncia no final. O pensamento *Você é um nojento, porra* passa pela minha cabeça.

Strane pigarreia.

— Bom, é melhor eu deixar você dormir — diz ele.

Depois que ele desliga, jogo o telefone, que se abre e as pilhas rolam pelo chão. Passo muito tempo deitada na cama, acordada, mas sem me mexer, com olhos fixos nas sombras azuis e a mente cheia de nada, vítrea e parada o suficiente para patinar em cima.

* * *

Mamãe só me diz que me ouviu ao telefone quando estamos voltando de carro para Browick. Quando ela comenta isso, minha mão agarra a maçaneta da porta como se eu fosse abri-la e me jogar no acostamento.

— Você parecia estar falando com um menino — diz ela. — Estava?

Mantenho os olhos fixos à frente. Praticamente só Strane falou, mas ela pode ter pegado a extensão e escutado. Meus pais não têm telefone no quarto e eu estava usando o único sem fio. E se eu não tivesse ouvido ela descer?

— Tudo bem se você estava — acrescenta ela. — E tudo bem você ter um namorado. Não precisa guardar segredo.

— O que você escutou?

— Nada, na verdade.

Observo-a com o canto do olho. Não sei se ela está dizendo a verdade. Por que acha que eu estava falando com um menino se não escutou nada? Minha mente corre junto com o carro enquanto tenta acompanhar a situação. Ela deve ter ouvido alguma coisa, mas não o suficiente para desconfiar de nada fora do normal. Se tivesse escutado a voz grave e inconfundivelmente adulta de Strane, ela teria surtado na mesma hora, entrado feito um furacão no meu quarto e arrancado o telefone das minhas

mãos. Não esperaria estarmos sozinhas no carro para mencionar o fato com tanta delicadeza.

Solto o ar lentamente e diminuo a pressão na maçaneta da porta.

— Não conte para o papai.

— Não vou contar — diz ela com uma voz animada. Parece satisfeita, feliz por eu ter me confidenciado com ela e dividido meu segredo, ou talvez esteja aliviada com a ideia de eu ter um namorado, de estar socializando, me enturmando. — Mas quero que me fale sobre ele.

Ela pergunta como ele se chama, e por um segundo me dá um branco; eu nunca o chamo pelo primeiro nome. Poderia usar um nome falso, e provavelmente deveria, mas a tentação de colocar para fora é grande demais.

— Jacob.

— Ah, gostei. Ele é bonito?

Dou de ombros, sem saber bem o que dizer.

— Não faz mal — diz ela. — Beleza não é tudo. O mais importante é ele te tratar bem.

— Ele me trata bem.

— Ótimo — diz ela. — É só isso que importa para mim.

Apoio-me no encosto de cabeça e fecho os olhos. Parece que estou coçando uma coceira; é um alívio ouvi-la dizer que ser bem tratada por Strane é a coisa mais importante, mais do que a beleza. E se me tratar bem é mais importante do que a beleza, então é mais importante do que a diferença de idade ou o fato de ele ser meu professor.

Mamãe começa a fazer mais perguntas — em que ano ele está, de onde ele é, que aulas nós temos juntos — e meu peito se contrai, balanço a cabeça e digo:

— Não quero mais falar sobre isso.

Passamos um quilômetro e meio em silêncio até que ela pergunta:

— Você está transando?

— Mãe!

— Se estiver, deveria tomar pílula. Vou marcar uma consulta para você.

— Ela para e continua baixinho, mais para si mesma do que para mim: — Não, você só tem quinze anos. É muito nova. — Olha para mim com a testa franzida. — Eles supervisionam você lá. Não é nenhum oba-oba.

Fico sentada, imóvel, sem piscar, sem saber se ela quer mesmo que eu a tranquilize. Sim, eles nos supervisionam. Os professores nos vigiam bem

de perto. De repente aquilo me deixa enjoada: a conversa, a mentira, tratar tudo como se fosse um jogo.

Será que eu sou um monstro?, penso. *Devo ser. Caso contrário, não mentiria assim.*

— Devo marcar uma consulta? — pergunta ela.

Penso em Strane pressionando meu quadril para me segurar, na operação dele, uma vasectomia. Nego com a cabeça e mamãe suspira, aliviada.

— Eu só quero que você seja feliz — diz ela. — Feliz e cercada por pessoas que tratam você bem.

— Eu sou — digo. Enquanto a mata passa num borrão, aventuro-me mais um pouco: — Ele diz que eu sou perfeita.

Mamãe comprime os lábios para conter um sorriso maior.

— O primeiro amor é muito especial — diz ela. — Você não vai esquecer nunca.

* * *

Strane está de mau humor no primeiro dia em que voltamos, mal olha para mim na aula e ignora minha mão levantada. Estamos lendo *Adeus às armas*, e quando Hannah Levesque diz que o romance é chato, Strane dispara que Hemingway provavelmente a acharia chata também. Ameaça Tom Hudson com uma violação do código de vestimenta porque o zíper do moletom dele está aberto e dá para ver a camiseta do Foo Fighters. No fim da aula, tento ir embora com todo mundo, pela primeira vez sem nenhuma vontade de ficar. Mas antes de eu chegar à porta, Strane chama meu nome. Eu paro, e os outros alunos continuam passando por mim como a correnteza de um rio: Tom com o maxilar contraído de raiva, Hannah com uma expressão magoada, Jenny me olhando de esguelha como se quisesse dizer alguma coisa, as palavras empilhadas atrás dos seus lábios.

Quando a sala esvazia, Strane fecha a porta, apaga as luzes e me leva até seu escritório, onde o radiador está ligado no máximo, a janela de vidro do mar embaçada. Ele se apoia na mesa em vez de se sentar no sofá ao meu lado, o que parece proposital, como se mandasse um recado. Liga a chaleira elétrica e fica sem dizer nada durante o tempo necessário para a água ferver e ele preparar uma xícara de chá, que não me oferece.

Quando ele finalmente fala, sua voz é bem-articulada, profissional. Com a caneca de chá fumegando na mão, ele diz:

— Sei que está chateada por causa do que eu pedi para você fazer durante nosso telefonema.

Só que eu tinha praticamente esquecido o telefonema e o que ele tinha me pedido para dizer. Mesmo quando tento lembrar, a memória não volta direito. Meu cérebro se desvia da lembrança, repellido por uma força fora do meu controle.

— Não estou chateada — digo.

— É óbvio que está.

Franzo a testa. Aquilo parece um truque; quem está chateado é ele, não eu.

— A gente não precisa falar sobre isso.

— Precisa, sim.

Ele é quem mais fala, dizendo como o recesso lhe deu tempo para pensar em todas as maneiras como eu continuo sendo um mistério para ele. Como ele não me conhece de fato. Começou a se perguntar se está se projetando em mim, enganando-se para pensar que existe uma conexão entre nós quando na verdade está vendo um reflexo de si mesmo.

— Passei até a me perguntar se você gosta de fazer amor ou se é só uma performance para me agradar.

— Eu gosto — digo.

Ele suspira.

— Eu quero acreditar em você. De verdade, eu quero.

Ele continua falando enquanto anda de um lado para outro pelo escritório apertado.

— O que sinto por você é muito forte — diz. — Às vezes tenho medo de cair morto por causa disso. É mais forte do que qualquer coisa que já senti por qualquer mulher. Nem sequer pertence ao mesmo universo de sentimento. — Ele para e olha para mim. — Você fica assustada ouvindo um homem como eu falar assim sobre você?

Um homem como eu. Faço que não com a cabeça.

— Como isso faz você se sentir?

Olho para o teto enquanto tento escolher a palavra certa.

— Poderosa?

Depois disso ele relaxa um pouco, tranquilizado com a ideia de fazer com que eu me sinta poderosa. Diz que quinze anos é uma idade estranha,

um verdadeiro paradoxo. Que no meio da adolescência você tem mais coragem do que nunca por causa da maneira como o cérebro funciona nessa idade, da combinação de maleabilidade com arrogância.

— Neste exato momento — diz ele —, aos quinze anos, você provavelmente se sente mais velha do que vai se sentir aos dezoito ou aos vinte. — Ele ri, se agacha na minha frente e aperta minhas mãos. — Meu Deus, imagine só você com vinte anos.

Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Era assim que você se sentia? — pergunto. — Quando tinha... — Não completo a frase, *quando tinha a minha idade*, porque parece algo que uma criança diria, mas ele entende mesmo assim.

— Não, mas meninos são diferentes. São inconsequentes na adolescência. Só viram pessoas de verdade na idade adulta. As meninas se tornam reais muito cedo. Quatorze, quinze, dezesseis anos. É nessa época que a mente de vocês liga. É uma coisa linda de se ver.

Quatorze, quinze, dezesseis anos. Ele é como Humbert Humbert, atribuindo significados míticos a determinadas idades. Pergunto:

— Você não quer dizer de nove a quatorze? — Digo isso para provocá-lo, imaginando que vai entender a referência, mas ele me olha como se eu o tivesse acusado de algo horrível.

— Nove? — Ele inclina a cabeça para trás. — Eu nunca faria isso. Meu Deus, nove, *não*.

— É brincadeira — digo. — Como em *Lolita*. A idade que as ninfetas supostamente devem ter.

— É isso que você acha que eu sou? — pergunta ele. — Um pedófilo? — Como eu não respondo, ele se levanta e recomeça a andar. — Você leva o livro ao pé da letra demais. Não sou aquele personagem. Não é isso que a gente é.

A crítica faz minhas bochechas arderem. Aquilo parece injusto... Quem me deu o romance foi ele. O que esperava?

— Eu não sinto atração por crianças — continua ele. — Quer dizer, olhe só para você, para o seu corpo. Você não tem nada de criança.

Estreito os olhos.

— Como assim?

Ele para, afastando a raiva por um momento, e eu sinto o poder voltar ligeiramente para mim.

— Bom, a sua aparência — diz ele. — Você é...

— Sou o quê?

Do sofá, observo-o se esforçar para encontrar as palavras.

— Só estou querendo dizer que você é bastante desenvolvida. Parece mais uma mulher do que outra coisa.

— Então eu sou gorda.

— Não. Meu Deus, não. Não é isso que estou dizendo. É claro que não. Olhe para mim, gordo sou eu. — Ele dá um tapa na barriga, tentando me fazer rir, e parte de mim quer rir porque eu sei que não é isso que ele está dizendo, mas deixá-lo mal é bom. Ele se senta ao meu lado e segura meu rosto entre as mãos. — Você é perfeita. É perfeita, perfeita, perfeita.

Passamos um tempo em silêncio, ele me observando enquanto eu encaro o teto com a testa franzida, sem querer perder a vantagem assim tão cedo. Olho para ele e noto uma gota de suor escorrendo por sua bochecha. Também estou suando nas axilas e debaixo dos seios.

Ele me encara.

— Sabe aquilo que eu pedi para você dizer pelo telefone? Era uma fantasia. Na verdade, eu não faria isso. Eu não seria isso.

Não digo nada e torno a virar o rosto para o teto.

— Você acredita em mim? — pergunta ele.

— Não sei. Acho que sim.

Ele estende os braços para me segurar, me puxa para o seu colo, me abraça e me segura de modo que meu rosto encosta no seu peito. Às vezes é mais fácil falar assim, quando não estamos nos olhando.

— Eu sei que sou um pouco sombrio — diz ele. — Não consigo evitar. Sempre fui assim. É um jeito solitário de viver, mas eu tinha me conformado com essa solidão até você aparecer. — Ele puxa meu cabelo. *Você.* — Quando você começou a me entregar aqueles poemas e a correr atrás de mim, primeiro eu pensei ok, essa menina está a fim de mim. Nada de mais. Vou deixar que ela me dê mole e ficar um pouco na sala, nada além disso. Só que quanto mais tempo eu passava com você, comecei a pensar: meu Deus, essa menina é igual a mim. Diferente dos outros, deseja coisas sombrias. Certo? Você não é assim? Não deseja isso?

Ele espera minha resposta, espera eu dizer que sim, que eu sou essas coisas, mas o que descreve não é algo que eu já tenha pensado sobre mim mesma, e a lembrança de que eu corri atrás dele também parece errada. Ele me deu livros antes de eu ter lido dado qualquer poema. Foi ele quem falou que queria me dar um beijo de boa-noite, que meu cabelo tinha a cor

das folhas de bordo vermelho. Isso tudo aconteceu antes mesmo de eu me dar conta do que realmente estava se passando. Então penso nele insistindo que quem está no comando sou eu e que ele não liga para os casos inexistentes que eu tive antes dele. São coisas nas quais ele precisa acreditar para suportar a si mesmo, e seria cruel se eu as rotulasse como mentiras.

— Pense no jeito que reagiu na primeira vez em que eu toquei em você — diz ele. — Qualquer uma daquelas meninas da sua turma teria ficado horrorizada se eu tivesse feito aquilo, mas você, não.

Ele segura um chumaço do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás a fim de ver meu rosto. Não é um gesto violento, mas tampouco é suave.

— Quando estamos juntos — diz ele — é como se a escuridão dentro de mim viesse à tona e encostasse na escuridão dentro de você. — Sua voz treme de emoção e seus olhos estão grandes e brilhantes, cheios de amor.

Ele observa meu rosto e eu sei o que está procurando: reconhecimento, compreensão, uma garantia de que não está sozinho.

Penso na perna dele encostando em mim atrás da escrivaninha, na sua mão acariciando meu joelho. Pouco me importava ele não ter perguntado se podia, ou que ele fosse meu professor, ou o fato de ter outras nove pessoas na sala. Assim que aconteceu eu quis que acontecesse de novo. Uma menina normal não teria reagido dessa forma. Existe uma escuridão em mim, algo que sempre esteve ali.

Quando eu lhe digo que sim, que também sinto aquilo — a escuridão dentro dele, a escuridão dentro de mim —, ele se derrete em gratidão e adoração, e suas mãos puxam meu cabelo com mais força. Por trás dos óculos, seus olhos se dilatam de desejo. Ele só quer, quer, quer. Às vezes, quando está em cima de mim, gemendo de olhos fechados — nem sequer reparando se estou excitada, triste ou entediada —, tenho a sensação de que tudo que ele quer de fato é deixar uma parte sua dentro de mim, marcar o território, não me engravidar nem nada disso, algo mais permanente. Ele quer ter certeza de que vai estar sempre ali, aconteça o que for. Quer deixar suas digitais impressas por todo o meu corpo, em cada pedaço de músculo e osso.

Ele então mete em mim com força, escora as pernas no braço do sofá e grunhe no meu ouvido. É estranho saber que, toda vez que eu me lembrar de mim aos quinze anos, é nisso que vou pensar.

2017

Está acontecendo um evento da Oktoberfest no hotel e o pátio está cheio de barris, canecas plásticas de cerveja e casais de meia-idade se enchendo de *bratwurst*. Enquanto isso, fico sentada atrás do balcão do concierge estraçalhando um pretzel macio com os dedos, os hóspedes bêbados demais para precisar de qualquer ajuda minha.

A maioria dos funcionários também está bêbada. O gerente do restaurante estava quase caindo no chão quando eu cheguei. Agora está no escritório dos fundos, tomando café para ficar sóbrio antes do rush da hora do jantar. Os manobristas estacionam os carros com pernas e braços bambos e olhares desfocados, e atrás do balcão da recepção até mesmo a filha do dono, de apenas dezessete anos, toma disfarçadamente alguns golinhos de um copo alto. Eu tomei dois Sazeracs, o suficiente para ficar altinha.

Distraída, fico clicando a esmo no computador, percorrendo o loop infinito e-mail-Twitter-Facebook-e-mail-Twitter-Facebook. A jornalista voltou a me escrever, uma mensagem educada, mas insistente — Oi, Vanessa. Queria falar com você de novo e reiterar que estou comprometida com revelar a sua verdade —, um quê de tensão nas palavras conforme ela tenta apelar para o desejo de vingança que imagina que eu tenha.

Com o canto do olho, vejo um hóspede bêbado cambalear lobby adentro e encaro mais intensamente a tela do computador, encolho os ombros e faço uma careta, pois sei que vai ser menos provável ele me incomodar se eu parecer feia. Ouço o homem dizer “Oi, meu bem” e um nó surge no meu estômago de imediato, mas os olhos dele estão fixos em Inez, a adolescente de dezessete anos que está atrás do balcão da recepção. Volto para o computador, para o e-mail da jornalista. Revelar a sua verdade. A minha verdade. Como se eu tivesse alguma ideia do que seja isso.

Atrás do balcão da recepção, Inez tenta esconder o copo, mas o homem o vê.

— O que você tem aí? — Ele espia por cima do balcão. — Bebendo em serviço? Que menina má.

Não parece ser minha mão mexendo o mouse pela tela. Alguma outra pessoa o guia até o canto superior direito e clica em “encaminhar”.

A risada de Inez é aguda e tensa. O homem interpreta isso como um incentivo, apoia os cotovelos no balcão e chega mais perto. Estreita os olhos para o crachá dela.

— *Inez*. Nome bonito.

— Ahn, obrigada.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

O homem balança a cabeça e o dedo.

— Não tem como você ter vinte e um anos — diz ele. — Acho que só olhar para você basta para me colocar na cadeia.

Meus dedos se movem de tecla em tecla e digitam `jacob.strane@browick.edu` no campo do destinatário enquanto observo o bêbado dizer para Inez como ela é bonita, como o faz desejar ter trinta anos a menos. Ela dá uma olhada no lobby em busca de ajuda com um sorrisinho estampado no rosto e seus olhos se fixam em mim por um segundo, bem na hora em que pego o mouse, movo o cursor até “enviar” e clico.

O e-mail é enviado, a confirmação mensagem enviada pisca no alto da tela, e então... nada acontece. Não sei o que espero, um alarme, um crescendo de sirenes, mas o lobby permanece igual, o bêbado continua secando Inez, e ela segue me olhando em busca de ajuda enquanto retribuo o olhar e penso: *O que você quer de mim? Precisa mesmo de resgate? Isso não é nada. Você está segura, ele está do outro lado do balcão e não vai encostar em você. Se está com tanto medo, vá para o escritório dos fundos ou diga com todas as letras para ele ir embora. Deveria saber lidar com essa situação.*

Atrás de mim, um elevador se abre e o zelador surge empurrando um carrinho com várias caixas de vinho empilhadas para o evento no pátio. Vendo uma oportunidade, Inez sai correndo de trás do balcão.

— Precisa de ajuda, Abdel? — pergunta ela.

O zelador nega com a cabeça, mas mesmo assim ela segura uma das pontas do carrinho. O hóspede bêbado a observa desaparecer pelo corredor, com os braços caídos ao lado do corpo. Quando ela some, ele olha por cima do ombro e pela primeira vez repara em mim.

— Está olhando o quê? — pergunta, então torna a sair cambaleando para o pátio.

Solto o ar, volto a atenção para a tela do computador e recomeço o loop e-mail-Twitter-Facebook quando meu celular vibra com uma ligação de

Strane. Fico olhando o aparelho vibrar em cima do balcão até cair na caixa postal. Ele tenta uma segunda vez, depois uma terceira, várias vezes seguidas. A cada chamada perdida, algo dentro de mim ganha força, uma sensação de superioridade, um sentimento de triunfo. Talvez, no fim das contas, a tal jornalista não esteja enganada. Talvez exista em algum lugar dentro de mim uma vingança à espreita.

* * *

Quando meu turno acaba, vou para um bar. Sentada num banco alto, ainda de uniforme e tomando uísque com água, percorro meus contatos e mando algumas mensagens de texto para ver quem pode estar disponível para falar comigo às onze e quinze de uma segunda à noite. Ira me ignora, assim como o homem que levei para casa algumas semanas atrás e que foi embora do meu apartamento o mais rápido possível depois de eu ficar calada e inerte debaixo dele, com o corpo todo encolhido e o rosto escondido nas mãos. Apenas um morde a isca: um divorciado de cinquenta e um anos com quem fui para a cama alguns meses atrás. Não gostei de como ele falava comigo nem do fato de ter tratado a nossa diferença de idade como algo saído de um filme pornô, chamando a si mesmo de Papaizinho e perguntando se eu queria levar umas palmadas. Tentei lhe dizer para relaxar e ficar normal, mas ele não quis escutar; tapou minha boca com uma das mãos e disse: *Você gosta disso, você gosta, sim, sabe que gosta.*

Eu: Estou bebendo sozinha.

Ele: Jovenzinhas nunca deveriam beber sozinhas.

Eu: Ah, é?

Ele: Aham. Você deveria me escutar. Eu sei o que é melhor para você.

Entre uma mensagem e outra recebo mais uma ligação de Strane, a sétima desde que lhe encaminhei o e-mail da jornalista. Clico em “recusar chamada”, mando por mensagem o endereço para o divorciado e quinze minutos depois ele e eu estamos dividindo um cigarro no beco atrás do bar. Pergunto como ele tem passado; ele me pergunta se andei sendo uma menina má.

Encaro-o enquanto trago o cigarro e tento avaliar se ele está falando sério, se espera mesmo que eu responda.

— Porque você está com cara de quem andou sendo má — diz ele.

Não falo nada e baixo os olhos para o celular. Mensagem de texto de Strane: Não sei o que você está tentando dizer me mandando aquele e-mail. Enquanto estou lendo, outra mensagem aparece: Vanessa, eu não estou com paciência para joguinhos agora. Me faça a cortesia de se comportar como adulta. O divorciado se aproxima de mim e me imprensa contra a parede de tijolos do bar. Escondido atrás dos latões de lixo, pressiona o corpo no meu e tenta enfiar a mão na minha calça. No início eu rio e tento me desvencilhar. Ele insiste, então eu o empurro. Ele recua, mas continua me imprensando, ofegante, com o peito arfando. Jogo o cigarro longe e as cinzas caem no sapato dele.

— Relaxe — digo. — Fique tranquilo, está bem?

Meu telefone toca, e porque o divorciado está ali, ou então porque sei que deixei Strane em pânico, a única coisa que eu realmente queria, ou ainda porque estou bêbada e, portanto, burra, deslizo o dedo pela tela e atendo.

— O que você quer?

— “O que você quer?” — repete Strane. — É assim que você quer lidar com isso?

Jogo o cigarro no chão e o esmigalho, muito embora o tenha fumado só até a metade. Por isso, imediatamente reviro a bolsa para pegar outro, recusando com um aceno o isqueiro que o divorciado me oferece.

— Está bem — diz o divorciado. — Vou deixar você em paz. Eu entendo uma indireta.

Ao telefone, Strane pergunta:

— Quem é esse? Tem alguém aí com você?

— Não é nada — respondo. — Não é ninguém.

O divorciado resmunga, se vira como se fosse voltar para o bar e em seguida olha por cima do ombro como se eu fosse impedi-lo.

— Por que você me encaminhou aquele e-mail? — pergunta Strane. — O que está planejando fazer?

— Não estou planejando nada — digo. — Só queria que você visse.

Os dois ficam quietos, Strane ao telefone e o divorciado segurando a porta aberta enquanto espera que eu peça a ele que fique. Ele está usando a mesma roupa de quando ficamos pela primeira vez: calça jeans preta, camiseta preta, casaco de couro preto, coturnos pretos: o uniforme dos

babacas já meio velhos com os quais eu tenho saído ultimamente, homens que afirmam gostar de mulheres fortes, mas só conseguem lidar com aquelas que se comportam como meninas.

— Entendo que possa ser tentador — diz Strane, escolhendo com cuidado cada palavra — entrar na onda dessa histeria que está na moda. E sei que seria fácil para você descrever o que aconteceu entre a gente como... inapropriado, ou abusivo, ou qualquer outro rótulo que quiser. Não tenho dúvida alguma de que você me transformaria no que quisesse... — Ele para, inspira. — Mas, meu Deus, Vanessa, você quer mesmo carregar esse rótulo pelo resto da vida? Porque, se fizer isso, se contar, essa história vai grudar em você...

— Não vou fazer nada — digo. — Não vou responder, não vou contar. Está bem? Não vou. Só queria que você visse o que está acontecendo aqui do meu lado, sabe? Deveria entender que não é só sobre você.

Através do aparelho, sinto a maré pender para ele, um súbito acúmulo de sentimentos. Ele dá uma risada amarga.

— O problema é esse? — pergunta. — Está precisando de atenção e empatia? Justo agora, no meio dessa tormenta, foi esse o momento que você escolheu para bancar a magoada?

Começo a me desculpar, mas ele me interrompe:

— Está comparando o que estou enfrentando a você ter recebido alguns e-mails? — pergunta ele, praticamente aos berros. — Você enlouqueceu, porra?

Ele me lembra de que, nessa situação, a vantagem é minha. Será que eu não percebo o poder que tenho? Se a história de nós dois viesse a público, ninguém me culparia por nada, por porra nenhuma. Tudo cairia nas costas dele.

— Preciso carregar o peso disso sozinho — diz ele. — E só estou pedindo que você não piore as coisas.

Acabo chorando, com a testa encostada na parede de tijolos do beco. *Desculpe. Não sei o que tem de errado comigo. Desculpe, você tem razão, você tem razão.* Ele também chora. Diz que está com medo, que tudo está começando a ficar ameaçador. Ele voltou a dar aulas, mas metade dos alunos abandonou as turmas, todos os que ele supervisionava foram transferidos, ninguém o encara. Estão esperando um motivo para se livrar dele.

— Eu preciso de você do meu lado, Vanessa — diz ele. — Preciso de você.

* * *

Volto para dentro, sento-me ao bar e fico de cabeça baixa até o divorciado tocar meu ombro. Levo-o para casa, deixo ele ver a bagunça, deixo que faça tudo o que quiser, não me importo. De manhã, ele dá um tapa na minha maconha enquanto eu finjo dormir. Nem quando ele vai embora abro os olhos ou me mexo. Fico na cama até dez minutos antes de o meu turno começar.

Só vejo a matéria quando já estou no trabalho. Saiu na primeira página do jornal de Portland: “Professor veterano de colégio interno suspenso em meio a novas denúncias de abuso sexual.” São cinco meninas acusando-o agora. Taylor Birch e quatro outras: duas recém-formadas e duas alunas, todas menores de idade na época dos supostos abusos.

Durante o resto do turno, uso a memória muscular a fim de ligar para restaurantes, confirmar reservas com hóspedes, anotar indicações de caminho, desejar uma ótima noite a todos. Do outro lado do lobby, manobristas empurram carrinhos de bagagem lotados de malas e na recepção Inez atende ao telefone com sua voz aguda e melodiosa:

— Obrigada por ligarem para o Old Port Hotel.

Fico escondida no canto do lobby, imóvel, com a cabeça vazia e o olhar perdido a meia distância. O dono do hotel passa e comenta que estou parecendo muito profissional. Ele gostou da minha postura, de como nos meus olhos não há nada exceto uma tranquilidade vazia.

A matéria diz que Strane preparou as meninas para seduzi-las. *Preparou*. Fico repetindo a palavra para tentar entender o significado, mas tudo em que consigo pensar é na sensação deliciosa de calor que eu tinha quando ele acariciava meu cabelo.

2001

— *Vanessa, você precisa* mostrar melhor o passo a passo — diz a Sra. Antonova enquanto alisa meu dever de casa de geometria amassado para a sessão de orientação daquela semana. — Senão de que maneira vou entender como você chegou à solução?

Resmungo algo do tipo “Isso não deveria importar contanto que as respostas estejam certas”, e a Sra. Antonova me lança um olhar demorado por cima dos óculos. Eu deveria saber por que importa; ela já explicou várias vezes.

— Como está se sentindo em relação ao teste na sexta que vem? — pergunta ela.

— Do mesmo jeito que me senti em relação a todos os outros testes.

— Vanessa! Que atitude é essa? Você não é assim. Sente-se direito, tenha respeito.

Ela estende a mão e bate com o lápis no meu caderno que eu ainda não abri. Suspiro, endireito as costas que estavam curvadas e abro o caderno.

— Quer repassar o teorema de Pitágoras? — pergunta ela.

— Se acha que eu preciso.

Ela tira os óculos e os apoia no cabelo de algodão-doce.

— Estes encontros não deveriam ser eu dizendo para você o que fazer. O que você sentir necessidade, nós revemos, está bem? Mas preciso que me encontre... — gesticula ela com uma das mãos, à procura das palavras — ... no meio do caminho.

No final do encontro, junto apressadamente minhas coisas, pois quero atravessar o campus até o prédio de humanas para encontrar Strane antes da reunião de professores dele, mas a Sra. Antonova me detém.

— Vanessa, eu queria lhe perguntar — diz ela.

Mordo o interior da bochecha enquanto ela recolhe o livro, o fichário, a bolsa.

— Como vão as suas outras aulas? — pergunta ela, pegando a pashmina no encosto da cadeira.

Ela coloca o pano em volta dos ombros e penteia a franja com os dedos. Parece se mexer devagar de propósito.

— Vão bem.

Ela segura a porta da sala aberta para mim e pergunta:

— E a sua nota de literatura?

Aperto meu livro com mais força.

— Está boa.

Enquanto percorremos o corredor, finjo não reparar em como ela me observa.

— Estou perguntando porque soube que você passa bastante tempo na sala do Sr. Strane — diz ela. — É verdade?

Engulo com força a saliva, contando cada passo.

— Acho que sim.

— Você fazia parte do clube de escrita criativa, mas eles só se reúnem no outono, não é? E você é boa em literatura, então não pode ser porque precisa de ajuda extra.

Dou de ombros, minha melhor tentativa de parecer indiferente.

— O Sr. Strane e eu somos amigos.

A Sra. Antonova me analisa e rugas fundas se formam entre suas sobrancelhas.

— Amigos — repete ela. — É isso que ele diz a você? Que vocês dois são amigos?

Viramos no corredor e as portas duplas surgem à frente.

— Desculpe, Sra. Antonova. Estou cheia de dever para fazer — digo.

Saio trotando pelo corredor, abro uma das portas duplas e desço os degraus aos pulos. Por cima do ombro, agradeço a ela por toda a ajuda.

* * *

Não comento com Strane sobre as perguntas da Sra. Antonova, pois tenho medo de que ele diga que precisamos ser mais cautelosos, sendo que já combinamos de eu ir à casa dele no dia da visita dos alunos novos, um sábado cheio de estudantes do oitavo ano de olhos arregalados que percorrem o campus em bandos com os pais. Strane diz que é uma boa noite para fazer algo clandestino, que eventos especiais inevitavelmente são confusos e as coisas passam despercebidas com mais facilidade.

Às dez da noite, repito o que fiz da última vez: me apresento à Sra. Thompson para o toque de recolher e saio de fininho pela escada dos fundos, a do alarme quebrado. Enquanto atravesso correndo o campus, ouço barulhos vindos do refeitório: caminhões de entrega, portas de metal

batendo, vozes masculinas no escuro. A caminhonete de Strane está novamente me esperando com os faróis apagados no estacionamento dos professores perto do prédio de humanas. Ele parece vulnerável à minha espera no carro, preso dentro de um quadradinho. Quando bato no vidro, sobressalta-se e leva uma das mãos ao peito, e por alguns instantes apenas fico ali, observando-o pela janela e pensando: *Ele poderia enfartar. Poderia morrer.*

Na casa dele, sento-me em frente à bancada da cozinha e fico batendo com os calcanhares nas pernas da cadeira enquanto ele prepara ovos mexidos com torradas. Tenho quase certeza de que a única coisa que ele sabe cozinhar é ovo.

— Você acha que alguém desconfia de que tem alguma coisa acontecendo entre a gente? — questiono.

Ele me olha, surpreso.

— Por que a pergunta?

Dou de ombros.

— Sei lá.

A torradeira apita e a torrada pula. As fatias estão escuras demais, quase queimadas, mas não digo nada. Ele põe os ovos em cima das torradas com uma colher e coloca o prato na minha frente.

— Não, acho que ninguém desconfia. — Ele pega uma cerveja na geladeira e fica bebendo enquanto me observa comer. — Você quer que as pessoas desconfiem?

Dou uma mordida grande para ganhar tempo antes de responder. Algumas perguntas que ele me faz são normais, outras são testes. Essa parece um teste. Enquanto engulo, digo:

— Eu quero que saibam que sou especial para você.

Ele sorri, estende a mão até meu prato e, com os dedos, pega um pouco de ovo e joga dentro da boca.

— Pode confiar, disso elas com certeza sabem — diz.

Ele me surpreende com um filme para assistirmos: *Lolita*, a versão antiga de Kubrick. Parece ser o modo que arranjou de se desculpar por ter dito que eu levo o romance ao pé da letra demais. Enquanto assistimos, ele me deixa tomar uma cerveja, e depois, quando vamos para a cama e eu visto de novo o pijama de morangos, estou tão alterada que quando ele pede que eu fique de quatro para me chupar por trás eu não sinto vergonha,

simplesmente obedeco. Depois que o sexo termina, ele vai para a sala e pega a Polaroid.

— Não se vista ainda — diz.

Cubro o peito com os braços e faço que não com a cabeça, de olhos arregalados.

Com um sorriso gentil, ele me garante que é o único que vai ver as fotos.

— Quero me lembrar deste instante — diz ele. — De como você está agora.

Ele tira as fotos. Depois eu me enrolo no edredom e Strane espalha as fotos pelo colchão. Juntos, nós as observamos se revelarem, a cama e meu corpo emergindo da escuridão.

— Meu Deus, olhe só para você — diz Strane, olhando de uma foto para outra.

Ele está em transe, fascinado.

Encaro as fotos e tento ver o mesmo que ele, mas estou muito estranha nelas: dolorosamente pálida em contraste com a cama desfeita, olhos desfocados, cabelo embaraçado depois de transar. Quando ele pergunta o que eu acho, respondo:

— Elas me fazem pensar naquele clipe da Fiona Apple.

Ele não tira os olhos das fotos.

— Fiona o quê?

— *Apple*. Minha cantora preferida. Lembra que eu fiz você escutar uma vez?

Cerca de duas semanas atrás, escrevi a letra de uma das músicas dela numa folha de caderno, dobrei e deixei em cima da mesa dele quando saí da sala. Estávamos no meio de uma briga sobre eu ir ou não para a faculdade: eu disse que não queria, ele disse que eu não deveria permitir que nada me tirasse do meu caminho, nada nem ninguém, inclusive ele mesmo. Isso me fez chorar, e então ele me disse que eu estava chorando para tentar manipulá-lo. Achei que a letra pudesse ajudá-lo a entender como eu estava me sentindo, mas ele nunca comentou nada. Será que chegou a ler?

— Certo, certo. — Ele recolhe todas as fotos. — Melhor pôr isto aqui num lugar seguro.

Ele sai do quarto, desce até o térreo, e de repente fico tão irritada que sinto uma queimação no peito, no rosto, nas pernas e nos braços. Puxo o

edredom por cima da cabeça, inspiro o ar quente e me lembro de como eu disse algo sobre Britney Spears algumas semanas atrás e ele não fazia ideia de quem ela fosse.

“É alguma artista pop?”, perguntou ele. “Não sabia que seu gosto pendia para esse lado.”

Ele fez parecer que eu era burra, sendo que era ele quem nem sequer sabia da existência da Britney Spears.

* * *

Durante o recesso de abril, completo dezesseis anos. Babe vai ao veterinário ser castrada e volta grogue para casa, com a barriga raspada e cheia de pontos. Mostro a meus pais a lista de faculdades que Strane escolheu para mim, e vamos de carro até o sul do Maine visitar duas delas. Enquanto passeamos, meu pai encara, embasbacado, os prédios enquanto minha mãe lê informações que achou na internet: quarenta por cento dos alunos de Bowdoin estudam no exterior; um em cada quatro faz pós-graduação.

— Quanto custa este lugar? — pergunta papai. — Você imprimiu esses números?

No meio da semana, Strane vem me visitar enquanto meus pais estão no trabalho. Ele estaciona a caminhonete numa estradinha de acesso para barcos com o mato alto e atravessa a floresta a pé até chegar à nossa casa. Fico esperando na sala, espiando a cozinha pelo vão da porta e aguardando ele aparecer na janela, e quando ele surge dou um gritinho como se estivesse com medo, mas na verdade não estou... Como poderia estar? Com casaco cáqui e óculos escuros que se encaixam na armação dos de grau, ele parece o pai de alguém, algum bobalhão qualquer de meia-idade, inofensivo.

Enquanto Strane, com as mãos em concha, olha pela janela, seguro Babe pela coleira e abro a porta. Assim que ele entra, ela escapa das minhas mãos. Ele faz uma careta quando a cadela pula em cima dele, com a língua rosada pendendo da lateral da boca. Aviso que ele precisa falar *não* para ela parar, mas em vez disso ele a empurra com muita força, fazendo-a cair de costas, e os olhos dele brilham quando a cachorrinha se

encolhe para longe e vai se refugiar no canil. Por um segundo, sinto ódio dele.

Strane dá uma olhada na casa com as mãos às costas, como se estivesse com medo de tocar em alguma coisa, e de repente vejo tudo da perspectiva dele, como a casa não é limpa igual à dele, a camada de pelo de cachorro no tapete, o sofá velho com almofadas murchas. Ao percorrer o primeiro andar, ele para diante das casinhas de madeira equilibradas nos peitoris das janelas. Mamãe coleciona; eu lhe dou uma de presente de Natal todo ano. Strane as encara e eu imagino o que ele está pensando, que são uma coisa feia e idiota de se colecionar. Penso nos bibelôs nas estantes dele, cada um de algum país diferente e com uma história por trás, e penso no que ele disse sobre meus pais depois de encontrá-los. *Pessoas decentes*, disse ele. *Tipos autênticos*. Isso me lembra de algo que o escutei dizer sobre outra aluna bolsista, uma menina do último ano da sua turma de literatura nível universitário que foi aceita em Wellesley, mas não poderia ir para lá porque era caro demais. Ele se sentia mal por ela, mas o que se podia fazer? *O lugar de onde a coitada veio não é grande coisa*, disse ele.

— Aqui embaixo é chato — digo, e seguro a mão dele. — Vamos lá para cima.

No meu quarto, ele se abaixa ao passar pela porta. É tão grande que domina o cômodo e sua cabeça roça no teto inclinado enquanto seus olhos examinam as paredes cobertas de pôsteres, a cama por fazer.

— Ah — arqueja ele. — Que coisa mais preciosa.

Por causa de Browick, meu quarto está parado no tempo, mais uma representação de quem eu era aos treze anos do que de quem sou agora. Fico preocupada que possa parecer um quarto de menininha, mas isso não parece incomodar Strane. Ele observa a estante cheia de romances infantojuvenis que eu não leio há tempos, a penteadeira atulhada com vidrinhos de esmalte ressecado, bichos de pelúcia empoeirados. Ao erguer a tampa da minha caixa de joias, sorri quando a bailarina se levanta e começa a rodopiar. Abre uma bolsinha de cordão e despeja na palma da mão bonequinhas feitas de papel pardo e barbante. Trata tudo com a maior delicadeza.

Antes de transarmos, ele me faz dormir de mentirinha para se deitar na cama e me tocar enquanto eu finjo acordar. Ao me penetrar, tapa minha boca com uma das mãos e diz “Temos que ficar quietos”, como se houvesse mais alguém em casa. Enquanto mete, com tanto frenesi e tão

depressa que meu cérebro parece chacoalhar dentro do crânio, meus membros ficam flácidos, minha mente sai de dentro de mim e volta para o primeiro andar, onde Babe gane no canil ainda sem entender o que fez de errado. Depois de terminar, Strane tira outra foto com a Polaroid de mim deitada na cama, mas antes me arruma numa pose, ajeita meu cabelo por cima dos seios e abre a persiana da janela para a luz iluminar meu corpo.

Depois saímos para dar uma volta na caminhonete dele e percorremos as rodovias que serpenteiam pelas matas ao leste e ao sul. A janela do seu lado está aberta e ele deixa o braço para fora. Está quente para abril, vinte e um graus, as árvores cheias de brotos, o mato começando a renascer no acostamento.

— Venho te visitar no verão desse mesmo jeito — diz ele. — Eu te busco e saímos por aí de carro.

— Como Lolita e Humbert — digo sem pensar, e então faço uma careta enquanto espero sua irritação com a comparação, mas ele apenas sorri.

— Justo, eu acho. — Ele me olha, sobe a mão escorregando pela minha coxa. — Você gosta dessa ideia, não é? Quem sabe um dia eu simplesmente siga dirigindo em vez de trazer você para casa. Vou roubar você.

Quanto mais nos aproximamos da costa, mais movimentadas são as estradas. Mas como Strane não parece assustado, eu também não fico. Somos dois foras da lei em fuga, um casal de criminosos descarados dirigindo até a ponta mais ao leste do estado, um vilarejo de pescadores com gente que nem sequer pisca quando paramos para tomar refrigerante no mercado e passeamos discretamente de mãos dadas pelo píer.

— Dezesseis anos — comenta ele, maravilhado. — Praticamente uma mulher agora.

Colocamos o timer na Polaroid e equilibramos a câmera no capô do carro. A foto sai um pouco estourada: Strane com o braço à minha volta, o mar ao fundo. É a única foto que existe de nós dois. Quero perguntar se posso ficar com ela, mas imagino que ele vá dizer não, então, quando ele faz uma parada para abastecer, eu a tiro do porta-luvas e a enfio na bolsa. Mas deixo a minha foto na cama. É com essa que ele realmente se importa, afinal.

Na volta para casa ele diz que quer me beijar mais um pouco, então sai da rodovia e pega uma estrada de terra batida que é usada por madeireiros. A caminhonete sacoleja no cascalho e o para-brisa fica salpicado de lama.

Percorremos alguns quilômetros por uma mata densa até as árvores se espaçarem e então desaparecerem por completo, revelando um vasto descampado de arbustos de mirtilo, um tapete verde salpicado de pedras brancas. Ele estaciona, desliga o motor, tira o cinto de segurança, estende a mão e solta o meu.

— Venha cá — diz.

Mudo de banco e me sento no colo dele, minhas costas pressionam o volante e tocam a buzina, fazendo uma revoada de corvos ganhar o céu no outro extremo do descampado. Ele segura minha bunda, a barra do meu vestido levantada em volta da cintura, e o ar vibra com um zumbido. Pela janela do carro, eu vejo um apiário cheio de abelhas a pouco mais de cinquenta metros. Estamos a quilômetros de qualquer pessoa e de qualquer lugar, livres para fazer o que quisermos, nosso isolamento tão seguro quanto perigoso. Eu já não sei mais sentir uma coisa sem a outra.

Ele puxa minha calcinha para o lado. Enfia dois dedos em mim. Ainda estou toda grudenta de quando transamos no quarto e a parte interna das minhas coxas está começando a ficar irritada. Encosto a testa no pescoço dele, meu hálito quente na sua clavícula, enquanto ele tenta me fazer gozar. Diz que sente quando eu gozo. Algumas mulheres mentem, diz ele, mas não dá para simular o que meu corpo faz. Diz que gozo rápido. Tão rápido que ele nem acredita. Isso lhe dá vontade de me fazer gozar várias vezes, para ver quantas sequências eu aguento, mas não gosto disso. Faz o sexo parecer um jogo que só ele tem permissão para jogar.

Assim que acontece, eu digo a ele para parar. Só preciso dizer uma vez e ele me solta como se eu estivesse em chamas. Saio de cima dele e volto para o banco do carona com as pernas pegajosas e o peito arfando. Ele levanta a mão, a que estava me masturbando, e a leva até o rosto para sentir meu cheiro. Quantas vezes será que ele já me fez gozar? *Parabéns*, sinto vontade de dizer, *você conseguiu outra vez*. Inclino a cabeça para trás e observo o enxame de abelhas e os topos das coníferas distantes ondularem.

— Não sei como vou conseguir ficar longe de você nesse verão — digo.

Nem sei se é verdade. Tenho ficado bem sem ele durante os feriados. É ele quem diz que não pode passar uma semana sem falar comigo ou me ver. É justamente o tipo de coisa que escapa depois do sexo, quando estou exposta e vulnerável. Mas Strane leva a sério. Ele é sensível a qualquer

indicação de que estou apegada demais, de que ele está me afetando de tal forma que poderia ter consequências a longo prazo.

— Você vai me ver bastante. Em julho já vai estar de saco cheio de mim.

Quando voltamos para a rodovia, ele insiste:

— Você vai ficar de saco cheio de mim. — Então acrescenta: — Quem vai partir meu coração vai ser você, sabia? Estou nas suas mãozinhas.

Partir o coração dele? Tento me imaginar com esse poder, segurando o coração dele e podendo maltratá-lo, mas mesmo quando o imagino pulsando e batendo nas minhas mãos, ele continua sendo meu chefe, me levando para onde quer, me puxando para lá e para cá enquanto me agarro, incapaz de soltar.

— Talvez você parta o meu — digo.

— Impossível.

— Impossível por quê?

— Porque não é assim que uma história como a nossa termina — diz ele.

— Por que precisa terminar?

Ele tira os olhos da estrada e olha para mim, depois se volta para a estrada com as sobrelanceiras erguidas, em alerta.

— Vanessa, quando a gente se despedir não vai ser doloroso para você. Você vai estar pronta para se livrar de mim. Com o resto da vida pela frente. Para você vai ser emocionante partir para outra.

Não digo nada e fico olhando pelo vidro. Sei que, se eu tentar falar ou me mexer, vou começar a chorar.

— Eu vejo tantas coisas no seu futuro... — diz ele. — Você vai fazer coisas incríveis. Vai escrever livros, vai rodar o mundo.

Ele segue profetizando e diz que quando eu tiver vinte anos já vou ter transado com uma dúzia de caras. Com vinte e cinco, não terei filhos e ainda vou parecer uma menina, mas aos trinta vou ser uma mulher, sem as bochechas de bebê, com rugas finas ao redor dos olhos. E vou estar casada, segundo ele.

— Eu nunca vou me casar — digo. — Que nem você. Lembra?

— Na verdade, você não quer isso.

— Quero, sim.

— Não quer, não — diz categoricamente com sua voz de professor. — Eu não sou um modelo para você seguir.

— Não quero mais falar sobre isso.

— Não fique chateada.

— Não estou.

— Está, sim. Olhe só. Está chorando.

Encolho os ombros para longe dele e encosto a testa na janela.

— É assim que tem que ser — diz ele. — A gente não vai se encaixar sempre como se encaixa agora.

— Pare de falar, por favor.

Um quilômetro e meio passa, o rugido de carretas, a curva lenta de uma crista formada pelo depósito de sedimentos e pelo lago lamacento lá embaixo, e uma massa marrom e preta ao longe que poderia ser um alce, ou poderia não ser nada.

— Vanessa, quando você olhar para trás vai se lembrar de mim como alguém que te amou, só um entre muitos — diz ele. — Garanto que sua vida vai ser muito maior do que eu.

Solto o ar, trêmula. Talvez ele tenha razão. Talvez haja segurança no que ele diz, uma chance de sair ilesa e sem amarras. É mesmo impossível me imaginar saindo experiente e sábia disso tudo, uma menina com uma história para contar? Um dia, quando me perguntarem “Quem foi o primeiro homem com quem você transou?”, a verdade vai me diferenciar. Não foi qualquer menino comum, mas um homem mais velho: meu professor. Ele me amava tão desesperadamente que fui obrigada a deixá-lo para trás. Foi trágico, mas não tive escolha. É assim que o mundo funciona.

Strane estende a mão para mim enquanto dirige e acaricia meu joelho com os dedos. Fica desviando os olhos da estrada para observar meu rosto. Quer ter certeza de que gosto do que está fazendo. Está gostoso? Aquilo me deixa feliz? Minhas pálpebras tremem quando a mão dele sobe pela minha coxa. Ele gosta de me dar prazer. Mesmo se nos separarmos, nesse exato momento ele me venera: sua sombria Vanessa. Isso deveria bastar. Tenho sorte de ter isso, de ser amada assim.

* * *

Depois do recesso de abril, tudo vai ladeira abaixo. Os dias quentes trazem aulas ao ar livre e viagens de fim de semana para Mount Blue. Os narcisos

florescem e o rio Norumbega enche, alagando as ruas do centro. O clube de escrita criativa retorna quando o jornalzinho de literatura chega da gráfica, e enquanto Jesse e eu estamos abrindo as caixas e decidindo onde entregar os exemplares, Strane me chama até seu escritório e me beija com força, enchendo minha boca inteira com a língua. É imprudente, assustadoramente imprudente; Jesse está bem ali, e a porta do escritório nem está de todo fechada. Quando volto para a sala, com os lábios inchados e as bochechas coradas, Jesse finge não notar, mas não aparece no encontro seguinte.

— Cadê o Jesse? — pergunto.

— Ele desistiu — diz Strane.

E sorri, parecendo satisfeito.

Na aula de literatura, começamos a comparar quadros famosos a livros lidos no ano. *O almoço dos barqueiros*, de Renoir, é *O grande Gatsby*, todo mundo preguiçoso e bêbado. *Guernica*, de Picasso, é *Adeus às armas*, os horrores desconexos da guerra. Quando Strane nos mostra *O mundo de Christina*, de Andrew Wyeth, a turma concorda que o quadro se assemelha mais a *Ethan Frome* com sua grande solidão, a casa no alto do morro ao longe. Depois da aula, digo a Strane que vejo *Lolita* no quadro de Wyeth e tento explicar por quê: a mulher parece tão cansada, com seus tornozelos finos, porque a distância intransponível entre ela e a casa me faz pensar na descrição de Lo no fim, pálida, grávida e fadada a morrer. Strane balança a cabeça e diz pela milionésima vez que atribuo importância demais ao romance.

— A gente precisa arrumar um novo livro preferido para você — diz.

Ele leva nossa turma para um passeio até a cidade onde Andrew Wyeth morou. Descemos o litoral numa van tão grande que, sentada no banco do carona ao lado dele, o resto da turma mal parece estar presente. É emocionante sair do campus com ele, mesmo com a turma inteira atrás da gente, prisioneiros sem saber. E se eu e ele decidíssemos aproveitar a oportunidade e fugir juntos? Poderíamos largá-los na parada para descanso, Jenny com o cabelo batendo no rosto enquanto nos vê ir embora.

Só que é uma época ruim para viajar, porque nós dois estamos no meio de uma briga em relação a eu passar ou não outra noite na casa dele antes das férias de verão. Strane diz que deveríamos adiar, para não abusar da sorte, mas quando pergunto sobre datas específicas ele me diz que preciso parar de construir meu mundo em volta dele. Então durante o trajeto eu

não falo com ele e faço coisas que sei que vão irritá-lo: fico mexendo no rádio, ponho os pés em cima do painel. Ele tenta me ignorar, mas reparo no seu maxilar contraído, na força com que segura o volante. Ele diz que não dá para ter uma conversa racional comigo quando estou assim, me comportando feito criança.

Chegando à cidade de Cushing, vamos visitar Olson House, a fazenda no alto do morro de *O mundo de Christina*. Os cômodos estão repletos de mobília antiquada e empoeirada e quadros emoldurados de Wyeth. Só que os quadros não são de verdade, segundo o guia. São reproduções. Não podem pendurar os de verdade porque a maresia estragaria as telas.

Está fazendo dezoito graus, calor e sol suficientes para almoçarmos ao ar livre. Strane estende um cobertor no pé do morro com vista para a fazenda, a mesma perspectiva de *O mundo de Christina*. Depois de comer, praticamos escrita livre enquanto ele anda à nossa volta, as mãos às costas. Ainda estou apegada à minha raiva e me recuso a participar daquele jogo: deixo meu caderno e minha caneta intocados no chão enquanto me deito e fico olhando o céu.

— Vanessa — diz Strane. — Sente-se e comece a escrever.

É o que ele diria a qualquer aluno que estivesse se comportando mal, mas há uma fraqueza em sua voz quando fala comigo, um quê de súplica que os outros com certeza escutam. *Vanessa, por favor, não faça isso comigo*. Eu não me mexo.

Depois que todo mundo embarca para a volta até Browick, ele me segura pelo braço e me leva para trás da van.

— Você tem que parar com isso — diz.

— Me solte.

Tento me desvencilhar, mas ele está me segurando com muita força.

— Não é agindo assim que você vai conseguir o que quer.

Ele sacode meu braço com tanta violência que quase me derruba no chão.

Olho para as janelas pretas da van, sentindo-me rachada ao meio, uma parte ali fora com ele, a outra lá dentro com todo mundo, colocando o cinto de segurança e enfiando a mochila debaixo do banco. Se alguém olhasse pela janela de trás, veria os dedos dele se cravando na pele macia do meu braço, e isso bastaria para fazer alguém desconfiar... mais do que bastaria. Um pensamento me atinge e faz minha pele arder: talvez ele queira que alguém veja. Estou começando a entender que quanto mais

tempo você consegue se safar com alguma coisa, mais imprudente você fica, até que é quase como se desejasse ser pego.

* * *

Nessa mesma noite, Jenny bate na minha porta e pergunta se pode conversar comigo. Da cama, vejo-a entrar e fechar a porta. Ela repara na bagunça do meu quarto, as roupas espalhadas pelo chão, a escrivaninha coberta de papéis soltos e canecas de chá pela metade que já começaram a mofar.

— Sim, eu continuonojenta — digo.

Ela balança a cabeça.

— Eu não falei isso.

— Mas pensou.

— Não. — Ela puxa a cadeira da minha escrivaninha, mas está ocupada por uma pilha de roupa limpa de uma semana atrás que eu não guardei. Digo a ela para tirar e ela inclina a cadeira, deixando as roupas caírem no chão. — O que tenho para falar é sério. Só não quero que fique brava comigo.

— Por que ficaria?

— Você vive brava comigo e eu realmente não entendo o que fiz para merecer isso. — Ela baixa os olhos para as próprias mãos e arremata: — A gente era amiga.

Viro o rosto para cima, prestes a protestar, mas ela inspira fundo e diz:

— Eu vi o Sr. Strane tocar em você na viagem hoje.

No início, não entendo a que ela está se referindo. *Eu vi o Sr. Strane tocar em você*. Isso soa sexual demais. Strane não tocou em mim na viagem; passamos o tempo inteiro com raiva um do outro. Mas então me lembro de quando ele segurou meu braço atrás da van.

— Ah — digo. — Aquilo não foi...

Ela observa meu rosto.

— Aquilo não foi nada.

— Por que ele fez aquilo? — pergunta ela.

Balanço a cabeça.

— Não lembro.

— Ele já fez isso antes?

Não sei como responder, porque na verdade não sei o que ela está perguntando, se isso significa que agora ela acredita nos boatos sobre Strane e eu termos um caso. Ela faz uma careta como se estivesse lidando com alguém incapaz, a expressão que costumava exibir para mim quando percebia que eu desconhecia algo que ela sabia sobre música, cinema ou o funcionamento do mundo em geral.

— Eu estava desconfiando.

— Desconfiando do quê?

— Não precisa se sentir mal. A culpa não é sua.

— Culpa de quê?

— Eu sei que ele está abusando de você — diz ela.

Minha cabeça dá um tranco para trás.

— Abusando de mim?

— Vanessa...

— Quem falou isso?

— Ninguém — diz ela. — Quer dizer, eu escutei os boatos sobre você ter transado com ele em troca de nota num trabalho, mas não acreditei. Mesmo antes de falar com você sobre isso, eu não acreditei. Você não é assim... Não faria isso. Mas aí vi o que ele fez com você hoje, como ele te agarrou, e entendi o que realmente está acontecendo.

Durante todo o tempo que ela fala, fico balançando a cabeça.

— Você está errada.

— Vanessa, me escute — diz ela. — Ele é horrível. Minha irmã me dizia que ele era um tarado, que ficava importunando as meninas quando elas estavam de saia, essas coisas, mas eu não tinha ideia de que ele fosse tão ruim. — Ela se inclina para a frente com um olhar sério. — A gente pode fazer com que ele seja demitido. Meu pai está no conselho este ano. Se eu contar isso para ele, o Strane já era.

Pisco, chocada com as palavras dela: *demitir, um tarado, importunando as meninas*. Como é horrível ouvi-la chamá-lo de Strane.

— Por que eu iria querer que ele fosse demitido?

— Por que não iria querer? — Ela parece genuinamente confusa. Após alguns instantes, sua expressão se suaviza, lábios franzidos e sobrancelhas arqueadas. — Eu sei que você deve estar com medo, mas não precisa ficar. Ele não poderia mais te machucar.

Ela me encara com a expressão transbordando de pena, e me pergunto como é possível já ter sentido algo tão forte por essa menina, ter ansiado

por ficar mais perto dela apesar de estar ao seu lado no mesmo quartinho, nosso corpo a um metro de distância. Penso no seu roupão azul-marinho pendurado atrás da porta, nas caixinhas de uvas-passas envoltas em papel celofane que ficavam na prateleira acima da escrivaninha, no jeito como ela passava hidratante com perfume floral nas pernas à noite, nos pontinhos molhados em sua camiseta por causa do cabelo recém-lavado. Às vezes ela comia pizza de micro-ondas compulsivamente, com a vergonha pulsando de dentro do corpo. Eu reparava em tudo nela, em cada coisinha que fazia, mas por quê? O que tinha de mais nela? Agora ela me parece tão comum, com uma mente fechada demais para entender qualquer coisa em relação a mim e a Strane.

— Por que você se importa tanto com essa história? — pergunto. — Isso não tem nada a ver com você.

— É claro que tem a ver comigo — diz ela. — Ele não deveria estar aqui. Não deveriam deixar que chegue perto da gente. Ele é um predador.

A palavra *predador* me faz gargalhar.

— Ah, fala sério.

— Olhe, eu me importo com esta escola, está bem? Não ria de mim por querer fazer daqui um lugar melhor.

— Então você está dizendo que eu não ligo para Browick?

Ela hesita.

— Não, mas... Quer dizer, você não sente a mesma coisa. Ninguém da sua família estudou aqui, entende? Para você é tipo vir aqui, se formar e pronto. Nunca mais vai pensar no assunto. Você nunca contribui.

— Contribuir? Tipo, dar dinheiro?

— Não — diz ela depressa. — Não foi isso que eu falei.

Balanço a cabeça.

— Como você é esnobe...

Ela tenta reformular a frase, mas eu já estou pondo os fones de ouvido. Não estão conectados a nada, o fio pendurado na cama, mas isso a faz parar de falar. Observo-a se levantar para sair, catar a roupa do chão e pôr de volta na cadeira. É um ato de gentileza, mas na hora aquilo me enfurece, me faz arrancar o fone e perguntar:

— E aí, como estão as coisas com a Hannah?

Ela se detém.

— Como assim?

— Vocês são tipo melhores amigas agora?

Jenny pisca.

— Não precisa ser cruel.

— Você que era cruel com ela — digo. — Zoava dela *na cara* dela.

— Bom, eu estava errada — dispara ela. — A Hannah é legal. Já você precisa seriamente de ajuda.

Ela estende a mão para abrir a porta e eu acrescento:

— Não tem nada acontecendo entre nós dois. Qualquer coisa que você tenha escutado é só um boato idiota.

— Não é o que eu escutei. Eu vi quando ele te agarrou.

— Você não viu nada.

Ela estreita os olhos para mim e envolve a maçaneta com a mão.

— Vi, sim.

* * *

Strane me faz repetir palavra por palavra do que Jenny me falou e, quando chego à parte em que ela o chamou de tarado, ele arregala os olhos como se não acreditasse que alguém um dia fosse acusá-lo disso. Ele a chama de “piranhazinha metida”, e por um segundo sinto o corpo gelar. Nunca o escutei usar essa palavra.

— Vai ficar tudo bem — garante ele. — Contanto que a gente negue tudo, vai ficar tudo bem, muito bem. Boatos precisam de provas para serem levados a sério.

Tento assinalar que não é exatamente um boato, porque Jenny o viu segurar meu braço. Ele apenas resmunga.

— Isso não prova nada — diz.

No dia seguinte, na aula de literatura, ele nos faz uma pergunta sobre *Algemas de cristal* e chama Jenny mesmo sem ela ter levantado a mão. Envergonhada, ela baixa os olhos para o livro. Não estava prestando atenção, provavelmente nem sequer ouviu a pergunta. Ela gagueja alguns “ahn”, mas, em vez de chamar outra pessoa, Strane se recosta na cadeira e une as mãos como se estivesse preparado para esperar o dia inteiro.

Tom começa a falar, e Strane levanta a mão.

— Eu quero ouvir a Jenny — diz ele.

Aguardamos mais dez segundos agonizantes. Por fim, com uma vozinha miúda, Jenny diz:

— Não sei.

Strane ergue as sobrancelhas e aquiesce. Como se dissesse: *Era o que eu pensava.*

No fim da aula, vejo Jenny indo embora com Hannah, as duas cochichando, e Hannah olha para trás e me fulmina com os olhos. Eu me aproximo de Strane enquanto ele está apagando o quadro-negro e digo:

— Você não deveria ter feito isso com ela.

— Achei que você fosse gostar.

— Deixá-la constrangida só vai piorar as coisas.

Ele pisca para mim, absorvendo a crítica.

— Bom, faz treze anos que dou aula para alunos como ela. Sei lidar com gente assim. — Ele larga o apagador no suporte de giz e limpa as mãos. — E eu realmente preferiria que você não criticasse meu método.

Peço desculpas, mas não estou sendo sincera e ele sabe. Quando digo que preciso ir, que tenho dever de casa para fazer, ele não tenta me impedir.

De volta ao meu quarto, deito-me de bruços na cama e fico respirando no travesseiro para me acalmar e aplacar o ódio que sinto dele. Porque no momento é esta a minha sensação: de que eu o odeio. Sério, eu odeio quando ele fica bravo comigo, porque é nessa hora que sinto coisas que provavelmente não deveria: vergonha e medo, uma voz me dizendo para correr.

* * *

Tudo desmorona em uma semana. Começa na quarta-feira, quando estou na aula de francês, e Strane abre a porta da sala e pergunta a Madame Laurent se pode me pegar emprestada.

— Traga a mochila — sussurra ele.

Enquanto atravessamos o campus em direção ao prédio da administração, ele explica o que está acontecendo, mas é óbvio. Jenny faltou às duas últimas aulas de literatura, e como eu a vi pelo campus sei que não está doente. Durante o jantar da véspera, fiquei observando-a junto de Hannah, a cabeça das duas muito próximas e abaixadas. Quando levantaram o rosto, ambas se viraram para mim.

Strane diz que o pai de Jenny mandou uma carta para a escola, mas que é tudo rumor, sem qualquer prova. Não vai dar em nada. Só precisamos fazer exatamente aquilo que conversamos: negar tudo. Não podem nos atingir se os dois negarem. Um oceano ruge em meus ouvidos. Quanto mais ele fala, mais distante soa.

— Eu já disse à Sra. Giles que nada disso é verdade, só que o mais importante é você negar. — Ele observa meu rosto enquanto fala. — Vai conseguir fazer isso?

Aquiesço. Faltam cinquenta passos para chegarmos à porta do prédio, talvez nem isso.

— Você está muito calma — diz Strane. Ele me encara à procura de alguma falha, do mesmo jeito que me encarou na caminhonete depois da primeira vez que transamos. Enquanto abre a porta, conclui: — A gente vai sair dessa.

A Sra. Giles diz que quer acreditar em nós e não no que está escrito na carta; é literalmente isso que ela diz de trás da sua mesa imensa enquanto eu e Strane ficamos sentados nas cadeiras de madeira feito dois alunos encencados.

— Sinceramente, acho difícil imaginar como isso poderia ser verdade — diz ela, pegando um pedaço de papel que imagino ser a carta. Seus olhos percorrem as linhas. — “Relacionamento sexual em curso.” Como uma coisa dessas poderia acontecer sem ninguém reparar?

Não entendo o que ela quer dizer. Evidentemente as pessoas repararam. Foi por isso que o pai de Jenny escreveu a carta: pessoas repararam.

Ao meu lado, Strane diz:

— É mesmo um absurdo.

A Sra. Giles diz que tem uma teoria sobre o que está por trás disso tudo. De tempos em tempos surge um boato assim, e alunos, pais e outros professores o escutam e de imediato o consideram verdade, independentemente de quão inacreditável possa ser.

— Todo mundo adora um escândalo — diz ela, e então a Sra. Giles e Strane trocam um sorriso cúmplice.

Ela diz que, em geral, os boatos nascem do ciúme ou da interpretação equivocada de um favoritismo inocente. Que, durante a carreira, os professores têm muitos, muitos alunos, a maioria inconsequente, na falta de um adjetivo melhor. Alunos podem ser indivíduos brilhantes e talentosos, mas isso não significa necessariamente que um professor vá ter

uma conexão especial com eles. De vez em quando, porém, um professor se depara com um aluno de quem se sente especialmente próximo.

— Afinal, os professores são humanos, iguais a vocês — diz a Sra. Giles. — Me diga uma coisa, Vanessa: você gosta de todos os seus professores da mesma forma? — Nego com um gesto de cabeça. — É claro que não. Prefere alguns em relação a outros. Com os professores é a mesma coisa. Para um professor, alguns alunos simplesmente são especiais. — A Sra. Giles se recosta na cadeira e une as mãos em frente ao peito. — O que eu desconfio que tenha acontecido é que Jenny Murphy ficou com ciúmes do tratamento especial que você recebe do Sr. Strane.

— Um ponto relevante que Vanessa compartilhou comigo — diz Strane — é que ela e Jenny dividiram o quarto no ano passado e não se deram bem. — Ele olha para mim. — Não foi?

Aquiesço bem devagar. A Sra. Giles joga as mãos para o alto.

— Bom, então é isso. Caso encerrado.

Ela me entrega um pedaço de papel: a carta do pai de Jenny.

— Agora, se você pudesse ler isto e depois assinar este documento.

Ela me entrega um segundo papel com uma única linha de texto impresso: “As partes abaixo negam qualquer veracidade do conteúdo da carta escrita por Patrick Murphy em 2 de maio de 2001.” No fim há espaços para duas assinaturas, a minha e a de Strane. Meus olhos percorrem a carta por alto, sem conseguir focar. Assino o papel e então o passo para Strane, que faz o mesmo. Caso encerrado.

A Sra. Giles sorri.

— Isso deve bastar. É melhor resolver essas coisas o mais rapidamente possível.

Tremendo de alívio, sentindo que poderia vomitar, levanto-me e vou na direção da porta, mas a Sra. Giles me detém antes de eu sair.

— Vanessa, vou ter que ligar para os seus pais e contar o que aconteceu — diz ela. — Então não deixe de telefonar para eles hoje à noite, está bem?

A bile sobe pela minha garganta. Eu não tinha pensado nisso. É claro que ela precisa ligar para eles. Será que vai ligar para minha casa e deixar recado na secretária eletrônica, ou vai ligar para um deles no trabalho: meu pai no hospital, minha mãe na sua sala na seguradora?

Enquanto saio, a Sra. Giles diz para Strane:

— Eu aviso se precisar de mais alguma coisa de você, mas isso deve resolver.

* * *

Ao ligar para casa, à noite, ofereço uma enxurrada de explicações e clichês: *Está tudo bem, não está acontecendo nada, isso tudo é ridículo, um boato idiota, é claro que não é verdade.* Meus pais estão em telefones diferentes, os dois falando ao mesmo tempo.

— Para começo de conversa, você precisa parar de andar com esses professores — diz minha mãe.

Professores? Houve mais de um? Então me lembro da mentira que contei no feriado de Ação de Graças, de que quem tinha dito que meu cabelo era da cor das folhas de bordo fora meu professor de política.

— Quer que eu vá buscar você? — pergunta papai.

— Eu quero saber exatamente o que está acontecendo aí — emenda minha mãe.

— Não. Estou bem. Não tem nada acontecendo. Está tudo bem.

— Você contaria para a gente se alguém estivesse te machucando, não é? — diz mamãe.

Ambos esperam eu confirmar que sim, contaria para eles.

— Claro — respondo. — Mas não foi isso que aconteceu. Nada aconteceu. Como poderia ter acontecido? Vocês sabem quanta supervisão temos aqui. É uma mentira que Jenny Murphy inventou. Vocês se lembram da Jenny, como ela foi horrível comigo?

— Mas por que ela iria inventar uma coisa dessas? E envolver o pai? — pergunta minha mãe.

— Isso não está fazendo sentido — diz meu pai.

— Ela também odeia o Sr. Strane. Quer se vingar dele. Ela é uma dessas pessoas que se consideram superiores e acham que qualquer um que não puxe o saco delas merece ter a vida arruinada.

— Vanessa, não estou gostando dessa história — diz meu pai.

— Está tudo bem — insisto. — Você sabe que eu contaria se tivesse alguma coisa errada.

Ele e eu ficamos quietos, aguardando minha mãe.

— O ano está quase terminando — diz ela. — Acho que não faz sentido tirar você da escola. Mas, Vanessa, fique longe desse professor, está bem? Se ele tentar falar com você, conte para a diretora.

— Ele é meu professor. Precisa falar comigo.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Assista à aula e vá embora em seguida.

— A questão nem é ele.

— Vanessa! — vocifera meu pai. — Escute sua mãe.

— Quero que ligue para a gente todas as noites — diz minha mãe. — Às seis e meia eu quero o telefone tocando. Entendido?

Com o olhar perdido pela sala de convivência, onde a televisão está ligada na MTV, mas muda, o cabelo espetado e as unhas pintadas de preto de Carson Daly, balbucio:

— Sim, senhora.

Mamãe suspira. Ela odeia quando a chamo assim.

* * *

Strane diz que precisamos recuar por um tempo, prestar atenção nas aparências. Nada de fins de tarde na sala dele, nada de várias horas a sós.

— Até mesmo isto aqui é arriscado — diz ele, referindo-se ao fato de eu pular o almoço para passar o horário livre na sala de aula dele com a porta escancarada.

Precisamos tomar cuidado, pelo menos por enquanto, por mais que ficar longe de mim seja como a morte para ele.

Mas ele está confiante de que a poeira vai baixar em breve. Não para de usar essa expressão, “a poeira vai baixar”, como se aquilo fosse um mau tempo. O verão vai chegar, e com ele passeios na sua caminhonete, janelas abertas e maresia. Strane me diz para confiar nele, que quando o outono vier aquilo já estará esquecido. Não sei se acredito. Uns dois dias passam e tudo parece bem, mas toda vez que estou no campo de visão de Jenny ela me olha com puro ressentimento. Strane acha que ela desistiu porque pediu transferência da turma dele, mas sei que ela continua com raiva.

* * *

No quadro de avisos é pregada a lista de universidades que estão nos planos de cada veterano para o próximo ano letivo. Vou jantar e, enquanto espero na fila do bufê de sanduíches, reparo em Jenny e Hannah percorrendo metodicamente o refeitório. Jenny está segurando uma caneta e um caderno, e quando elas se aproximam de cada mesa Hannah diz algo para as pessoas sentadas, espera uma resposta, e então Jenny faz uma anotação no caderno. Reparo também em quantos olhos se voltam para mim e depois se desviam, sem querer que eu os veja encarando.

Saio da fila e, enquanto atravesso o refeitório, ouço Hannah perguntar:

— Algum de vocês ouviu o boato de que Vanessa Wye e o Sr. Strane estão tendo um caso?

É uma mesa de alunos do último ano. Brandon McLean, cujo nome eu vi listado ao lado de Dartmouth no quadro de avisos, pergunta:

— Quem é Vanessa Wye?

A menina sentada ao seu lado — Alexis Cartwright, Williams College — aponta para mim.

— Não é aquela ali?

A mesa inteira se vira. Jenny e Hannah também. Antes que Jenny o esconda junto ao peito, vejo de relance o caderno com uma lista de nomes.

* * *

Vinte e seis. É essa a quantidade de nomes na lista de Jenny. Estou sentada em frente à Sra. Giles, dessa vez somente ela e eu na sala, sem secretária nem Strane. A Sra. Giles me entrega uma cópia da lista e eu leio os nomes, a maioria alunos do primeiro ano, meus colegas de turma, meninas do meu andar no alojamento. Nunca falei sobre Strane com nenhuma dessas pessoas. Então vejo o último nome no papel: Jesse Ly.

— Se tiver alguma coisa que queira me contar — diz a Sra. Giles — a hora é agora.

Não tenho certeza do que ela espera de mim, se ainda acredita que é só um boato ou se aquela lista a fez mudar de ideia e agora ela está com raiva por eu ter mentido. Ela está com raiva de alguma coisa.

Ergo os olhos da lista.

— Não sei o que a senhora quer que eu diga.

— Quero que você seja honesta comigo.

Não digo nada, sem querer dar nenhum passo em qualquer direção.

— E se eu disser a você que conversei com um aluno dessa lista para o qual você contou explicitamente que estava tendo um envolvimento romântico com o Sr. Strane?

Levo alguns segundos para entender que ela não está usando “explicitamente” num sentido sexual, mas querendo dizer que contei diretamente a essa pessoa. Mais uma vez não falo nada. Não sei se ela está dizendo a verdade. Aquilo me parece o tipo de blefe que os policiais da TV usam quando tentam arrancar uma confissão de alguém. A atitude inteligente é sempre ficar em silêncio e esperar o advogado, por mais que eu não saiba o que seria o equivalente a um advogado no meu caso. Strane? Meus pais?

A Sra. Giles respira fundo e toca as têmporas com os dedos. Ela não quer ter que lidar com aquilo. Eu também não quero. Deveríamos esquecer essa história e pronto, é isso que eu quero dizer. Vamos esquecer isso tudo. Mas sei que não é possível, não com Jenny liderando o ataque, e por causa de quem o pai dela é. A estrutura de Browick de repente fica óbvia, um sistema escancarado de poder e mérito no qual algumas pessoas têm mais importância do que outras, algo que eu sempre senti, mas nunca tinha entendido com tanta clareza.

— Precisamos ir até o fundo dessa história — diz ela.

— Nós já fomos — digo. — Nada disso é verdade. O fundo é esse.

— Então se eu trazer esse aluno aqui, a sua história vai mudar? — pergunta ela.

Pisco ao perceber que ela está tentando desmascarar meu blefe, e não o contrário.

— Não é verdade — repito.

— Certo.

Ela se levanta e sai da sala, deixando a porta aberta. A secretária enfia a cabeça pelo vão, me vê e sorri.

— Agente firme — diz ela.

Sinto um nó na garganta diante dessa migalha de gentileza. Fico me perguntando se ela acredita em mim e no que pensou durante a última reunião com a Sra. Giles e Strane, enquanto ficava anotando em seu bloco amarelo tudo que dizíamos.

Alguns minutos passam e a Sra. Giles volta para a sala seguida por Jesse Ly. Ele se senta na cadeira ao meu lado, mas não olha para mim. Seu

rosto está todo vermelho, o pescoço, as orelhas. Seu peito arfa a cada respiração.

— Jesse — diz a Sra. Giles. — Vou fazer a mesma pergunta a que você já respondeu. Vanessa disse a você que ela e o Sr. Strane estavam tendo um caso?

Jesse nega com um gesto de cabeça e diz:

— Não. Não, ela nunca disse isso. — A voz dele está aguda, histérica, o tipo de voz que se usa quando se está tão desesperado para não dizer a verdade que pouco importa como é óbvio que se está mentindo.

A Sra. Giles torna a levar as pontas dos dedos às têmporas.

— Não foi o que você falou cinco minutos atrás.

Jesse continua balançando a cabeça. *Não, não, não.* Está nervoso, tanto que sinto muita pena dele. Imagino-me estendendo a mão e colocando-a sobre a dele, dizendo: *Está tudo bem, pode dizer a verdade para ela.* Mas apenas fico sentada assistindo, me perguntando se a culpa, no fim das contas, é minha por ele estar passando por esse momento de sofrimento evidente, se faz alguma diferença que eu seja a que mais tem a perder.

— O que você falou para ela? — pergunto baixinho.

Os olhos de Jesse saltam para mim. Ainda balançando a cabeça, ele diz:

— Eu não sabia que isso ia acontecer. Ela só me perguntou...

— Jesse — diz a Sra. Giles. — Vanessa algum dia disse a você que ela e o Sr. Strane têm um envolvimento romântico?

Ele olha alternadamente para mim e para ela. Quando os olhos dele se fixam no chão, eu sei o que está por vir. Fecho os olhos e ele confirma.

Se eu fosse mais fraca, isso seria o fim. Eu fui encurralada, confrontada com minhas próprias incoerências. O modo como a Sra. Giles me olha de cima deixa evidente que ela acha que acabou, que estou prestes a ceder. Mas ainda existe um jeito de sair desse túnel. Estou vendo um vislumbre de luz. Só preciso continuar cavando.

— Eu menti — digo. — Foi tudo mentira. O que eu falei para Jesse sobre Strane... sobre o Sr. Strane — corrijo. — Nada era verdade.

— Você mentiu — repete a Sra. Giles. — E por que faria isso?

Encaro-a enquanto explico meus motivos: porque eu estava entediada e me sentindo sozinha, porque estava a fim de um professor, porque tenho uma imaginação fértil demais. Quanto mais eu falo, mais segura fico, e vou colocando a culpa em mim mesma e absolvendo Strane. É uma ótima desculpa que explica tudo que falei para Jesse, além de qualquer boato que

os outros vinte e cinco nomes da lista tenham escutado. Essa deveria ter sido a minha história desde o início.

— Eu sei que mentir não é legal — digo, alternando o olhar entre Jesse e a Sra. Giles — e peço desculpas por isso. Mas essa é a verdade. Não existe nada além disso.

É um prazer que me deixa tonta, como encher os pulmões de ar puro após tirar os cobertores de cima do rosto. Eu sou inteligente, sou forte, mais do que qualquer um entende.

* * *

Pulo o almoço, vou direto para a sala de Strane e bato na porta. Ele não responde, muito embora eu veja pela janela de vidro rugoso que as luzes estão acesas. Digo a mim mesma que ele só está preocupado com as aparências, mas na aula de literatura quem aparece é o Sr. Noyes, e assim que entro na sala ele me diz que preciso comparecer ao prédio da administração.

— O que está acontecendo? — pergunto.

Ele ergue as mãos.

— Sou só o mensageiro — diz, mas pelo jeito cabreiro como me olha, como se não quisesse estar perto de mim, é óbvio que sabe alguma coisa.

Atravesso o campus na dúvida entre me apressar ou arrastar o passo, e quando chego aos degraus da frente do prédio da administração, assim que ergo os olhos para as colunas e os emblemas de Browick nas portas duplas, a picape do meu pai entra pelo portão principal do campus. Levanto a mão para proteger os olhos e vejo que os dois estão ali, meu pai ao volante, minha mãe no banco do carona tapando a boca com a mão. Eles entram no estacionamento e saltam da picape.

Desço os degraus apressada e grito:

— O que estão fazendo aqui?

Ao ouvir minha voz, minha mãe vira a cabeça com um tranco e aponta com um dos dedos para os próprios pés, do mesmo jeito que chama Babe quando ela faz alguma coisa errada. *Venha cá*. Igualzinho à cadela. Eu paro a cinco metros dela e me recuso a chegar mais perto.

— Por que vocês estão aqui? — torno a perguntar.

— Vanessa, pelo amor de Deus, o que você acha? — dispara ela.

— A Sra. Giles ligou para vocês? Não tem por que estarem aqui.

Papai ainda está usando o uniforme do trabalho, calça cinza e camisa risca de giz azul com PHIL bordado no bolso. Apesar de todo o resto, a vergonha brota dentro de mim. Ele não poderia ter trocado de roupa?

Ele bate a porta da picape e se aproxima de mim com passos largos.

— Você está bem?

— Estou. Está tudo bem.

Ele agarra minha mão.

— Me conte o que aconteceu.

— Não aconteceu nada.

Ele me encara intensamente, numa súplica, mas eu não revelo nada. Meu lábio inferior nem sequer treme.

— Phil — diz mamãe. — Vamos.

Entro no prédio atrás dele, subo a escada e vou até o cômodo minúsculo anexo à sala da Sra. Giles, com a agora já conhecida secretária. Olho para ela em busca de outro sorriso, mas ela me ignora quando nos indica que devemos entrar com um aceno. Strane está na sala com a Sra. Giles, em pé ao lado da mesa, mãos no bolso e ombros para trás. Meu peito dói de tanta vontade de me aninhar nele. Se eu pudesse, me encostaria nele e deixaria seu corpo me consumir inteira.

A Sra. Giles estende a mão para cumprimentar meus pais. Strane também estende a mão que meu pai aperta, mas minha mãe apenas se senta e o ignora como se ele nem estivesse ali.

— Acho melhor Vanessa não estar presente — diz a Sra. Giles. Ela olha para Strane e ele aquiesce rapidamente. — Você pode voltar para a sala de espera.

Ela indica a porta, mas eu estou encarando Strane, reparando como ele está com o cabelo molhado do banho e usando seu blazer de tweed e uma gravata. *Ele vai contar a eles*, penso. *Vai se entregar*.

— Não faça isso — digo, mas as palavras mal saem da minha boca.

— Vanessa — repreende minha mãe. — Vá logo.

A reunião dura meia hora. Sei disso porque a secretária liga o rádio, provavelmente para me impedir de escutar o que está sendo dito na sala. “Este é o seu *coffee break* das duas e meia da tarde”, diz o DJ, “meia hora de hits sem intervalos comerciais.” Enquanto a secretária acompanha baixinho a música, fico pensando em como vou me lembrar para sempre

daquelas músicas, porque eram elas que estavam tocando quando Strane confessou e se sacrificou por mim.

Quando a reunião termina, todos eles saem juntos da sala. A Sra. Giles e meus pais param na sala de espera. Strane segue. Vai embora sem olhar para mim. Vejo as narinas infladas e os olhos dilatados da minha mãe, meu pai com a boca contraída numa linha reta, a mesma expressão de quando precisou me contar que nosso antigo cachorro tinha morrido durante a noite.

— Vamos — diz ele, e segura minha mão.

Nós nos sentamos num banco do lado de fora, e minha mãe fica encarando o chão com os braços cruzados com força enquanto meu pai fala. O que ele diz é tão diferente do que eu esperava que levo um tempo para me recuperar e de fato escutar. Ele não está dizendo *Nós sabemos de tudo, não é culpa sua*. Está dizendo que existe um código de ética em Browick que os alunos precisam respeitar e que eu violei esse código ao mentir sobre um professor e prejudicar a reputação dele.

— Eles levam esse tipo de coisa bem a sério aqui — diz meu pai.

— Quer dizer que não é... — Olho alternadamente para o rosto de cada um. — Ele não...

Mamãe levanta a cabeça com um tranco.

— Ele não o quê?

Engulo a saliva com força e balanço a cabeça.

— Nada.

A explicação deles prossegue. Meu ano letivo vai se encerrar mais cedo. De toda forma, faltam só duas semanas. Eles vão passar a noite no hotelzinho do centro, e pela manhã, como meu pai diz, eu vou ter que “consertar meu malfeito”. A Sra. Giles quer que eu fale para todas as pessoas da lista de Jenny Murphy que os boatos sobre mim e Strane são mentira e quem deu início a eles fui eu.

— Tipo falar com eles um por um? — pergunto.

Meu pai nega com a cabeça.

— Parece que todo mundo vai se reunir para você falar de uma vez só.

— Você não é obrigada — diz minha mãe. — Podemos esvaziar seu quarto e ir embora hoje mesmo.

— Se a Sra. Giles quer que eu faça isso, então eu devo fazer — digo. — Ela é a diretora.

Mamãe contrai os lábios como se quisesse falar mais.

— Ainda vou voltar no ano que vem, não é?

— Um passo de cada vez — diz meu pai.

Eles me levam para jantar na pizzaria do centro. Nós três juntos não conseguimos sequer dar conta de uma pizza. Ficamos remexendo nossas fatias, e minha mãe usa vários guardanapos para absorver a gordura. Nenhum dos dois olha para mim.

Eles se oferecem para me levar de carro até o campus, mas eu recuso, quero ir a pé. Olhem só que noite bonita está fazendo, digo, ainda quente apesar de já estar escurecendo.

— Seria bom ter alguns minutos de paz antes de voltar para lá — digo.

Imagino que eles vão dizer não, mas parecem atordoados demais para discutir e me deixam ir. Então me dão um abraço de despedida em frente ao restaurante e meu pai sussurra no meu ouvido: “Eu te amo, Nessa.” Eles dobram à esquerda em direção ao hotel, e eu sigo em direção ao campus e à biblioteca pública, em direção à casa de Strane.

— Sei que é burrice — digo quando ele abre a porta —, mas eu precisava ver você.

Ele olha para trás de mim, para a rua e a calçada.

— Vanessa, você não pode estar aqui.

— Me deixe entrar. Cinco minutos.

— Você precisa ir embora.

Estou tão frustrada que começo a gritar e o empurro com as mãos usando todo o meu peso, o que não o tira do lugar, mas o deixa suficientemente abalado para fechar a porta e me levar até a lateral da casa, onde não é possível sermos vistos da rua. Assim que ficamos protegidos, eu o abraço e me aperto nele com toda a força que tenho.

— Eles vão me obrigar a ir embora amanhã — digo.

Ele dá um passo para trás, solta meus braços e não diz nada. Espero seu rosto exibir alguma coisa — raiva, pânico, arrependimento por ter deixado a situação chegar a esse ponto —, mas ele não demonstra nada. Enfia as mãos nos bolsos e olha para a casa por cima do meu ombro. Parece um desconhecido em pé na minha frente.

— Querem que eu fale na frente de um bando de gente — digo. — Devo dizer a eles que menti.

— Eu sei — diz ele, ainda sem olhar para mim, com a testa muito franzida.

— Bom, não sei se vou conseguir. — Ao ouvir isso, ele baixa os olhos para mim, uma vitória minúscula, então vou mais além: — Talvez eu devesse contar a verdade para eles.

Strane pigarreja, mas não titubeia.

— Pelo que eu entendi você já chegou bem perto de fazer isso — diz. — Contou para sua mãe sobre mim. Disse para ela que eu era seu namorado.

A princípio, eu não me lembro disso, e então: o trajeto para casa no recesso de fevereiro, depois de ela ter me escutado falando ao telefone no meio da noite. *Qual é o nome dele?*, perguntou ela enquanto os campos nevados e as árvores esqueléticas passavam voando pelas janelas do carro. Eu respondi a verdade: Jacob. Mas foi só uma palavra, um nome comum, não foi uma confissão. Ela não tinha deduzido a verdade dessa única palavra. Não teria como. Se tivesse, não teria deixado Strane sair da sala da Sra. Giles ou concordado com essa ideia de eu pedir desculpas para uma sala repleta de gente.

— Se você decidiu que quer arruinar minha vida, eu não posso te impedir — diz Strane. — Mas espero que entenda o que vai acontecer se fizer isso.

Tento dizer que não estou falando sério, que é claro que não vou contar, mas a voz dele abafa a minha.

— Seu nome e sua foto vão sair nos jornais — diz ele. — Você vai aparecer em todos os noticiários. — Ele fala devagar, com cuidado, como se quisesse ter certeza de que estou entendendo. — Isso vai te perseguir para sempre. Você vai ficar marcada para a vida inteira.

Minha vontade é dizer *Agora é tarde*. Ando por aí todos os dias me sentindo permanentemente marcada por ele, mas talvez isso seja injusto. Ele não tem se esforçado para me salvar? Fazendo com que eu prometa cursar uma faculdade, insistindo que no final minha vida vai ser maior do que ele. Strane quer mais para mim, um grande futuro em vez de uma estrada estreita, mas isso só pode acontecer se ele continuar sendo um segredo. Quando a verdade for conhecida, ele vai passar a definir minha vida inteira; nada mais a meu respeito vai ter importância. Vejo uma lembrança parcial, como a cena de um sonho: uma garota híbrida, parte eu, parte a Sra. Thompson — ou será que estou me lembrando de uma reportagem na TV sobre Monica Lewinsky? —, uma moça com lágrimas escorrendo pelo rosto, tentando manter a cabeça erguida durante um

interrogatório humilhante sobre o que aconteceu: *Diga exatamente o que ele fez com você.* É fácil imaginar como minha vida poderia se tornar um longo caminho de ruína que surgiu exatamente com a minha decisão de contar.

— Eu preferiria acabar com minha vida agora mesmo a passar por isso — diz Strane. Ele baixa os olhos para mim ainda com as mãos nos bolsos da calça. Mesmo encarando a ruína, se mantém casual. — Mas vai ver você é mais forte do que eu.

Com isso eu começo a chorar, chorar mesmo, de um jeito que nunca chorei na frente dele: soluçando, um choro horrível, feio, com catarro escorrendo do nariz. Acontece tão depressa que me deixa sem forças. Eu me encosto na lateral da casa, apoio as mãos nas coxas e tento respirar. Os soluços não param. Abraço minha própria barriga, me agacho no chão e bato com a parte de trás da cabeça nas ripas de cedro, como se tentasse arrancar os soluços. Strane se ajoelha na minha frente, leva as mãos até minha nuca, entre mim e a casa, e as mantém ali até eu parar de me debater e abrir os olhos.

— Pronto — diz.

Ele inspira, expira, e meu peito sobe e desce com o dele. Suas mãos continuam segurando minha cabeça, seu rosto perto o bastante para um beijo. As lágrimas secam no meu rosto, repuxam minhas bochechas, e o polegar dele acaricia o ponto macio atrás da minha orelha. Ele é grato pelo que fiz até agora, diz. Assumir a responsabilidade e me oferecer aos lobos requer coragem. É uma prova de amor. Eu provavelmente o amo mais do que qualquer outra pessoa já amou.

— Eu não vou contar — digo. — Não quero contar. Nunca vou contar.

— Eu sei — diz ele. — Eu sei que não.

Combinamos juntos o que vou dizer na reunião do dia seguinte, como vou me culpar pelos boatos, me desculpar por ter mentido e deixar claro que ele não fez nada de errado. Não é justo, diz ele, que eu seja forçada a fazer isso, mas limpar o nome dele é o único jeito de ele sair dessa com vida. Ele me beija na testa e nos cantos dos olhos do jeito que fez quando nos beijamos pela primeira vez na sua sala de aula, abraçados atrás da mesa.

Antes de ir embora, olho por cima do ombro e o encontro em pé no gramado escuro, sua silhueta iluminada pela luz das janelas da sala. A gratidão irradia dele para dentro de mim e me enche de amor. É isso que

significa ser altruísta, penso, ser boa. Como algum dia já me considereei impotente se só eu tenho o poder de salvá-lo?

* * *

Na manhã seguinte, as vinte e seis pessoas da lista de Jenny se reúnem na sala de aula do Sr. Sheldon. Como não há carteiras suficientes para todos, alguns alunos ficam encostados na parede dos fundos. Não sei quem está presente; só vejo rostos boiando e se balançando, um oceano deles. A Sra. Giles me faz ficar em pé ao seu lado na frente da sala enquanto leio a declaração que Strane e eu elaboramos na véspera.

— “Quaisquer boatos inapropriados que vocês tenham escutado sobre o Sr. Strane e eu não são verdadeiros. Espalhei mentiras sobre ele, mentiras que ele não merecia. Sinto muito por ter mentido.”

Os rostos me encaram de volta, nada convencidos.

— Alguém tem perguntas para Vanessa? — pergunta a Sra. Giles.

A mão de uma pessoa se levanta. Deanna Perkins.

— Eu só não entendo por que você mentiria sobre isso — diz Deanna.
— Não faz sentido.

— Ahn. — Olho para a Sra. Giles, mas ela apenas me encara de volta. Todo mundo me encara. — Isso na verdade não é uma pergunta.

Deanna revira os olhos.

— Estou só dizendo: por quê?

— Não sei — respondo.

Alguém pergunta por que eu vivo na sala dele. “Eu nunca fico na sala dele”, respondo, uma mentira tão gritante que algumas pessoas chegam a rir. Outro pergunta se tenho algum problema, “tipo mental”, e eu respondo: “Sei lá, devo ter.” Conforme as perguntas prosseguem, me dou conta do óbvio: eu não posso mais voltar, não depois disso.

— Muito bem — diz a Sra. Giles. — Já chega.

Todo mundo recebe um pedacinho de papel com três perguntas. Pergunta um: onde você escutou esse boato? Pergunta dois: quando escutou? Pergunta três: você contou para seus pais? Quando saio, todas as vinte e seis cabeças estão curvadas, preenchendo o questionário, menos a de Jenny. Ela está sentada de braços cruzados encarando a mesa.

Volto para o alojamento e encontro meus pais empacotando minhas coisas. A cama está sem os lençóis; o armário, vazio. Minha mãe joga minhas coisas às cegas num saco de lixo: lixo, trabalhos de escola, o que estiver no chão.

— Como foi? — pergunta meu pai.

— O quê?

— A... você sabe... — Ele não termina a frase, sem saber direito como chamar aquilo. — A reunião.

Não respondo. Eu não sei como foi, não consigo nem processar o que realmente aconteceu. Olhando para mamãe, digo:

— Você está jogando fora coisas importantes.

— É lixo — diz ela.

— Não, você está pondo coisas da escola aí dentro, coisas de que eu preciso.

Ela dá um passo para trás e me deixa revirar o saco de lixo. Encontro um trabalho com os comentários de Strane, um teste que ele nos deu sobre Emily Dickinson. Seguro os papéis junto ao peito com força, sem querer que eles vejam o que estou guardando.

Meu pai fecha o zíper da minha mala atochada de roupas.

— Vou começar a descer com as coisas — diz ele, e sai para o corredor.

— A gente está indo embora?

Viro-me para mamãe.

— Venha cá — diz ela. — Me ajude a esvaziar isto aqui.

Ela abre a gaveta de baixo da minha escrivaninha e suspira. Está cheia de lixo: papéis amassados, embalagens de comida, lenços de papel usados, uma casca de banana preta. Eu a enchi semanas atrás, em pânico logo antes da inspeção dos quartos, e me esqueci de limpar.

— Vanessa, meu Deus do céu!

— Se for para gritar comigo, pode deixar que eu faço.

Pego o saco da mão dela.

— Por que você não joga as coisas fora? — pergunta ela. — Vanessa, sério, pelo amor de Deus, isto aqui é lixo. *Lixo*. Que tipo de pessoa acumula lixo numa gaveta?

Concentro-me em respirar enquanto esvazio a gaveta da escrivaninha no saco de lixo.

— Não é higiênico e não é normal. Você às vezes me assusta, sabia? Você faz coisas sem sentido, Vanessa.

— Pronto. — Empurro a gaveta de volta para dentro da escrivaninha.
— Tudo limpo.

— A gente deveria desinfetar.

— Mãe, está tudo bem.

Ela olha ao redor do quarto. Continua uma bagunça, embora seja difícil saber qual bagunça é minha e qual vem de ter empacotado tudo.

— Se a gente estiver indo agora eu preciso fazer uma coisa — digo.

— Aonde você tem que ir?

— Preciso de dez minutos.

Ela faz que não com a cabeça.

— Você não vai a lugar nenhum. Vai ficar aqui e ajudar a gente a limpar este quarto.

— Preciso me despedir das pessoas.

— De quem você precisa se despedir, Vanessa? Até parece que tem algum amigo.

Ela observa as lágrimas fazerem meus olhos arder, mas não parece arrependida. Parece estar esperando. É assim que todo mundo passou a semana inteira me olhando: como se esperasse que eu fosse desmoronar. Ela se volta para a bagunça, abre a primeira gaveta da cômoda com um puxão e começa a tirar as roupas. Quando faz isso, algo cai e escorrega pelo chão entre nós duas: a foto de Strane e eu no píer do vilarejo. Por um segundo, ela e eu encaramos a imagem, igualmente atordoadas.

— O quê... — Minha mãe se agacha. — Esse é o...?

Eu me abaixo depressa, agarro a foto e a pressiono contra o peito virada para dentro.

— Não é nada.

— O que é isso? — pergunta ela, estendendo a mão para mim.

Eu recuo.

— Não é nada — digo.

— Vanessa, me dê isso aqui.

Ela estende a mão como se houvesse alguma chance de eu ceder assim tão facilmente, como se eu fosse uma criança. Torno a dizer que não é nada. Não é nada, está bem? Fico repetindo isso, minha voz aumentando de volume e adquirindo um tom de pânico até virar um grito tão alto que ela dá um passo para longe de mim. A nota aguda parece perdurar, ecoando pelo quarto já meio vazio.

— Era ele — diz ela. — Você e ele.

Encarando o chão, abalada com o grito, eu sussurro:

— Não era, não.

— Vanessa, *eu vi*.

Meus dedos se dobram em volta da Polaroid. Imagino Strane ali no quarto, em como ele a acalmaria. *Não é nada*, diria ele, a voz tranquila como um bálsamo. *A senhora não viu o que pensou ter visto*. Ele poderia convencê-la de qualquer coisa, igualzinho faz comigo. Iria guiá-la até a cadeira da escrivaninha e preparar uma xícara de chá para ela. Enfiaria a foto no bolso, um movimento tão sutil e rápido que ela nem perceberia.

— Por que você está protegendo ele? — pergunta mamãe. Está respirando com força e exibindo um olhar inquisitivo. Não é uma questão de raiva; ela realmente não entende. Não consegue me entender, nem a mim nem nada daquilo. — Ele machucou você.

Nego com a cabeça e digo a verdade a ela.

— Não machucou, não.

Nessa hora meu pai volta, com o rosto suado. Põe uma bolsa de lona em um dos ombros e, enquanto procura mais alguma coisa para levar, repara em mamãe e em mim em um impasse, com minha mão ainda apertando a foto contra o peito. Para mamãe, ele pergunta:

— Está tudo bem aqui?

Há um instante de silêncio absoluto. No meio da manhã, o alojamento está vazio a não ser por nós três. Mamãe desvia os olhos de mim.

— Tudo bem — diz ela.

Empacotamos o resto das minhas coisas. É preciso quatro viagens para descer com tudo. Há um momento antes de eu subir na picape em que meus pés queimam de tanta vontade de sair correndo; sair correndo pelo campus, descer o morro até o centro da cidade e a casa de Strane. Imagino-me arrombando a casa dele, subindo na sua cama e me escondendo debaixo das cobertas. Nós poderíamos ter fugido. Eu disse isso para ele ontem à noite antes de ir embora da sua casa.

“Vamos entrar no seu carro agora e ir embora.”

Mas ele disse não, que não daria certo.

“O único jeito de passar por isso é enfrentar as consequências e fazer o melhor que pudermos para viver com elas.”

Quando papai está pondo o último saco de lixo na caçamba da picape, mamãe toca no meu ombro.

— A gente ainda pode contar a eles — diz ela. — Agora mesmo, pode ir lá e...

Papai abre a porta e sobe no banco do motorista.

— Prontas?

Afasto o ombro da mão de mamãe e ela me observa subir no carro.

Passo a viagem inteira deitada no banco de trás. Fico olhando as árvores, as superfícies prateadas por baixo das folhas, os cabos de força e as placas indicando a interestadual. Na caçamba da picape, a lona sobre todas as minhas coisas estala ao vento. Meus pais mantêm o olhar fixo à frente; a raiva e a tristeza deles são tão palpáveis que sinto até o gosto. Abro a boca para deixá-lo entrar e o engulo inteiro. No fundo da minha barriga, isso se transforma em culpa.

2017

Mamãe liga quando estou voltando a pé do mercado para casa, a bolsa pesada com potes de sorvete e garrafas de vinho.

— Quer passar o dia de Ação de Graças aqui? — pergunta ela com um tom exasperado, como se já tivesse feito muitas vezes essa pergunta, sendo que na verdade nós nem sequer falamos sobre o feriado.

— Imaginei que você fosse querer — digo.

— Você é quem sabe.

— Não quer que eu vá?

— Não, quero, sim.

— Então o que é?

Uma longa pausa.

— Eu não quero cozinhar.

— Não precisa.

— Vou me sentir esquisita se não cozinhar.

— Mãe, você não precisa cozinhar — digo. Ajeito a sacola de compras no ombro e torço para ela não escutar o barulho das garrafas. — Sabe o que a gente deveria fazer? Comprar aquele frango frito congelado da embalagem azul. A gente come isso e pronto. Lembra que era o que a gente comia toda sexta à noite?

Ela ri.

— Faz anos que não como aquele frango.

Desço a Congress Street, passo pela garagem de ônibus, pela estátua de Longfellow encarando de cima todos os passantes. Escuto o noticiário ao fundo: a voz de um especialista, depois a de Trump.

Mamãe grunhe e o ruído de fundo some.

— Coloco no mudo toda vez que ele aparece.

— Não entendo como você consegue ver isso o dia inteiro.

— Eu sei, eu sei.

Meu prédio surge. Estou prestes a me despedir quando ela diz:

— Vi sua antiga escola no noticiário outro dia, sabia?

Não paro de andar, mas paro de pensar, de olhar. Passo do meu prédio, atravesso a rua seguinte e sigo em frente. Prendo a respiração e espero para ver se ela vai insistir. Ela só disse *sua antiga escola*, não *aquele homem*.

— Bom, enfim — diz ela, suspirando. — Aquele lugar sempre foi um inferno.

* * *

Na esteira da matéria sobre as outras meninas, Browick suspende Strane sem vencimentos e abre outra investigação. Dessa vez a polícia estadual também se envolve. Ou pelo menos eu acho que essas coisas são verdade; são fragmentos que pesquei nos posts de Taylor no Facebook e nos comentários da matéria, onde pedaços de informação aparentemente legítima se escondem em meio a boatos, injúrias e exageros. Gente gritando É simples, basta castrar todos os pedófilos; outros concedendo um benefício da dúvida mais sutil, coisas como: Todos nós não deveríamos ser inocentes até que se prove o contrário?; deixem a justiça seguir seu curso; nem sempre se pode confiar nessas acusações, principalmente vindas de adolescentes, com imaginações férteis e instabilidade emocional. É atordoante e sem fim, e na verdade não sei o que está acontecendo porque Strane não me contou. Meu celular passa dias em silêncio.

É preciso todo o meu autocontrole para não entrar em contato. Escrevo mensagens de texto para ele, apago e torno a escrever. Faço rascunhos de e-mails, clico no número dele e ergo o dedo para ligar, mas não me permito. Apesar dos anos de adiamento, de ter deixado ele me doutrinar em relação ao que é verdade, ao que é histeria puritana e ao que é pura e simplesmente mentira, ainda tenho noção da realidade. A distorção psicológica a que fui submetida não embotou completamente meus sentidos. Eu sei que deveria estar com raiva, e apesar de essa emoção estar do outro lado do precipício, muito além do alcance, faço o que posso para agir como se a sentisse. Fico sentada, sem dizer nada, e deixo meu silêncio falar enquanto observo Taylor compartilhar repetidamente a matéria, com emojis de punhos cerrados na legenda e palavras que parecem os pregos de um caixão: Pode se esconder quanto quiser, mas a verdade sempre vai te achar.

* * *

Quando ele enfim entra em contato, é um telefonema de manhã cedo, e o celular tocando debaixo do meu travesseiro faz o colchão inteiro vibrar e

soa no meu sonho como o zumbido de um motor no lago, o ronco áspero e abafado que eu escutava enquanto nadava debaixo d'água e uma lancha passava. Ainda estou sonhando quando atendo, sentindo o gosto da água do lago, vendo os raios de sol atravessarem a escuridão até alcançarem as folhas apodrecidas e os galhos caídos lá no fundo, toda aquela lama sem fim.

Pelo telefone, Strane solta uma expiração trêmula de cansaço, do tipo que se dá depois de ter chorado.

— Está tudo acabado — diz ele. — Mas saiba que eu te amei. Mesmo tendo sido um monstro, eu te amei, sim.

Ele está ao ar livre. Ouço o vento, uma parede de som deformando suas palavras.

Sento-me na cama e olho para a janela. Está cedo, o sol ainda não nasceu, o céu é um degradê de preto para roxo.

— Estava esperando você ligar.

— Eu sei.

— Por que não me contou? Eu tive que ler no jornal. Poderia ter me contado.

— Eu não sabia que ia acontecer — diz ele. — Não tinha a menor ideia.

— Quem são essas meninas?

— Não sei. São só umas meninas. Não são ninguém. Vanessa, eu não sei o que é isso. Não sei nem o que foi que supostamente eu fiz.

— Elas estão dizendo que você as molestou.

Ele fica mudo, provavelmente espantado ao ouvir a palavra sair da minha boca. Eu tenho sido delicada com ele há muito tempo.

— Me diga que não é verdade — peço. — Jure.

Fico escutando o ruído do vento.

— Você acredita na possibilidade de ser verdade — diz ele. Não é uma pergunta, mas uma constatação, como se ele tivesse recuado um passo e agora conseguisse ver a dúvida que começou a se insinuar pelas bordas da minha lealdade.

— O que fez com elas? — pergunto.

— O que você está imaginando? Do que acha que sou capaz?

— Alguma coisa você fez. Por que elas diriam isso se você não tivesse feito nada?

— É uma epidemia — diz ele. — Não tem lógica nenhuma.

— Mas elas são só meninas. — Minha voz falha, um soluço sai engasgado, e minha sensação é de observar outra pessoa chorar, uma mulher desempenhando meu papel.

Lembro-me da minha colega de quarto na faculdade, Bridget, dizendo, depois da primeira vez que lhe contei sobre Strane: *Sua vida parece um filme*. Ela não entendia o horror de ver o próprio corpo estrelando um filme do qual sua mente não concordou em participar. Ela disse aquilo como um elogio. Não é o que todas as adolescentes desejam? Eternamente entediadas, loucas por uma plateia.

Strane me diz para não tentar entender o que está acontecendo, que eu vou enlouquecer.

— *O que* está acontecendo? — pergunto. — *O quê?*

Preciso de uma cena para visualizar, uma descrição de onde eles estavam na sala de aula, atrás da escrivaninha dele ou à mesa, como estava a luz, que mão ele usou, mas estou chorando muito e ele está me dizendo para ouvir, para, por favor, parar de chorar e escutá-lo.

— Não foi a mesma coisa com elas, entende? Não foi igual ao que tive com você. Eu te amei, Vanessa. Eu te amei.

Quando ele desliga, eu sei o que vai acontecer. Lembro-me da ameaça feita a Ira quando ele, exasperado com minha inércia, disse que iria pessoalmente denunciar Strane.

“Ira, se você fizer isso”, falei, com a voz firme e fria, “se contar alguma coisa sobre ele para qualquer um, nunca mais vai me ver na vida. Eu vou sumir.”

Encarando o telefone, digo a mim mesma que o impulso de ligar para a emergência é irracional, injustificável, mas estou de fato com medo. Não sei como explicar nada daquilo — quem eu sou, quem ele é — sem revelar toda a história. Digo a mim mesma que não adiantaria, que eu não sei nem onde ele está: ao ar livre, em algum lugar com vento. Isso não basta. Então vejo uma mensagem de texto dele, enviada logo antes da ligação. Pode fazer o que quiser, escreveu ele. Se quiser contar, deve contar.

Digito uma resposta, meus dedos voando pela tela: Não quero contar. Não vou contar nunca. Vejo a mensagem ser entregue e depois ficar sem ser lida.

Volto a dormir, primeiro um sono agitado e em seguida profundo como a morte, e só acordo às onze e quinze, quando o corpo dele já foi retirado do rio. Às cinco da tarde, o jornal de Portland publica uma matéria.

Professor veterano do ensino médio de Browick encontrado morto no rio Norumbega

NORUMBEGA — Jacob Strane, 59, de Norumbega, professor veterano da Escola Browick, morreu no início da manhã de sábado.

O Departamento do Xerife do Condado de Norumbega informou que o corpo de Strane foi encontrado no meio da manhã, no rio Norumbega, próximo à Ponte Narrows.

“Ele pulou da ponte. Resgatamos o corpo hoje pela manhã”, informou o Departamento do Xerife. “Recebemos uma ligação às 6h05 sobre alguém que poderia pular, e essa pessoa em seguida viu o homem pular. Não há indicação nenhuma de qualquer crime.”

Natural de Butte, Montana, Strane lecionou inglês por trinta anos no colégio interno e era um membro estimado da comunidade local. Na quinta-feira passada, este jornal noticiou que Strane estava sendo investigado após cinco alunas de Browick o denunciarem por abuso sexual, denúncias que vão de 2006 a 2016.

O Departamento do Xerife afirmou que, embora a morte de Strane tenha sido considerada suicídio, há uma investigação em andamento.

A matéria é ilustrada com uma foto recente tirada na escola: Strane sentado diante de um fundo azul, usando uma gravata que eu reconheço e da qual recordo até mesmo a textura: azul-marinho, com pequenos diamantes bordados. Parece muito velho, o cabelo ralo e grisalho, o rosto pálido e com a barba feita, pescoço flácido, olhos caídos. Parece pequeno. Não pequeno como um menino, mas como um velho: frágil e gasto. Não olha diretamente para a câmera, mas para algum ponto à esquerda com uma expressão de espanto, a boca ligeiramente entreaberta. Parece confuso, como se não estivesse entendendo o que aconteceu ou o que ele fez.

No dia seguinte, uma caixa chega pelo correio com o carimbo da véspera do dia em que ele pulou da ponte. Dentro dela encontro fotos, cartas, cartões e cópias de trabalhos que escrevi para a aula dele, tudo em um tecido amarelado — o pijama de morangos que ele comprou para mim na primeira vez que transamos. Não há bilhete, mas não preciso de explicação. São todas as provas, todas as que ele tinha.

* * *

A história se espalha pelo estado. O noticiário local da TV transmite matérias com planos rápidos do campus de Browick, alunos caminhando à sombra de pinheiros, alojamentos de ripa branca, o prédio da administração com suas colunas na fachada. Há um plano demorado do prédio de humanas. Então a mesma foto de Strane e, logo abaixo, o nome dele escrito errado: JACOB STRAIN.

O tempo desaparece à medida que percorro a seção de comentários, posts do Facebook, uma série de tuítes, enquanto meu celular toca de vez em quando com o alerta do Google que criei para o nome dele. No laptop, mantenho quinze abas abertas ao mesmo tempo, fico pulando de uma para outra, e, depois de ler todos os comentários, assisto à reportagem na TV. A primeira vez que vi, tive que correr para o banheiro e vomitar, mas me forcei a assistir tantas vezes que fiquei anestesiada. Não reajo quando a foto de Strane surge na tela. Nem sequer me abalo quando o apresentador diz “denúncias de cinco alunas”.

Cerca de vinte e quatro horas depois, a matéria viaja em direção ao sul. É reproduzida por jornais de Boston e Nova York, e então as pessoas começam a escrever artigos de opinião. Numa tentativa de complicar a atual tendência cultural de denúncias, dão aos textos títulos como “Esse acerto de contas foi longe demais?”, “Quando as denúncias se tornam mortais” e “Está na hora de falar sobre o perigo das acusações sem investigação”. Além de falarem de Strane, os artigos também citam Taylor, e fazem dela um arquétipo da acusadora exagerada, uma *millennial* defensora da justiça social que nunca parou para pensar nas consequências dos seus atos. Alguns defendem Taylor nas redes sociais, porém as vozes mais altas a transformam em vilã. Chamam-na de egoísta, sem coração, assassina, porque a morte dele é culpa dela, foi ela quem o levou ao suicídio. O apresentador de um podcast de direitos dos homens dedica um episódio inteiro à história, chama Strane de vítima da tirania do feminismo, e seus ouvintes passam a perseguir Taylor. Arranjam o telefone dela, o endereço de casa e do trabalho. Taylor posta no Facebook capturas de tela de e-mails e mensagens de texto de homens anônimos ameaçando estuprá-la, matá-la e esquartejar seu corpo. Então, poucas horas depois, ela desaparece. Seu perfil é bloqueado, todo o conteúdo público some. É tudo muito rápido.

Enquanto isso, continuo dizendo no trabalho que estou doente, perco dias em frente ao laptop, com a mesinha de cabeceira lotada de embalagens de comida e garrafas vazias. Bebo, fumo e analiso as fotos que Strane guardava de mim adolescente com cara de bebê e pernas e braços finos. Nelas eu pareço extremamente jovem, sem blusa, sorrindo e com os braços estendidos em direção à câmera. Em uma, estou afundada no banco do carona da caminhonete dele, fulminando a câmera com os olhos. Em outra, estou deitada de bruços na cama dele, com o lençol puxado até a cintura. Lembro-me de ter visto essa última foto depois que ele a tirou e ter pensado que era estranho ele me achar sexy, mas tentei enxergar por esse ponto de vista. Tinha dito a mim mesma que a foto parecia um frame de um videoclipe.

Pego o laptop, procuro por “Fiona Apple Criminal” no Google, acesso o vídeo, e ali está a Fiona adolescente, pálida e magra. Ela canta sobre ser uma menina má, e eu penso no divorciado me perguntando isso no beco atrás do bar: *Você andou sendo uma menina má? Está com cara de quem andou sendo má.* Lembro-me de Strane se lamentando sobre como eu o havia transformado num criminoso. Eu via tanto poder nisso... Poderia ter colocado ele na cadeia, e nos meus momentos mais malcriados havia imaginado isso: Strane numa cela pequena, sem nada para fazer exceto pensar em mim.

O clipe termina, e eu junto as fotos e as guardo na caixa. Naquela caixa de merda. Meninas normais têm caixas de sapato cheias de cartas de amor e arranjos de flores ressecadas; eu tenho uma coleção de pornografia infantil. Se fosse esperta, queimaria tudo, principalmente as fotos, pois sei o que pareceriam para uma pessoa normal: algo confiscado de um cartel de tráfico de menores, provas de um crime evidente. Mas eu nunca conseguiria. Seria como atear fogo em mim mesma.

Será que é possível eu ser presa por ter fotos de mim mesma? Eu me questiono se talvez esteja virando uma predadora, se o modo como me empolgo com meninas adolescentes diz algo sobre mim. Lembro que os abusadores em geral foram abusados quando crianças. Dizem que é um ciclo, evitável se você estiver disposto a fazer o esforço necessário. Mas eu sou preguiçosa demais para levar o lixo para fora, preguiçosa demais para fazer faxina. Não, nada disso me diz respeito. Eu não fui abusada, não desse jeito.

Pare de pensar. Permita-se viver seu luto. Mas como posso viver meu luto se não houve nem mesmo um obituário, nada sobre um enterro, apenas aquelas matérias escritas por desconhecidos? Não sei quem organizaria um enterro, talvez a irmã dele, que mora em Idaho? Mas, mesmo se houvesse um enterro, quem compareceria? Eu não poderia ir. As pessoas me veriam, e então saberiam. *Me conte o que aconteceu*, diriam. *Nos conte o que ele fez com você*.

Meu cérebro começa a falhar e meu quarto de repente parece iluminado por uma luz estroboscópica, então tomo um Lorax, fumo maconha e me deito. Sempre deixo o remédio fazer efeito antes de decidir se tomo outro. Nunca passo do ponto. Sou cuidadosa, por isso sei que meu problema é brando, isso se eu tiver mesmo um problema, o que talvez nem tenha.

Está tudo bem. A bebida, o bagulho, o Lorax, até mesmo Strane... Está tudo ótimo. Não é nada. É normal. Todas as mulheres interessantes tiveram amantes mais velhos quando eram jovens. É um rito de passagem. Você entra menina e sai não totalmente mulher, mas quase isso, uma menina mais consciente de si mesma e do próprio poder. Consciência de si mesma é algo bom. Conduz à segurança, à noção do seu lugar no mundo. Ele me fez enxergar a mim mesma de tal modo que um menino da minha idade jamais teria conseguido. Ninguém pode me convencer de que para mim teria sido melhor ser igual às outras meninas, chupar paus e bater punhetas, todo esse trabalho sem fim, e então ser chamada de piranha e jogada fora. Pelo menos Strane me amou. Pelo menos eu sabia o que era ser venerada. Ele caiu aos meus pés antes mesmo de me beijar.

Mais um ciclo: beber, fumar, tomar remédio. Quero afundar o suficiente para chegar abaixo da superfície e nadar sem precisar de ar. Ele foi a única pessoa que entendeu esse desejo. Não morrer, mas já estar morta. Lembro-me de tentar explicar isso para Ira. Um vislumbre bastou para deixá-lo preocupado, e a preocupação nunca leva a nada de bom. A preocupação faz as pessoas se meterem onde não devem. Sempre que escutei as palavras “Vanessa, estou preocupado com você”, minha vida foi estraçalhada.

Uísque, bagulho, mais Lorax. Eu conheço meus limites. Tenho uma cabeça boa, apesar de tudo. Sei me cuidar. Olhem para mim: eu estou bem. Estou ótima.

Estendo a mão para o laptop e torno a assistir ao clipe. Meninas adolescentes se contorcem de lingerie enquanto homens sem rosto guiam a

cabeça e as mãos delas para baixo. Fiona Apple foi estuprada quando tinha doze anos. Lembro-me de ela falar isso em entrevistas quando eu tinha doze anos. Ela falava muito abertamente, dizendo aquela palavra como se fosse uma palavra qualquer. O estupro aconteceu no corredor do prédio dela; durante todo o tempo que o homem levou para fazer o que fez, ela escutou o próprio cachorro latir do outro lado da porta. Lembro-me de chorar com esse detalhe abraçada ao nosso velho pastor-alemão, lágrimas quentes que enterrei no pelo dele. Eu não tinha motivo nenhum para me importar com estupro na época — era uma criança sortuda, segura e amada —, mas aquela história me afetou muito. De algum modo, eu já sentia o que ia acontecer comigo. Mas, sério, que menina não sente? Isso paira sobre a gente, essa ameaça de violência. Eles enfiam o perigo na sua cabeça até ele começar a parecer inevitável. Você cresce pensando quando é que vai acontecer.

Digito no Google “entrevistas Fiona Apple” e leio até a vista embaçar. Uma linha de um artigo da *SPIN* de 1997 sobre o mesmo videoclipe provoca um choro engasgado em mim: “Ao assistir, você se sente tão perverso quanto Humbert Humbert.” Se eu puxar qualquer fio com força suficiente, *Lolita* vai surgir. Mais adiante na matéria, é Fiona que faz à entrevistadora uma série de perguntas sobre seu estuprador, sobre o estupro: “Quanta força é preciso para machucar uma menina pequena? Quanta força é preciso para a menina superar? Qual dos dois você acha que é mais forte?” As perguntas pairam no ar, as respostas evidentes: a forte é ela. Eu também sou forte, mais do que qualquer pessoa jamais reconheceu que eu fosse.

Não que eu tenha sido estuprada. Não *estuprada* no sentido literal. Strane me machucou algumas vezes, mas nunca dessa forma. Embora eu pudesse afirmar que ele me estuprou e tenho certeza de que acreditariam. Eu poderia participar desse movimento de mulheres, mulheres e mais mulheres pintando os muros com tudo de ruim que já lhes aconteceu, mas não vou mentir para me encaixar. Não vou me chamar de vítima. Mulheres como Taylor encontram conforto nesse rótulo e isso é ótimo para elas, mas eu sou aquela para quem ele ligou quando estava à beira do precipício. Ele mesmo disse: comigo foi diferente. Ele me amou, ele me amou.

Quando eu entro no consultório de Ruby, basta uma olhada em mim e ela diz:

— Você não está bem.

Tento erguer os olhos para encará-la, mas só consigo chegar até a pashmina laranja em volta dos seus ombros.

— O que houve?

Passo a língua pelos lábios.

— Estou de luto. Perdi uma pessoa importante.

Ela leva a mão ao peito.

— Sua mãe?

— Não — respondo. — Outra pessoa.

Ela espera uma explicação; sua testa se franze cada vez mais à medida que os segundos passam. Em geral, sou muito direta, já chego ao consultório preparada com vários temas que quero abordar. Ela nunca precisou extrair nada de mim.

Respiro fundo.

— Se eu contar uma coisa ilegal, você é obrigada a relatar para a polícia?

Ela responde lentamente, pega de surpresa:

— Depende. Se você revelasse que matou alguém, eu teria que contar.

— Eu não matei ninguém.

— Achei mesmo que não.

Ela espera eu dizer mais, e de repente aquilo parece ridículo, aquela reticência.

— Meu luto tem a ver com abuso — digo. — Ou com coisas que os outros consideram abusivas. Eu acho que não foi abuso. Só quero ter certeza de que você não vai contar para ninguém se eu não quiser.

— Estamos falando sobre um abuso que aconteceu com você?

Aquiesço, com os olhos fixos na janela acima dos ombros dela.

— Não posso revelar nada do que você me contar sem sua permissão explícita — diz ela.

— E se tiver acontecido quando eu era menor de idade?

Seus olhos se agitam, algumas piscadas rápidas.

— Não importa. Você é adulta agora.

Pego o celular na bolsa e entrego para ela, com a matéria sobre o suicídio de Strane já carregada. A expressão de Ruby fica sombria conforme ela desce a tela.

— Isto aqui tem alguma relação com você?

— Esse era o professor, aquele que... — Eu hesito. Quero explicar, mas as palavras não vêm. Elas não existem. — Eu mencionei ele uma vez. Não sei se você se lembra.

Foi meses atrás, quando nós duas ainda estávamos nos conhecendo. Na época, ao final das sessões, ela me fazia perguntas casuais, como uma massagem para relaxar depois de uma longa sessão de exercícios físicos — onde eu tinha sido criada, o que fazia para me divertir —, coisas chatas e normais. Numa semana me perguntou sobre escrever, sobre ter feito esse curso na faculdade, com que idade eu tinha começado a me interessar de verdade por isso.

“Você foi incentivada por algum professor?”, perguntou ela.

Foi uma pergunta inócua, mas fez meu rosto desmoronar. Não de choro, mas de nervoso: arquejos, risadinhas de adolescente. Eu me escondi atrás das mãos e espiei por entre os dedos enquanto Ruby me encarava, pasma.

Por fim, consegui dizer:

“Teve um professor que me incentivou muito, mas era complicado.”

E quando eu disse isso, o consultório foi tomado por uma seriedade mais pesada. Era como se Strane tivesse usado meu corpo para se revelar.

“Então tem uma história aí”, disse Ruby.

Ainda me remexendo, aquiesci. Então, bem baixinho, ela perguntou: “Você se apaixonou por ele?” Não sei como respondi. Devo ter dito sim de um modo ou de outro, e seguimos em frente, falamos de outra coisa, mas fiquei impactada com a pergunta. Continuo impactada. A ação implícita: eu me apaixonei por ele? Acho que ninguém com quem já me confidencieei me perguntou isso. Só se eu tinha ido para a cama com ele, como tinha começado ou terminado, nunca se eu o amei. Depois do fim dessa sessão, não tocamos mais no assunto.

Na minha frente, Ruby fica boquiaberta.

— Esse era ele?

— Desculpe — digo. — Sei que é uma coisa grande para jogar no seu colo.

— Não precisa se desculpar.

Ela lê por mais alguns instantes, então larga o celular com a tela virada para baixo na mesinha entre nós e me encara. Pergunta por onde eu quero começar.

Mostra-se paciente enquanto as palavras vão saindo de mim a contagotas. Dou o meu melhor para fazer um breve resumo: como começou, como continuou. Não falo de sentimentos, do efeito que aquilo teve em mim, mas os fatos bastam para deixá-la horrorizada. Embora eu não tenha certeza de que teria reconhecido o horror se não fosse tão boa em interpretar a expressão dela. Ruby mantém o horror restrito aos olhos.

No final da sessão, ela diz que sou corajosa... por contar, por confiar.

— Estou honrada por você ter decidido dividir isso comigo — diz ela.

Ao sair do consultório, me pergunto quando tomei a decisão, se em algum lugar da minha mente eu já tinha decidido contar quando cheguei, se isso ao menos estava sob meu controle.

No caminho para casa, sou impelida pela energia da confissão, pela leveza súbita que sucede um desabafo. Desvio de um grupo de turistas, um deles dizendo para o outro:

— Nunca vi tanta guimba de cigarro. Achei que este lugar fosse bonito.

Penso em como durante toda a sessão Ruby me tratou feito um animal arisco prestes a sair correndo, seu cuidado ecoando a aproximação lenta de Strane. Como ele foi cauteloso, primeiro encostando a perna na minha coxa, uma coisa tão pequena que poderia ter sido um acidente, depois a mão no meu joelho, um tapinha, uma coisa simpática que as pessoas fazem umas com as outras. *Tap-tap-tap*. Eu já tinha visto professores abraçarem alunos, nada de mais. A coisa só acelerou depois disso, quando ele soube que por mim estava tudo bem; e não é isso que significa consentimento, sempre ser perguntada sobre o que se quer? Eu queria que ele me beijasse? Queria que ele me tocasse? Queria que ele me comesse? Lentamente guiada até o fogo... Por que todo mundo tem tanto medo de admitir como isso pode ser bom? Ser seduzida é ser amada e manuseada como algo precioso e delicado.

Uma vez no ar rançoso do meu apartamento, os pensamentos obsessivos se estabilizam, e então vão diminuindo quando olho para a bagunça concreta da minha cama desfeita e das bancadas da cozinha cobertas de embalagens de comida, o calendário na minha geladeira que Ruby me obrigou a fazer meses atrás, cada dia ocupado com alguma tarefa constrangedoramente básica — lavar roupa, tirar o lixo, fazer compras, pagar o aluguel —, coisas provavelmente naturais para a maioria das pessoas. Se eu não visse essas tarefas escritas com clareza na minha

frente, andaria por aí de roupa suja e viveria à base de batatas chips compradas no mercadinho da esquina.

As Polaroids enfileiradas continuam ocupando minha sala, o pijama de morangos pendurado no aquecedor. Pergunto-me a que nível de loucura eu cheguei e se seria capaz de ir mais longe, quantos passos mais até me transformar numa mulher que prega tábuas nas janelas para viver sem ser incomodada em meio ao lixo do próprio passado. Eu disse a Ruby que já tinha imaginado aquilo: ele morrendo, como poderia acontecer, o que eu sentiria. Ele era vinte e sete anos mais velho; eu estava preparada. Mas o havia imaginado franzino e impotente, erguendo os olhos para mim do leito de morte. Ele me deixaria algo real: sua casa, seu carro, ou apenas dinheiro. Como Humbert no final entrega a Lo aquele envelope cheio de dinheiro, um pagamento tangível por tudo que a tinha feito aguentar.

Em determinado momento da sessão, Ruby falou que devia haver tanta coisa represada dentro de mim que eu parecia prestes a explodir. Ela disse que minha mente estava *em chamas* de tanta vontade de falar.

“Vamos ter que tomar cuidado”, disse ela, “para não fazer coisas demais depressa demais.”

Mas em pé na minha sala eu imagino qual poderia ser a sensação de não ligar para as consequências. Fico sem ar ao pensar no que aconteceria se eu despejasse gasolina em cima daquelas provas, partindo dos trinta e dois anos e chegando até os quinze lá atrás. No estrago que eu causaria se acendesse um fósforo e deixasse tudo queimar.

2001

É início de junho, o primeiro dia de sol após duas semanas de chuva. As mutucas sumiram, mas inúmeros mosquitos se juntam à nossa volta quando arrastamos a boia pelo quintal até o lago. Papai e eu nos sentamos cada um numa ponta, com um remo na mão, e guiamos a boia para além dos rochedos e até a água profunda, onde papai a prende na âncora e retira a boia de marcação. Ficamos um tempo sentados na boia, papai com um dos pés pendurado para fora, na água, eu com os joelhos erguidos até o peito para esconder meu maiô velho e frouxo, o elástico já podre, as alças esticadas presas com um nó para impedi-las de caírem dos meus braços. Na margem, Babe anda de um lado para outro, ofegante, com a coleira amarrada ao tronco de um pinheiro. Nenhum de nós dois está com pressa de nadar de volta para casa. Não tivemos dias quentes suficientes; a água continua fria.

Ao olhar para o lago, no ponto em que os raios de sol penetram até o fundo, vejo as toras afundadas deixadas cem anos atrás, quando o lago e a floresta em volta pertenciam a uma madeireira. Mais perto da margem, peixes-lua protegem seus ninhos cheios de ovos, círculos de areia perfeitos meticulosamente traçados com as nadadeiras. Libélulas passam chispando rente à superfície, seus corpos compridos fundidos, à procura de um lugar seguro para acasalar. Duas delas pousam no meu antebraço, corpos azuis elétricos, asas transparentes.

— Você parece melhor — diz papai.

É assim que falamos sobre Strane agora, sobre Browick, sobre tudo que aconteceu: alusões evasivas. É o mais perto que alguém chega de tocar no assunto. Papai mantém os olhos fixos em Babe ao longe na margem, e não me olha para conferir a resposta. Reparo que ele tem feito muito isso, evita olhar para mim, e sei que é por causa do que aconteceu, mas digo a mim mesma que é porque eu passei dois anos morando longe no colégio interno, porque estou mais velha, porque que pai quer olhar para a filha adolescente de maiô frouxo?

Não digo nada, fico encarando as libélulas. Na verdade, estou me sentindo melhor, ou pelo menos melhor do que um mês atrás, quando saí de Browick, mas reconhecer isso parece semelhante demais a seguir em frente.

— Melhor acabarmos logo com isso. — Ele se levanta, mergulha no lago. Quando sua cabeça torna a surgir, ele grita: — Meu Deus do céu, que frio. — Olha para mim. — Vai entrar?

— Vou esperar um pouco.

— Tudo bem.

Observo-o avançar pela água até a margem onde Babe aguarda, pronta para lambe as gotas das canelas dele. Fecho os olhos e escuto a água bater nas laterais da boia, o *ti-ti-ti* do chapim, do tordo-dos-bosques e da rola-carpideira. Quando eu era mais nova, meus pais diziam que eu parecia uma rola-carpideira, sempre de cara fechada, sempre muito triste.

Quando mergulho, o frio é um choque tão grande que por uma fração de segundo não consigo nadar, não consigo me mexer e meu corpo despenca para o fundo preto-esverdeado, mas então dou um impulso suave em direção à superfície, meu rosto virado para cima, em direção ao sol.

Enquanto atravesso o quintal até em casa, sinto um nó no estômago ao ver o carro de mamãe parado em frente. De volta do trabalho, ela trouxe uma pizza.

— Pegue um prato — diz papai.

Ele dobra sua fatia ao meio e dá uma mordida bem grande.

Mamãe joga a bolsa em cima da bancada, tira os sapatos e repara em mim de maiô e cabelo molhado.

— Vanessa, pelo amor de Deus, pegue uma toalha. Você está molhando o chão todo.

Ignoro-a e inspeciono a pizza, nacos de calabresa e queijo. Apesar de estar com tanta fome a ponto de sentir minhas mãos trêmulas, faço uma careta.

— Ok — diz mamãe. — Então não coma.

Pressentindo uma briga, papai sai da cozinha e vai para a sala, em busca do refúgio da TV.

— E o que vou comer, então? Tudo aqui nesta casa é intragável.

Ela toca a testa com dois dedos.

— Vanessa, por favor. Não estou com disposição para isso.

Abro a porta de um armário com um tranco e pego uma lata.

— Carne moída enlatada vencida há — verifico a data — dois anos. Uau. Que delícia.

Mamãe pega a lata e a joga no lixo. Vira-se, entra no banheiro e bate a porta.

Mais tarde, quando estou com o caderno na cama escrevendo as cenas que nunca param de se repetir na minha cabeça — Strane me tocando pela primeira vez atrás da escrivaninha, as noites que passei na casa dele, as tardes no escritório —, mamãe sobe com duas fatias de pizza. Põe o prato na minha mesa de cabeceira e se senta na beirada da cama.

— Quem sabe a gente não desce o litoral neste fim de semana — diz ela.

— Para fazer o quê? — balbucio.

Não tiro os olhos do caderno, mas sinto a mágoa dela. Está tentando me puxar de volta para quando eu era criança, quando ela e eu nunca precisávamos *fazer* nada, simplesmente entrávamos no carro e saíamos, felizes por estarmos juntas.

Ela baixa os olhos para as páginas do caderno e inclina a cabeça para ver o que estou escrevendo. As palavras *sala de aula*, *escrivaninha* e *Strane* se repetem incontáveis vezes.

Viro o caderno de cabeça para baixo.

— Me dá licença?

— Vanessa — diz ela, suspirando.

Ficamos nos encarando, e os olhos dela percorrem meu rosto à procura das mudanças em mim, ou quem sabe de um sinal de algo conhecido. Ela sabe. Não consigo pensar em outra coisa toda vez que ela olha para mim: ela *sabe*. No início tive medo de que ela fosse entrar em contato com a escola ou com a polícia, ou no mínimo contar para meu pai. Durante semanas, toda vez que o telefone tocava, meu corpo se preparava para o desfecho inevitável. Só que isso nunca aconteceu. Ela está guardando meu segredo.

— Se nada aconteceu — diz ela —, você precisa encontrar um jeito de deixar isso para trás.

Ela dá alguns tapinhas na minha mão ao se levantar e ignora o modo como me afasto com um tranco. Deixa a porta do meu quarto entreaberta e eu me levanto para fechá-la com um empurrão.

Deixar isso para trás. Assim que percebi que ela não iria contar para ninguém, fiquei aliviada, mas agora o alívio começou a se tornar algo semelhante à decepção. Porque o acordo parece ser: *se você quer que eu guarde esse segredo, então precisamos fingir que nada aconteceu.* E isso eu não posso fazer. Vou me lembrar o máximo que puder das coisas. Vou viver dentro das lembranças até poder voltar a vê-lo.

* * *

O verão se arrasta. À noite, fico deitada na cama escutando as mobelhas gritarem. Durante o dia, quando meus pais estão no trabalho, percorro a trilha de terra batida catando framboesas para pôr dentro de panquecas que encharco de melado e como até enjoar. Fico deitada no quintal, de bruços no capim, escutando Babe chafurdar no lago à procura de peixes. Gotas de água respingam nas minhas costas quando ela se sacode para se secar e seu focinho toca minha nuca como se perguntasse se está tudo bem.

Decido pensar naquilo como um intervalo na minha história, um período de exílio que está pondo à prova minhas lealdades, mas no fim vai me deixar mais forte. Já aceitei que não posso entrar em contato com Strane, pelo menos não no curto prazo. Mesmo que meus pais não estivessem checando o identificador de chamadas e a conta de telefone, imagino linhas sendo grampeadas, e-mails sendo monitorados. Uma ligação minha e ele poderia ser demitido. A polícia apareceria à sua porta. É estranho me imaginar tão perigosa assim, mas vejam só o que já aconteceu: eu mal abri a boca e nos levei à beira do desastre.

Tudo que posso fazer é suportar. Remar a canoa até o meio do lago e deixá-la flutuar de volta para a margem, ler *Lolita* pela milionésima vez e analisar as anotações desbotadas de Strane. Encarar a página cento e quarenta, quando Humbert e Lo estão no carro de manhã após terem transado pela primeira vez, onde há uma linha sublinhada com uma tinta que parece mais recente: “Era algo bastante especial, aquela sensação: uma restrição opressiva, horrorosa, como se eu estivesse sentado na companhia do pequeno fantasma de algo que eu tivesse acabado de matar.” Pensar em Strane me levando de volta de carro até o campus depois da primeira noite na casa dele, em como me observou atentamente ao perguntar se estava tudo bem. Rabiscar no meu caderno: “*Chave de cadeia*” significa ter o poder de transformar um homem num criminoso com um simples toque.

O mês de agosto me aterroriza, pois quando a data da mudança para Browick passar eu não vou mais poder fingir que existe uma chance de tudo isso se ajeitar, que talvez eu acorde de manhã com a picape cheia e meus pais exclamando: “Surpresa! Tudo se resolveu. É claro que você vai voltar!” Na manhã do dia da mudança, acordo com a casa vazia, meu pai e minha mãe no trabalho. Um bilhete na bancada da cozinha me diz para

passar aspirador, lavar a louça, escovar Babe, regar os pés de tomate e de abobrinha. Ainda de short e camiseta de dormir, calço os tênis e saio pela floresta. Corro para o alto do penhasco, o mato arranhando minhas canelas. Quando chego ao topo, arquejando para recuperar o fôlego, olho para o lago e para a montanha, aquele dorso de baleia baixo e comprido se erguendo da terra. A floresta sem fim interrompida apenas por uma nesga de rodovia, carretas grandes deslizando pela pista feito brinquedos num trilho. Penso em entrar num quarto vazio no alojamento, no sol batendo no colchão sem lençol, em encontrar as iniciais de outra pessoa raspadas no peitoril da janela. Imagino uma nova turma se acomodando ao redor da mesa enquanto Strane observa, pensando em mim.

* * *

Minha nova escola de ensino médio é um prédio comprido de um andar só erguido às pressas nos anos 1960 para acomodar todos os filhos do *baby boom* e que até hoje não foi modernizado. Divide o estacionamento com um centrinho comercial, onde tem um supermercado de preços populares, uma lavanderia automática, um centro de telemarketing que vende cartões de crédito e um restaurante barato que ainda deixa as pessoas fumarem.

É o contrário de Browick em todos os sentidos possíveis. Salas de aula acarpetadas, comícios motivacionais, alunos de camiseta e calça jeans, matérias técnicas, bandejas de nuggets de frango e fatias de pizza no refeitório, salas de aula tão lotadas que não cabe nem mais uma carteira. No trajeto de carro pela manhã, mamãe diz que é bom eu começar no primeiro dia de um novo ano letivo, que vou me adaptar rapidinho, mas quando ando pelos corredores fica claro que já estou marcada. Alunos que reconheço do fundamental desviam os olhos, enquanto outros me encaram descaradamente. Em Francês Avançado 4, com um livro cheio de lições que já aprendi, dois meninos na fileira ao lado da minha cochicham sobre uma menina nova de quem ouviram falar, aluna do penúltimo ano, transferida, uma piranha que trepou com um professor.

A princípio, só consigo piscar para o meu livro. *Trepou?*

Então a raiva toma conta de mim. Porque aqueles meninos não fazem ideia de que a menina sobre quem estão falando está sentada bem ao lado deles, porque só tenho duas escolhas e nenhuma delas é justa: ficar sentada

sem dizer nada ou fazer uma cena e me entregar. Talvez os meninos pensem que sou uma aluna do último ano como eles, porém o mais provável é que nem sequer passe pela cabeça deles que eu seja a menina em questão. Minha aparência deve ser normal, de cara limpa, calça de veludo cotelê tamanho 44. *Você?*, perguntariam eles, incrédulos, incapazes de me identificar como a piranha que tinham imaginado.

* * *

No quarto dia, duas meninas se aproximam a caminho do refeitório. Uma delas eu conheço do fundamental, Jade Reynolds. Seu cabelo castanho foi descolorido em um tom laranja berrante e ela se livrou da calça jeans boca de sino e dos colares de halteres que usava, mas manteve os olhos contornados com delineador preto. A outra menina, Charley, eu reconheço da minha aula de química. Ela é alta, tem cheiro de cigarro e o cabelo quase branco de tão descolorido. Seu nariz adunco faz os olhos parecerem levemente estrábicos, como um gato siamês.

Jade sorri para mim enquanto caminhamos, um sorriso que tem menos a ver com ser simpática e mais com me examinar a fundo.

— Oi, Vanessa — diz ela, animada, articulando bem as palavras. — Quer almoçar com a gente?

Encolho os ombros por reflexo. Balanço a cabeça, pressentindo uma armadilha.

— Não precisa.

Jade estica o pescoço.

— Tem certeza?

Ela continua exibindo aquele sorriso estranho e perscrutador.

— Vamos — diz Charley com uma voz rascante. — Ninguém gosta de comer sozinho.

No refeitório, as meninas vão para uma mesa no canto. Mal me sento e Jade se inclina por cima da mesa com os olhos castanhos arregalados.

— Então — diz ela. — Por que você foi transferida para cá?

— Não gostei de lá — respondo. — O colégio interno era caro demais.

Jade e Charley se entreolham.

— A gente ouviu dizer que você transou com um professor — diz Jade.

De certa forma é um alívio ouvir a pergunta ser dirigida diretamente a mim. Um alívio, também, imaginar a história percorrendo o estado inteiro, recusando-se a ficar para trás. Meus pais podem fingir que nunca aconteceu, mas aconteceu, *aconteceu, sim*.

— Ele era gato? — pergunta Charley. — Eu treparia com um professor gato.

Elas me observam com curiosidade enquanto me esforço para responder. Como os meninos da aula de francês, sei que a imaginação delas está muito longe da realidade: um professor jovem e bonito, como o personagem de um filme. Pergunto-me o que pensariam de mim se vissem Strane, com a barriga saliente e os óculos de armação de metal.

— Então é verdade mesmo? — indaga Jade, com um viés de incredulidade na voz.

Ela não está convencida. Dou de ombros, não exatamente uma afirmação, mas tampouco uma negativa, e Charley balança a cabeça como quem entende.

As meninas dividem um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim que Jade tira da mochila, ambas separando as metades e raspando a manteiga de amendoim com os dentes. Seguem com os olhos o professor perambulando pelo refeitório. Quando ele se abaixa para falar com uma mesa do outro lado, Jade e Charley se levantam de um pulo.

— Venha — diz Charley. — Traga a mochila.

Elas saem depressa do refeitório, descem o corredor, dobram uma quina para entrar numa ala menor da escola e então saem por uma porta que dá para uma passarela pela qual se chega a uma sala de aula temporária. Abaixam-se a fim de passar pelo guarda-corpo da passarela e pulam para o gramado lá embaixo.

Quando eu hesito, Charley estica a mão para cima e dá um tapa bem forte no meu tornozelo.

— Pule antes que alguém veja você.

Corremos pela grama até o estacionamento e o centro comercial, onde pessoas empurram carrinhos abarrotados de sacolas do supermercado. Um homem encostado num táxi vazio nos observa enquanto traga seu cigarro.

Charley me segura pela manga e me guia para dentro do supermercado. Deixo-me levar e as sigo pelos corredores. Os funcionários nos observam. É óbvio que somos da escola; nossas mochilas nos denunciam na mesma

hora. Charley e Jade percorrem alguns corredores antes de seguirem para a seção de maquiagem.

— Gostei deste aqui — diz Charley, inspecionando a parte de baixo de um batom.

Passa o batom para Charley, que o vira e lê o nome da cor: “Vinho com Tudo.”

Jade me entrega o batom.

— Bonito — digo, devolvendo-o.

— Não — sussurra ela. — Ponha no bolso.

Seguro o batom com força, entendendo do que se trata. Com um movimento fluido, Charley enfia três vidrinhos de esmalte na mochila. Jade põe dois batons e um delineador no bolso.

— Chega por enquanto — diz Charley.

Atravesso a loja atrás delas em direção à saída. Quando cortamos caminho por uma caixa registradora vazia, jogo o batom no meio dos chocolates.

* * *

Num universo paralelo, ainda estou em Browick. Tenho outro quarto individual no alojamento Gould, maior dessa vez, com mais luz natural. Em vez de química, história dos Estados Unidos e álgebra, faço aulas de astronomia estelar, sociologia do rock e arte da matemática. Tenho leitura dirigida com Strane e nós nos encontramos à tarde, no escritório dele, para conversar sobre os livros que pede que eu leia. Os pensamentos fluem de dentro dele diretamente para mim, nossos cérebros e corpos em conexão.

Vasculho o armário do meu quarto e encontro os folders de papel cuchê que trouxe para casa quando estava no oitavo ano e via galáxias no meu futuro. Recorto as páginas e as colo na capa da minha agenda: mesas de refeitório arrumadas com toalhas para o fim de semana de visita dos pais, alunos curvados sobre livros na biblioteca, o campus no outono inundado de luz dourada e folhas cor de fogo, vermelhas como bordo. Um catálogo da L.L.Bean chega pelo correio e eu o recorto também. Os homens são todos substitutos de Strane, de blazers de tweed, camisas de flanela e botas de caminhada, segurando canecas de café preto fumegante. Sinto tanta falta dele que fico exausta. Eu me arrasto de aula em aula, dividindo os

dias em unidades administráveis. Se não horas, minutos. Se eu pensar em quantos dias se estendem à minha frente, acabo obcecada por coisas que sei que não deveria. Como, por exemplo, estar morta talvez não seja o pior. Talvez não fosse tão ruim.

Na terceira semana, as Torres Gêmeas desabam e passamos o dia inteiro na escola assistindo ao noticiário. Minibandeiras dos Estados Unidos começam a aparecer nos carros, espetadas nos casacos das pessoas, nas lojas de conveniência ao lado das caixas registradoras. A Fox News fica ligada direto na TV do refeitório e todas as noites meus pais assistem a horas de CNN, as mesmas imagens de fumaça saindo das torres, de George W. Bush com um megafone no Marco Zero, de especialistas debatendo de onde estão vindo as cartas com antraz. Minha nova professora de literatura pendura em frente à sua mesa a ilustração de uma águia chorando, e no canto do quadro branco escreve as palavras *NUNCA VAMOS ESQUECER*. Apesar disso, só consigo pensar em Strane e na minha perda. No meu caderno, escrevo: *Nosso país foi atacado. Um dia trágico*. Fecho a capa, torno a abri-la e acrescento: *E mesmo assim tudo que me importa sou eu mesma. Sou egoísta e má*. Espero que as palavras me causem vergonha. Mas elas não surtem efeito algum.

* * *

Durante o almoço, Charley, Jade e eu fumamos um cigarro nos fundos do centro comercial, escondidas entre dois latões de lixo com pilhas altas de papelão dentro. Jade quer que Charley mate a aula de química para elas irem a algum lugar... o centro comercial, talvez? Não sei. Na verdade, não estou escutando. O verdadeiro motivo pelo qual Jade quer que Charley mate aula é porque está com ciúmes, detesta o fato de Charley e eu termos uma aula juntas sem ela. Cinquenta minutos inteiros aos quais ela não tem acesso.

— Eu não posso matar — diz Charley, jogando a guimba longe. No seu dedo médio tem uma tatuagem de um coração minúsculo, uma tatuagem caseira, segundo ela. Foi o namorado da mãe quem fez. — A gente tem um teste hoje. Não é, Vanessa?

Mexo a cabeça respondendo em parte que sim, em parte que não. Não faço a menor ideia.

Jade olha com raiva para a plataforma de carga do supermercado, onde as carretas de nove eixos pararam de ré para entregar comida.

— Sei — resmunga ela.

— Ah, pelo amor de Deus, *relaxe*. — Charley ri. — A gente vai depois da aula. Nossa, como você é tensa.

Jade exala uma nuvem de fumaça, dilatando as narinas.

* * *

Na aula de química, Charley sussurra que está com tesão em Will Coviello, tão a fim dele que está disposta a chupar seu pau, e ela *nunca* faz isso. Mal a escuto de tão entretida que estou com o lado interno da capa do meu caderno, onde anotei os horários de Strane, que sei de cabeça. Nesse exato momento ele está dando aula de literatura para o primeiro ano, sentado diante da mesa, com alguma outra pessoa na minha cadeira.

— Não é uma tristeza? — pergunta Charley. — Você não me acha ridícula?

Não ergo os olhos do caderno.

— Acho que você deveria fazer o que quiser com quem quiser.

Olho para a aula seguinte nos horários de Strane: um tempo livre. Imagino-o em seu escritório, reclinado no sofá de tweed com uma pilha de deveres de casa no colo para corrigir, deixando os pensamentos se desviarem para mim.

— Viu, é por isso que eu gosto de você — diz Charley. — Você é muito tranquila. A gente deveria sair. Tipo, sair de verdade. Fora da escola.

Desvio os olhos do caderno.

— Que tal na sexta? Você pode ir ao boliche.

— Eu não gosto muito de boliche.

Ela revira os olhos.

— Ninguém *joga* de verdade.

Pergunto o que eles fazem lá, mas Charley apenas sorri, baixa a cabeça em direção à válvula de gás, franze os lábios e estende a mão para abri-la. Seguro sua mão e ela dá uma risada alta e rascante.

* * *

Na sexta à noite, Charley vai até minha casa para me buscar de carro, entra e se apresenta para os meus pais. Está com o cabelo preso num rabo de cavalo e usando um anel que esconde a tatuagem.

Ela diz à minha mãe que já tem carteira há um ano, uma mentira que sai tão fácil que engana até a mim. Vejo meus pais se entreolharem, reparo em como mamãe torce as mãos, mas sei que eles não querem dizer que não posso ir. Pelo menos estou fazendo amigos, começando a me enturmar.

Enquanto Charley e eu vamos para o carro e meus pais não podem mais nos ouvir, ela diz:

— Caramba, você mora mesmo no meio do mato.

— Eu sei, odeio isso.

— Eu também odiaria. Ano passado fiquei com um cara que morava aqui, sabia? — Ela diz o nome dele, mas não reconheço. — Ele era um pouco mais velho — explica.

O carro range quando ela se afasta da casa, e imagino mamãe se retraindo ao ouvir o barulho.

— É, foi mal — diz Charley. — O silenciador está ruim.

Ela dirige com uma das mãos no volante e a outra segurando o cigarro, a janela entreaberta para a fumaça sair. Está usando luvas com as pontas dos dedos cortadas, e seu casaco é coberto de pelos de gato. Ela me faz perguntas sobre mim, sobre o que eu acho de várias pessoas da escola, sobre ter estudado em Browick. Diz que é obcecada pelo conceito de colégio interno.

— Era uma doideira? — pergunta ela. — Devia ser. Cheio de filhinhos de papai, não é?

— Nem todo mundo era rico.

— Tinha muita droga?

— Não — respondo. — Não era desse jeito. Era... — Penso no campus de ripas brancas, nos carvalhos durante o outono, nos montes de neve mais altos que a gente, nos professores de calça jeans e camisa de flanela... em Strane envolto nas sombras, me observando de trás da sua escrivaninha. Balanço a cabeça. — É difícil descrever.

Charley põe a ponta do cigarro para fora da janela.

— Bom, você tem sorte. Mesmo tendo estudado só dois anos lá. Minha mãe nunca teria conseguido pagar por isso.

— Eu ganhei bolsa — explico depressa.

— É, mas mesmo assim minha mãe não teria me deixado ir. Ela me ama demais. Sério, deixar a filha sair de casa no nono ano do fundamental? Com quatorze anos? É uma loucura. — Ela dá uma tragada, solta a fumaça e arremata: — Foi mal. Tenho certeza de que sua mãe ama você. É que com a minha é diferente, eu acho. Somos bem próximas. Somos só eu e ela.

Descarto o que ela disse com um gesto, falo que não tem problema, mas aquilo me afeta. Talvez eu fique magoada porque pode ser verdade. Talvez eu não tenha sido amada o suficiente. Pode ser que essa falta de amor tenha dado origem à solidão que ele viu em mim.

— Parece que Will vai estar lá hoje — diz ela, uma mudança de assunto tão repentina que começo a perguntar que Will, mas aí me lembro do que ela disse na aula de química.

Will Coviello é um tesão, eu chuparia o pau dele. Vou chupar, você vai ver. Eu conheço Will Coviello desde o jardim de infância. Ele é um ano mais velho, está no último, e mora numa casa grande com quadra de tênis na frente. No fundamental, as meninas o chamavam de Príncipe William.

Quando chegamos ao boliche, Jade já está lá, usando uma blusa de alcinha de cetim sem sutiã. O boliche tem uma iluminação fraca, com mesas compridas em frente a cada pista onde vários alunos da escola estão sentados, com rostos reconhecíveis, mas a maioria dos nomes fora de alcance. Há um bar de esportes anexo ao boliche, e uma porta aberta separa os dois estabelecimentos deixando entrar a música do jukebox e o cheiro de cerveja.

Charley se senta ao lado de Jade.

— Você viu o Will?

Quando Jade aquiesce e aponta na direção das portas, Charley sai andando tão depressa que quase derruba uma cadeira no chão.

Sem Charley por perto, Jade não fala comigo. Fica encarando fixamente por cima dos meus ombros, recusa-se a olhar para mim. Seu delineador traça uma linha pontuda no meio das pálpebras. Nunca a vi usá-lo assim.

Homens com bebidas na mão saem do bar e entram no boliche, dando uma olhada na penumbra do salão. Um homem de jaqueta camuflada vê nossa mesa e gesticula para o amigo. O outro apenas balança a cabeça e ergue as mãos como quem diz *Eu não quero nada com isso*.

Observo o homem da jaqueta se aproximar, reparo em como ele vai para cima de Jade e da sua blusa de piranha. Ele puxa uma cadeira ao lado

dela e larga a bebida na mesa.

— Espero que você não se importe que eu me sente aqui — diz ele. Seu sotaque divide as palavras em sílabas inexistentes. — Está tão cheio que não tenho mais para onde ir.

É uma piada; há muitos lugares vagos. Jade deveria ter rido, mas nem sequer olha para ele. Fica sentada com as costas retas feito um pau de vassoura e os braços cruzados no peito. Com uma vozinha miúda, diz:

— Tudo bem.

Apesar das mãos meio sujas, o homem não é feio. É nisso que os meninos da escola vão se transformar quando crescerem: sotaque forte do Maine e uma picape.

— Quantos anos você tem? — pergunto.

A pergunta sai mais incisiva do que eu pretendia e me faz soar acusadora, mas ele não parece intimidado. Vira-se para mim, desviando a atenção de Jade na mesma hora.

— Tenho a sensação de que deveria perguntar a mesma coisa para você — diz ele para mim.

— Eu perguntei primeiro.

Ele dá um sorriso irônico.

— Eu vou dizer, mas vou fazer você se esforçar um pouco. Eu terminei o ensino médio em 1983.

Penso por alguns segundos; Strane se formou no ensino médio em 1976.

— Você tem trinta e seis anos.

O homem arqueia as sobrancelhas e toma um gole da bebida.

— Achou nojento?

— Por que eu acharia nojento?

— Porque trinta e seis é velho. — Ele ri. — Quantos anos você tem?

— Quantos anos você acha que eu tenho?

Ele me olha de cima a baixo.

— Dezoito.

— Dezesseis.

Ele ri de novo e balança a cabeça.

— Caramba.

— Isso é ruim? — É uma pergunta idiota e eu sei disso.

Claro que é ruim. Tão ruim que está estampado no rosto dele. Dou uma olhada em Jade e ela me encara como se nunca tivesse me visto, como se

não fizesse a menor ideia de quem eu sou.

Uma menina do último ano na outra ponta da mesa se inclina na nossa direção.

— Ei, posso tomar um gole da sua bebida? — pergunta ela.

O homem faz uma careta discreta, uma pequena demonstração de que sabe que aquilo é errado, mas desliza o copo pela mesa. A menina toma um gole e em seguida dá uma risadinha esganiçada, como se tivesse ficado instantaneamente bêbada.

— Está bem, está bem. — O homem estende a mão para pegar o copo de volta. — Não quero ser expulso.

— Qual é o seu nome? — pergunto.

— Craig. — Ele empurra o copo na minha direção. — Quer um gole?

— O que é isso?

— Uísque com Coca.

Estendo a mão para pegar.

— Adoro uísque.

— E como você se chama, menina de dezesseis anos que adora uísque?

Afasto o cabelo do rosto com um movimento de cabeça.

— Vanessa — digo isso suspirando, como se estivesse extremamente entediada, como se não houvesse um incêndio ardendo dentro de mim.

Será que isso equivale a uma traição? Strane ficaria bravo caso entrasse e se deparasse com essa cena?

Charley reaparece, com o rosto vermelho e o cabelo bagunçado. Dá um grande gole na lata de refrigerante de Jade.

— O que houve? — pergunta Jade.

Charley desconversa com um aceno; não quer falar sobre o assunto.

— Vamos embora daqui. Quero ir para casa e desmaiar. — Ela olha para mim e de repente lembra. — Ai, merda, tenho que levar você em casa.

Craig observa com atenção.

— Quer uma carona? — pergunta ele para mim.

Hesito, sentindo as pernas e os braços formigarem.

— Quem é você? — pergunta Charley.

— Craig.

Ele estende a mão para ela apertar. Charley apenas o encara.

— Certo. — Ela olha para mim. — Você não vai embora com ele. Vou levar você em casa.

Dou um sorriso encabulado para Craig e tento não parecer aliviada demais.

— Ela sempre manda em você? — pergunta ele. Nego com a cabeça e ele se inclina para mais perto de mim. — E se eu quisesse conversar com você uma hora dessas? Como faria isso?

Ele quer um número de telefone, mas sei que meus pais provavelmente chamariam a polícia ao ouvir a voz dele.

— Você tem Instant Messenger?

— Tipo AOL? Claro, tenho, sim.

Charley me observa pescar uma caneta no fundo da bolsa e anotar meu nome de usuário na palma da mão dele.

— Você gosta mesmo de caras mais velhos, não é? — pergunta ela enquanto saímos. — Desculpe se atrapalhei alguma coisa. Achei que não quisesse que ele te levasse em casa.

— Eu não queria. Só gosto da atenção. Está na cara que ele é um idiota.

Ela ri, abre a porta do carro, entra, se inclina até o outro lado e destrava a porta do carona.

— Você é surpreendentemente perturbada, sabia?

No caminho até minha casa, Charley fica tocando sem parar a mesma música da Missy Elliott, e o painel ilumina seu rosto de azul enquanto ela canta junto: *Ain't no shame, ladies, do your thing/ just make sure you're ahead of the game.*

* * *

Quando chega segunda-feira, todo mundo já sabe que Charley chupou o pau de Will, mas agora ele não fala mais com ela e Ben Sargent conta para Jade sobre Will ter falado que Charley era baixo nível.

— Os homens são uns merdas — diz Charley enquanto fumamos um cigarro atrás do supermercado, encolhidas entre os latões de lixo.

Jade concorda com a cabeça e eu faço o mesmo, mas só para constar. Sábado e domingo fiquei acordada até tarde conversando com Craig por mensagem, e ainda sinto a cabeça rodar de tantos elogios que ele me fez. Como eu sou bonita, gostosa, inacreditavelmente sexy. Desde que me conheceu na sexta à noite ele não pensa em mais nada. Vai fazer de tudo para me ver de novo.

Charley diz que os homens são uns merdas, mas na verdade ela quer dizer garotos. Seca as lágrimas antes que tenham a oportunidade de escorrer, e sei que ela está com raiva e que deve estar sofrendo muito, mas parte de mim não deixa de pensar: ela esperava o quê, afinal?

* * *

Craig não tem nada a ver com Strane. É veterano de guerra, participou da operação Tempestade no Deserto e agora trabalha com construção civil. Não lê, não fez faculdade e não tem nada a dizer quando tento falar sobre as coisas com as quais me importo. O pior nele é quanto gosta de armas; não só espingardas de caça, mas pistolas e revólveres. Quando digo que acho armas uma coisa idiota, ele escreve: Você vai mudar de ideia quando alguém invadir seu quarto no meio da noite. Nessa hora estar armada provavelmente vai parecer bem inteligente.

Quem vai invadir meu quarto?, disparo em resposta. Você?

Talvez.

Com Craig, é só chat na internet, então não tem problema mesmo quando ele se comporta como um pervertido. Eu não o vejo desde aquela noite no boliche e não estou com pressa para mudar isso, mas ele diz que quer me encontrar. Fica falando o tempo todo sobre como quer me levar para sair.

Aonde a gente iria?, pergunto, como se eu fosse idiota. Sempre que a conversa segue numa direção que não me agrada, eu me finjo de burra, o que significa que me finjo de burra com tanta frequência que ele acha que sou burra mesmo.

Como assim?, escreve Craig. Ao cinema, jantar. Você nunca saiu com um cara?

Ok, mas eu tenho dezesseis anos.

Mas passa por dezoito.

Ele não entende como aquilo funciona, não entende que não quero passar por dezoito e que não tenho nenhum interesse em ir ao cinema como se ele fosse um menino da minha idade.

* * *

O tempo esfria e fica cinza e gelado. As folhas mudam de cor e caem, a floresta fica escassa com árvores esqueléticas. Aprendo coisas sobre mim

mesma: que se eu me limitar a cinco horas de sono, fico sonolenta demais para me importar com o que acontece à minha volta; que se eu esperar até a hora do jantar para comer alguma coisa, a fome afoga qualquer outro sentimento. O Natal chega e vai embora, mais um ano; o noticiário da TV segue gritando sobre antraz e guerra. Na escola, os boatos sobre mim já passaram há muito tempo. Meus pais param de trancar o telefone sem fio no quarto à noite.

Continuo conversando com Craig, mas os elogios dele perdem a graça e a sensação que me causou quando o conheci se esgota. Agora, quando trocamos mensagens, tudo em que consigo pensar é o que Strane acharia dele, e de mim por perder meu tempo conversando com ele.

Craig207: Posso confessar uma coisa? Transei com uma pessoa no sábado.

dark_vanessa: por que está me contando isso?

Craig207: Porque acho que você deveria saber que eu pensei em você o tempo todo.

dark_vanessa: hummm

Craig207: Fiquei fingindo que ela era você.

Craig207: Então, ainda nenhuma notícia daquele tal professor?

dark_vanessa: não é seguro a gente se falar.

Craig207: Você fala comigo. Qual a diferença?

dark_vanessa: você e eu não fizemos nada. estamos só conversando.

Craig207: Você sabe que eu quero fazer mais do que conversar.

Craig207: Sério que ele foi o único cara com quem você já ficou?

Craig207: Oi? Você tá aí?

Craig207: Olha, eu tenho sido muito paciente, mas estou chegando no meu limite. Estou de saco cheio dessa conversa sem fim.

Craig207: Quando posso te ver?

dark_vanessa: humm, não sei bem. semana que vem, talvez?

Craig207: Você disse que semana que vem é o recesso de fevereiro.

dark_vanessa: ah, é. sei lá. é difícil.

Craig207: Não precisa ser difícil. A gente pode fazer isso acontecer amanhã.

Craig207: Eu trabalho a menos de um quilômetro da escola. Busco você lá.

dark_vanessa: não daria certo.

Craig207: Daria, sim. Eu posso provar.

dark_vanessa: como assim?

Craig207: Você vai ver

dark_vanessa: que papo é esse???

Craig207: Você sai por volta das 2, né? É nessa hora que eu costumo ver todos os ônibus parados na frente.

dark_vanessa: o que você vai fazer? aparecer lá e pronto?

Craig207: Aí você vai ver como é fácil

dark_vanessa: por favor, não faça isso.

Craig207: Não gosta da ideia de o homem com quem você andou brincando finalmente tomar uma atitude?

dark_vanessa: estou falando sério

Craig207: A gente se vê

Bloqueio o usuário dele, delete todos os nossos chats e e-mails e no dia seguinte finjo que estou doente, grata ao menos por nunca ter lhe dito exatamente onde moro, portanto não tem como ele me encontrar em casa. Quando volto para a escola, carrego a chave de casa entre os dedos ao ir até o ônibus. Imagino-o me agarrando por trás, me forçando a entrar na sua picape, e depois vai saber... Me estuprando e me assassinando, provavelmente. Levando meu cadáver ao cinema para finalmente termos o encontro idiota sobre o qual ele vivia falando. Depois de uma semana sem acontecer nada, paro de segurar a chave como se fosse uma arma e desbloqueio seu usuário para ver se vai me mandar alguma mensagem. Ele não manda. Sumiu. Digo a mim mesma que estou aliviada.

* * *

No início de março, meu exemplar de *Lolita* desaparece da minha mesinha de cabeceira. Viro o quarto de cabeça para baixo procurando; pensar em perder o livro quase me faz enlouquecer de pânico. Não era só meu exemplar; era o exemplar de Strane: suas anotações na margem, seus vestígios nas páginas.

Não acredito que meus pais tenham pegado, mas não sei de que outra forma o livro poderia ter sumido. No térreo, mamãe está sentada sozinha à mesa de jantar. A superfície está coberta de contas, uma calculadora com um rolo de papel. Papai foi à cidade comprar o material necessário para os fins de semana seguintes que vai passar fervendo a seiva de bordo no fogão a lenha, enchendo a casa com um vapor adocicado.

— Você entrou no meu quarto? — pergunto.

Ela ergue os olhos da calculadora, a expressão serena.

— Sumiu uma coisa — digo. — Você pegou?

— O que foi que sumiu? — pergunta ela.

Respiro fundo.

— Um livro.

Ela pisca e torna a baixar os olhos para as contas.

— Que livro?

Cerro os dentes e contraio a barriga. Tenho a sensação de que ela quer ver se vou responder.

— Não importa — digo. — Era meu. Você não tem o direito de pegar.

— Bom, eu não sei do que você está falando — diz ela. — Não peguei nada no seu quarto.

Meu coração bate com força enquanto a observo mexer nos papéis. Ela anota uma lista de números e em seguida os insere na calculadora. Quando o resultado aparece, suspira.

— Você acha que está me protegendo, mas agora é tarde — digo.

Ela ergue o rosto com um olhar incisivo, uma brecha na expressão casual.

— Talvez parte disso tenha sido culpa sua — digo. — Já considerou essa possibilidade?

— Não vou ter essa conversa com você agora.

— A maioria das mães não deixa os filhos saírem de casa aos quatorze anos. Você entende isso, não é?

— Você não *saiu de casa* — diz ela, ríspida. — Foi para a escola.

— Bom, todas as minhas amigas acham esquisito você ter me deixado ir — digo. — A maioria das mães ama os filhos demais para mandá-los embora, mas acho que você não.

Ela me encara, seu rosto perde a cor, e no instante seguinte enrubesce. Ela fica muito vermelha, com as narinas infladas; talvez seja a primeira vez que a vi com tanta raiva. Por um instante a imagino pulando da mesa e partindo para cima de mim, as mãos em volta do meu pescoço.

— Você implorou para a gente deixar você ir — diz ela, a voz tremendo com o esforço de manter a calma.

— Implorei nada.

— Você fez uma droga de uma apresentação para a gente.

Balanço a cabeça.

— Não exagere — digo, embora ela não esteja exagerando.

Eu fiz uma apresentação, sim; eu implorei, sim.

— Você não pode fazer isso — diz ela. — Não dá para mudar os fatos para encaixar na história que você quer contar.

— Como assim?

Ela inspira fundo como se fosse falar. Então expira e desiste. Levanta-se e vai até a cozinha. Eu sei que é para se afastar de mim, mas vou atrás.

A alguns passos dela, torno a perguntar:

— Como assim? Mãe, que história é essa?

Para abafar minha voz, ela abre a torneira no máximo e começa a fazer barulho com a louça dentro da pia, mas eu não paro. A pergunta continua saindo de mim, irada e fora de controle, fora de mim mesma.

O prato que ela está segurando cai das suas mãos, ou talvez ela o bata de propósito. Seja como for, o prato se quebra; cacos na pia. Eu me calo, sentindo as mãos formigarem como se fosse eu quem tivesse quebrado o prato.

— Vanessa, você mentiu para mim — diz ela. Sua mão, vermelha por causa da água quente e escorregadia de sabão, fecha a torneira e então se cerra em punho. A água escurece sua blusa quando ela bate com o punho fechado no coração. — Você me disse que tinha um namorado. Ficou sentada ali e mentiu para mim, me deixou pensar...

Ela não termina a frase e tapa os olhos com a mão molhada como se não suportasse lembrar. Aquela volta de carro para Browick, ela me dizendo: *O mais importante é ele te tratar bem*. Ela me perguntando se eu estava transando, se precisava tomar pílula. *O primeiro amor é muito especial*, disse ela. *Você não vai esquecer nunca*.

Mais uma vez ela diz:

— Você mentiu para mim.

Ela aguarda, à espera de um pedido de desculpas. Deixo as palavras ficarem suspensas no ar entre nós. Sinto-me esvaziada e exposta, mas não arrependida, de nada.

Ela tem razão: eu menti mesmo. Fiquei sentada ali, deixei-a acreditar no que ela queria e não senti remorso algum. Nem sequer pareceu de fato uma mentira, pareceu mais adequar a verdade para se encaixar no que ela queria escutar, um ato de contorcionismo que aprendi com Strane. E eu era boa nisso, consegui manipular a verdade tão dissimuladamente que ela nem percebeu o que eu tinha feito. Talvez eu devesse ter sentido culpa depois, mas só me lembro de ter sentido orgulho por ter conseguido me safar, por saber como protegê-la, a ele, a mim mesma, todo mundo ao mesmo tempo.

— Nunca imaginei que você fosse capaz disso — diz ela.

Dou de ombros. Minha voz sai como um grasnado:

— Talvez você não me conheça de verdade.

Ela pisca, registrando ao mesmo tempo o que eu disse e o que eu não disse.

— Talvez você tenha razão — diz. — Talvez eu não conheça mesmo você.

Enxugando as mãos, ela se afasta da pia de louça suja e do prato quebrado. Faz menção de sair da cozinha, mas para à porta.

— Às vezes eu tenho vergonha de você ser minha filha, sabia? — diz.

Fico algum tempo parada no meio da cozinha, entreouvindo o grunhido da escada enquanto ela sobe, a porta do quarto dos meus pais abrindo e fechando, os passos dela logo acima de mim, o rangido da estrutura de metal quando ela se deita na cama. As paredes e os pisos são tão finos, a casa foi construída de forma tão vagabunda, que dá para escutar qualquer coisa se você apurar os ouvidos, um risco constante de ser descoberto.

Mergulho a mão na pia e tato às cegas em busca dos pedaços do prato quebrado, sem me importar se vou me cortar. Deixo os cacos enfileirados na bancada pingando água e sabão. Mais tarde, quando estou deitada na cama ainda avaliando o quanto estou magoada — o que ela me disse foi tão ruim assim? Parece pior do que eu merecia —, ela joga os cacos no lixo e eu ouço o barulho da cerâmica quebrada lá do meu quarto no sótão. No dia seguinte, encontro *Lolita* na minha estante.

* * *

A mãe de Charley arruma um emprego em New Hampshire, a terceira vez que elas se mudam em quatro anos. Em seu último dia na escola, ela esconde cervejas na mochila e nós as bebemos atrás do supermercado, nossos arrotos ecoando nas caçambas de lixo. Depois da aula, Charley me dá carona até em casa, ainda meio bêbada, e avança todos os sinais vermelhos enquanto saímos da cidade. Eu rio e apoio a cabeça na janela, pensando: *Se é assim que vou morrer, até que não vai ser tão ruim.*

— Queria que você não fosse embora — digo quando ela entra na estrada do lago. — Sem você não vou ter nenhuma amiga.

— Tem a Jade — diz ela, estreitando os olhos para a rua escura numa tentativa de evitar os buracos.

— Aff, não, obrigada. Ela é a pior.

Minha resposta direta me surpreende; nunca falei sobre Jade com Charley, mas que importância tem isso agora?

Charley sorri com malícia.

— É, ela pode ser. E ela meio que odeia você mesmo. — Para o carro em frente à minha casa. — Eu até entraria, mas não quero que seus pais sintam cheiro de cerveja em mim. Se bem que você também deve estar com cheiro.

— Espere aí.

Reviso a mochila em busca da pasta de dentes que passei a carregar comigo desde que comecei a fumar cigarros. Passo um pouquinho dentro da boca e espalho.

— Olhe só para você. — Charley ri. — Surpreendentemente perturbada e genial.

Dou-lhe um abraço demorado e, um pouco bêbada, sinto vontade de beijá-la, mas controlo o impulso e me forço a descer do carro. Antes de fechar a porta, abaixo-me e digo:

— Ah, obrigada por não ter me deixado ir embora com aquele cara do boliche.

Ela franze a testa enquanto tenta lembrar. Ergue as sobrancelhas.

— Ah, é! De nada. Ele obviamente ia te matar.

Quando está dando ré para ir embora, ela abaixa o vidro e grita:

— Vamos manter contato!

Concordo com a cabeça e grito de volta:

— Claro!

Mas isso não significa nada. Não tenho o endereço nem o telefone dela. Mesmo mais tarde, com Facebook e Twitter, nunca vou encontrá-la.

Jade e eu tentamos andar juntas por algum tempo, caminhando com relutância uma ao lado da outra até o supermercado durante o horário de almoço, uma tentando convencer a outra a roubar produtos em lojas e ficando brava quando não conseguimos. Certa manhã, estou no refeitório antes do primeiro tempo, correndo para terminar meu dever de álgebra, quando ela vem marchando até mim.

— Então, encontrei aquele Craig sábado no boliche — diz ela.

Ergo os olhos. Ela está sorrindo, mal consegue manter a boca fechada. Parece prestes a transbordar.

— Ele me pediu para dizer que você é uma escrota.

De olhos arregalados, ela fica esperando minha reação. Sinto o rosto queimar e me imagino jogando o livro de álgebra na cara dela, derrubando-a no chão, puxando seu cabelo descolorido e berrante.

Mas apenas reviro os olhos e resmungo alguma coisa sobre ele ser um pedófilo que adora armas, então me volto para meu dever. Depois disso, Jade começa a andar com um grupo de alunos populares, que eram seus amigos no ensino fundamental. Tinge o cabelo de castanho e entra para a equipe de tênis. Quando nos cruzamos no corredor, ela nem olha para mim.

Em vez de lidar com a questão de encontrar um novo lugar para me sentar no refeitório, desisto e começo a passar o horário de almoço na lanchonete do centro comercial. Todos os dias peço café e uma torta enquanto leio ou acabo o dever, imaginando que pareço misteriosa e adulta sentada sozinha à mesa. Às vezes sinto homens me olhando do banco no balcão e às vezes sustento o olhar deles, mas sempre para por aí.

* * *

Em casa, nas profundezas da floresta, no meio do nada, minha única escapatória é a internet. Faço buscas sem fim e procuro no Google diferentes combinações dos nomes Strane e Browick, com aspas e sem, mas só encontro seu perfil de docente e algo sobre ele ter sido voluntário num programa de alfabetização comunitário em 1995. Então, em meados de março, um resultado novo aparece: ele ganhou um prêmio nacional de professor, participou de uma cerimônia em Nova York. Há uma foto dele no palco aceitando a placa com um grande sorriso no rosto, os dentes brancos brilhando em meio à barba preta. Não reconheço seus sapatos e seu cabelo está mais curto. O constrangimento sobe pela minha espinha quando me dou conta de que provavelmente ele não estava pensando nem um pouco em mim naquele instante. Não há um só momento em que eu não esteja pensando nele.

À noite, fico acordada até tarde conversando com desconhecidos no Instant Messenger. Pesquiso a mesma lista de palavras-chave — *lolita*, *nabokov*, *professor* — e mando mensagens para todos os homens que aparecem nos resultados. Se eles começam a se comportar de forma bizarra como Craig, eu saio do chat. Não é disso que se trata. Só gosto de

como eles escutam alegremente quando lhes conto tudo que aconteceu com Strane. Você é uma menina muito especial, digitam eles, por ter valorizado o amor de um homem assim. Se os homens pedem uma foto minha, mando uma imagem de Kirsten Dunst em *As virgens suicidas* e nenhum deles nunca acha estranho, o que me faz pensar se esses homens são burros ou só não ligam para o fato de eu ser mentirosa. Se eles me mandam uma foto, eu lhes digo que são bonitos e todos acreditam, mesmo os que claramente são feios. Salvo todas as fotos em uma pasta chamada DEVER DE MATEMÁTICA para meus pais não olharem, e às vezes fico clicando em foto atrás de foto, rosto triste e feioso atrás de rosto triste e feioso, e penso que, se Strane tivesse me mandado uma foto antes de eu o conhecer de verdade, ela iria se encaixar perfeitamente ali.

* * *

A estação da lama se transforma na estação das mutucas. O gelo do lago derrete devagar, primeiro fica cinza, depois azul, então se dissolve em água fria. A neve nos quintais derrete, mas lá dentro da floresta ainda restam alguns montes em pedras, pilhas de neve esfarelada salpicada de galhos de pinheiro e cones de abeto. Em abril, uma semana antes do meu aniversário de dezessete anos, mamãe pergunta se eu quero dar uma festa.

— E convidar quem?

— Seus amigos — diz ela.

— Que amigos?

— Você tem amigos.

— Isso para mim é novidade.

— Tem, sim — insiste ela.

Aquilo quase me deixa com pena da minha mãe, pensar em como ela imagina que seja minha vida na escola, rostos sorridentes nos corredores, almoço a uma mesa cheia de meninas legais com notas boas, quando na realidade sou eu andando com os olhos fixos no chão e tomando café numa lanchonete com um bando de aposentados.

Acabamos saindo para comer no Olive Garden no meu aniversário, um tijolo de lasanha seguido por um tijolo de tiramisù espetado com uma vela. Ganho de presente oito semanas de autoescola, gesto que mostra que Browick ficou mesmo para trás.

— E, quem sabe, quando você passar, a gente te arruma um carro — diz papai.

Mamãe arqueia as sobrancelhas.

— Um dia — esclarece ele.

Agradeço e tento não parecer animada demais ao pensar nos lugares para onde um carro pode me levar.

* * *

Nesse verão, papai me ajuda a arrumar um emprego no arquivo do hospital da cidade: oito dólares por hora, três dias por semana. Vou para o setor de urologia, uma sala comprida e sem janelas com estantes do chão ao teto abarrotadas de fichas vindas do estado inteiro. Todas as manhãs, quando chego, há uma pilha de fichas aguardando para serem arquivadas, junto de uma lista de pacientes cujas fichas eu preciso acessar, ou porque eles terão uma consulta em breve ou porque morreram há tanto tempo que a ficha já pode ser destruída.

Como o hospital tem menos funcionários do que deveria, dias inteiros passam sem que o chefe vá conferir meu trabalho. Embora eu não deva fazer isso, passo a maior parte do tempo lendo fichas. São muitas... Mesmo se eu trabalhasse no hospital pelo resto da vida não conseguiria ler todas. Encontrar uma ficha interessante é um jogo aleatório de passar os dedos pelos adesivos coloridos, puxar uma ao acaso e torcer por uma boa história. Não dá para prever quais fichas serão boas. Fichas grossas podem ser lidas como romances, com anos de sintomas, cirurgias e complicações em cópias de carbono azul com tinta desbotada. Às vezes as fichas finas são as mais impactantes, uma tragédia compactada em algumas consultas e em um carimbo vermelho na capa: ÓBITO.

Quase todos os pacientes de urologia são homens, a maioria de meia-idade ou mais velha. São homens que urinam sangue ou que não urinam nada, homens que expelem pedras e desenvolvem tumores. As fichas contêm raios X granulados de rins e bexigas realçados com contraste, diagramas de pênis e testículos com anotações no garrancho do médico. Numa delas encontro uma foto de pedras de rim numa palma de mão enluvada que parecem três grãos de areia pontiagudos. A transcrição

revela a pergunta do médico: *Há quanto tempo tem sangue na sua urina?* E a resposta do paciente: *Há seis dias.*

No almoço, como na cafeteria armada com um livro para ter uma desculpa para não me sentar com papai. É melhor ter um pouco de espaço entre nós dois, porque sob certos aspectos ele é uma pessoa diferente no hospital. Seu sotaque fica mais acentuado, e eu o ouço rir de piadas grosseiras que o ofenderiam se mamãe estivesse por perto. Além do mais, ele tem um milhão de amigos. O rosto das pessoas se ilumina ao vê-lo. Eu não tinha a menor ideia de que ele era tão querido.

No meu primeiro dia, quando ele percorreu o hospital me apresentando ao que parecia ser todo mundo, perguntei:

— Como é que todo mundo te conhece?

Ele apenas riu e respondeu:

— Ter o nome na camisa ajuda.

E apontou para o PHIL bordado acima do bolso da frente. Só que é mais do que isso: até os médicos sorriem ao ver papai chegando, e médicos nunca sorriem, e algumas pessoas já sabiam coisas sobre mim, a minha idade, que eu gosto de escrever. Elas ainda acham que eu estudo em Browick, o que faz sentido. Imagino que ele tenha contado para todo mundo que eu fui aceita, e não teria saído anunciando quando fui expulsa.

Papai e eu não temos muita coisa para dizer um ao outro, e tudo bem. Na picape, ele deixa o rádio nas alturas e o barulho não nos permite conversar, e quando chegamos em casa ele se senta na poltrona e liga a TV. À tarde, gosta de assistir a programas de quando era criança, *The Andy Griffith Show* e *Bonanza*, enquanto caminho demoradamente com Babe pela beira do lago e subo o penhasco até a caverna onde a cama abandonada continua apodrecendo lá. Tento ficar fora de casa até mamãe chegar. Não que estar com ela seja mais fácil, mas eles me esquecem quando estão juntos, então posso subir para o meu quarto e fechar a porta.

Papai me diz que eu deveria começar a economizar agora para comprar os livros da faculdade. Em vez disso, torro meus dois primeiros salários numa câmera digital, e nos meus dias de folga fico tirando fotos de mim mesma na floresta usando vestidos floridos e meias três quartos. Nas fotos, samambaias roçam minhas coxas e o sol entra pelo meu cabelo, deixando-me parecida com uma ninfa do bosque, como Perséfone passeando pela campina à espera de Hades. Faço o rascunho de um e-mail para Strane com uma dúzia de JPEGs em anexo e deixo o mouse parado

acima do “enviar”, mas não consigo seguir em frente quando imagino como isso iria lhe arruinar.

* * *

No meio do verão, ele aparece na forma de uma ficha esperando para ser arquivada, incluída num carregamento de arquivo do Maine ocidental. STRANE, JACOB. NASCIDO EM 10 DE NOVEMBRO DE 1957. Lá dentro estão os registros da vasectomia que ele fez em 1991, anotações da consulta inicial escritas na caligrafia do médico: *paciente de trinta e três anos não é casado, mas insiste em não querer ter filhos*. Há anotações da cirurgia e da consulta seguinte: *Paciente instruído a aplicar gelo no saco escrotal uma vez por dia e a usar suporte escrotal por duas semanas*. Ao ler “suporte escrotal”, fecho a ficha com um estalo, constrangida com o termo mesmo sem saber exatamente o que significa.

Torno a abrir a ficha e releio do início ao fim: os sinais vitais, as estatísticas, um metro e noventa e cinco, cento e vinte e sete quilos. Sua assinatura em três lugares distintos. Separo duas páginas grudadas por uma mancha de tinta de uma década atrás e imagino a caneta sujando as mãos dele. Visualizo seus dedos, os calos e as unhas achatadas e roídas. Seu aspecto em cima da minha coxa na primeira vez que ele me tocou.

A história da ficha dele não tem nada de dramática, mas mesmo assim é surreal, a recuperação descrevendo-o segurando um saco de gelo junto ao saco. Tento imaginar a cena: ele fez a cirurgia em julho, então o gelo devia estar derretendo e deixando manchas molhadas no short, um copo suado de bebida gelada ao seu lado, um frasco laranja de analgésicos que chacoalhavam quando ele os despejava na palma da mão. Na época eu tinha quantos anos? Faço a conta de cabeça: seis, estava no primeiro ano do fundamental, mal era uma pessoa de verdade e faltavam nove anos até ir para a cama com ele, me contorcendo debaixo das suas mãos enquanto ele me dizia para ficar calma, que eu não podia engravidar porque ele tinha feito vasectomia.

Quero roubar a ficha, mas, quando eles me contrataram, tive que assinar páginas de acordos de confidencialidade, trechos em negrito sobre as consequências jurídicas se eu divulgasse históricos médicos. Contento-me em visitar a ficha todos os dias, tiro-a de seu lugar na prateleira de

baixo e transcrevo as anotações na minha agenda, sublinhando as palavras *não é casado, mas insiste em não querer ter filhos*. Isso me faz pensar na única parte de *Lolita* que eu detesto, o trecho em que Humbert primeiro se imagina tendo filhas com Lo, depois fazendo netas com essas filhas. Também me faz lembrar da única coisa que eu quase esqueci: ele me pedindo para chamá-lo de papaizinho ao telefone enquanto batia punheta.

Mas esses pensamentos parecem seixos arredondados que eu pego na mão e examino com olhos calmos, então deixo cair de volta no lago. No silêncio do hospital, o ventilador oscilante agita meu cabelo enquanto os pensamentos afundam no meu cérebro e desaparecem sob a lama. Largo a ficha, pego outra pilha e começo a arquivar.

2017

Um dos atendentes da recepção foi embora se sentindo mal e deixou Inez sozinha num sábado à noite lotado, então eu abandono o balcão do concierge para ajudá-la. Quando me contrataram oito anos atrás foi para uma vaga na recepção, e ainda me lembro do básico. Inez precisa me ensinar o sistema novo no computador, e sua voz adquire um tom interrogativo conforme ela explica a sequência para fazer uma reserva ou o check-in de um hóspede. Não sei dizer se ela fica nervosa com minha presença ou se está apenas sem paciência. Se eu digo alguma coisa autodepreciativa após um erro, ela exala numa rápida sucessão de “tudo bem, tudo bem, tudo bem”.

As horas voam apesar da névoa no meu cérebro, ou talvez por causa disso. O bartender prepara um drinque de rum com *ginger beer* para mim e Inez sorri quando lhe ofereço um gole, e nós duas nos agachamos atrás do balcão e ficamos passando o copo uma para a outra. Esqueço como pode ser trabalhar com alguém, a camaradagem que surge quando se lida com clientes: a hóspede regular que insiste que nós a colocamos num quarto diferente dessa vez, apesar de a deixarmos vir até o outro lado do balcão para ver o histórico e verificar que seu quarto sempre foi o 237; o casal que desdenha do nosso aviso de que o quarto mais barato de frente para a rua vai ser barulhento, e uma hora mais tarde aparece no lobby para reclamar do barulho. Inez é boa em lidar com os reclames, pisca muito e leva a mão ao peito enquanto diz: “Sinto muito. Sinto *mesmo*.” Ela força tanto a barra que os hóspedes ficam sem ação, quase sempre acabam garantindo a ela que está tudo bem, que não é nada de mais, e quando eles vão embora Inez resmunga várias obscenidades entre os dentes.

— Achei que você fosse só a filha do patrão, mas na verdade é boa nisso — digo.

Ela estreita os olhos para mim, sem saber se deve ficar ofendida.

— É melhor do que eu — acrescento. — Não consigo fingir empatia.

E o rosto dela se derrete num sorriso conquistado pelo elogio.

— Quando estão com raiva, as pessoas procuram briga — diz ela. — Se você se fizer de submissa, elas recuam.

— É, essa é a mesma estratégia que eu uso com os homens.

Olho para ela em busca da sua reação, se vai dar um sorriso irônico e cúmplice, mas ela apenas franze a testa como se não tivesse entendido.

Observo-a clicar no computador e a tela iluminar seu rosto. Ela tem dezessete anos, porém parece mais velha, maquiagem irretocável e cabelo alisado com chapinha que termina numa linha reta perfeita. Com um colar de pérolas e uma blusa de seda branca por baixo do terninho, parece elegante, parece já saber ser mulher melhor do que eu.

— Você é muito observadora — digo. — Parece madura para sua idade. Ela me olha de soslaio, ainda meio na defensiva.

— Ahn, obrigada.

Volta-se para o computador e curva os ombros para eu não ver a tela.

Às nove e meia, depois que o horário de pico passa, um homem se aproxima do balcão: quarenta e poucos anos, bonito, baixo. Reservou uma noite, uma suíte com jacuzzi de frente para o pátio do jardim. Ele pediu uma arrumação especial para quando chegasse: luz baixa, banho de espuma, pétalas de rosas na cama, champanhe no gelo.

Ao fazer seu check-in, eu lhe digo que está tudo pronto e à sua espera no quarto.

— Supondo que o senhor ainda queira a arrumação — digo, e dou uma olhada no lobby.

Ele parece estar sozinho.

O homem sorri para Inez. Embora seja eu quem esteja fazendo seu check-in, ele não parou de sorrir para ela desde que se aproximou do balcão.

— Está ótimo — diz.

Ele põe no bolso o cartão e se afasta em direção aos elevadores. Inez se vira para arquivar a ficha dele e eu o observo parar no meio do lobby e estender a mão. Uma mulher se levanta de uma das poltronas de espaldar largo. Olha por cima do ombro para o balcão da recepção, encontra meu olhar, e eu vejo que ela não tem nada de mulher. É uma adolescente de All Star e suéter largo cujas mangas passam dos pulsos. Enquanto esperam o elevador, o homem aproxima o rosto do pescoço dela e a menina dá um misto de riso com soluço.

— Você viu aquilo? — pergunto a Inez depois de eles entrarem no elevador. — A menina com quem ele estava. Parecia ter quatorze anos.

Inez balança a cabeça.

— Não vi. — Ela confere a lista de hóspedes que fizeram o check-in, todos realçados de verde. Todo mundo está no quarto, então podemos relaxar. — Vou comer alguma coisa.

Penso no quarto todo arrumado, nas pétalas de rosas na cama, nas bolhas de sabão se movendo na banheira, na risada sem graça da menina quando ele tira o suéter largo pela cabeça dela. Enquanto Inez segue para a cozinha, imagino-me subindo até o quarto, entrando feito um furacão e cravando as unhas no homem enquanto o arranco de cima da menina. Mas de que adiantaria isso além de causar uma cena e garantir minha demissão? Ela parecia querer, parecia feliz. Ele não a arrastou lá para cima. Em pé atrás do balcão, engulo o que resta do meu drinque e observo Inez voltar com um prato de massa. Ela enfia garfadas na boca enquanto anda, sujando a blusa branca com gotinhas de molho vermelho.

Enquanto ela come no escritório dos fundos, um homem se aproxima do balcão e diz que tem uma reserva. Dou busca no sistema enquanto ele fica me olhando de braços cruzados, o rosto dominado por sobrancelhas peludas e um nariz vermelho estourado de veias. Ele suspira para garantir que eu saiba como está contrariado e como eu sou incompetente. *O senhor tem noção de que uma menina está sendo estuprada lá em cima*, penso, *e não tem nada que ninguém possa fazer em relação a isso?*

— Não tem reserva nenhuma no seu nome — digo. — Tem certeza de que está no hotel correto?

— É claro que tenho. — Ele tira do bolso um pedaço de papel dobrado. — Está vendo aqui?

Examino o papel e percebo que é uma confirmação de reserva num hotel de Portland, Oregon. Quando assinalo o erro dele, me desculpando como se de algum modo a culpa fosse minha, o homem olha, boquiaberto, para o papel, em seguida para mim e finalmente para a mulher que está sentada do outro lado do lobby cercada de malas.

— Nós viemos de avião da Flórida — balbucia ele. — O que vamos fazer?

A cidade está lotada esta noite, mas mesmo assim encontro um quarto para eles num hotel perto do aeroporto, e o homem, atordado demais para me agradecer, conduz a esposa pelo lobby de volta até o manobrista, que traz seu carro alugado. Quando vão embora, murcho sobre o balcão. Seguro a cabeça com as mãos. Respiro fundo.

Quando o telefone toca, atendo sem abrir os olhos e recito o cumprimento do hotel.

— Oi — diz a voz, hesitante e feminina. — Estou procurando Vanessa Wye.

Abro os olhos e observo o lobby silencioso. Inez sai do escritório dos fundos e gesticula para mim — *um instantinho só* — enquanto segue para o banheiro dos funcionários.

— Alô? — A voz aguarda. — É Vanessa quem está falando?

Estendo a mão para a mesa do telefone, para o botão vermelho que vai cancelar a ligação.

— Não desligue — diz a voz. — Aqui é Janine Bailey, da *Femzine*. Eu mandei alguns e-mails torcendo para conseguir falar com você. E pensei em ligar para o seu trabalho como última alternativa.

Mantenho o dedo no botão de “cancelar ligação”, mas não o aperto. Minha voz falha quando digo a ela:

— Você já tentou me ligar. Deixou recado na caixa postal.

— Tem razão — diz ela. — Eu liguei.

— E agora está me ligando de novo. Desta vez no meu trabalho.

— Eu sei — diz ela. — Sei que estou forçando a barra, mas me deixe fazer uma pergunta. Você tem acompanhado a história?

Não digo nada, sem saber ao certo o que ela quer dizer com aquilo.

— Taylor Birch... Você conhece a Taylor, não é? A vida dela tem sido um inferno nessas últimas semanas. Você viu as ofensas que fizeram a ela? Ativistas dos direitos dos homens, trolls no Twitter. Ela recebeu ameaças de morte...

— É — digo. — Eu vi alguma coisa sobre isso.

Ouçoo um clique e então a voz dela fica mais alta, mais próxima, como se tivesse me tirado do viva-voz.

— Vou ser bem direta com você, Vanessa — diz ela. — Eu conheço sua história. E embora não possa forçar você a falar, quero ter certeza de que entende como sua história poderia ajudar a Taylor. Quer dizer, você tem a oportunidade de ajudar o movimento inteiro.

— Como assim, você conhece minha história?

A voz dela sobe meia oitava quando diz:

— Bom, a Taylor me contou o que sabia... boatos, detalhes que Jacob Strane compartilhou ao longo dos anos.

Minha cabeça dá um tranco para trás... *Anos?*

— E, bom... — Janine deixa escapar uma risada. — Taylor também me mandou o link de um blog. Ela disse que o blog era seu. Eu dei uma lida. Na verdade, não consegui parar de ler. É fascinante. Você é uma escritora maravilhosa.

Atônita, digito a antiga URL no meu navegador. Depois de tudo que aconteceu na faculdade, tornei o blog privado e deixei-o inacessível sem uma senha. Agora todos os posts estão visíveis, de volta ao status público padrão. Não me lembro da última vez que verifiquei para ter certeza de que estava privado; o blog pode ter passado anos aberto. Desço a página e vejo “S.”, meu código bem óbvio para Strane, espalhado pelos blocos de texto.

— Isso não deveria estar público — digo enquanto acesso a tela de login e tento recordar a senha de uma década atrás. — Não sei o que aconteceu.

— Eu gostaria de citar o blog na matéria.

— Não — respondo. — Eu posso dizer não, certo?

— Eu preferiria ter sua permissão — diz ela —, mas o blog estava público.

— Bom, estou apagando tudo agora.

— E você tem todo o direito, mas eu já copieei o que queria.

Fico encarando a tela do computador. As opções de recuperação de senha me dizem para verificar meu antigo endereço de e-mail ao qual não tenho acesso há anos.

— O que está dizendo?

— Que eu preferiria ter sua permissão — repete ela —, mas tenho a obrigação de escrever a melhor matéria que puder. Nós podemos trabalhar nisso juntas, está bem? Você me conta o que estiver disposta a contar e partimos daí. Estaria disposta a fazer isso, Vanessa?

As palavras acumulam na minha boca — *pare de me ligar, pare de me mandar e-mails e pare de dizer meu nome como se você me conhecesse* —, mas não posso ser agressiva, não agora que ela viu o blog com os posts contando nossa história nas minhas próprias palavras.

— Talvez — digo. — Não sei. Eu preciso pensar.

Janine solta um suspiro no meu ouvido.

— Vanessa, espero mesmo que você tope. Devemos isso umas às outras, fazer tudo que pudermos. Estamos juntas nisso.

Olho com raiva para o lobby e me forço a concordar.

— Claro, lógico, você tem toda a razão.

— Confie em mim, eu sei quanto é difícil. — Janine abaixa a voz: — Eu também sou uma sobrevivente.

Essa palavra, com sua solidariedade forçada; essa palavra metida a superior e generalista que faz meu corpo inteiro se contrair independentemente do contexto é a gota d'água. Meus lábios se curvam por cima dos dentes e eu disparo:

— Você não sabe nada sobre mim.

Desligo o telefone, atravesso correndo o lobby até o banheiro de funcionários vazio e vomito, abraçando a privada até a onda de náusea passar, meu estômago se esvaziar e eu começar a cuspir bile.

Ainda estou recuperando o fôlego no chão e conferindo se tem vômito no meu blazer quando a porta do banheiro se abre e ouço meu nome. É Inez.

— Vanessa? Tudo bem?

Limpo a boca com as costas da mão.

— Tudo — respondo. — Foi só um mal-estar.

A porta se fecha e em seguida torna a se abrir.

— Tem certeza? — pergunta ela.

— Está tudo bem.

— Porque eu poderia te substituir...

— Será que posso ter um pouco de privacidade?

Encosto a bochecha na divisória de metal enquanto os passos dela se afastam depressa, de volta ao balcão onde, durante o resto do turno, seus olhos vidrados ameaçam chorar.

* * *

Alguns anos atrás, vi o rosto de Taylor me encarando de um poste de luz enquanto eu esperava para atravessar a Congress Street. Era um flyer, o anúncio de uma leitura de poesia num bar. Eu sabia que ela escrevia poemas e publicava alguns. Eu lia tudo que encontrava, encomendava exemplares dos jornais, vivia checando o site que ela raramente atualizava. Procurava vestígios de Strane no que ela escrevia, mas nos poemas só encontrei imagens silenciosas de mariposas dentro de lâmpadas incandescentes e uma meditação de seis estrofes sobre o útero dela. Eu

nunca entendi isso... Como ela podia passar a vida escrevendo sobre outra coisa que não Strane se o que ele fez com ela foi tão ruim assim?

Nunca entendi nada sobre ela, por mais que tenha tentado. Alguns anos atrás descobri onde ela trabalhava e o bairro em que morava. Com base numa foto do Instagram com vista da janela da sua cozinha, identifiquei o prédio exato. Nunca a persegui, não exatamente; o mais perto que cheguei foi passar no seu trabalho, em frente ao edifício por volta do horário do almoço, e verificar cada cabeça louca que entrava e saía. Mas quando eu não estava procurando por ela, examinando rostos em restaurantes e cafés, supermercados e mercadinhos de esquina, às vezes eu a imaginava atrás de mim enquanto circulava pela cidade. Pensar nela me observando fazia meu corpo vibrar, a mesma sensação que eu tinha quando imaginava os olhos de Strane fixos em mim.

Quando fui à sua leitura de poesia, fiquei bem no fundo da sala mal iluminada do bar, com o cabelo ruivo preso e escondido debaixo de um gorro. Fiquei só tempo suficiente para vê-la se dirigir até o microfone e começar a falar. Seu sorriso imenso e suas mãos frenéticas gesticulando. Ela estava bem... foi isso que eu disse a mim mesma ao voltar a pé para casa, com as bochechas coradas devido a algo entre inveja e alívio. Ela parecia normal, feliz, intacta. Naquela noite, vasculhei pastas antigas e achei trabalhos de faculdade corrigidos e poemas do ensino médio. Um trabalho que escrevi sobre o papel do estupro em *Titus Andronicus* com os comentários de Henry Plough no final: *Vanessa, seu texto é espetacular*. Lembro-me de ter desdenhado da nota, de saber que não era nada a ser levado a sério, só mais uma rodada de elogios de um professor que queria me atrair para mais perto. Mas talvez ele estivesse falando sério. E talvez Strane — com todos os elogios, com toda a insistência de que o modo como eu via o mundo era extraordinário — também estivesse. Apesar de todos os defeitos dele, era um bom professor, treinado para detectar o potencial dos alunos.

Vasculho o Twitter em busca do nome de Strane e praticamente só encontro o de Taylor, uma mistura de defesas feministas e ataques sexistas. Um dos tuítes exhibe uma foto dela aos quatorze anos, muito magrinha e sorrindo com aparelho nos dentes e uniforme de hóquei na grama, e o texto gritando: ESSA ERA A IDADE DE TAYLOR BIRCH QUANDO JACOB STRANE A MOLESTOU. Tento imaginar a mesma frase nas fotos que Strane tirou de mim aos quinze anos, meus olhos de pálpebras pesadas e lábios

inchados, ou nas fotos que tirei de mim mesma aos dezessete em pé num fundo de bétulas, levantando a saia e encarando a câmera, parecendo uma Lolita e sabendo exatamente o que eu queria, o que eu era. Quanta vitimização as pessoas estariam dispostas a conceder a uma menina como eu?

2002

O último ano do ensino médio começa e já na primeira semana eu apareço na sala da orientadora com meus formulários de candidatura para as universidades já preenchidos e o rascunho da redação de inscrição na qual passei o verão inteiro trabalhando. Mantive a lista de faculdades que Strane criou para mim, mas a orientadora me faz expandi-la. Eu preciso de garantias, diz ela. Por que não damos uma olhada em algumas faculdades estaduais?

A lanchonete do centro comercial fechou durante o verão, por isso passo a almoçar no refeitório sentada com Wendy e Maria, meninas da minha aula de literatura. Maria é uma chilena aluna de intercâmbio e mora com a família de Wendy. Elas são exatamente o tipo de meninas de quem meus pais querem que eu seja amiga: estudiosas, fofas, sem namorado. No almoço, nós comemos iogurte zero e fatias de maçã com duas colheres de sopa rasas de manteiga de amendoim enquanto fazemos perguntas umas às outras usando fichas, comparamos deveres de casa e conversamos obsessivamente sobre as candidaturas para as faculdades. Wendy está torcendo para entrar para a Universidade de Vermont, e Maria quer ficar nos Estados Unidos para o ensino superior também. Ela sonha com qualquer lugar em Boston.

A vida continua. Tiro minha carteira de motorista, mas não ganho um carro. Babe chega em casa com o focinho cheio de espinhos de ouriço e mamãe e eu temos que segurá-la enquanto papai retira um por um com um alicate fino. Papai é eleito representante sindical no hospital. Mamãe tira nota máxima na aula de história da faculdade comunitária. As folhas mudam de cor. Consigo uma pontuação decente nas provas finais do ensino médio e termino mais uma versão da minha redação de inscrição para a faculdade. Em literatura, temos uma aula sobre Robert Frost, mas a professora não menciona nada sobre sexo. Maria e Wendy dividem um bagel no almoço e arrancam pedaços com os dedos. Um menino da minha aula de física me convida para o baile de formatura e eu aceito por curiosidade, mas ele tem bafo de cebola e só de imaginá-lo me tocando me dá vontade de morrer. No auditório escuro, quando o menino se aproxima para me beijar durante uma música lenta, resolvo dizer que tenho namorado.

— Desde quando? — pergunta ele, com as sobrancelhas arqueadas.

Desde sempre, penso. Você não sabe nada sobre mim.

— Ele é mais velho — digo. — Você não o conhece. Desculpe, eu deveria ter dito.

O menino passa o resto da festa sem falar comigo, e no fim da noite diz que não pode me levar em casa, que moro longe demais e ele está muito cansado. Preciso ligar para meu pai me buscar, e no caminho para casa ele me pergunta o que deu errado, o que aconteceu, se o menino tentou alguma coisa, se ele me machucou.

— Não aconteceu nada — digo. — Não foi nada.

E o tempo todo torço para ele não se dar conta de como nossas palavras são familiares, suas perguntas e minha resposta negativa.

* * *

Após uma série de envelopes finos de faculdades, listas de espera sem muito futuro e recusas sumárias, em março chega um envelope gordo da Atlantica College, uma faculdade que a orientadora me convenceu a acrescentar. Eu o rasgo para abri-lo enquanto meus pais observam com sorrisos orgulhosos. *Parabéns, estamos muito felizes.* Folhetos e formulários chegam aos montes perguntando se quero morar no campus, se tenho alguma preferência em relação ao alojamento, e por qual programa de refeições vou optar. Há um convite para o dia de visitação e um bilhete escrito à mão da minha futura orientadora, uma professora de poesia com meia dúzia de coletâneas publicadas. *Seus poemas são extraordinários,* escreveu ela. *Estou ansiosa para trabalhar com você.* Minhas mãos tremem conforme vou folheando tudo. Embora Atlantica tecnicamente seja uma faculdade estadual sem prestígio, ser aceita me dá uma sensação tão parecida com Browick que sou arremessada de volta ao passado.

Nessa noite, depois que meus pais vão para a cama, pego o telefone sem fio e saio para o quintal coberto de neve, com a lua iluminando o lago congelado.

Não é nenhuma surpresa Strane não atender. Quando cai na secretária eletrônica, minha vontade é desligar e tentar outra vez. Quem sabe, se eu continuar ligando, ele acabe atendendo só de raiva. Mesmo que ele grite

comigo para eu deixá-lo em paz, pelo menos terei escutado sua voz. Imagino-o espiando o identificador de chamadas, PHIL & JAN WYE piscando. Ele não tem como adivinhar que não são meus pais ligando para dizer que sabem de tudo e vão fazê-lo pagar, mandá-lo para a prisão. Torço para ele ficar apavorado, mesmo que só por um segundo. Eu o amo, mas quando penso naquela foto em que ele está aceitando o prêmio em Nova York, a Associação de Colégios Internos da Nova Inglaterra reconhecendo Jacob Strane como o professor do ano, minha vontade é machucá-lo.

A voz gravada dele fala — “Oi, aqui é Jacob Strane...” — e o visualizo em pé na sala de casa: de pés descalços e camiseta, a barriga caindo por cima da cueca, os olhos fixos no telefone. O bipe da secretária agride meu ouvido e olho para o lago, para a montanha comprida e roxa contrastando com o céu preto-azulado.

— Sou eu — digo. — Sei que você não pode falar comigo, mas queria contar que fui aceita na Atlantica College. A partir do dia vinte e um de agosto é lá que eu vou estar. E já vou ter dezoito anos, então...

Faço uma pausa e escuto a fita da secretária avançar. Imagino aquilo sendo tocado como prova num tribunal. Strane sentado atrás de uma mesa ao lado do advogado, com a cabeça baixa de vergonha.

— Tomara que você esteja me esperando — digo —, porque eu estou esperando você.

* * *

O tempo esquenta e tudo parece mais fácil com a aceitação da Atlantica no bolso. É um adoçante para o amargor do exílio, uma luz no fim desse túnel de merda. Apesar dos avisos dos professores de que as aceitações das faculdades podem hipoteticamente ser revogadas, faço um esforço mínimo e minhas notas caem. Uma ou duas vezes por semana, mato as aulas da tarde e vou passear na floresta entre a escola e a rodovia interestadual, e meu tênis fica todo enlameado enquanto observo os carros por entre as árvores sem folhas e fumo os cigarros que pago a um menino da minha aula de matemática para comprar para mim. Certa tarde, vejo um cervo sair correndo para o meio da rodovia e cinco carros engavetam, um depois do outro. Leva só alguns segundos para acontecer.

Em abril, dois dias antes do meu aniversário, um alerta pula na tela quando estou checando meu e-mail: jenny9876 enviou uma solicitação de chat — você aceita? Clico em “sim” com tanta força que o mouse escorrega da minha mão.

jenny9876: Oi, Vanessa. É Jenny.

jenny9876: Oi?

jenny9876: Por favor, responda se você estiver aí.

Fico vendo as mensagens surgirem e a frase na borda inferior da janela do chat piscar jenny9876 está digitando... jenny9876 está digitando. Então a frase some. Tento imaginá-la: o contorno do seu pescoço, o cabelo castanho brilhante. É o recesso de abril em Browick, portanto ela deve estar em casa, em Boston. Meus dedos pairam acima do teclado, mas só quero digitar quando estiver pronta, não quero que ela me veja começar, parar e recomeçar, uma prova de que aquilo é difícil para mim.

dark_vanessa: o que foi

jenny9876: Oi!

jenny9876: Que bom que você está aí

jenny9876: Tudo bem?

dark_vanessa: por que está me mandando mensagem?

Ela diz que sabe que eu devo odiá-la por causa do que aconteceu em Browick. Que já faz tempo e talvez eu nem ligue para isso, mas ela ainda se sente culpada. Com a formatura chegando, tem pensado muito em mim. Em como eu não estou lá e ele, sim... em como isso é injusto.

jenny9876: Quero que você saiba que quando fui falar com a Sra. Giles eu não sabia o que ia acontecer.

jenny9876: Isso pode parecer ingênuo, mas realmente pensei que ele fosse ser demitido.

jenny9876: Só fiz o que fiz porque estava muito preocupada com você.

Ela me diz que sente muito, mas só Strane importa para mim. Enquanto ela se desculpa, eu tento digitar perguntas sem ligar mais se ela vai ver meus falsos começos, minha dificuldade para encontrar as palavras. Ela continua e fala sobre a faculdade — conta que vai estudar na Brown, que ouviu coisas boas sobre Atlantica —, mas eu não quero falar sobre faculdade, quero perguntar se o cabelo dele cresceu, se está malcuidado, se as roupas dele estão amarfanhadas... a única indicação do seu estado

mental em que consigo pensar, pois não espero que ela me diga o que eu realmente quero saber: Ele está deprimido? Está sentindo minha falta? Acabo perguntando apenas você o vê sempre?, e o ódio que ela sente por Strane é arremessado, fica palpável através da tela.

jenny9876: Vejo. Vejo, sim. Preferiria não ver. Eu não suporto esse cara. Ele anda pelo campus com uma expressão arrasada, mas não tem motivo para isso. Quem sofreu foi você.

dark_vanessa: como assim? tipo, ele parece triste?

jenny9876: Arrasado. O que é bem ridículo considerando a rasteira que ele te deu.

dark_vanessa: como assim?

jenny9876 está digitando... jenny9876 está digitando...

jenny9876: Vai ver você não sabe.

dark_vanessa: não sei o quê?

jenny9876: Que foi ele quem fez você ser expulsa. Ele pressionou a Sra. Giles para ela te expulsar.

jenny9876: Eu provavelmente nem deveria estar falando isso.

jenny9876: Na verdade, não era nem para eu saber.

dark_vanessa: ???

jenny9876 está digitando... jenny9876 está digitando...

jenny9876: Então: ano passado eu e umas outras pessoas começamos um clube novo chamado Alunos pela Justiça Social, e um dos grandes temas que a gente queria trabalhar era para Browick ter uma verdadeira política de assédio sexual porque eles não tinham nada nos estatutos sobre isso (o que é superirresponsável e tecnicamente ilegal). Então, no inverno passado eu me reuni com a Sra. Giles para falar sobre isso, porque a administração não estava fazendo nada para ajudar a gente, e quando encontrei com ela meio que usei você como exemplo de uma situação que a gente queria evitar que acontecesse de novo.

jenny9876: Porque mesmo com aquela reunião em que você teve que assumir a responsabilidade por tudo, todo mundo sabe o que realmente aconteceu. As pessoas sabem que você é uma vítima.

jenny9876: Enfim, quando eu me reuni com a Sra. Giles, ela disse que eu tinha entendido tudo errado, que você não havia sido maltratada e que a escola não tinha feito nada de errado. Ela me mostrou alguns memorandos que Strane havia escrito sobre você e neles ele praticamente afirmava que você tinha inventado tudo.

jenny9876: O que é muito frustrante, porque eu sei que você não inventou. Não sei exatamente o que aconteceu entre vocês, mas eu vi quando ele te agarrou.

dark_vanessa: memorandos?

jenny9876: É. Eram dois. Um dizia como você tinha destruído a reputação dele e que mentirosos não tinham lugar em Browick. Lembro que ele chamou você de “menina brilhante, mas perturbada emocionalmente”. Dizia que você tinha violado o código de ética da escola e por isso deveria ser expulsa.

jenny9876: O outro memorando era anterior. Janeiro de 2001, talvez? Dizia que você estava a fim de Strane e que não saía da sala dele. Tinha algo sobre ele querer um registro por escrito caso seu comportamento fugisse ao controle. Parecia uma coisa que tinha escrito para esconder o rastro dele caso fosse pego.

Depois disso, meu cérebro se projeta no ar para dentro da floresta, precisando abrir distância para entender. Janeiro de 2001. Quando ele e eu estávamos percorrendo de carro as ruas cheias de postes amarelos piscantes em direção à casa dele, quando ele estava me dando o pijama de morangos... Foi nessa época que mentiu para a escola a meu respeito. Eu estava em pleno delírio, ainda sem entender o que estava acontecendo; ele já traçava uma estratégia e enxergava dez passos à frente. No fim, quando tudo veio abaixo e ele me convenceu a ficar em pé na frente daquela sala cheia de gente e dizer que eu tinha mentido, o que foi mesmo que ele falou? “Vanessa, eles resolveram que você precisa ir embora e não tem como mudarem de ideia. Está decidido.” Pensei que “eles” quisesse dizer a Sra. Giles, a administração, a instituição de Browick em si. Pensei que fôssemos nós dois contra eles.

Antes de sair do chat, Jenny me pergunta o que realmente aconteceu. Com as mãos trêmulas, começo a digitar ele me usou e depois jogou fora, mas depois mudo de ideia e apago, pois o fantasma da demissão, da polícia e de Strane jogado na prisão ainda é assustador demais.

dark_vanessa: não aconteceu nada

* * *

No dia seguinte ao meu aniversário, digo aos meus pais que preciso ir à biblioteca da cidade para um trabalho da escola que não existe. É a primeira vez que peço para pegar o carro sozinha. Eles estão no quintal limpando tudo para o plantio de primavera, com os braços imundos de terra até os cotovelos. Mamãe hesita, mas papai acena com a mão. *Pode ir.*

— Você precisa sair sozinha alguma hora — diz ele.

Quando estou a meio caminho do carro, com a chave na mão, mamãe me chama. Meu coração acelera, meio que torcendo para que ela me mande parar.

— Pode aproveitar e comprar leite? — pede ela.

Enquanto dirijo, a lógica que construí durante o exílio se verga sob aquele peso novo e ameaça ruir. Não tenho certeza do que, além do desespero, me fez acreditar que ele queria entrar em contato e estava esperando eu completar dezoito anos. Ele não fez nenhuma promessa explícita, nem mesmo durante a última conversa que tivemos. Garantiu que tudo ficaria bem, e eu imaginei que “bem” significasse uma coisa, mas vai saber o que significava para ele. “Bem” podia ser apenas ileso, não demitido e não preso. Minhas mãos suam no volante. Como é fácil ser levada a construir uma narrativa a partir do vento, a partir de nada.

Na cidade, viro na pequena rodovia que segue rumo ao oeste, em direção a Norumbega, enquanto tento acessar minhas lembranças para encontrar alguma coisa real. As vezes em que contei às pessoas na escola que tinha um namorado secreto mais velho... Meu corpo se retrai quando penso nisso. Eu sabia que não era totalmente verdade, mas parecia verdade o suficiente para eu mentir a respeito. Ele estava esperando por mim, ainda que o rótulo de namorado não se encaixasse. O tempo inteiro eu tinha sido descartada, indesejada. Talvez ele tenha partido totalmente para outra, talvez esteja apaixonado e transando com outra pessoa, uma mulher, uma aluna.

Meu cérebro sofre um curto-circuito quando penso nisso, um clarão de luz brilhante e de dor. O carro dá uma guinada para o acostamento de terra, em seguida retorna à estrada.

Norumbega não mudou: o rio margeado de árvores, a livraria, a loja de departamentos, a pizzaria, a padaria, o campus de Browick no alto do morro cintilando acima do centro da cidade. Estaciono em frente à casa dele, atrás da caminhonete. É a mesma na qual fomos do campus até sua casa e na qual depois percorremos as florestas mais a leste, com a mão livre dele apoiada entre as minhas pernas. Muito tempo se passou, mas tudo parece igual a dois anos atrás; estou usando as mesmas roupas, tenho a mesma aparência, ou quem sabe tenha envelhecido e não percebi. Será que existe alguma chance de ele não me reconhecer? Lembro-me da sombra de decepção no seu rosto quando fiz dezesseis anos. *Praticamente uma mulher agora*. Talvez eu tenha endurecido e envelhecido. Sinto-me durona, ou pelo menos mais do que era. Mas por quê? Na verdade, não tive experiência alguma. Vi entre as árvores um engavetamento de carros, conversei com alguns homens na internet, cheguei perto de ser sequestrada por um idiota que colecionava armas, comi muitas tortas sozinha numa

lanchonete. Talvez tudo isso somado resulte em certa sabedoria. Pergunto-me se eu cairia na dele se ele fosse meu professor agora.

Feito um policial, esmurro a porta da frente em vez de bater, pois quero assustá-lo e quase espero ele não atender, ficar em pé sem se mexer no meio da sala e prender a respiração até eu desistir e ir embora. É possível que ele não queira me ver nunca mais; talvez tivesse esse objetivo quando fez com que eu fosse mandada embora, expulsa da vida dele levando comigo todas as ramificações com potencial de destruição que eu personifico.

Mas não: ele abre a porta na hora, como se estivesse esperando do outro lado. Escancara-a e surge com uma aparência ao mesmo tempo mais velha e mais jovem, mais fios grisalhos na barba, cabelo mais comprido. Seus braços estão bronzeados. Ele está de camiseta e short, mocassins sem meias nos pés, as pernas brancas cobertas de pelos pretos.

— Meu Deus — diz. — Olhe só para você.

Ele me puxa para dentro com a mão nas minhas costas. O cheiro da casa dele — algo de que não tinha me ocorrido sentir saudades — preenche minha cabeça e ergo as mãos para afastá-lo. Ele pergunta se quero beber alguma coisa, faz um gesto na direção da sala e diz para eu me sentar. Abre a geladeira e pega duas garrafas de cerveja. Mal passa do meio-dia.

— Feliz aniversário — diz ele ao me entregar uma das garrafas.

Não a pego.

— Eu sei o que você fez — digo, tentando me agarrar à raiva, mas as palavras saem guinchadas.

Eu sou um ratinho já à beira das lágrimas. Ele toca meu rosto com a mão para me acalmar. Afasto-me com um tranco, e ao fazer isso penso na fala de *Lolita* quando Humbert a encontra depois de tantos anos: *Se você tocar em mim, eu vou morrer*.

— Você fez eles me expulsarem.

Espero o rosto dele ficar pálido e flácido, a expressão de alguém sendo desmascarado, mas ele mal se abala. Apenas pisca algumas vezes, como se tentasse encontrar um ponto de entrada na minha raiva. Quando consegue, sorri.

— Você está chateada — diz.

— Estou puta da vida.

— Ok.

— Foi você que me fez ser expulsa. Você me jogou fora.

— Eu não joguei você fora — diz ele com suavidade.

— Mas me fez ser expulsa.

— Fizemos isso juntos. — Ele sorri com a testa franzida como se estivesse confuso, como se eu estivesse sendo ridícula. — Não lembra?

Ele tenta estimular minha memória, diz que eu falei para ele que cuidaria de tudo, que até hoje consegue ver minha expressão determinada, decidida a me sacrificar.

— Eu não teria conseguido impedir você nem se quisesse — diz.

— Não me lembro de ter dito isso.

— Bom, mas disse. Eu lembro perfeitamente. — Ele bebe um gole de cerveja, limpa a boca com o pulso e arremata: — Você foi muito corajosa.

Tento me lembrar da última conversa que ele e eu tivemos antes de eu ir embora: no pátio dos fundos da casa dele, enquanto anoitecia à nossa volta. Eu estava em pânico, implorando para ele me dizer que ia ficar tudo bem, que eu não tinha estragado tudo. Ele parecia horrorizado comigo; era disso que eu mais me lembrava na conversa: da expressão de repulsa dele ao ver meu descontrole, meus soluços e o nariz escorrendo. Não me lembro de ter dito que ia cuidar de nada. Só me lembro dele me dizendo que a gente ia ficar bem.

— Eu não sabia que ia ser expulsa. Você nunca me disse que isso ia acontecer.

Ele dá de ombros. *Puxa, foi mal.*

— Mesmo que isso não tenha sido dito, devia ser óbvio que era o único jeito de escaparmos do inferno que estava nos ameaçando.

— Você quer dizer o único jeito de você escapar da prisão.

— Ora, sim — concorda ele. — Isso fazia totalmente parte do meu raciocínio. É claro que fazia.

— Mas e eu?

— O que tem você? Olhe só para você. Não está bem? Com certeza parece bem. Está linda.

Meu corpo reage mesmo sem eu querer. Um arquejo tão forte que o ar assobia entre meus dentes.

— Olhe — diz ele —, eu entendo que você esteja com raiva, magoada. Mas eu fiz o melhor que pude. Estava apavorado, entende? Então o instinto tomou a frente. Eu queria me proteger, claro, mas você também era uma prioridade. Afastar você de Browick te salvou de uma

investigação que poderia ter te destruído. Seu nome nos jornais, uma notoriedade sobre a qual você não teria controle te perseguindo feito uma mortalha. Você não ia querer isso. Não teria sobrevivido a isso. — Ele corre os olhos pelo meu corpo. — Durante todo esse tempo, imaginei que você tivesse entendido por que fiz aquilo. Pensei até que tivesse me perdoado. Acho que era o que eu queria que acontecesse. Talvez eu tenha projetado maturidade demais em você. Sei que fiz isso às vezes.

Algo frio escorre pelas minhas costas: constrangimento, vergonha. Talvez eu esteja sendo idiota, burra.

— Tome. — Ele põe uma garrafa de cerveja na minha mão. Anestesiada, digo que não tenho idade para beber. Ele sorri e responde: — É claro que tem.

Nós nos sentamos na sala, cada um numa ponta do sofá. Pequenas coisas estão diferentes: a pilha de correspondência sem importância foi transferida da bancada da cozinha para a mesa de centro, um novo par de botas de caminhada está jogado perto da porta. Tirando isso, tudo está igual: os móveis, as gravuras nas paredes, a posição dos livros nas prateleiras, o cheiro das coisas. Não consigo me afastar do cheiro dele.

— Quer dizer que você vai para Atlantica em breve — diz ele. — Vai ser bom para você.

— Isso significa o quê? Que eu sou burra demais para uma faculdade boa?

— Vanessa...

— Não consegui entrar em nenhuma das que você escolheu para mim. Nem todo mundo pode estudar em Harvard.

Ele me observa tomar um grande gole de cerveja. O conhecido líquido leve e espumante desce pela minha garganta. Eu não ingeria álcool desde que Charley se mudou.

— E o que vai fazer neste verão? — pergunta ele.

— Trabalhar.

— Onde?

Dou de ombros. Como o hospital fez um corte no orçamento, não posso voltar para lá.

— Meu pai tem um amigo que disse que eu posso trabalhar na loja de peças automotivas dele.

Strane tenta esconder a surpresa, mas vejo suas sobrancelhas se erguerem.

— Um trabalho honesto. Não tem nada de errado com isso.
Tomo outro gole.
— Você está muito calada — diz ele.
— Não sei o que dizer.
— Pode dizer o que quiser.
Balanço a cabeça.
— Não sinto mais que eu conheço você.
— Sempre vai me conhecer — diz ele. — Eu não mudei. Estou velho demais para isso.
— Eu mudei.
— Tenho certeza que sim.
— Não sou ingênua como eu era quando conheci você.
Bebo mais um pouco, um terço da garrafa em dois goles, e ele termina a sua e vai até a geladeira pegar outra. Busca uma para mim também.
— Por quanto tempo vai ficar com raiva de mim? — pergunta ele.
— Você acha que eu não deveria estar?
— Quero que explique por que está sentindo isso.
— Porque eu perdi coisas que eram importantes para mim — digo. — Enquanto você não perdeu nada.
— Isso não é verdade. Para muita gente, eu perdi minha reputação. Rio de desdém.
— Grande coisa. Eu perdi isso e mais um milhão de coisas.
— Tipo o quê?
Ponho a cerveja entre as pernas e começo a contar nos dedos.
— Perdi Browick, perdi a confiança dos meus pais. Havia boatos na minha escola nova assim que eu cheguei. Eu nunca tive ao menos uma chance de ser normal. Fiquei traumatizada.
A palavra *traumatizada* o leva a fazer uma careta.
— Pelo visto você andou fazendo terapia.
— Só estou tentando fazer com que entenda pelo que eu passei.
— Certo.
— Porque não é justo.
— O que não é justo?
— Eu ter passado por tudo isso e você não.
— Concordo que não é justo você ter sofrido, mas eu sofrer junto não teria tornado nada mais justo. Só teria resultado em mais sofrimento.
— E a justiça?

— Justiça — desdenha ele com uma expressão subitamente séria. — Você está querendo me levar à justiça? Para fazer isso, meu bem, precisa acreditar que eu prejudiquei você de forma indevida. Acredita nisso?

Fixo o olhar na garrafa de cerveja ainda fechada suando na mesa de centro.

— Porque, se você acreditar nisso, me diga agora e eu vou lá e me entrego — continua ele. — Se acha que eu devo ir para a prisão, perder todas as minhas liberdades e ser tachado de monstro para o resto da vida só porque eu tive o azar de me apaixonar por uma adolescente, então, por favor, me avise agora.

Eu não concordo. Não é isso que eu quero dizer com justiça. Só quero saber se ele tem andado infeliz, um homem arrasado como Jenny descreveu. Porque ali na minha frente ele não parece arrasado. Parece feliz, com o prêmio de melhor professor exibido na estante.

— Se você acha que não foi doloroso para mim, está errada — diz ele, como se lesse meus pensamentos. Talvez leia, sempre tenha lido. — Tem sido uma tortura.

— Não acredito em você — digo.

Ele se inclina mais para perto de mim e toca meu joelho.

— Deixe eu te mostrar uma coisa.

Levanta-se e vai até o andar de cima. O teto range quando ele avança pelo corredor até o quarto. Volta com dois envelopes, um deles uma carta endereçada a mim com data de julho de 2001. As primeiras linhas fazem meu estômago se revirar: *Vanessa, fico pensando se você se lembra de quando, em novembro passado, eu gemi no seu colo macio e quentinho: “Eu vou estragar você.” A pergunta que te faço agora é: eu estraguei? Você se sente destruída? Não existe um jeito seguro de fazer isto chegar nas suas mãos, mas a culpa me deixou disposto a correr o risco. Preciso saber se você está bem.* No outro envelope há um cartão de aniversário. Ele assinou a parte de dentro: *Com amor, JS.*

— Eu ia criar coragem para pôr o cartão no correio esta semana — diz ele. — Meu plano era ir até Augusta e pôr no correio lá, para seus pais não verem o carimbo de Norumbega.

Jogo os dois envelopes na mesa de centro como se não estivesse impressionada e me forço a revirar os olhos. Aquilo não é suficiente. Preciso de mais provas da sua agonia, de páginas e mais páginas de provas.

Ele se senta ao meu lado no sofá e diz:

— Nessa, pense o seguinte. Ao ir embora, você conseguiu fugir. Enquanto isso, eu tive que passar meus dias num lugar que só me fazia lembrar de você. Todos os dias, eu precisava dar aula na sala onde a gente tinha se conhecido, ver outros alunos se sentarem no seu lugar. Eu nem uso mais meu escritório.

— Não?

Ele balança a cabeça.

— Está cheio de tralha agora. Desde que você foi embora.

Esse detalhe me prende. Seu escritório abandonado parece um testamento ao poder exercido pelo meu fantasma. Eu o assombrei todos os dias. E ele tem razão sobre eu ter conseguido fugir; os corredores e as salas de aula da escola pública não tinham nenhum lembrete relacionado a ele, o que me provocava uma tristeza sem fim, mas talvez tenha sido mais fácil ser jogada num ambiente desconhecido. Talvez o que eu passei tenha tido vantagens em relação ao que ele suportou.

Tomo a segunda cerveja. Quando ele põe uma terceira na mesa de centro, eu protesto, digo que preciso voltar dirigindo para casa, mas mesmo assim bebo um gole. Tenho pouca tolerância a álcool; depois de apenas duas cervejas meu rosto está corado e meus olhos, lentos. Quanto mais eu bebo, mais me afasto da raiva com a qual cheguei. Minha raiva fica à margem enquanto sou puxada para a água funda, boiando de costas, com ondas pequenas batendo em meus ouvidos.

Ele pergunta o que eu fiz nos últimos dois anos, e para meu horror eu me ouço lhe contar sobre Craig, sobre os homens com quem conversei na internet, sobre o menino que me levou ao baile de formatura.

— Todos eles me davam ânsia de vômito — digo.

Ele abre um sorriso largo. Não há indício de ciúme na sua reação; ele parece satisfeito por eu ter tentado e não conseguido.

— E você? — pergunto com a voz falhada, alta demais.

Ele não responde. Continua sorrindo ao se esquivar da pergunta.

— Você sabe o que eu andei fazendo — diz. — As coisas de sempre, aqui mesmo.

— Mas estou perguntando *com quem* você andou fazendo essas coisas. — Bebo um gole e estalo os lábios na boca da garrafa. — A Srta. Thompson continua trabalhando lá?

Ele me encara com seu olhar carinhoso e condescendente. Estou fazendo charme. O jeito como exijo respostas é fofo.

— Gostei do seu vestido — diz ele. — Acho que o reconheço.

— Eu o coloquei para você.

Eu me odeio por dizer isso. Não há necessidade de ser tão sincera, mas mesmo assim não me contenho. Digo a ele que falei com Jenny, que ela o classificou como homem arrasado.

— Foi ela quem me contou que você tinha me feito ser expulsa. Ela sabia de tudo. Leu a carta que você escreveu para a Sra. Giles sobre como eu era “perturbada emocionalmente”.

Faço as aspas no ar com os dedos. Ele me encara.

— Ela leu o quê?

Sorrio, não consigo evitar. Finalmente alguma coisa o abalou.

— Como foi que ela leu esse documento? — pergunta ele.

Eu rio de como ele diz *documento*.

— Disse que a Sra. Giles mostrou para ela.

— Que absurdo. Isso é inaceitável.

— Ora, eu acho bom. Porque agora eu sei quanto você foi dissimulado.

Ele me observa, tentando avaliar até que ponto eu sei, quão sério estou falando.

— Você me chamou de “perturbada” naquela carta. Não foi? Como se eu fosse maluca. Uma menininha idiota. Entendo por que fez isso. Era um jeito fácil de se proteger, não é? Adolescentes são malucas. Todo mundo sabe disso.

— Acho que você já bebeu o suficiente — diz ele.

Seco a boca com as costas da mão.

— Sabe o que mais eu sei?

Mais uma vez, ele apenas me encara. Vejo a impaciência no seu maxilar contraído. Se eu pressionar muito mais, ele poderia me interromper, arrancar a garrafa da minha mão e me expulsar.

— Eu sei sobre a outra carta. A que você escreveu lá no começo de tudo. Dizendo que eu era a fim de você, e que você queria ter um registro por escrito para caso eu fizesse algo inapropriado e as coisas fugissem ao controle. Você mal tinha me comido e já estava pensando em como esconder seu rastro.

Pode ser que o rosto dele tenha ficado pálido, mas meus olhos estão lentos e desfocados.

— Mas eu acho que entendo isso também — digo. — Para você, eu era descartável...

— Não é verdade.

— ... como lixo.

— Não.

Espero ele dizer mais, mas isso é tudo que ele tem a dizer. *Não*. Fico de pé e dou meia dúzia de passos até a porta antes de ele me segurar.

— Me deixe ir embora — digo.

É claramente um blefe; não estou nem de sapatos.

— Você está bêbada, Nessa.

— Grande coisa.

— Precisa se deitar um pouco.

Ele me conduz até o andar de cima e pelo corredor até o quarto: mesmo edredom cáqui, mesmos lençóis xadrez.

— Você não deveria usar lençóis de flanela no verão. — Caio de costas e estou novamente flutuando no lago, a cama se balançando com as ondas.

— Não toque em mim — disparo quando ele tenta abaixar a alça do meu vestido pelo ombro. — Se você tocar em mim, eu vou morrer.

Rolo de lado, de costas para ele e de frente para a parede, e o escuto em pé atrás de mim. Minutos intermináveis de suspiros, “caralhos” resmungados entre os dentes. Então as tábuas do piso rangem. Ele retorna para a sala.

Não, penso. Volte.

Quero que ele continue olhando, que fique vigilante ao meu lado. Penso em me levantar e fingir um desmaio, desabar no chão, e imagino que ele vá correr até mim, me pegar e afagar meu rosto para me trazer de volta à vida. Ou eu poderia me forçar a chorar. Sei que o som do meu choro vai fazer com que ele volte correndo, vai deixá-lo carinhoso, mesmo que esse carinho inevitavelmente vá endurecer, uma ereção pressionando minha coxa. Eu quero os instantes que precedem o sexo. Quero que ele cuide de mim. Mas estou tonta demais, com as pernas e os braços muito pesados para fazer outra coisa que não dormir.

* * *

Acordo com ele subindo na cama. Abro os olhos na mesma hora e vejo o desenho de luz e sombras que mudou de lugar na parede. Quando me mexo, ele para, mas quando minhas pálpebras tremem antes de se fecharem e eu não torno a me mexer, ele se deita no colchão. Fico deitada, com os olhos fechados, ouvindo e sentindo tudo, sua respiração, seu corpo.

Quando torno a acordar, estou deitada de costas, com o vestido embolado em volta da cintura e já sem calcinha. Ele está ajoelhado no chão, com a cabeça entre as minhas pernas e o rosto enterrado em mim. Mantém os braços ao redor das minhas coxas para eu não me afastar. Ergue os olhos e os fixa nos meus. Minha cabeça cai de lado e ele continua.

Vejo meu corpo de cima, pequeno como uma formiga, braços e pernas muito brancos flutuando acima do lago, a água agora mais alta do que minhas orelhas. Ela bate nas minhas bochechas quase até chegar à boca, quase me afogando. Debaixo de mim há monstros, sanguessugas e enguias, peixes cheios de dentes, tartarugas com mandíbulas fortes o suficiente para partir um tornozelo. Ele continua. Quer que eu goze, mesmo que isso signifique me esfolar. Um filme começa a passar na minha mente, um desfile de imagens projetadas nas minhas pálpebras: massas de pão crescendo numa bancada de cozinha quente, uma esteira rolante levando as compras enquanto minha mãe observa com o talão de cheques na mão, um *time lapse* de raízes entrando na terra. Meus pais lavando a terra dos braços e olhando para o relógio, nenhum dos dois ainda perguntando em voz alta “Cadê a Vanessa?”, porque admitir que eu estou fora de casa há tempo demais vai abrir espaço para a primeira picada do medo.

Quando Strane sobe na cama e mete em mim, guiando o pênis com uma das mãos, o filme para. Meus olhos se abrem de repente.

— Não.

Ele fica paralisado.

— Quer que eu pare?

Minha cabeça rola no travesseiro. Ele aguarda mais um segundo, então começa a entrar e sair lentamente.

As ondas me puxam mais para longe da margem. O ritmo que ele imprime ajuda o filme a recomeçar, seu entra e sai regular. Ele sempre foi tão pesado e lento assim? Gotas de suor escorrem por seus ombros até minhas bochechas. Eu não lembrava que era assim.

Fecho os olhos e torno a ver massas de pão crescendo, compras se movendo sempre para a frente, pacotes intermináveis de açúcar, caixas de cereal, floretes de brócolis e embalagens de leite desaparecendo no horizonte. *Pode aproveitar e comprar leite?* Mamãe tinha gostado disso, de me pedir pela primeira vez que comprasse alguma coisa. Talvez isso a tenha feito se sentir melhor em relação a me deixar pegar o carro. Tudo vai ficar bem, eu vou chegar em casa em segurança. Tinha que chegar; eu ia comprar leite.

Strane geme. Ele estava apoiado nos braços, mas agora se deixa cair em cima de mim. Escorrega os braços por baixo dos meus ombros, respira junto ao meu ouvido.

Entre uma respiração e outra, diz:

— Eu quero que você goze.

Eu quero que você pare, penso. Só que não digo isso em voz alta... não consigo. Não consigo falar, não consigo ver. Mesmo que eu force meus olhos a se abrirem, eles não vão focar. Minha cabeça parece feita de algodão e minha boca está cheia de cascalho. Estou com sede, enjoada, vazia. Ele continua, agora mais depressa, o que significa que está chegando lá, só mais um ou dois minutos. Um pensamento me atravessa: será que isso é estupro? Ele está me estuprando?

Ao gozar, ele repete meu nome várias vezes. Sai de dentro de mim e rola de costas. Seu corpo inteiro está escorregadio de suor, até mesmo os antebraços e os pés.

— Inacreditável — diz ele. — Não era assim que eu imaginava que meu dia fosse terminar.

Inclino-me e vomito no chão, e o vômito estala na madeira do piso feito um tapa. É pura cerveja e bile; passei o dia inteiro nervosa demais para comer qualquer coisa.

Strane se apoia nos cotovelos e encara a poça de vômito.

— Meu Deus, Vanessa.

— Desculpe.

— Quer dizer, tudo bem. Não tem problema.

Ele se levanta da cama, veste a calça e rodeia a poça. Vai até o banheiro, volta com um produto de limpeza em spray e um pano, fica de quatro no chão e limpa. Mantenho os olhos fechados com força por causa do cheiro de amônia e pinho, ainda com o estômago revirado, sentindo a cama ondular debaixo de mim.

Quando ele volta para a cama, vai logo me agarrando por mais que eu tenha acabado de vomitar e que as mãos dele estejam com cheiro de desinfetante.

— Você vai ficar bem. Está bêbada, só isso. Fique aqui e durma até passar.

Sua boca e suas mãos me absorvem para testar o que mudou. Ele belisca a parte da minha barriga que ficou mais flácida, e meu cérebro traz uma lembrança falha, talvez apenas um sonho: no escritório atrás da sala de aula dele, eu nua no divã, ele totalmente vestido, inspecionando meu corpo com o interesse imparcial de um cientista, apertando minha barriga, traçando com o dedo minhas veias. Na época doeu e agora também dói, seus braços e pernas pesados e suas mãos de lixa, um joelho afastando minhas pernas uma da outra. Como ele pode estar pronto outra vez? O frasco de Viagra no armário do banheiro, uma mecha do meu cabelo cheia de vômito. Ele por cima, seu corpo tão grande que poderia me sufocar se ele não tomasse cuidado. Mas ele toma cuidado, ele é bom, me ama e eu quero aquilo. Ainda me sinto rasgada ao meio quando ele mete, provavelmente sempre vou me sentir assim, mas eu quero aquilo. Preciso querer.

* * *

Só chego em casa quinze para a meia-noite. Entro na cozinha e mamãe está esperando. Ela arranca a chave do carro da minha mão.

— Nunca mais — diz.

Fico parada com os braços caídos ao lado do corpo, cabelo despenteado e olhos vermelhos.

— Não vai perguntar onde eu estava? — digo.

Ela me encara profundamente. Ela vê tudo.

— Se eu perguntasse, você me falaria a verdade?

* * *

Na formatura, eu choro como todo mundo, mas minhas lágrimas são de alívio por ter sobrevivido ao que ainda considero minha penitência. Nossa formatura acontece no ginásio, e a luz fluorescente dá a impressão de que

estamos todos com icterícia. O diretor não deixa ninguém aplaudir quando subimos ao palco, diz que isso alonga demais a cerimônia e que não é justo alguns alunos receberem aplausos e outros talvez não receberem nada. A formatura de Browick acontece na mesma tarde de sábado, e durante a minha eu fico imaginando a deles: cadeiras arrumadas no gramado em frente ao refeitório, a diretora e os docentes em pé no bosque de pinheiros brancos, sinos de igreja distantes tocando. Atravesso o palco silencioso para receber meu diploma e fecho os olhos, imagino o sol no meu rosto, me vejo usando a beca branca grossa com faixa vermelha de Browick. O diretor aperta minha mão sem vontade, me diz o mesmo “parabéns” que repete para todos os outros. Aquilo tudo parece sem sentido, mas que importância tem isso? Na verdade, não estou ali naquele ginásio abafado com som de cadeiras dobráveis rangendo e de gente pigarreando, com o farfalhar dos folders da programação abanando rostos salpicados de suor. Estou atravessando o carpete de galhos de pinheiro laranja secos e aceitando abraços dos professores de Browick, até mesmo da Sra. Giles. Na minha fantasia, ela nunca me expulsou; não tem motivo algum para pensar mal de mim. Strane me entrega meu diploma em pé junto à mesma árvore onde, dois anos e meio atrás, ele me disse que queria me pôr na cama e me dar um beijo de boa-noite. Seus dedos tocam os meus quando ele me entrega o documento, um gesto imperceptível para qualquer outra pessoa, mas a emoção que ele provoca em mim me faz ganhar os ares rumo à sensação de nada, ninguém e lugar nenhum que eu tinha quando saía da sala de aula dele, incandescente com os segredos que carregava.

No ginásio, seguro o diploma com força enquanto volto para minha cadeira. Sapatos se arrastam no chão. O diretor fulmina com os olhos o pai solitário que se atreve a aplaudir.

Depois da cerimônia, todo mundo sai para o estacionamento e tira fotos, posicionando a câmera de modo que não dê para ver o centro comercial ao fundo. Papai me diz para sorrir, mas não consigo forçar meu rosto a obedecer.

— Ah, pelo menos finja que está feliz — diz ele.

Separo os lábios, mostro os dentes, e acabo parecendo um animal prestes a morder.

* * *

Passo o verão inteiro trabalhando na loja de peças automotivas, separando pedidos de ignições e amortecedores enquanto um rock clássico toca aos berros no rádio por cima do ruído branco das esteiras. Duas vezes por semana, no final do meu turno, Strane me espera no estacionamento. Eu tento tirar a sujeira sob as unhas antes de subir na caminhonete. Ele gosta das minhas botas de ponta de aço, dos músculos nos meus braços. Diz que um verão de trabalho manual é bom para mim, vai me fazer valorizar ainda mais a faculdade.

De vez em quando sou tomada pela raiva, mas digo a mim mesma que o que passou passou: Browick, o papel dele na minha expulsão, tudo isso faz parte do passado. Eu me esforço ao máximo para não ficar ressentida ao lembrar o que ele dizia sobre me ajudar a aplicar para estágios de verão em Boston, ou ao ver sua beca de Harvard pendurada na porta do armário, deixada ali desde a formatura em Browick. Atlantica é uma escolha respeitável, diz ele, nada de que eu deva me envergonhar.

No trabalho, numa sexta-feira na loja, Jackson Browne está tocando no rádio quando eu começo com peças de chassi. O homem separando os pedidos na seção ao lado se esgoela para cantar uma parte da música conforme “The Load-Out” é seguida por “Stay”. Meu estilete escorrega enquanto abro o invólucro de plástico e faz um corte de quinze centímetros no meu antebraço que, antes de o sangue brotar, é apenas um pedaço de pele delicadamente separada, uma espiadela indolor do outro lado da cortina. O homem da seção ao lado olha na minha direção e me encontra com a mão por cima do ferimento, o sangue escorrendo por entre os dedos e pingando no chão de concreto.

— Merda!

Ele abre o zíper do suéter enquanto corre na minha direção. Amarra a roupa em volta do meu braço.

— Eu me cortei — digo.

— É mesmo? — O homem balança a cabeça diante da minha impotência e aperta ainda mais o suéter. Sua mão está coberta pela poeira fuliginosa da loja. — Quanto tempo ia ficar aí parada antes de dizer alguma coisa?

* * *

Nos dias em que Strane vai me buscar no trabalho, perambulamos de carro feito adolescentes sem ter para onde ir, e quando ele me leva de volta para casa me deixa no início da estrada de terra. Minha mãe me pergunta onde eu estava e eu respondo “Com Maria e Wendy”. As meninas com quem eu me sentava durante o almoço, aquelas com quem não falo desde a formatura.

— Eu não tinha me dado conta de que vocês eram tão amigas — diz mamãe.

Ela poderia pressionar mais, perguntar por que elas nunca entram quando me deixam em casa, por que ela nunca as conheceu. Eu tenho dezoito anos e vou me mudar para Atlântica no fim de agosto, e seria isso que eu lhe diria caso ela se atrevesse a me questionar. Mas ela nunca faz isso. Diz está bem e encerra o assunto. A liberdade me deixa à deriva, insegura em relação ao que ela sabe, ao que suspeita. “Não quero cutucar essa ferida”, diz ela quando a irmã liga para lavar roupa suja de algo que aconteceu quando as duas eram crianças. Existe um muro em volta dela e eu construo outro ao meu redor.

Strane pergunta se eu ainda estou com raiva. Estamos na cama dele, os lençóis de flanela úmidos sob nosso corpo suado. Encaro a janela aberta e ouço o barulho de carros e pedestres, a imobilidade perfeita da casa dele. Estou cansada de ele me perguntar isso, da sua necessidade insaciável de ser tranquilizado. *Não, eu não estou com raiva. Sim, eu te perdoo. Sim, eu quero isso. Não, eu não acho que você seja um monstro.*

— Eu estaria aqui se não quisesse? — pergunto, como se a resposta fosse óbvia.

Ignoro o que paira no ar acima de nós: minha raiva, minha humilhação e minha mágoa. Elas, sim, parecem ser os verdadeiros monstros, todas essas coisas indizíveis.

2017

Na minha sessão seguinte com Ruby, antes mesmo de eu me sentar, pergunto se alguém a procurou em busca de informações a meu respeito. Na noite passada, liguei para Ira e perguntei a mesma coisa enquanto a namorada nova dele sibilava ao fundo: “É ela? Por que está te ligando? Ira, desligue esse telefone.”

— Quem estaria atrás de informações sobre você? — pergunta Ruby.

— Tipo uma jornalista.

Ela fica encarando, atarantada, enquanto eu pego o celular e entro nos meus e-mails.

— Eu não estou sendo paranoica, ok? Isso está mesmo acontecendo. Olhe aqui.

Ela pega o aparelho e começa a ler.

— Não estou entendendo...

Eu o arranco da mão dela.

— Talvez não pareça nada de mais, mas não foram só e-mails, ok? Ela tem me ligado, tem me importunado.

— Vanessa, respire.

— Você não acredita em mim?

— Eu acredito em você — diz ela. — Mas preciso que se acalme um pouco e me conte o que está acontecendo.

Eu me sento, encosto a base das mãos nos olhos e dou o melhor de mim para explicar os e-mails e as ligações, o blog desencavado que eu finalmente consegui deletar, o fato de a jornalista ter copiado o conteúdo. Meu cérebro está agitado e não se concentra pelo período de tempo de uma frase inteira. Mesmo assim Ruby entende o básico e exhibe uma expressão solidária.

— Que comportamento mais intrusivo — diz ela. — Com certeza não é ético da parte da jornalista.

Ela me sugere escrever para o chefe de Janine ou mesmo procurar a polícia, mas ao ouvir falar em polícia eu agarro os braços da cadeira e berro:

— Não!

Por um instante, Ruby de fato parece assustada.

— Desculpe — digo. — Estou em pânico. Fora do meu estado normal.

— Tudo bem. É uma reação compreensível. É um dos seus maiores medos virando realidade.

— Eu a vi, sabia? Em frente ao hotel.

— A jornalista?

— Não, a outra. Taylor, a que acusou Strane. Também está me perseguindo. Eu deveria aparecer no trabalho dela para ver se ela gosta.

Descrevo o que vi na noite passada quando estava começando a escurecer: a mulher em pé do outro lado da rua, o jeito como ela encarava o hotel, exatamente a janela do lobby pela qual eu estava olhando, como estava *me* encarando com o cabelo louro batendo no rosto. Enquanto eu falo, Ruby me observa com uma expressão de sofrimento, como se quisesse acreditar em mim, mas não conseguisse.

— Sei lá — digo. — Vai ver foi minha imaginação. Às vezes acontece.

— Você imagina coisas?

Dou de ombros.

— É como se meu cérebro colocasse em desconhecidos os rostos que eu quero ver.

Ela diz que isso parece difícil e eu torno a dar de ombros. Pergunta com que frequência acontece e eu respondo que depende. Meses se passam sem acontecer, mas em alguns meses acontece todo dia. A mesma coisa com os pesadelos: eles vêm em ondas, trazidos por algo nem sempre fácil de prever. Sei que preciso manter distância de qualquer livro ou filme que se passa num colégio interno, mas aí sou pega de surpresa por algo tão inofensivo quanto uma referência a bordos ou a sensação da flanela tocando minha pele.

— Falando assim eu até pareço maluca — digo.

— Não, maluca, não — diz Ruby. — Traumatizada.

Penso nas outras coisas que eu poderia lhe contar, na bebida e na maconha para suportar o dia, nas noites em que meu apartamento parece um labirinto tão impossível de percorrer que acabo dormindo no chão do banheiro. Sei como seria fácil fazer meus comportamentos mais vergonhosos se somarem até levar a um diagnóstico. Já perdi noites inteiras lendo sobre estresse pós-traumático, conferindo mentalmente cada sintoma que eu tinha, mas pensar em tudo dentro de mim sendo resumido com tamanha facilidade me causa uma decepção estranha. E depois? Tratamento, medicação, superação? Para algumas pessoas isso pode

parecer um final feliz, mas para mim existe apenas a beira de um abismo, as águas revoltas lá embaixo.

— Você acha que eu deveria deixar essa tal jornalista escrever sobre mim? — pergunto.

— Essa é uma decisão que só você pode tomar.

— Claro. E eu já me decidi. Não vou aceitar de jeito nenhum. Só queria saber se você acha que eu deveria.

— Eu acho que isso te causaria bastante estresse — diz Ruby. — Tenho medo de que os sintomas que você descreveu ficassem ainda mais intensos, a ponto de se tornar difícil você ter uma vida funcional.

— Mas eu estou falando de um ponto de vista moral. Não dizem que isso compensa todo o estresse? É o que as pessoas vivem dizendo, que é preciso falar custe o que custar.

— Não — diz ela com firmeza. — Isso está errado. É uma pressão perigosa de se impor a alguém que está lidando com um trauma.

— Então por que as pessoas não param de dizer isso? Porque não é só a jornalista. São todas as mulheres que se posicionam. Mas se alguém não quer se posicionar e contar para o mundo todas as coisas ruins que aconteceram com ela, então essa pessoa é o quê? Fraca? Egoísta? — Ergo a mão no ar e aceno para longe. — Isso tudo é uma babaquice. Porra, eu detesto esse papo.

— Você está com raiva — diz Ruby. — Acho que nunca vi você com tanta raiva.

Pisco e respiro pelo nariz. Digo que estou um pouco na defensiva, e ela pede que eu explique.

— Estou me sentindo encurralada — respondo. — Como se de repente o fato de não querer me expor significasse que estou facilitando a vida dos estupradores. E eu não devia nem fazer parte dessa conversa! Eu não fui molestada, não como as outras mulheres estão dizendo que foram.

— Você entende que alguém pode ter tido uma relação parecida com a sua e considerar que ela foi abusiva?

— Claro. Eu não passei por uma lavagem cerebral. Sei por que os adolescentes não devem ficar com homens de meia-idade.

— E por quê? — pergunta ela.

Reviro os olhos e começo a enumerar:

— O desequilíbrio de poder, o fato de o cérebro adolescente ainda não estar totalmente formado, sei lá. Essas besteiras todas.

— Por que esses motivos não se aplicavam a você?

Olho de soslaio para ela a fim de avisá-la que sei aonde está tentando me levar.

— A verdade é a seguinte: Strane foi bom comigo. Ele foi cuidadoso, gentil e bom. Mas é óbvio que nem todos os homens são assim. Alguns são predadores, principalmente em relação a meninas. E quando eu era nova, ficar com ele ainda assim foi bem difícil, apesar de ele ser tão bom.

— Difícil por quê?

— Porque o mundo inteiro estava contra nós dois! Tivemos que mentir e nos esconder, e houve coisas das quais ele não conseguiu me proteger.

— Como o quê?

— Como, por exemplo, quando eu fui expulsa.

Assim que eu digo isso, Ruby estreita os olhos e franze a testa.

— Expulsa de onde?

Esqueci que eu não tinha contado para ela. Sei que a palavra “expulsa” causa um impacto forte e passa a impressão errada. Faz parecer que eu não tive nenhum papel ativo na situação, como se eu houvesse sido flagrada fazendo algo ruim e tivessem me dito para arrumar as malas. Só que eu tive escolha. Eu escolhi mentir.

Então digo a Ruby que foi complicado, que talvez “expulsa” não seja a descrição correta. Conto a história: os boatos e as reuniões, a lista de Jenny, a última manhã com a sala cheia e eu em pé em frente ao quadro-negro. Nunca contei isso com tantos detalhes, não sei nem se ao menos já pensei nisso desse modo: cronologicamente, um acontecimento conduzindo ao seguinte. Em geral, é tudo fraturado, lembranças como vidro estilhaçado.

Em alguns momentos, Ruby me interrompe.

— Eles fizeram o quê? — pergunta ela. — Eles *o quê*?

Ela fica consternada com coisas nas quais eu nunca prestei atenção, como o fato de ter sido Strane a me tirar da sala para a primeira reunião com a Sra. Giles, de ninguém ter denunciado o caso às autoridades.

— O quê, tipo a Vara da Infância e da Juventude? — pergunto. — Ah, fala sério. Não foi desse jeito.

— Sempre que um professor desconfia que um aluno está sofrendo abuso, ele tem a obrigação de notificar.

— Eu trabalhei na Vara da Infância assim que me mudei para Portland — digo —, e as crianças que paravam lá tinham sido de fato abusadas.

Coisas horrendas. O que aconteceu comigo não teve nada a ver com isso. — Recosto-me na cadeira e cruzo os braços. — É por isso que eu detesto falar sobre esse assunto. Acabo fazendo tudo soar bem pior do que realmente foi.

Ela me observa com rugas profundas na testa.

— Conhecendo você, Vanessa, acho mais provável você minimizar do que exagerar.

Ela começa a falar num tom autoritário que nunca escutei, praticamente me repreendendo. Diz que o que Browick me obrigou a fazer foi humilhante. Que ser instruída a se diminuir na frente dos colegas é suficiente para causar estresse pós-traumático, independentemente de qualquer outra coisa pela qual eu tenha passado.

— Ser forçada a um estado de impotência por uma pessoa é terrível — diz ela —, mas ser humilhada na frente de um grupo... Não quero dizer que é pior, mas é diferente. É muito desumanizador, principalmente para uma criança.

Quando começo a corrigir seu uso de “criança”, ela retifica:

— Para alguém sem um cérebro totalmente desenvolvido.

Ela então me encara, espera para ver se vou contestar minhas próprias palavras. Quando não faço isso, pergunta se Strane continuou em Browick depois de tudo, se ele sabia o que havia acontecido na reunião.

— Ele sabia. Ele me ajudou a planejar o que eu ia dizer. Era o único jeito de salvar a reputação dele.

— Ele sabia que você ia ser expulsa?

Dou de ombros, sem querer mentir, mas incapaz de responder sim, ele sabia, ele queria que acontecesse.

— Sabe — diz Ruby —, antes você falou sobre isso como algo de que ele não teve o poder de te proteger, mas me parece que na verdade ele foi a causa.

Por alguns instantes fico sem ar, mas me recupero depressa e dou de ombros como se aquilo não fosse nada.

— Era uma situação complicada. Ele fez o melhor que pôde.

— Ele se sentiu culpado?

— Por ter feito com que eu fosse expulsa?

— É — diz ela —, e por ter feito você mentir, assumir a culpa.

— Acho que ele lamentou, mas considerou que precisava acontecer. Qual era a alternativa, ele ser preso?

— Sim — diz ela com firmeza. — Essa teria sido uma alternativa, e teria sido uma alternativa justa, porque o que ele fez com você é crime.

— Nenhum de nós dois teria sobrevivido à prisão dele.

Ruby me observa, e por trás dos seus olhos ocorre uma mudança de marcha, uma anotação mental. É mais sutil do que algo rabiscado num bloco de notas, como faria um terapeuta na TV, mas mesmo assim perceptível. Ela me observa com muita atenção, insere tudo que eu digo e faço num contexto mais amplo, o que naturalmente me lembra de Strane... como poderia não lembrar? O modo como os olhos dele se fixavam em mim durante a aula, sempre calculando. Certa vez Ruby me disse que eu sou sua paciente preferida porque há sempre outra camada para ser removida, outra coisa para ser revelada, e escutar isso foi tão emocionante quanto *Você é a minha melhor aluna*. Como Strane me chamando de preciosa e rara, como Henry Plough dizendo que sou um enigma, impossível de entender.

Então pergunta o que eu acho que ela quer me perguntar desde o começo:

— Você acredita nas meninas que o estão acusando?

Não hesito em dizer que não. Olho rapidamente para o rosto dela, noto seus olhos piscarem depressa de surpresa.

— Você acha que elas estão mentindo — diz ela.

— Não exatamente. Acho que se deixaram levar.

— Como assim, se deixaram levar?

— Por essa histeria toda — respondo. — As acusações que não param. É tipo um movimento, não é? É assim que as pessoas estão chamando. E quando a gente vê um movimento com tanta energia, é natural querer participar, mas para ser aceita nesse movimento é preciso que algo horrível tenha acontecido com você. O exagero é inevitável. Além do mais, é tudo muito vago. As palavras são fáceis de manipular. Agressão pode ser qualquer coisa. Ele poderia ter dado só um tapinha na perna delas ou algo assim.

— Mas, se ele era inocente, como você explica que tenha tirado a própria vida? — pergunta ela.

— Ele sempre falou que preferiria morrer a passar a vida rotulado como pedófilo. Quando essas acusações surgiram, sabia que todo mundo ia partir do princípio de que ele era culpado.

— Você sente raiva dele?

— Por ter se matado? Não. Entendo por que ele fez isso, e sei que a culpa é pelo menos parcialmente minha.

Ela começa a dizer que não, que isso não é verdade, mas eu a interrompo:

— Eu sei, eu sei... Não é culpa minha, eu entendo. Mas eu sou o motivo pelo qual esses boatos todos começaram a ser associados a ele. Se Strane já não tivesse a fama de ser um professor que transava com alunas, duvido que Taylor o tivesse acusado de qualquer coisa, e se ela não tivesse falado as outras meninas também não teriam. Depois que um professor é acusado de uma coisa dessas, tudo que ele diz e faz passa a ser visto através de um filtro, a ponto de até mesmo um comportamento inócuo ser interpretado como algo sinistro. — Continuo falando sem parar, repetindo feito um papagaio os argumentos de Strane; a parte dele que ainda existe em mim desperta de maneira súbita, totalmente viva. — Pense um pouco. Se um homem normal dá um tapinha no joelho de uma menina, não tem nada de mais. Mas e se um homem que foi acusado de pedofilia faz isso? As pessoas vão ter uma reação desproporcional. Então, não, eu não sinto raiva dele. Sinto raiva deles. Sinto raiva do mundo que o transformou em monstro quando tudo que ele fez foi ter o azar de se apaixonar por mim.

Ruby cruza os braços e olha para o colo como se tentasse se acalmar.

— Eu sei o que isso parece — digo. — Tenho certeza de que você me acha horrível.

— Eu não acho você horrível — sussurra ela, ainda encarando o próprio colo.

— Então o que você acha?

Ela inspira fundo e me encara.

— Sinceramente, Vanessa, o que eu estou escutando é que ele era um homem muito fraco, e que mesmo na adolescência você já sabia que era mais forte do que ele. Sabia que ele não conseguiria lidar com uma exposição, por isso assumiu a culpa. E continua tentando protegê-lo até hoje.

Mordo o interior da bochecha para não deixar meu corpo fazer o que realmente quer: se contorcer para dentro, se encolher tanto a ponto de quebrar os ossos.

— Eu não quero mais falar sobre ele.

— Está bem.

— Ainda estou de luto, sabia? Além de tudo, estou chorando a perda dele.

— Deve ser difícil.

— É. É devastador. — Engulo em seco para desfazer o nó na garganta. — Eu o deixei morrer. Você precisa saber disso, só para o caso de começar a sentir pena de mim. Ele me ligou um pouco antes de se matar, e eu sabia que ele ia fazer isso e não fiz nada para impedir.

— Não foi culpa sua — afirma Ruby.

— É, você fica repetindo isso. Nada nunca parece ser culpa minha.

Ela não diz nada e fica me encarando com a mesma expressão de sofrimento. Sei o que ela está pensando, que eu sou patética, que faço questão de condenar a mim mesma.

— Eu o torturei — digo. — Acho que você não entende como contribuí para que tudo acontecesse. Ele foi até o inferno por minha causa.

— Ele era um homem adulto e você tinha quinze anos — diz ela. — O que você pode ter feito para torturá-lo?

Por alguns segundos, fico sem palavras, incapaz de pensar em outra resposta além de *Eu entrei na sala de aula dele. Eu existi. Eu nasci.*

Inclino a cabeça para trás e digo:

— Ele era tão apaixonado por mim que costumava se sentar na minha cadeira depois que eu saía da sala. Apoiava a cabeça na mesa e tentava sentir meu cheiro.

É um detalhe que eu já mencionei, sempre para servir como prova do amor incontrolável que ele sentia por mim, mas ao repeti-lo agora eu o escuto como ela ou qualquer outra pessoa escutaria: iludido e irracional.

— Vanessa — diz ela suavemente —, você não pediu isso. Estava só tentando ir à escola.

Encaro a janela por cima do ombro dela, o porto, as gaivotas voando em bando, a água e o céu cinza-ardósia, mas tudo que vejo é a mim mesma, dezesseis anos recém-completados e olhos molhados de lágrimas, em pé na frente de uma sala lotada de gente dizendo que eu era mentirosa, uma menina má que merecia ser punida. A voz distante de Ruby me pergunta para onde eu fui, mas sabe que o que me assustou foi a verdade, sua vastidão, sua dureza. A verdade não oferece nenhum esconderijo.

2006

É início de setembro, o último ano da faculdade está prestes a começar e estou fazendo faxina no meu apartamento com as janelas abertas. Das ruas do centro lá embaixo vêm os ruídos da mudança de estação, o alto-falante dos ônibus de turismo misturado ao gemido dos freios de uma van, a derradeira onda de turistas aproveitando os últimos dias quentes e os quartos de hotéis mais baratos na cidade. O centro se deslocou em direção ao campus, e até maio Atlantica vai pertencer à faculdade. Minha colega de quarto, Bridget, vai chegar de Rhode Island no dia seguinte, e as aulas começam um dia depois. Passei o verão inteiro na cidade, tirando um dinheiro com faxinas em quartos de hotel, ficando doidona e perdendo tempo à noite na internet, a não ser quando Strane vinha à minha casa, o que ele só fez algumas vezes. Ele culpa o longo trajeto de carro, mas na verdade simplesmente detesta aquele apartamento soturno. Na primeira vez que veio me visitar, deu uma olhada em volta e disse: “Vanessa, este é o tipo de lugar aonde as pessoas vão para se matar.” Ele tem quarenta e oito anos e eu, vinte e um, e a situação é praticamente a mesma de seis anos atrás. As grandes ameaças já não existem — ninguém vai ser jogado na prisão nem perder o emprego —, mas continuo mentindo para meus pais. Bridget é a única amiga que sabe que ele existe. Quando ele e eu estamos juntos, ou é na sua casa ou no meu apartamento com a persiana baixada. Ele me leva para sair às vezes, mas só a lugares onde há pouca chance de ser reconhecido. O segredo, antes uma necessidade, agora parece produto da vergonha.

Estou no banheiro limpando o boxe do chuveiro, coisa que só faço quando ele vem, quando meu celular começa a tocar: JACOB STRANE.

Toco em “atender” com os dedos enrugados por causa do desinfetante.

— Ei, você está...?

— Hoje à noite não vai dar — diz ele. — Tem coisas demais acontecendo por aqui.

Vou até a sala enquanto ele segue falando sobre ser reeleito chefe do departamento, sobre o aumento das suas responsabilidades.

— O departamento está uma zona. Tem uma mulher de licença-maternidade, e a professora nova que contrataram está perdidinha. Para completar, estão implementando um programa novo de aconselhamento na

escola inteira, e contrataram uma menina um pouco mais velha que você para nos ensinar a lidar com os sentimentos dos alunos. É insultante. Eu faço isso há duas décadas.

Ando de um lado para outro da sala, acompanhando a trajetória do ventilador oscilante. Os únicos móveis que temos são uma cadeira redonda com estrutura de vime toda remendada com silver tape, uma mesa de centro feita de caixotes de leite e o antigo móvel de TV dos meus pais. Teremos um sofá em breve, pois Bridget disse que conhece alguém que está doando um.

— Mas essa era nossa última chance de ficarmos juntos.

— Você vai viajar e não me contou?

— Minha colega de quarto chega amanhã.

— Ah. — Ele estala a língua. — Bom, você tem um quarto próprio. A porta fecha.

Deixo escapar um suspiro imperceptível.

— Não fique emburrada, por favor — pede ele.

— Não estou emburrada.

Mas estou, sim; pernas e braços pesados, lábio inferior formando um biquinho. Passei a manhã inteira tirando as garrafas vazias e canecas de café do meu quarto, lavando a louça, catando os fios de cabelo na banheira. Além disso, eu quero estar com ele. Essa é a verdadeira origem da minha decepção. Já faz duas semanas.

Ao telefone, balbucio:

— Eu estou carente.

É o mais perto que chego de dizer o que estou sentindo, que não é tesão, porque na verdade não tem nada a ver com sexo. É o fato de ele olhar para mim, de me adorar, de me dizer o que eu sou e de me dar o que eu preciso para atravessar a farsa cotidiana de fingir que sou igual a todo mundo.

Ouçoo sorrir: a expiração rápida, um ruído suave no fundo da garganta. *Estou carente.* Ele gosta disso.

— Vou aí em breve — diz ele.

Bridget chega na tarde seguinte e larga as malas no meio do chão da sala. Com os olhos brilhando, pergunta:

— Ele está aqui?

Ela está ansiosa para conhecer Strane; não tenho certeza de que acredita mesmo que ele é real. Na primavera passada, no bar, contei a ela uma versão vaga da história depois de assinarmos nosso contrato de aluguel.

Ela estuda letras, assim como eu, e há três anos temos aulas juntas, mas não éramos amigas próximas. Morar junto foi uma decisão prática. Bridget tinha encontrado um apartamento de dois quartos e eu precisava de um lugar para morar. Apesar disso, ao longo de uma única noite no bar, só precisei de cinco drinques para evoluir de uma menção de que tinha estudado em Browick durante “um ano mais ou menos” — em geral o mais perto que eu chegava da verdade — a uma versão desconjuntada de toda a confusão. Digo que ele me escolheu e se apaixonou, que eu fui expulsa porque não quis traí-lo, mas que acabamos voltando porque não conseguimos ficar longe um do outro, apesar da diferença de idade, apesar de tudo. Ela foi a ouvinte perfeita, arregalou os olhos durante as maiores reviravoltas da trama, balançou a cabeça com empatia nos momentos difíceis e em nenhum instante demonstrou qualquer indício de julgamento. Desde então, ela nunca tomou a iniciativa de mencionar Strane e sempre esperou que eu o mencionasse primeiro. Mesmo agora, *Ele está aqui?* foi só porque eu mandei uma mensagem de texto na véspera com um alerta e um pedido de desculpas: Espero que não se assuste demais se você chegar amanhã e tiver um homem de meia-idade aqui em casa. Foi a primeira vez que tentei transformá-lo em piada, e isso me causou uma sensação boa, surpreendentemente boa.

Ele está aqui? Faço que não com a cabeça, mas sem explicar por quê, e Bridget não pergunta.

Trazemos o resto das coisas dela para dentro, sacos de lixo preto cheios de roupas, travesseiros e lençóis, uma lixeira cheia de sapatos, uma panela cheia de DVDs. Pegamos o sofá — literalmente o pegamos — e o carregamos quatro quarteirões enquanto os carros passam buzinando por nós. Descansamos na metade do caminho: largamos o sofá na calçada e deitamos em cima, esticamos as pernas e protegemos os olhos do sol. Depois de o levarmos para dentro, posicionamos o móvel encostado numa das paredes da sala e passamos o resto da tarde bebendo vinho doce e assistindo a *The Hills*. Bebemos cada uma direto da sua garrafa, limpando a boca com as costas da mão, e cantamos a música tema junto da abertura em todos os episódios.

Quando o céu escurece e o vinho termina, vamos à lojinha da esquina comprar mais bebida enquanto nos arrumamos para ir ao bar. Rilo Kiley toca aos berros no quarto de Bridget na outra ponta do apartamento enquanto eu faço chapinha no cabelo e passo delineador nos olhos. Em

determinado momento, ela aparece à porta do meu quarto com uma tesoura.

— Vou cortar uma franja em você — diz.

Sento-me na beirada da banheira enquanto ela corta meu cabelo com a tesoura suja de tinta e o laptop aberto numa foto de Jenny Lewis como referência.

— Perfeito — diz, dando um passo para o lado a fim de que eu me olhe no espelho. Pareço uma garotinha, dois olhos imensos espiando debaixo de uma franja reta. — Você está maravilhosa.

Viro-me de um lado para outro e me pergunto o que Strane vai achar.

No bar, me empoleiro num banco alto e fico entornando chopes enquanto Bridget é interceptada por rapazes que a puxam para abraços como desculpa para tocá-la. Ela é linda: maçãs do rosto altas e cabelo comprido cor de mel, um espaço entre os dentes da frente que eu já vi deixar mais de um homem vesgo. Enquanto isso, eu sou bonitinha, mas não linda; inteligente, mas não descolada. Sou azeda, agressiva, intensa demais. Quando o namorado de Bridget me conheceu, disse que o simples fato de estar perto de mim era como levar um chute no saco.

* * *

Atlantica College é névoa matinal e ar permeado de maresia, focas aquecendo os corpos sarapintados na margem de granito rosa, mansões de baleeiros transformadas em salas de aula, o crânio gigantesco de uma jubarte pendurado na cafeteria. O mascote da faculdade é um caranguejo-ferradura, e como *crab* em inglês significa tanto caranguejo quanto chato, nós todos sabemos como é ridículo a livraria estar repleta de suéteres à venda com uma frase nas costas que diz GOT CRABS?, literalmente “Você tem chato?”. Não há muitas equipes esportivas, os alunos chamam a reitora pelo primeiro nome, os professores andam de sandália e camiseta e trazem os cachorros para a aula. Adoro a faculdade e não quero me formar, não quero ir embora dali.

Strane diz que eu preciso contextualizar minha relutância em crescer, que todo mundo da minha idade tem uma quedinha pela autovitimização.

— E para as meninas é especialmente difícil resistir a essa mentalidade — diz ele. — O mundo tem um interesse velado em manter vocês

impotentes.

Segundo Strane, nossa cultura trata a vitimização como uma extensão da infância. Assim, quando uma mulher escolhe a vitimização, ela está liberada da responsabilidade pessoal, o que por sua vez incentiva os outros a cuidarem dela. Por isso, quando uma mulher escolhe a vitimização, vai continuar escolhendo isso repetidas vezes.

Ainda me sinto diferente dos outros, sombria e profundamente má, tanto quanto me sentia aos quinze anos, mas tentei compreender melhor os motivos. Tornei-me especialista no tema diferença de idade e consumo livros, filmes, qualquer coisa na qual haja um romance entre um adulto e uma criança na definição jurídica do termo. Vivo numa procura eterna por mim mesma, mas nunca encontro algo exato. As meninas nessas histórias são sempre vítimas, e eu não; isso não tem nada a ver com o que Strane fez ou deixou de fazer comigo quando eu era mais nova. Não sou vítima porque nunca quis ser, e se eu não quero ser, não sou. É assim que funciona. A diferença entre estupro e sexo é o estado de espírito. *Não se pode estuprar quem está querendo, certo?* Minha colega de quarto do primeiro ano disse isso quando eu tentei impedi-la de ir para casa bêbada com um cara que ela conheceu numa festa. Não se pode estuprar quem está querendo. É uma piada horrível, claro, mas faz sentido.

E mesmo que Strane tenha me machucado, todas as meninas têm antigas feridas. Assim que cheguei a Atlantica, eu morava num alojamento feminino que era como o de Browick, só que mais sem lei, com álcool e maconha de fácil acesso, e supervisão mínima. Os corredores viviam cheios de portas abertas, e as meninas pulavam de quarto em quarto até tarde da noite, confessando segredos, abrindo o coração. Meninas que eu tinha conhecido apenas horas antes choravam ao meu lado na minha cama ao me contarem sobre a mãe distante, o pai malvado e o namorado traidor, dizendo que o mundo era um lugar horrível. Nenhuma tivera um caso com um homem mais velho e mesmo assim eram perturbadas. Se eu nunca tivesse conhecido Strane, duvido que tivesse acabado muito diferente. Algum menino teria me usado, me tratado mal, arrancado meu coração do peito. Pelo menos Strane me deu uma história melhor do que a delas para contar.

Às vezes é fácil pensar nisso dessa forma, como uma história. No outono passado, eu fiz uma oficina de escrita de ficção e passei o semestre inteiro entregando textos sobre Strane. Enquanto as histórias eram

criticadas pela turma, eu anotava o que todo mundo dizia e copiava os comentários deles, até mesmo os burros, os cruéis. Se alguém dissesse “Nossa, é óbvio que ela é uma vadia. Quem é que transa com um professor? Quem faz uma coisa dessas?”, eu escrevia essas perguntas no meu caderno e em seguida acrescentava as minhas: *Por que fiz isso? Porque sou uma vadia?*

Eu saía dessa aula me sentindo agredida e machucada, mas aquilo parecia uma penitência, uma humilhação merecida. Talvez haja uma comparação a ser feita entre passar essas oficinas brutais sentada em silêncio e ficar em pé naquela sala de aula em Browick sendo bombardeada com perguntas, mas tento afastar pensamentos como esse. Mantenho a cabeça baixa e sigo em frente.

* * *

O professor da minha matéria principal de literatura é novo. Chama-se Henry Plough. Reparei outro dia na placa com o nome dele na sala ao lado do escritório da minha orientadora, e a porta entreaberta revelou um recinto vazio com uma mesa e duas cadeiras. Na primeira aula, me sento no canto mais afastado da mesa, de ressaca, talvez ainda bêbada, com o corpo e o cabelo fedendo a cerveja.

Enquanto observo os outros alunos entrarem, todos com rostos conhecidos, meu cérebro parece sofrer uma convulsão, um clarão de luz e um muro de som, uma dor de cabeça instantânea tão forte que pressiono os dedos nos olhos. Quando torno a abri-los, Jenny Murphy está ali: Jenny, a ex-colega de quarto, a efêmera melhor amiga, a destruidora de vidas. Ela se senta à mesa de trabalho e apoia o queixo na mão fechada, o cabelo castanho curto e a linha comprida do pescoço exatamente iguais. Será que pediu transferência? Meu corpo treme enquanto espero ela me notar. Que engraçado nenhuma de nós duas ter envelhecido. Também não pareço ter um dia a mais do que quinze anos, o mesmo rosto sardento, o mesmo cabelo ruivo comprido.

Continuo com os olhos fixos nela quando Henry Plough entra na sala com um livro e uma bolsa de couro a tiracolo. Afasto o olhar de Jenny e olho para ele, para aquele novo professor. À primeira vista, ele é Strane, só barba e óculos, passos pesados e ombros largos. Então as diferenças se

revelam: não é dominantemente alto, mas de estatura mediana, o cabelo e a barba são louros em vez de pretos, os olhos castanhos em vez de cinza, os óculos com armação de tartaruga, não de metal. É mais magro, mais baixo e jovem; essa é a última coisa em que eu reparo. Nenhum cabelo grisalho, pele lisa sob a barba, trinta e poucos anos. Ele é Strane no estágio de pupa, ainda mole.

Henry Plough larga o livro na mesa, o que emite um baque bem alto que faz todos se sobressaltarem.

— Desculpe, foi sem querer.

Torna a pegar o livro, segura-o por um instante, sem saber o que fazer, então o coloca cuidadosamente de volta no lugar.

— Bom, imagino que eu deva começar, agora que já fiz uma aparição desengonçada — diz ele.

Desde o início, o comportamento dele é todo errado: afável e autodepreciativo; nada nele traz o terror que Strane inspirou no primeiro dia ao encher o quadro-negro de anotações sobre um poema que ninguém ousava confessar não ter lido. No entanto, quando Henry Plough faz a chamada, movendo os olhos de um lado para outro com a intenção de olhar cada um de nós, me sinto de volta à sala de Strane, sendo sorvida por seu olhar. Uma brisa entra pela janela e o ar salgado tem o mesmo cheiro de poeira queimada do radiador do escritório de Strane. O grito de uma gaivota se transforma nos sinos da igreja de Norumbega.

Na outra ponta da mesa, Jenny finalmente olha na minha direção. Nossos olhares se cruzam e vejo que aquela não é Jenny, é só uma menina de rosto redondo e cabelo castanho com quem já tive aula.

Henry Plough chega ao final da chamada. Como sempre, eu sou a última.

— Vanessa Wye?

Aquilo soa excessivamente como uma súplica para o primeiro dia de um novo semestre. Vanessa, why? Por quê?

Ergo dois dedos, abalada demais para levantar o braço. Na outra ponta da mesa, a menina que eu pensei que fosse Jenny destampa a caneta, e a maré de tempestade dentro de mim recua, deixando para trás lixo e tufos emaranhados de algas podres. Sinto um medo conhecido: talvez eu seja louca, narcisista, delirante. Alguém tão presa dentro do próprio cérebro que transforma passantes relutantes em fantasmas.

Henry Plough observa meu rosto como se quisesse decorá-lo. Na sua chamada, marca um x ao lado do meu nome.

Passo o resto da aula afundada na cadeira, só me atrevendo a olhar para ele de relance. Meu cérebro não para de escapulir pela janela; não sei se está tentando fugir ou conseguir um ângulo de visão melhor. Depois da aula, volto para casa sozinha por uma trilha à beira-mar, e a maresia encrespa meu cabelo. A noite é um breu e estou de fone de ouvido, da música tão alta que não teria a menor chance contra qualquer um que quisesse me agarrar por trás, um comportamento estúpido e sem sentido. Eu nunca admitiria, mas pensar no hálito de um monstro na minha nuca me deixa empolgada. Pensar nisso me impele, o exemplo perfeito de quem está pedindo que aconteça.

* * *

Strane vem me visitar na sexta-feira à noite. Espero por ele em frente ao meu prédio, sentada no degrau da loja de bagel que todas as manhãs deixa nosso apartamento com cheiro de fermento e café. A noite está amena: meninas de vestido sem manga vão na direção dos bares; um menino da minha aula de poesia passa de skate tomando uma cerveja. Quando a caminhonete de Strane aparece, entra no beco em vez de estacionar na rua, onde é mais provável ser vista. Ele ainda é paranoico, apesar de não haver nenhum ex-aluno de Browick em Atlantica.

Um minuto depois, ele surge do beco escuro, sorri sob a luz de um poste de rua e estende os braços.

— Venha cá.

Está usando uma calça jeans desbotada e tênis brancos. Roupas de tiozão. Quando semanas se passam entre uma visita e outra, eu sou pega de surpresa e acabo enterrando o rosto no peito dele só para não ter que olhar para seu nariz vermelho, sua barba cada vez mais grisalha e a barriga despencando pelo cóis da calça.

Strane sobe na frente a escada escura até o meu apartamento como se quem morasse ali fosse ele, não eu.

— Você agora tem um sofá — comenta quando entramos. — Que evolução.

Ele se vira para mim com um sorriso sarcástico, mas sua expressão se suaviza quando me vê. Na rua, no escuro, ele não viu como estou bonita com meu vestido sem mangas, minha franja nova, o delineador puxado nos cantos dos olhos e os lábios tingidos de rosa.

— Olhe só para você — diz ele. — Parece uma francesinha de 1965.

Sua aprovação é tudo de que eu preciso para meu corpo ceder e as roupas feias dele se tornarem menos feias, ou pelo menos desimportantes. Ele sempre vai ser velho. Tem que ser velho. É o único jeito de eu continuar jovem e transbordando beleza.

Antes de abrir a porta do meu quarto, eu aviso:

— Não deu tempo de limpar, então pegue leve.

Acendo a luz e ele dá uma olhada na bagunça: as pilhas de roupas, as canecas de café e garrafas de vinho vazias no chão ao lado da cama, uma sombra de olho rachada toda amassada em cima do tapete.

— Nunca vou entender como você vive assim — diz ele.

— Eu gosto — digo, empurrando as roupas de cima da cama.

Não é estritamente verdade, mas não quero escutar o sermão dele sobre como ambientes bagunçados refletem mentes bagunçadas.

Nós nos deitamos, ele de costas e eu de lado, imprensada entre ele e a parede. Strane pergunta sobre minhas aulas e, enquanto eu percorro a lista, hesito ao chegar à de Henry Plough.

— E tem a matéria principal.

— Quem é o professor?

— Henry Plough. Ele é novo.

— Onde ele fez doutorado?

— Não faço ideia. Ninguém põe isso na ementa do curso.

Strane franze a testa com um leve ar de reprovação.

— Andou pensando nos seus planos?

Planos. Pós-graduação. Meus pais querem que eu me mude para o sul, para Portland, Boston ou ainda mais longe. “Não tem nada para você aqui no norte”, brinca papai, “a não ser casas de repouso para idosos e centros de reabilitação para dependentes químicos, porque todo mundo ao norte de Augusta está na terceira idade ou então é viciado.” Strane também quer que eu vá embora, diz que eu deveria ampliar meus horizontes e me jogar no mundo, mas então acrescenta algo do tipo: “Não sei o que vou fazer sem você. Provavelmente ceder aos meus instintos mais baixos.”

Balanço a cabeça, sem me comprometer.

— Ahn, um pouco. Ei, quer fumar?

Engatinho por cima dele e pego a caixa de joias onde guardo a maconha. Ele observa com a testa franzida enquanto eu executo as etapas de encher o cachimbo, mas quando lhe ofereço, traga profundamente.

— Eu não imaginava que ter uma namorada de vinte e um anos significaria uma rodada de abuso de substâncias em plena meia-idade — diz ele com a voz fina enquanto solta a fumaça. — Mas acho que deveria ter imaginado isso.

Dou um tapa e trago com tanta força que minha garganta queima. Detesto ficar animada quando ele me chama de namorada.

Nós fumamos o cachimbo e acabamos com uma garrafa de vinho quase cheia que está no chão ao lado da cama. Ligo minha TV pequena e passamos cinco minutos excruciantes assistindo a um reality show sobre homens que são presos após tentarem se encontrar com adolescentes de salas de bate-papo que na realidade eram policiais disfarçados. Depois disso coloco um filme. Só tenho filmes igualmente sugestivos — as duas versões de *Lolita*, *Menina Bonita*, *Beleza Americana*, *Encontros e Desencontros* —, mas pelo menos eles enfatizam o aspecto da beleza, apresentando aquilo como uma história de amor.

Quando Strane tira meu vestido e me vira de costas, estou tão doidona que me sinto borrada, como uma fumaça em movimento, mas quando ele começa a me chupar tudo entra violentamente em foco. Fecho as pernas com força.

— Não quero.

— Por favor, Nessa. — Ele encosta o rosto nas minhas coxas fechadas e ergue os olhos para mim. — Deixe.

Olho para o teto e nego com a cabeça. Há pelo menos um ano não deixo ele me chupar, talvez mais. Não me mataria nem nada, mas seria como admitir uma derrota.

Ele insiste.

— Você está recusando prazer.

Tensiono todos os músculos do corpo. Leve feito uma pluma, rígida feito uma tábua.

— Está se punindo?

Meus pensamentos despencam por um buraco no chão, paredes lisas e curvas suaves. Vejo o oceano à noite, ondas batendo na margem de granito. Strane está lá, de pé sobre uma placa de granito rosa, com as mãos unidas

ao redor da boca. *Deixe. Deixe eu lhe dar prazer.* Ele segue chamando, mas eu estou fora de alcance. Sou uma foca sarapintada nadando para além da arrebentação, uma ave marinha com uma envergadura potente capaz de voar quilômetros. Sou a lua nova, escondida e protegida dele, de todo mundo.

— Como você é teimosa — diz ele, subindo em mim e usando o joelho para afastar minhas pernas. — Teimosa e burra.

Ele tenta meter, mas depois precisa levar a mão até lá embaixo para se acariciar; seu pau não para de amolecer. Eu poderia ajudar, mas estou leve feito uma pluma, rígida feito uma tábua. Além do mais, não é problema meu. Se um homem de quarenta e oito anos não consegue ficar de pau duro com uma menina de vinte e um, será que fica de pau duro com alguma coisa? Com uma menina de quinze, talvez. Às vezes, na casa dele em Norumbega, nós fingimos que é a primeira vez de novo. *Você precisa relaxar, meu bem. Se você não relaxar, não consigo entrar. Respire fundo.*

Ele começa a entrar e sair de dentro de mim, e eu fecho os olhos e fico vendo as imagens conhecidas se sucederem sem parar: massa de pão crescendo, compras deslizando por uma esteira rolante, um *time lapse* de raízes brancas penetrando a terra macia. Quanto mais o filme passa, mais minha pele se arrepia. Meu peito começa a arfar. Mesmo de olhos abertos, só vejo as imagens. Sei que ele está em cima de mim, me comendo, mas não consigo vê-lo. Isso sempre acontece. Da última vez que tentei lhe explicar a sensação, ele me disse que parecia cegueira histérica. *É só você se acalmar. Você precisa relaxar, meu bem.*

Seguro meu pescoço. Preciso que ele me esgane; é a única coisa capaz de me trazer de volta.

— Com força — digo. — Muita força.

Ele só faz se eu implorar, vários “por favores” arquejantes até ele ceder e começar a apertar meu pescoço com relutância. Isso basta para o apartamento reaparecer, o rosto dele pairando acima de mim, o suor escorrendo por suas bochechas.

Depois, ele diz:

— Vanessa, não gosto de fazer isso.

Sento-me, desço da cama e cato meu vestido do chão. Preciso fazer xixi e não gosto de andar nua na frente dele. Além do mais, não sei quando Bridget vai voltar.

— Tem algo de muito perturbador nisso — acrescenta ele.

— Defina “isso” — digo, colocando o vestido pela cabeça.

— Esse ato violento que você quer que eu faça. É... — Ele faz uma careta. — É extremamente sombrio, até mesmo para mim.

Antes de adormecermos, com as luzes apagadas e *Menina Bonita* passando no mudo, Bridget chega do bar. Nós a escutamos andar pela sala e então, cambaleando de leve, ir até o banheiro. A torneira é aberta no máximo, mas não consegue disfarçar totalmente o barulho do vômito dela.

— Será que a gente devia ajudá-la? — sussurra Strane.

— Ela está bem — digo, mas se ele não estivesse ali eu iria ver como ela está.

Não sei se não quero ele perto dela ou o contrário.

Depois de algum tempo, ela vai até a cozinha. Uma porta de armário se abre e ouve-se um farfalhar de plástico quando ela enfia a mão na caixa de cereal. É o tipo de noite em que ela e eu costumamos acampar no sofá e ficamos vendo canais de televendas até pegar no sono.

Debaixo das cobertas, a mão de Strane se move pela minha coxa.

— Ela sabe que eu estou aqui? — sussurra ele.

Com a mão entre as minhas pernas, ele me masturba enquanto ficamos ouvindo Bridget se mover pelo apartamento.

* * *

De manhã, acordo sozinha na cama. Acho que ele foi embora até ouvir passos na sala e a porta do banheiro se abrindo. Então a voz de Bridget, esganiçada de surpresa:

— Ah, desculpe!

E Strane, afobado:

— Não, não, tudo bem. Eu já estava indo embora mesmo.

Escuto os dois se apresentarem. Strane se apresenta como Jacob, como se fosse normal, como se qualquer parte daquilo fosse normal, enquanto eu continuo imóvel na cama, subitamente apavorada como uma menina num filme de terror que vê garras surgindo por baixo da porta do armário. Quando ele volta para o quarto, finjo estar dormindo. Não abro os olhos nem quando ele toca meu ombro e me chama.

— Eu sei que você está acordada — diz ele. — Conheci sua colega de apartamento. Ela parece uma menina legal. Gostei dos dentes separados.

Enterro o rosto mais fundo no edredom.

— Estou indo embora. Vou ganhar um beijo de despedida?

Estico o braço para fora das cobertas e suspendo a mão para bater na dele, mas ele ignora. Escuto seus passos pesados pelo apartamento e, quando o ouço dizer tchau para Bridget, cubro o rosto com as mãos.

Abro os olhos e ela está em pé à porta do meu quarto, de braços cruzados.

— Está fedendo a sexo aqui dentro — diz ela.

Sento-me na cama, puxando as cobertas junto.

— Eu sei que ele é nojento.

— Ele não é nojento.

— Ele é velho. Muito velho.

Ela ri e balança o cabelo.

— Sério, não achei ele tão ruim assim.

Eu me visto e descemos até o café para comer bagel com bacon e ovo e tomar café. De uma mesa junto à janela, observo um casal passeando com um imenso cão de pelo encaracolado, cuja língua cor-de-rosa pende para fora da boca arfante.

— Então você está com ele desde os quinze anos? — pergunta Bridget.

Queimo a língua com o café. Não é o estilo dela ser enxerida. Nós damos distância uma à outra e nos referimos a isso de brincadeira como “zona de não julgamento”, o espaço no qual eu a vejo ficar com outros caras apesar do noivo em Rhode Island e eu faço o que quer que seja com Strane.

— Entre idas e vindas — respondo.

— Ele foi o primeiro com quem você transou?

Aquiesço, os olhos fixos na janela, ainda observando o casal e o cachorro de pelo encaracolado.

— Primeiro e único.

Ao ouvir isso, ela arregala os olhos.

— Espere aí, sério? Ninguém mais?

Dou de ombros e tomo mais um gole de café, queimando a garganta dessa vez. Há certa satisfação em ver minha vida fazer o rosto de outra pessoa se contorcer de choque e susto, mas um segundo depois seu susto se transforma em incredulidade.

— Não imagino como deve ter sido isso — diz ela.

Tento esconder o ardor que as lágrimas provocam nos meus olhos. Eu não deveria ficar chateada. Aquilo não é nada. Ela só está curiosa. Ter uma amiga é isso. Amigas falam sobre meninos, sobre o passado louco de adolescente.

— Você sentiu medo?

Enquanto belisco meu bagel, faço que não com a cabeça. Por que teria sentido medo? Ele foi muito cuidadoso comigo. Penso na escola pública em que estudei no ensino médio, em Charley e Will Coviello, que a chamou de vagabunda e nunca mais falou com Charley depois que ela chupou o pau dele. Penso em como ele voltou para o boliche com aquele sorriso sarcástico no rosto, muito satisfeito por ter conseguido o que queria. Ser submetida a esse tipo de humilhação teria me deixado com medo. Não Strane, que caiu de joelhos na minha frente e disse que eu era o amor da sua vida.

Encaro Bridget e sustento seu olhar.

— Ele me idolatrava. Eu tive sorte.

* * *

O outono chega de repente. Os hotéis fecham e os trabalhadores estrangeiros temporários voltam para casa. As árvores mudam na segunda semana de setembro, as folhas amarelas se destacam nitidamente no céu nublado. As manhãs são frias, úmidas de névoa, e eu acordo com lençóis úmidos enrolados nos tornozelos.

No fim de setembro, no intervalo antes da aula de Henry Plough, uma menina com quem venho fazendo oficinas de escrita desde o primeiro ano se senta à mesa de trabalho e larga uma pilha de livros. Está usando botas de caubói e minissaia, manda seus textos para jornais de literatura, e minha orientadora certa vez a descreveu como a “candidata certa para Iowa”. No alto da pilha de livros está *Fogo pálido*, de Vladimir Nabokov. Fico paralisada ao ver o romance. “*Venha ser venerada, venha ser acariciada,/ Minha sombria Vanessa.*”

Henry aponta para o livro.

— Que ótima escolha — diz. — É um dos meus preferidos.

A menina sorri. A atenção faz suas bochechas corarem na hora.

— É para literatura do século XX. Estou escrevendo um trabalho sobre ele, o que é... — ela arregala os olhos — ... intimidador.

O menino ao seu lado pergunta do que se trata o livro e eu escuto, com o coração acelerado e o rosto em brasa, enquanto ela tenta explicar e se enrola. Henry começa a falar, mas eu o interrompo falando mais alto:

— Na verdade, não existe uma trama. Ou pelo menos não é assim que o livro deve ser lido. O romance é formado por um poema e notas de rodapé, e as notas contam uma história, mas o personagem que está escrevendo essas notas não é confiável, portanto nada é confiável. É um romance que resiste ao significado e exige que o leitor abra mão do controle...

Deixo a frase em suspenso, sentindo a onda de ansiedade que vem toda vez que falo assim, como se Strane estivesse sendo canalizado através de mim. Vinda dele, esse tipo de conversa soa brilhante, mas no meu caso só me faz parecer metida, arrogante e grosseira.

— Bom, seja como for, esse não é meu Nabokov preferido — diz a menina. — Eu li *A vida verdadeira de Sebastian Knight* e gostei bem mais.

Bem baixinho, eu a corrijo:

— *A verdadeira vida*.

Ela me dá as costas revirando os olhos, mas na cabeceira da mesa de trabalho, enquanto o resto da turma entra e se senta, Henry me observa com um sorriso discreto e um ar pensativo.

* * *

Ao chegar em casa da aula, preparo o jantar e leio *Titus Andronicus* para a semana seguinte, quando começa o módulo de Shakespeare. Trata-se de uma peça brutal e sangrenta, cheia de mãos cortadas e cabeças assadas dentro de tortas. Lavinia, a filha do general, sofre um estupro coletivo e depois é mutilada. Os homens que a estupram cortam sua língua para ela não falar e suas mãos para ela não escrever. Mesmo assim, seu desespero para contar é tal que ela aprende a segurar um graveto com a boca e risca os nomes dos homens no chão.

Quando chego a esse momento da peça, paro de ler, pego na estante o exemplar de *Lolita* que pertencia a Strane e o folheio até encontrar a parte que estou procurando, na página cento e sessenta e cinco: Lo rindo de uma coluna de jornal aconselhando as crianças que, se um homem

desconhecido lhes oferecer um doce, elas devem dizer não e riscar o número da placa dele no acostamento da estrada. Anoto *Lavinia?* a lápis na margem e dobro o canto da página. Tento recomeçar *Titus Andronicus*, mas meu cérebro não consegue se concentrar.

Abro o laptop e acesso o blog que criei três anos antes. Ele é tecnicamente público, mas anônimo: eu uso pseudônimos e procuro meu nome no Google de tantas em tantas semanas para ter certeza de que não aparece nos resultados de pesquisa. Escrever esse blog é como andar sozinha à noite com fones de ouvido, como ir ao bar com a única intenção de ficar tão bêbada a ponto de não enxergar direito, coisas que me lembro de o meu livro de Introdução à Psicologia descrever como “comportamentos de risco”.

28 de setembro de 2006

Hoje ele falou sobre Nabokov, então eu acho que devo registrar essa coisa florescendo.

Não sei como chamar. Sério, “essa coisa” não é nada, apenas uma narrativa nascida do meu cérebro depravado, mas como evitar a transferência para aquela história conhecida quando os personagens, o cenário e tantos detalhes são os mesmos? (Na sala, os olhos do professor se dirigem para o final da mesa de trabalho, para a menina de cabelo ruivo cuja voz treme toda vez que ela é chamada para ler.)

Isso é absurdo. Eu sou absurda por projetar tudo isso num homem sobre quem não sei nada, exceto a aparência dele em pé na frente de um quadro-negro e os fatos mais banais que qualquer pessoa poderia descobrir com uma pesquisa no Google. Tenho a sensação de o ter tirado da sala de aula, como se estivesse fazendo com ele o que S. fez comigo. Mas não era para o professor ser S. nesse enredo?

Comecei a me vestir como me vestia aos quinze anos nos dias que sabia que iria vê-lo — vestidos soltos e curtos e tênis All Star, tranças no cabelo —, como se o fato de me ver passando minha melhor impressão de ninfeta o levasse a perceber o que eu sou e do que sou capaz, ou seja... eu sou provavelmente, genuinamente, realmente, LOUCA.

“Um dos meus preferidos”, disse ele hoje falando sobre Fogo pálido (não Lolita, imaginem se ele tivesse dito isso sobre Lolita?). Nada de mais. Um comentário inofensivo. Todos os professores de literatura amam esse romance. Mas eu ouço o professor fazer esse comentário, aquele que eu decidi que é especial, e de repente isso se torna uma revelação.

Escuto Fogo pálido e tudo em que consigo pensar é em S. me dando o seu exemplar e me dizendo para olhar na página trinta e sete. A sensação de encontrar meu nome na página: Minha sombria Vanessa.

E é desse jeito que minha mente cria uma conexão nova entre os personagens. Às vezes parece mesmo uma maldição o significado que eu sou capaz de atribuir a tudo.

* * *

Há três bares em Atlantica: um que os estudantes frequentam, onde os pisos são limpos e servem chope artesanal; uma taberna com mesas de bilhar e vidros de ovo em conserva; e um misto de bar e restaurante de frutos do mar equilibrado na borda de um cais, onde pescadores bêbados se metem em brigas de faca. Bridget e eu só frequentamos o bar de estudantes, mas ela ouviu dizer que a taberna tem noites de dança aos sábados.

— Lá não vamos conhecer ninguém — diz ela. — Vamos ficar livres.

Ela tem razão. Somos as únicas alunas de Atlantica e provavelmente temos dez anos a menos do que todas as outras pessoas, embora a iluminação seja tão fraca que é difícil dizer. Viramos doses de tequila e levamos garrafas de cerveja para a pista de dança, onde bebemos enquanto dançamos ao som de Kanye, Beyoncé e Shakira. Ficamos tão tontas que chegamos a nos agarrar, e nossos cabelos ruivos e cor de mel caem por cima do rosto e dentro das nossas bebidas. Um homem pergunta se fazemos tudo juntas, e estamos nos divertindo tanto que nem nos ofendemos, simplesmente rimos: “Talvez!” Quando o DJ começa a tocar tecno, saímos da pista para recuperar o fôlego e nos sentamos no bar, onde outras doses aparecem na nossa frente pagas por um homem de boné do Red Sox e jaqueta camuflada.

— Gostei de vocês duas dançando — diz ele, e por um segundo aterrorizante ele é Craig, o tarado do boliche no ensino médio; então pisco e vejo que é um desconhecido com cicatrizes de acne na bochecha e mau hálito.

Ele fica em cima de nós até irmos dançar só para fugir dele. Mais para o fim da noite, quando Bridget está no banheiro e eu, encostada no balcão com tanta tequila na cabeça que não consigo focar os olhos, o homem reaparece. Não o vejo, mas sinto seu cheiro: cerveja, cigarro e alguma outra coisa, algo podre que me atinge como um soco na cara enquanto ele passa a mão na minha bunda.

— Sua amiga é mais bonita — diz ele —, mas você tem cara de ser mais divertida.

Aguardo um segundo, dois, três, tomada pela mesma sensação de anestesiamento que tive dez anos atrás quando preendi o dedo na porta do carro da minha mãe e, em vez de gritar de dor, fiquei ali parada pensando: *Quanto tempo será que eu consigo aguentar?* Então afasto a mão dele com um tapa e lhe digo para não encher o saco. Ele me chama de piranha. Bridget volta do banheiro, pega seu molho de chaves e sacode a latinha de spray de pimenta na cara dele, que a chama de piranha maluca. Ela e eu vamos para casa a pé, trôpegas de medo, de mãos dadas e olhando por cima do ombro.

No apartamento, Bridget apaga no sofá com o braço em volta de uma tigela de macarrão com queijo pela metade. Eu me tranco no banheiro e ligo para Strane. A ligação cai na caixa postal, então ligo de novo e espero ele atender, com a voz pastosa de sono.

— Sei que está tarde — digo.

— Você está bêbada?

— Defina “bêbada”.

Ele suspira.

— Você está bêbada.

— Um cara passou a mão em mim.

— O quê?

— Um cara. Num bar. Ele passou a mão na minha bunda.

Silêncio do outro lado, como se ele estivesse me esperando chegar à parte importante.

— Ele não pediu. Simplesmente fez.

— Você não precisa me confessar nada — diz ele. — Você é jovem. Tem o direito de se divertir.

Ele me pergunta se estou tomando cuidado, diz para eu ligar de manhã e se preocupa comigo como um pai ou uma mãe fariam, sabe mais sobre mim do que meus pais de verdade, com quem só falo banalidades durante vinte minutos ao telefone no domingo à noite.

No chão de ladrilhos, com uma toalha embolada na cabeça, balbucio:

— Desculpe estar tão mal.

— Tudo bem — diz ele.

Mas eu quero que ele me diga que não estou mal, nada disso. Eu sou linda, preciosa e rara.

— Bom, a culpa é sua, sabia? — digo.

Uma pausa.

— Ok.

— Tudo de errado comigo começou com você.

— Não vamos ter essa conversa.

— Quem me deixou mal foi você.

— Meu bem, vá dormir.

— Eu estou errada? — pergunto. — Me diga que estou errada.

Ergo os olhos para a mancha de infiltração se espalhando pelo teto. Por fim, ele diz:

— Eu sei que é isso que você acha.

* * *

Durante a discussão sobre *A tempestade*, Henry nos diz para formarmos duplas. Em segundos, todo mundo já se organizou por meio de gestos e olhares imperceptíveis. Arrastam as cadeiras uns para perto dos outros enquanto eu fico parada, olhando em volta à procura de mais alguém sem dupla. Ao dar uma olhada no recinto, flagro Henry me observando com uma expressão carinhosa.

— Vanessa, aqui.

Amy Doucette acena para mim. Quando me sento, ela se inclina mais para perto e diz:

— Eu não li. E você?

Balanço a cabeça, dou de ombros e minto:

— Por alto.

Na verdade, li duas vezes e liguei para Strane com o intuito de conversar sobre o livro. Ele me disse que, se eu quisesse impressionar o professor, deveria me referir à peça como pós-colonial, ou então fazer uma piada sobre ela ter sido escrita por Francis Bacon. Quando perguntei quem era Francis Bacon, ele não quis me dizer.

“Não vou fazer o trabalho todo por você”, disse ele. “Pesquise.”

Agora, enquanto descrevo a trama para Amy, observo pelo canto do olho Henry percorrendo a sala avaliando uma dupla após outra. Quando ele chega perto de nós duas, minha voz aumenta de volume e se torna anormalmente aguda e animada:

— Mas, na verdade, pouco importa sobre o que a peça fala, porque quem escreveu não foi Shakespeare, foi Francis Bacon!

Henry dá uma gargalhada genuína, alta e vinda do fundo da barriga.

No fim da aula, ele me para quando estou saindo pela porta e me entrega meu trabalho sobre Lavinia, de *Titus Andronicus*. Eu me concentrei na língua cortada e nas mãos decepadas, no seu subsequente silêncio, na falência da linguagem após o estupro.

— Muito bem. E gostei da sua piada. Na aula, não no trabalho. — Ele enrubesce antes de acrescentar: — Não vi nenhuma piada no seu trabalho, mas pode ser que eu tenha deixado passar.

— Não, não tinha nenhuma piada.

— Certo — diz ele, e o rubor agora desce até o pescoço.

Fico tão nervosa perto dele que meu corpo só quer sair correndo. Enfio o trabalho no bolso do casaco e jogo a mochila sobre um dos ombros, mas ele me detém e pergunta:

— Você está no último ano, não é? Vai tentar a pós-graduação?

A pergunta é tão súbita que rio de surpresa.

— Não sei. Não planejei ainda.

— Você deveria pensar no assunto — diz Henry. — Só com base nesse trabalho aí... — ele indica com um gesto o trabalho enfiado no meu bolso — ... você já seria uma forte candidata.

Releio o trabalho enquanto volto para casa, examinando primeiro os comentários de Henry na margem e em seguida minhas frases que ele comentou, tentando encontrar esse suposto potencial. Escrevi o trabalho depressa, o primeiro parágrafo tem três erros de ortografia e a conclusão é capenga. Strane teria me dado B.

* * *

Na primeira semana de novembro, Strane reserva uma mesa em um restaurante caro do litoral e um quarto de hotel. Diz para eu me arrumar, então coloco um vestido de seda preta de alcinha, minha única roupa chique. O restaurante tem estrela Michelin, diz Strane, e eu finjo saber o que isso significa. Fica num celeiro reformado com paredes de madeira gasta e vigas aparentes, toalhas brancas nas mesas e poltronas de couro marrom. O cardápio é todo composto de coisas tipo vieiras com pudim de aspargos e filé em crosta de *foie gras*. Nada tem preço.

— Eu não sei o que é nada disso.

Minha intenção é fazer um comentário malcriado, mas ele interpreta aquilo como insegurança. Quando o garçom chega, Strane faz o pedido para nós dois: lombo de coelho envolto em *prosciutto*, salmão e molho de romã, e de sobremesa *panna cotta* de champanhe. Tudo vem em pratos brancos gigantescos com uma construção pequena e perfeita no centro que mal dá para reconhecer como alimento.

— Gostou? — pergunta ele.

— Está bom, eu acho.

— Você acha?

Ele me olha como se eu estivesse sendo ingrata, o que é verdade, mas não tenho talento para posar de caipira dócil maravilhada com um vislumbre do mundo dos ricos. Ele me levou a um restaurante desses em Portland no meu aniversário. Na primeira vez eu fui fofa, me derreti toda com a comida e sussurrei *Estou me sentindo tão elegante* do outro lado da mesa. Agora cutuco a *panna cotta* e tremo de frio com meu vestido sem mangas, a pele dos braços toda arrepiada.

Ele serve mais vinho em nossas taças.

— Já pensou um pouco mais sobre o que vai fazer depois de se formar?

— Que pergunta horrível.

— Só é horrível se você não tiver plano nenhum.

Tiro a colher da boca.

— Preciso de mais tempo para decidir.

— Você tem sete meses para decidir — diz ele.

— Não, quero dizer um ano a mais. Talvez eu devesse repetir todas as matérias de propósito para ganhar mais tempo.

Ele me lança o mesmo olhar outra vez.

— Eu estava pensando... — digo devagar, girando a colher dentro da *panna cotta* até transformá-la num mingau. — Se eu não decidir nada, poderia ficar com você? Só como plano B.

— Não.

— Você não está nem pensando no assunto.

— Não preciso pensar no assunto. É uma ideia ridícula.

Recosto-me na cadeira e cruzo os braços.

Ele se inclina mais para perto de mim, baixa a cabeça e diz, em voz baixa:

— Você não pode morar comigo.

— Eu não disse *morar*.

— O que seus pais iriam pensar?

Dou de ombros.

— Eles não precisariam saber.

— Eles não precisariam saber — repete ele, balançando a cabeça. — Bom, as pessoas em Norumbega com certeza iriam perceber. E o que elas iriam pensar se vissem você morando comigo? Ainda estou tentando me recuperar do que aconteceu naquela época, tentando não ser puxado de volta.

— Ok — digo. — Tudo bem.

— Você vai ficar bem — diz ele. — Não precisa de mim.

— Está *bem*. Esquece o que eu falei.

A impaciência ferve sob as palavras dele. Está irritado com a minha pergunta, irritado por eu querer isso, e eu também estou... Irritada por ainda ser tão dedicada a ele, por ainda ser uma criança. Não cheguei nem perto de cumprir a profecia que ele fez para mim anos atrás: a de que eu transaria com uma dúzia de caras aos vinte anos, uma vida na qual ele fosse um entre muitos. Aos vinte e um anos, ele ainda é único.

Quando a conta chega, agarro-a primeiro só para ver quanto custou: trezentos e dezessete dólares. Pensar em gastar tanto dinheiro assim numa única refeição me dá náuseas, mas não digo nada e deslizo a conta até o outro lado da mesa.

Depois do jantar, nós vamos a um bar perto do hotel, virando a esquina. As janelas são escuras e as portas, pesadas, a iluminação fraca no interior. Nós nos sentamos a uma mesinha num canto, e o garçom passa tanto tempo olhando minha identidade que Strane se irrita e diz:

— Está bom, eu acho que já chega.

Ao nosso lado, dois casais de meia-idade conversam sobre viagens ao exterior: Escandinávia, Báltico, São Petersburgo. Um dos homens não para de dizer para o outro:

— Você precisa ir. Não tem nada a ver com aqui. Este lugar é uma merda. Você precisa ir para *lá*.

Não sei dizer onde ele considera uma merda: o Maine, os Estados Unidos, ou quem sabe apenas o bar.

Strane e eu nos sentamos bem juntos, joelhos encostados. Enquanto entreouvimos a conversa dos casais, ele escorrega a mão até minha coxa.

— Gostou do seu drinque?

Ele pediu um Sazerac para cada um. Para mim tudo tem gosto de uísque.

A mão dele escorrega mais para dentro das minhas pernas e seu polegar roça o tecido da minha calcinha. Ele está de pau duro; sei pelo modo como remexe os quadris e pigarreja. Sei também que gosta de me tocar perto de homens da idade dele e suas esposas velhas.

Tomo outro Sazerac, depois outro e mais outro. A mão de Strane não sai das minhas pernas.

— Você está toda arrepiada — murmura ele. — Que menina sai sem meia de seda em novembro?

Quero corrigi-lo e dizer *Meia-calça, você quer dizer, ninguém mais fala meia de seda, não estamos mais na década de 1950*, mas antes que eu consiga falar ele responde à própria pergunta.

— Só uma menina má faz isso.

No lobby do hotel, fico um pouco afastada enquanto ele faz o check-in. Inspeciono o balcão vazio do concierge e acidentalmente derrubo no chão uma pilha de folhetos. No elevador, subindo para o quarto, Strane diz:

— Acho que aquele homem da recepção me deu uma piscadela.

Ele me beija na hora em que o elevador chega ao nosso andar com um bipe, como se quisesse que tivesse alguém esperando do outro lado, mas as portas se abrem para um corredor vazio.

— Eu vou passar mal. — Seguro uma maçaneta e empurro para baixo com força. — Ande logo, abra.

— Esse não é nosso quarto. Por que você se permitiu ficar tão bêbada? — Ele me conduz pelo corredor até o quarto, onde vou direto para o banheiro, caio sentada no chão e abraço a privada. Strane fica olhando da porta. — Um jantar de cento e cinquenta dólares jogado fora.

Estou bêbada demais para transar, mas ele tenta mesmo assim. Minha cabeça cai de lado no travesseiro quando ele afasta minhas pernas. A última coisa de que me lembro é de lhe dizer para não me chupar. Ele deve ter escutado; eu acordo de calcinha.

De manhã, enquanto me leva de carro de volta para Atlantica, o rádio toca Bruce Springsteen. “Red Headed Woman.” Strane fica me olhando de esguelha e sorrindo marotamente com a letra, tentando me fazer sorrir também.

*Olhe, escute aqui, garanhão
Sua vida não vale nada
Até você cair de joelhos e sentir o gosto
De uma mulher ruiva.*

Inclino-me para a frente e desligo o rádio.
— Que nojo.
Após alguns quilômetros de silêncio, ele diz:
— Esqueci de contar que a nova orientadora de Browick é casada com um professor da sua faculdade.
Estou com muita ressaca para me importar com isso.
— Que incrível — resmungo, com a bochecha encostada no vidro frio enquanto o litoral passa depressa lá fora.

* * *

A sala de Henry fica no quarto andar do maior prédio do campus, uma construção bruta toda de concreto, a mais feia de Atlantica. A maioria dos departamentos fica ali; o quarto andar é o dos professores de literatura, e as portas abertas das salas revelam mesas, poltronas e estantes cheias de livros. Todas elas me lembram o escritório de Strane: o sofá áspero, a janela de vidro do mar. Sempre que ando por esse corredor o tempo parece achatado, como se tivesse se dobrado várias vezes sobre si mesmo, um pedacinho de papel transformado em origami.

A porta de Henry está entreaberta e, pelos poucos centímetros, vejo que ele está sentado à mesa olhando alguma coisa no laptop. Quando bato de

leve no batente, ele se sobressalta e aperta a barra de espaço do teclado para pausar o vídeo.

— Vanessa — diz, abrindo a porta. O timbre de sua voz dá a impressão de que ele está feliz de me ver ali, eu e não outra pessoa.

Sua sala continua tão vazia quanto da vez em que espiei lá dentro antes de o semestre começar. Nenhum tapete no chão, nada nas paredes, mas alguma bagunça começou a surgir. Papéis soltos espalhados pela mesa, livros enfiados de qualquer maneira nas estantes e uma mochila preta empoeirada pendurada por uma das alças no gaveteiro.

— Está ocupado? — pergunto. — Posso voltar outra hora.

— Não, não. Estou só tentando trabalhar um pouco. — Ambos olhamos para o vídeo pausado no seu laptop, um cara segurando uma guitarra paralisado no meio de um acorde. — “Tentando”, veja bem — acrescenta ele, e indica uma cadeira.

Antes de me sentar, avalio a distância entre a cadeira e a mesa dele: próximas, mas distantes o suficiente para ele não ter como esticar a mão e me tocar de repente.

— Tive uma ideia para meu trabalho final — digo —, mas isso significaria trazer um texto que não lemos em aula.

— Qual é a sua ideia?

— Ahn, Nabokov? Como Shakespeare aparece em *Lolita*?

No meu ano de caloura, numa aula sobre narradores não confiáveis, eu chamei *Lolita* de história de amor e a professora me interrompeu e disse: “Chamar esse romance de história de amor indica uma leitura equivocada e pouco sensata da sua parte.”

Ela nem sequer me deixou terminar o que eu estava tentando dizer. Desde então, não me atrevi a mencionar o livro em nenhuma das minhas aulas.

Mas Henry apenas cruza os braços e se recosta na cadeira. Pergunta que conexões eu vejo entre *Lolita* e as peças que nós lemos, e então explico os paralelos que encontrei: Lavinia de *Titus* riscando os nomes de seus estupradores no chão e a órfã estuprada Lo desdenhando a sugestão de fazer o mesmo caso homens desconhecidos lhe oferecessem doces; como Falstaff em *Henrique IV* afasta Hal da família do mesmo jeito que um pedófilo afasta uma criança rebelde; o simbolismo virginal do lenço de morangos de *Otelo* e do pijama com estampa de morangos que Humbert dá para Lo.

Esse último comentário faz Henry enrugar a testa.

— Não me lembro do detalhe do pijama.

Eu me detenho e percorro mentalmente o romance para tentar recordar a cena exata, se é antes ou depois de a mãe de Lo morrer, ou se é no primeiro hotel em que Lo e Humbert ficam juntos, bem no comecinho da viagem de carro. Então meu corpo se sobressalta. Lembro-me de Strane tirando o pijama da gaveta de uma cômoda, da sensação do tecido entre meus dedos, de experimentá-lo no banheiro dele com a luz forte e o chão de ladrilho frio. Como a cena de um filme assistido anos atrás, algo observado de uma distância segura.

Pisco. Da sua cadeira, Henry me observa com um olhar bondoso e os lábios levemente entreabertos.

— Está tudo bem? — pergunta ele.

— Talvez eu esteja lembrando errado essa parte — digo.

Ele diz que tudo bem e que tudo parece ótimo, excelente, de longe o melhor tema de dissertação que ele já escutou até o momento, e ele já ouviu o de quase todo mundo.

— Minha frase preferida de *Lolita* é a dos dentes-de-leão, sabia? — diz ele.

Passo alguns instantes pensando e tentando localizar a frase... dentes-de-leão, dentes-de-leão. Consigo visualizar a linha na página mais para o início do romance, quando eles estão em Ramsdale e a mãe de Lo ainda não morreu. *A maioria dos dentes-de-leão tinha se transformado de sóis em luas.*

— As luas — digo.

Henry aquiesce.

— Transformado de sóis em luas.

Durante um segundo, nossos cérebros se conectam, como se um fio tivesse saído do meu e se plantado no dele, e nós dois vemos a mesma imagem desabrochada e plena em nossas mentes. Parece estranho seu trecho preferido do romance ser algo tão casto. Nenhuma das descrições do corpinho flexível de Lolita ou das tentativas de autojustificação de Humbert, mas uma imagem inesperadamente bela de uma planta qualquer num jardim.

Henry balança a cabeça e o fio entre nós dois se rompe, o instante passa.

— Bom, enfim — diz ele. — É uma boa frase.

17 de novembro de 2006

Acabei de chegar de uma conversa de meia hora com o Professor sobre Lolita. Ele me disse seu trecho preferido (“A maioria dos dentes-de-leão tinha se transformado de sóis em luas”, p. 73). Em determinado momento, ele falou “ninfeta”, e ouvir essa palavra me deu vontade de rasgá-lo ao meio e comê-lo.

Ele reparou em algo estranho a meu respeito, quão profundamente eu conheço o romance. Quando mencionei um detalhezinho — a atração de Humbert pela primeira mulher por causa do aspecto do seu pé dentro de um chinelo de veludo preto —, o Professor perguntou: “Você está lendo o livro para outra aula ou...?” Querendo dizer: Como conhece tão bem esse livro? Eu lhe disse que o livro é meu. Que me pertence.

Falei: “Sabe como às vezes tem um livro que é nosso?” E ele concordou com a cabeça, como se soubesse exatamente.

Tenho certeza de que as intenções dele são puras, de que me acha uma menina inteligente e com boas sacadas, mas há também momentos como o seguinte: antes de eu sair da sua sala, ele ficou me observando vestir o casaco. Não consegui encontrar a manga e cambaleei um pouco ao procurar por ela. Ele então fez um movimento discreto, como se estivesse prestes a me ajudar, mas se conteve, se controlou. Mas seu olhar estava suave, muito suave. S. é a única outra pessoa que já me olhou desse jeito.

Estou sendo enganada ou iludida? Outro caso com um professor, dá um tempo. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar etc. Mas e se acontecesse, será que seria considerado a mesma coisa? Os fatos básicos são bem mais palatáveis: vinte e um anos em vez de quinze, trinta e quatro em vez de quarenta e dois. Dois adultos conscientes. Um escândalo ou um relacionamento, quem poderá dizer?

É claro que estou me precipitando, mas também sei o que sou, o que poderia me tornar.

* * *

No meu estágio na editora de poesia, nós nos preparamos para a chegada de um poeta importante que vai visitar a cidade para lançar seu livro. O

outro estagiário, Jim, e eu passamos duas semanas preparando o material de imprensa, mostrando-o para nosso chefe e para o diretor assistente da editora, em seguida refazendo o trabalho e refazendo outra vez. Quando me perguntam se eu quero ir de carro até Portland buscar o poeta no aeroporto, agarro a oportunidade. Planejo o que vou vestir, faço uma lista de temas de conversa para o trajeto de uma hora de volta até o campus. Chego a imprimir cópias dos meus melhores poemas caso meu cenário dos sonhos se realize e ele se interesse por mim, embora isso me cause a sensação de estar sendo constrangedoramente presunçosa.

Na véspera da chegada do poeta, Eileen, a diretora da empresa, me encontra na cozinha enchendo a chaleira elétrica de água.

— Vanessa, oi — diz ela, esticando tanto as vogais que parece oferecer consolo por alguma tragédia. Eu nem sequer tinha me dado conta de que ela se lembrava do meu nome. Não fala comigo desde a minha entrevista na primavera passada. — Então, Robert chega amanhã e eu sei que você disse que iria buscá-lo no aeroporto, mas ele pode ser meio, você sabe... — Ela me olha com expectativa. Quando eu apenas a encaro de volta, continua num sussurro: — Ele pode ser meio insistente. Você sabe... meio mão-boba.

Pisco, surpresa, ainda com a chaleira elétrica na mão.

— Ah, está bem.

— Houve um incidente no último evento que organizamos para ele, embora “incidente” seja uma palavra forte demais. Na verdade, não foi nada. Mas talvez seja melhor você manter distância. Só para garantir. Entende o que estou querendo dizer?

Com o rosto em chamas, aquiesço com tanta força que a água balança dentro da chaleira. Eileen também enrubesce. Parece constrangida por estar me dizendo isso.

— Então eu não devo buscar ele no aeroporto? — pergunto, imaginando que ela vá dizer não, deixe de ser boba, é claro que deve, mas em vez disso Eileen faz uma careta, como se não quisesse concordar, mas fosse obrigada.

— Acho que é melhor não. Pensei em perguntar ao James se ele aceitaria ir.

Quase pergunto *James?*, mas me dou conta de que ela está se referindo a Jim.

— Obrigada, Vanessa, por ser tão compreensiva — diz Eileen. — É muito importante mesmo.

Passo o resto da tarde avaliando manuscritos enviados, lendo, mas sem prestar atenção, com o coração disparado e os dentes batendo. O jeito como Eileen disse “talvez seja melhor você manter distância” me deixa toda arrepiada. Não paro de repetir essa frase. O jeito como ela disse “você”, como se eu fosse um risco.

* * *

Durante o resto do semestre, eu deixo minha maconha acabar e paro de beber tanto. Acontece por acidente: percebo que estou sem beber há uma semana e meia sem nem mesmo ter tentado. Lavo a louça, faço faxina no banheiro. Lavo a roupa com frequência, sem chegar a ponto de ter que usar partes de baixo de biquíni como lingerie.

Vejo Henry Plough no campus o tempo todo. Três vezes por semana, nós nos cruzamos no centro acadêmico. Enquanto estou recolocando livros no lugar, meu trabalho na biblioteca, ele aparece dobrando uma esquina e quase tromba com o carrinho. Está a três pessoas na minha frente na fila do café debaixo do meu apartamento, e sinto um frio na barriga com o fato de ele estar tão perto de onde eu durmo. Às vezes, quando nos cruzamos, eu me jogo em cima dele e faço perguntas idiotas sobre a matéria dele para as quais já sei a resposta. Um dia, ao passar por ele, dou um soquinho de brincadeira no braço dele, e ele sorri, espantado. Noutro dia, quando tenho a sensação de estar agindo com desespero excessivo, ignoro-o e finjo não conhecê-lo. Se ele diz oi, estreito os olhos.

O trabalho de fim do curso dele é meu último, concluído na tarde de sexta da semana de provas finais. Com o trabalho ainda morno da impressora, atravesso o campus correndo e passo pelos estacionamentos vazios e prédios às escuras para pegá-lo ainda na sala. Lá dentro, o departamento de literatura é uma linha de portas fechadas, inclusive a de Henry, mas sei que ele está lá. Verifiquei antes de entrar e vi sua janela acesa.

Em vez de bater, enfio o trabalho por debaixo da porta na esperança de ele ver, reparar no meu nome na página de rosto e correr para a porta. Prendo a respiração e a maçaneta gira, então a porta se abre.

— Vanessa. — Ele diz meu nome daquele seu jeito assustado. Pega meu trabalho do chão. — Como ficou isto aqui? — pergunta. — Estava ansioso para ler.

Dou de ombros.

— Seria melhor não ter expectativas muito altas.

Ele folheia as primeiras duas páginas.

— É claro que eu tenho expectativas altas. Tudo que você entrega é maravilhoso.

Demoro-me à porta, sem saber ao certo o que fazer. Agora que meu trabalho está pronto e o semestre concluído, não tenho mais nenhuma desculpa para usar com ele. Henry está sentado diante de mim, ligeiramente inclinado para a frente, a linguagem corporal de alguém que quer que você fique. Preciso ouvi-lo dizer isso. Nossos olhares se prendem um no outro.

— Pode se sentar — diz ele.

É um convite, mas continua deixando a decisão comigo.

Decido me sentar, ficar, e passamos alguns instantes calados até eu sorrir e fazer um gesto generoso, eu acho, em direção às estantes agora abarrotadas acima da mesa dele.

— Que bagunça a sua sala.

Ele relaxa.

— É mesmo.

— Eu não deveria criticar — digo. — Também sou bagunceira.

Ele olha em volta para a pilha de envelopes pardos que ameaça desabar, para a impressora não instalada no canto da mesa com uma confusão de fios.

— Fico dizendo a mim mesmo que prefiro assim, mas provavelmente é só para me iludir.

Mordo o lábio, lembrando-me de todas as vezes que disse a mesma coisa para Strane. Meus olhos percorrem a sala e recaem na estante mais alta, onde no meio dos livros há duas cervejas fechadas.

— Está escondendo bebida aqui.

Ele olha para onde estou apontando.

— Se estiver tentando esconder, estou me saindo bem mal.

Ele se levanta e vira as garrafas para que eu veja os rótulos: SHAKESPEARE STOUT.

— Ah — digo. — Cerveja de nerd.

Ele sorri.

— Em minha defesa, devo dizer que foram um presente.

— Está guardando para quê?

— Não tenho certeza se estou guardando para alguma coisa.

É óbvio o que vai sair da minha boca em seguida. Ele parece prender a respiração enquanto espera eu dizer as palavras.

— Que tal agora?

Digo isso tão de brincadeira que deveria ser fácil para ele responder *Vanessa, acho que talvez não seja uma boa ideia*. Quem sabe se outro aluno tivesse pedido não fosse mesmo. Mas ele nem sequer finge deliberar. Simplesmente joga as mãos para o alto como se eu tivesse torcido seu braço e ele não conseguisse mais lutar.

— Por que não? — diz.

Então estou pegando minhas chaves porque tenho um abridor de garrafas no chaveiro e nós estamos brindando com as garrafas, e o gás da cerveja quente sobe pelo meu nariz. Vê-lo beber é como espiar de trás de uma cortina. Visualizo-o num bar, em casa, sentado no sofá, deitado na cama. Pergunto-me se ele corrige trabalhos à noite, se deixa o meu no final da pilha, guardado de propósito para o fim.

Não... ele não é assim. Ele é bom, parece um garoto, e me lança um sorriso encabulado antes de inclinar a garrafa para trás. Eu sou a única com segundas intenções. *Eu sou a corruptora, atraindo-o para uma armadilha. Quase lhe digo para ficar atento e parar de ser tão confiante. Henry, você não pode beber cerveja na sua sala com uma aluna. Entende a burrice disso, como poderia facilmente lhe causar problemas?*

Ele pergunta se vou fazer seu curso de literatura gótica no semestre que vem e eu respondo que não tenho certeza, que ainda não me inscrevi em nada.

— Deveria se apressar — diz ele. — Seu tempo está acabando.

— Eu sempre deixo para a última hora. Só faço cagada. — Inclino a garrafa e tomo um gole. *Cagada*. Gosto da sensação que sinto ao me descrever assim para Henry, que passou tanto tempo elogiando meu cérebro. — Desculpe a grosseria — acrescento.

— Tudo bem — diz ele, e vejo uma leve mudança na sua expressão, uma sombra de preocupação.

Ele faz perguntas sobre minhas outras aulas, meus planos para o futuro. Eu pensei melhor sobre a pós-graduação? Agora é tarde para me

candidatar para o outono, mas eu posso começar logo a me preparar para tentar no ano que vem.

— Eu não sei — digo. — Meus pais nem fizeram faculdade.

Não tenho certeza do que isso tem a ver, mas Henry balança a cabeça como se entendesse.

— Nem os meus — diz ele.

Se eu decidir me candidatar, diz, ele pode me ajudar a navegar o processo, e meu cérebro registra sua escolha de verbo: *navegar*. Visualizo um mapa estendido em uma mesa, a cabeça de nós dois unida. *Nós vamos destrinchar isso, Vanessa. Eu e você.*

— Eu lembro como foi intimidador quando decidi aplicar — diz Henry. — Parecia que eu estava entrando num terreno totalmente desconhecido. Antes de vir para cá eu dei aula num colégio interno durante um ano, sabe, e foi estranho ensinar aqueles alunos. Às vezes parecia que eles se achavam no direito de ter tudo de berço.

— Eu estudei num colégio assim — falei. — Enfim, durante dois anos.

Henry pergunta qual, e quando respondo Browick, ele parece abalado. Larga a garrafa de cerveja na mesa e une as mãos.

— A Escola Browick? Em Norumbega?

— Já ouviu falar?

Ele aquiesce.

— Que coincidência estranha. Eu, ahn...

Espero ele continuar e a cerveja empoça na minha boca, minha garganta por um instante apertada demais para engolir.

— Eu conheço uma pessoa que trabalha lá — diz ele.

A náusea sobe pela minha garganta e minhas mãos tremem tanto que derrubo a garrafa ao tentar colocá-la no chão. Está quase vazia, mas um pouco de cerveja derrama no tapete.

— Ai, meu Deus, me desculpe — digo, endireitando a garrafa, tornando a derrubá-la, então desistindo e jogando-a no lixo.

— Ei, não tem problema.

— Derramou.

— Não tem problema.

Ele ri como se eu estivesse sendo boba, mas quando afasto o cabelo do rosto, ele vê que estou chorando, só que não é um choro normal. São só lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. Quando eu choro assim, nem

ao menos tenho certeza de que elas estão saindo dos meus olhos. Parece mais que estou sendo espremida, como uma esponja.

— Que constrangedor — digo, e seco o nariz com as costas da mão. — Eu sou uma idiota.

— Não. — Ele balança a cabeça, sem entender. — Não fale isso. Você é ótima.

— O que o seu amigo faz? Ele é professor?

— Não — diz ele. — Ela é...

— Ela? É uma mulher?

Ele aquiesce, com uma expressão tão preocupada que imagino que eu poderia confessar qualquer coisa e ele iria escutar. Sinto sua gentileza antes mesmo de dizer uma só palavra.

— Você conhece mais alguém que trabalha lá? — pergunto.

— Ninguém — diz ele. — Vanessa, qual é o problema?

— Eu fui estuprada por um professor de lá — digo. — Eu tinha quinze anos. — Fico impressionada com a facilidade com que a mentira sai de mim, embora eu não saiba se estou mentindo ou apenas não dizendo a verdade. — Ele continua trabalhando lá — acrescento. — Então quando você disse que conhecia alguém eu só... eu entrei em pânico.

Henry leva as mãos ao rosto, à boca. Torna a pegar a cerveja e a põe no chão outra vez. Por fim, diz:

— Estou chocado.

Abro a boca para esclarecer, para explicar que estou exagerando, que não deveria usar essa palavra, mas ele fala primeiro:

— Eu tenho uma irmã. Aconteceu uma coisa parecida com ela.

Ele me observa com grandes olhos tristes, cada um de seus traços é uma versão mais suave dos de Strane. É fácil imaginá-lo caindo de joelhos e apoiando a cabeça no meu colo, não para lamentar como inevitavelmente vai arruinar minha vida, mas para lamentar que outro homem já o tenha feito.

— Eu sinto muito, Vanessa — diz ele. — Embora saiba que talvez isso seja uma coisa inútil de escutar. Eu sinto muito mesmo.

Passamos alguns instantes calados, ele inclinado para a frente como se quisesse me reconfortar; sua gentileza parece a água da banheira batendo em meus ombros, leitosa e cálida. É mais do que eu mereço.

Com os olhos fixos no chão, eu digo:

— Por favor, não comente com a sua amiga.

Henry balança a cabeça.
— Eu nem sonharia em fazer isso.

* * *

No dia seguinte ao Natal, vou de carro até a casa de Strane com Fiona Apple tocando em alto volume e canto até a garganta arder. Afundo no assento ao passar pelas ruas do centro de Norumbega, deixo o carro no estacionamento da biblioteca diante da casa dele e corro até a porta da frente com o capuz escondendo meu cabelo reconhecível: precauções ditadas por Strane e seguidas há tanto tempo que eu faço sem pensar.

Uma vez lá dentro, eu fico esquiwa, fugindo das mãos dele e sem encará-lo nos olhos. Fico preocupada que ele saiba o que falei para Henry. Existe a chance de Henry ter contado para a amiga e de a amiga ter contado para alguma outra pessoa em Browick; não demoraria muito para a fofoca chegar a Strane. Há também aquilo que eu sei ser impossível, mas em que mesmo assim meio que acredito: que ele sabe tudo que eu digo e faço, que tem a capacidade de ouvir meus pensamentos.

Quando ele me surpreende com um presente embrulhado, a princípio não o pego com medo de ser uma armadilha, de abrir a caixa e encontrar um bilhete dizendo *Eu sei o que você fez*. Ele nunca me deu nenhum presente de Natal.

— Abra — diz, rindo e empurrando o presente para o meu peito.

Baixo os olhos e encaro o presente, uma caixa do tamanho de uma roupa embrulhada num papel dourado e grosso com fita vermelha, trabalho de um funcionário de loja.

— Mas eu não comprei nada para você.

— Eu não esperava que comprasse.

Rasgo o papel. Dentro da caixa há um suéter grosso azul-escuro com uma gola de tricô estilo Fair Isle.

— Uau. — Retiro o suéter da caixa. — Adorei.

— Você parece surpresa.

Visto o suéter pela cabeça.

— Não tinha me dado conta de que você prestava atenção no tipo de roupa que eu uso.

Que coisa idiota de se dizer. É claro que ele presta atenção. Ele sabe tudo sobre mim, tudo que eu já fui e que serei.

Ele prepara massa com molho de tomate para nós — nada de ovos com torrada para variar —, põe nossos pratos em cima do balcão e arruma os talheres e guardanapos dobrados como se aquilo fosse um encontro. Pergunta o que vou estudar no semestre que vem e não faz suas críticas habituais sobre as ementas e listas de leitura dos cursos. Quando lhe conto sobre minhas provas finais e o trabalho que escrevi para a matéria de Henry, ele me interrompe:

— É esse o professor especializado em literatura britânica que veio do Texas? Ah, ele mesmo. A esposa dele é a tal orientadora nova que contrataram para os alunos.

Mordo a língua com força.

— Esposa dele?

— Penelope. Acabou de concluir a pós, tem um diploma de serviço social... seja lá como se chama o diploma de serviço social.

Minha respiração para, no meio do caminho entre inspirar e expirar.

Strane bate com o garfo na borda do meu prato.

— Você está bem?

Aquiesço e me forço a engolir. *Eu conheço uma pessoa que trabalha lá.* Uma pessoa. Ele disse isso. Ou será que estou lembrando errado? Mas por que ele mentiria? Talvez estivesse com tanta pena de mim que não quis mencionar outra mulher. Mas ele falou sobre a irmã... Além do mais, a mentira aconteceu antes de eu dizer qualquer coisa sobre ter sido estuprada. Então por que ele mentiria?

Pergunto como ela é, a pergunta mais banal em que consigo pensar, porque não me atrevo a fazer aquelas para as quais realmente quero respostas — se ela é bonita, se é inteligente, que tipo de roupa ela usa, se fala sobre ele —, mas, ainda que eu me contenha, Strane sabe. Ele nota aquilo em mim, meus ouvidos atentos e meus pelos eriçados.

— Vanessa, fique longe dele — diz.

Faço uma careta de indignação fingida.

— Do que você está falando?

— Seja uma boa menina — diz ele. — Você sabe do que é capaz.

Quando acabamos de comer e a louça está na pia, ele me detém quando avanço em direção à escada para subir até seu quarto.

— Preciso te contar uma coisa — diz. — Venha cá.

Enquanto ele me guia até a sala, torno a pensar que, pronto, é um confronto em relação ao que eu falei. Foi por isso que Strane mencionou Henry... Ele está indo devagar, me atraindo para o assunto. Mas ao me colocar sentada no sofá, ele me avisa que o que está prestes a me dizer vai soar pior do que de fato é, que é um mal-entendido, uma circunstância infeliz.

O que ele diz é tão diferente do que estou esperando que o interrompo:

— Espere aí, quer dizer que não tem nada a ver com alguma coisa que eu fiz?

— Não, Vanessa — diz ele. — Nem tudo tem a ver com você. — Ele suspira e passa a mão no cabelo. — Eu sinto muito — acrescenta. — Estou nervoso, por mais que não saiba por quê. Se alguém vai entender, é você.

Ele diz que houve um incidente em Browick. Aconteceu em outubro, na sua sala de aula durante o tempo de estudo dirigido. Ele estava recebendo uma aluna com dúvidas sobre um trabalho. Ela sempre tinha dúvidas sobre tudo, aquela menina. No início, ele pensou que ela estivesse apenas nervosa e preocupada com a nota, mas quando ela começou a passar mais tempo na sua sala percebeu que estava a fim dele. Para dizer a verdade, aquilo o fez se lembrar de mim: o comportamento afetado dela, sua adoração explícita.

Naquela tarde de outubro, eles estavam sentados um ao lado do outro à mesa enquanto ele revisava a primeira versão do trabalho dela. Ela estava nervosa, quase tremendo de tão nervosa — por causa da nota, por estar tão perto dele —, e em determinado momento durante o encontro ele estendeu a mão e deu uns tapinhas no joelho dela. Sua intenção fora tranquilizá-la. Estava tentando ser gentil. Só que a menina pegou esse toque, o distorceu e o transformou em algo feio. Começou a dizer às amigas que ele tinha dado em cima dela, que queria transar com ela, que a estava assediando sexualmente.

Levanto a mão para interrompê-lo.

— Qual mão você usou?

Ele pisca, surpreso.

— Quando tocou nela. Qual mão?

— Que importância tem isso?

— Me mostre — digo. — Quero ver exatamente o que você fez.

Ali, no sofá, eu o obrigo a demonstrar. Afasto-me dele até uma distância pudica, aproximo os joelhos e endireito as costas: a postura

nervosa que meu corpo recorda daqueles momentos em que fiquei sentada ao lado dele bem no início de tudo. Observo sua mão se estender e dar uns tapinhas no meu joelho. Aquilo é tão familiar que chega a me dar ânsia de vômito.

— Não foi nada — diz ele.

Empurro a mão dele para longe.

— Não foi nada, uma ova. Foi assim que começou comigo, você tocando na minha perna.

— Isso não é verdade.

— É, sim.

— Não é, não. Nossa história começou antes que eu ao menos tocassem em você.

Ele diz isso com tanta ênfase que não sei se já repetiu essa história para si mesmo muitas vezes. Mas, se não começou na primeira vez em que ele me tocou, começou quando? Quando ele me disse, bêbado na festa de Halloween, que queria me pôr na cama e me dar um beijo de boa-noite, ou quando comecei a inventar motivos para falar com ele depois da aula para ficarmos sozinhos e sentir seus olhos fixos em mim? Quando ele escreveu na primeira versão do meu poema *Vanessa, este aqui me assusta um pouco*, ou no primeiro dia de aula quando o vi fazer o discurso de boas-vindas, com o rosto pingando de suor? Talvez não dê para identificar o começo. Talvez o universo tenha nos forçado a ficar juntos, nos tornando impotentes e isentos de culpa.

— Não tem nem comparação — diz ele. — Essa aluna não é nada para mim, o suposto contato físico não foi nada. Foi uma questão de segundos. Eu certamente não mereço ter a vida destruída por causa disso.

— Por que isso destruiria sua vida?

Ele suspira e se recosta no sofá.

— A administração ficou sabendo. Estão dizendo que precisam abrir uma investigação. Por causa de um tapinha no joelho! Que histeria puritana. Parece até que estamos em Salem.

Encaro-o fixamente para deixá-lo hesitante, mas ele parece inocente: as rugas da testa vincadas de preocupação, os olhos imensos por trás dos óculos. Mesmo assim, quero ficar com raiva. Ele diz que o toque foi insignificante, mas eu sei como um toque desses pode ser carregado de significado.

— Mas por que você está me contando isso? — pergunto. — Quer que eu diga que está tudo bem? Que eu perdoo você? Porque eu não perdoo, não.

— Não, eu não estou pedindo que você me perdoe — diz ele. — Não tem nada para perdoar. Estou dividindo isso porque quero que entenda que continuo vivendo com as consequências de amar você.

Durante uma fração de segundo, meus olhos começam a se revirar. Eu me contenho, mas mesmo assim ele vê.

— Pode zombar de mim à vontade — diz ele —, mas antes de você ninguém teria tirado conclusões precipitadas assim. Ninguém nunca teria acreditado na palavra dessa menina contra a minha. Essas pessoas são meus colegas, gente com quem trabalho há vinte anos. Essa história não significa nada agora que meu nome foi arrastado na lama. Todo mundo imagina o pior a meu respeito. Eu sou observado o tempo todo, vivo sob uma suspeita constante. E uma confusão por causa dessa história?! Meu Deus, um tapinha amigável no joelho é algo que eu faço sem pensar. Agora isso é uma prova da minha depravação.

Em quantas meninas exatamente você tocou? A pergunta queima minha língua, mas apesar disso eu não a verbalizo. Engulo-a, fazendo a garganta queimar até o fundo, mais uma brasa no meu estômago.

— Amar você me rotulou de pervertido — diz ele. — Nada mais importa em relação a mim. Uma transgressão vai me definir pelo resto da vida.

Ficamos sentados em silêncio, os ruídos da casa dele amplificados: o ronco da geladeira, o assobio da calefação a vapor.

Digo a ele que sinto muito. Não quero dizer isso, mas me sinto obrigada, como se ele precisasse tanto escutar que estivesse extraindo as palavras de mim como se fossem dentes. *Sinto muito que você nunca vá sair da sombra comprida que eu projeto. Sinto muito se o que fizemos foi tão horrendo a ponto de não ter volta.*

Ele me perdoa, diz que está tudo bem, então dá uns tapinhas no meu joelho até perceber o que está fazendo, parar e cerrar o punho.

Quando vamos para a cama com lençóis de flanela, ficamos de roupa e eu penso na menina que ele tocou, sem rosto e sem corpo, um espectro de uma acusação e um arauto do óbvio: que eu estou ficando mais velha, e cada dia que passa traz ao mundo meninas mais novas do que eu, que talvez acabem parando na turma dele. Imagino essas meninas, seus

cabelos brilhantes e braços macios, imagino-as até cansar, mas, assim que minha mente se acalma, recordo o que ele disse sobre Henry, sobre a esposa de Henry. Mais uma ala do labirinto na qual me perder, recordar o que eu disse a Henry sobre Strane, a palavra que começa com *e* que eu usei, como ele deve ter chegado em casa nesse dia e contado tudo para a esposa. Eu o fiz prometer não contar, mas a promessa foi apenas uma extensão da mentira dele. É claro que contaria para a esposa. Seria uma obrigação dele... E ela, para quem teria que contar? Se é orientadora, será que precisaria notificar o caso? Minha boca fica seca ao pensar na facilidade com que tudo voltaria à tona. Não consigo me livrar daquilo. Fui burra de pensar que poderia dizer alguma coisa, qualquer coisa, sem que isso acabasse chegando aos ouvidos de Strane.

Por volta da meia-noite, nós ouvimos sirenes. Primeiro fracas, depois cada vez mais próximas, até parecerem estar bem em frente à casa. Por alguns instantes, tenho certeza de que estão vindo nos pegar, de que a polícia está prestes a arrombar a porta. Strane sai da cama e observa a noite pela janela.

— Não consigo ver nada.

Ele pega um suéter, sai do quarto e desce a escada até a porta da frente. Quando a abre, a fumaça entra com o ar glacial, tão pungente que sobe até o andar de cima e toma conta da casa.

Ele grita lá de baixo:

— Está tendo um incêndio aqui no quarteirão. Dos grandes. — Após alguns minutos, ele volta de parca e botas. — Venha, vamos lá dar uma olhada.

Vestimos tantas camadas de roupas que nos tornamos anônimos; apenas nossos olhos aparecem acima dos cachecóis. Andando pelas calçadas cobertas de neve, ele e eu poderíamos ser qualquer casal, poderíamos ser normais. Seguimos as sirenes e a fumaça, mas só encontramos o incêndio ao dobrar uma esquina e ver o templo maçônico de cinco andares ao mesmo tempo em chamas e envolto em gelo. Seis caminhões de bombeiro se aglomeram ao redor do perímetro do edifício, todos com as mangueiras abertas no máximo, mas a noite está fria demais. A água, cada gota d'água, congela assim que encosta na pedra do prédio, enquanto as labaredas continuam devorando o interior. Quanto mais os bombeiros tentam jogar água no edifício, mais grossa se torna a capa de gelo.

Enquanto olhamos, Strane segura minha mão enluvada e a aperta com força. Os bombeiros acabam desistindo e, assim como nós, se afastam e observam o prédio pegar fogo. Uma pequena multidão se forma, uma van da imprensa chega. Strane e eu ficamos ali por muito tempo, de mãos dadas, ambos tentando conter as lágrimas que se acumulam em cristais nos nossos cílios.

Mais tarde, na cama, com o corpo e a mente exaustos, eu pergunto:

— Tem mais alguma coisa que você não esteja me contando sobre aquela menina? — Quando ele não responde, eu pergunto claramente: — Você trepou com ela?

— Pelo amor de Deus, Vanessa.

— Tudo bem se tiver trepado — digo. — Eu vou perdoar você. Só preciso saber.

Ele rola para perto de mim e segura meu rosto.

— Eu encostei nela. Só isso.

Fecho os olhos enquanto ele acaricia meu cabelo e a chama de coisas terríveis: *mentirosa, piranhazinha, emocionalmente perturbada*. Eu me pergunto do que ele me chamaria se soubesse todas as coisas das quais o chamei ao longo dos anos, se descobrisse o que falei para Henry. Mas não digo nada. Meu silêncio é muito confiável. Ele não tem motivo algum para não acreditar em mim.

Às três da manhã, eu acordo, deslizo de debaixo do braço pesado dele, saio do quarto andando descalça pelo piso de madeira frio e desço até a cozinha onde o laptop dele está em cima da bancada. Abro e o navegador carrega a caixa de entrada do seu e-mail de Browick. Newsletters semanais, atas de reuniões de professores... Vou descendo a tela até ver o assunto “Denúncia de assédio de aluna”. Fico imóvel ao escutar alguma coisa, com uma das mãos suspensa acima do trackpad e a outra preparada para fechar o laptop. Quando o silêncio retorna, cliço no e-mail e dou uma olhada no texto. Foi enviado pelo conselho e escrito numa linguagem tão formal que chega a ser impenetrável, mas de toda forma não quero saber os detalhes. Estou apenas procurando um nome. Rolo a tela enquanto meus olhos percorrem de um lado a outro, e então o vejo, na segunda linha: Taylor Birch, a aluna que está fazendo as acusações. Fecho o e-mail e volto de fininho para a cama, para debaixo do braço dele.

2017

Taylor trabalha num prédio novo a cinco quarteirões do hotel, uma explosão de vidro e aço em meio ao calcário e ao tijolo. Conheço o nome da empresa, Creativa Coop, e sei que se descreve como um espaço de trabalho criativo, mas não entendo o que as pessoas fazem lá. O interior é cheio de luz natural, sofás de couro e mesas grandes com pessoas sentadas diante de laptops abertos. Todo mundo é sorridente e jovem, ou então descolado de um jeito que passa por juventude: cortes de cabelo estilosos, óculos excêntricos, roupas básicas. Fico parada segurando a bolsa com força até uma menina de óculos de armação de metal redonda me perguntar:

— Está procurando alguém?

Meus olhos percorrem o recinto. É grande demais, tem pessoas demais. Ouço-me dizer o nome dela.

— Taylor? Deixe eu ver. — A menina se vira e dá uma olhada na sala. — Olhe ela ali.

Olho para onde ela está apontando: curvada sobre um laptop, ombros magros e cabelo claro. A menina grita:

— Taylor!

E a cabeça dela se levanta. O choque na sua expressão me faz voltar para a porta.

— Desculpe — digo. — Foi um engano.

Já estou na rua e a meio quarteirão de distância quando a ouço gritar meu nome. Taylor está parada no meio da calçada, com a trança loura quase branca pendurada no ombro. Está usando um suéter de gola alta com mangas tão compridas que passam dos pulsos e está sem casaco. Enquanto observamos uma à outra, ela ergue a mão, estica os dedos para fora da manga do suéter e puxa a ponta da trança. De repente eu a vejo como ele poderia ter visto: quatorze anos e insegura, tocando a ponta do cabelo enquanto ele a olhava de trás da mesa.

— Não acredito que é você — diz ela.

Vim preparada com falas ensaiadas, incisivas. Eu queria cortá-la até o osso, mas há adrenalina demais pulsando dentro de mim. Com isso minha voz fica trêmula e aguda quando eu lhe digo para me deixar em paz.

— Tanto você quanto aquela jornalista — digo. — Ela me ligou sem parar.

— Está bem — diz Taylor. — Ela não deveria ter feito isso.

— Não tenho nada a dizer para ela.

— Desculpe. De verdade. Eu disse a ela para não forçar a barra.

— Eu não quero aparecer na matéria, ok? Diga isso para ela. E diga para não escrever sobre o blog. Não quero que nada disso respingue em mim.

Taylor me observa enquanto fios soltos flutuam ao redor do seu rosto.

— Só quero que me deixem em paz — digo. Ponho toda a minha força nas palavras, mas saem como uma súplica.

Está tudo errado; eu pareço uma criança. Giro nos calcanhares para ir embora. Mais uma vez ela chama meu nome.

— Será que a gente pode só conversar? — pergunta ela.

* * *

Vamos para um café, o mesmo onde encontrei Strane três semanas atrás. Na fila, absorvo os detalhes dela de perto: os anéis finos de prata nos dedos, um borrão de rímel abaixo do olho esquerdo. Suas roupas têm cheiro de sândalo. Ela paga meu café e suas mãos tremem quando pega o cartão de crédito.

— Você não precisa fazer isso — digo.

— Preciso, sim.

O barista liga a máquina de *espresso*, um ruído de moagem e vapor, e um minuto depois nossas bebidas chegam lado a lado, com tulipas idênticas desenhadas na espuma. Nós nos sentamos perto da janela, um círculo de mesas vazias à nossa volta.

— Quer dizer que você trabalha naquele hotel — diz ela. — Deve ser divertido.

Rio de desdém e na mesma hora um rubor toma conta do rosto de Taylor.

— Desculpe — diz ela. — Que coisa mais idiota de se dizer.

Ela comenta que está nervosa e se considera desajeitada. Suas mãos continuam tremendo e seus olhos encaram qualquer coisa menos eu.

Preciso me esforçar para não dar a volta na mesa e dizer a ela que está tudo bem.

— E você? — pergunto. — Que tipo de empresa é aquela exatamente?

Ela dá um breve sorriso, aliviada com a pergunta fácil.

— Não é uma empresa — diz ela. — É um espaço de trabalho colaborativo para artistas.

Aquiesço como se soubesse o que isso significa.

— Não sabia que você era artista.

— Bom, não artista plástica. Eu sou poetisa.

Ela pega o café e dá um gole, deixando uma mancha rosa-clara na borda.

— Quer dizer que é isso que você faz? Poesia? — pergunto. — Tipo, para ganhar dinheiro?

Taylor leva a mão à boca como se tivesse queimado a língua.

— Ah, não — diz ela. — Poesia não dá dinheiro. Tenho atividades paralelas. Projetos de escrita independente, web design, consultoria. Várias coisas. — Ela larga o café e une as mãos. — Bom, eu vou perguntar e pronto. Quando foi que acabou entre você e ele?

A pergunta me pega desprevenida, ao mesmo tempo tão precisa e tão banal.

— Eu não sei — digo. — É difícil identificar uma data.

Os ombros dela parecem afundar de decepção.

— Bom, ele terminou tudo comigo em janeiro de 2007 — diz ela —, quando os boatos começaram a circular com força pela escola. Sempre fiquei pensando se ele tinha terminado com você na mesma época.

Tento manter uma expressão composta por um sorriso paciente enquanto relembro aquele ano. Janeiro? Lembro-me da confissão dele, do prédio em chamas cercado de gelo.

— É claro que para mim não foi tão ruim quanto para você — continua Taylor. — Ele não me fez ser expulsa nem nada disso. Mas mesmo assim me fez pedir transferência da turma dele, parou de falar comigo. Eu me senti abandonada. Foi horrível... muito, muito traumatizante.

Fico balançando a cabeça sem saber como interpretar Taylor, o que ela está dizendo ou a sua vontade de dizer.

— Então você não manteve nenhum contato com ele nos últimos dez anos? — pergunto.

Já sei a resposta, é claro que não, mas depois de fazer uma careta e responder:

— Meu Deus, não! — Ela ainda pergunta: — Você sim?

E é isso que eu quero, a oportunidade de dizer que sim, de me diferenciar, de traçar uma linha e deixar claro que nós não somos nada parecidas.

— A gente manteve contato até o final — digo. — Ele me ligou logo antes de pular. Tenho quase certeza de que fui a última pessoa com quem ele falou.

Ela se inclina para a frente e a mesa chacoalha.

— O que ele falou?

— Que sabia que tinha sido um monstro, mas que me amava.

Espero a compreensão surgir em seu semblante, a de que ela havia se enganado em relação a ele, a mim e ao que quer que Strane tenha feito com ela, mas Taylor apenas bufa.

— É, parece mesmo algo que ele diria. — Ela toma um gole do café, inclinando a caneca para trás como se fosse um *shot*. Ao enxugar a boca, repara na minha expressão. — Desculpe. Não tive a intenção de zombar. É que é tão típico dele, sabe? O jeito de se autodepreciar para fazer os outros sentirem pena.

Minha cabeça se inclina para trás como se o peso do meu cérebro tivesse mudado de repente. Ele fazia isso mesmo. Fazia o tempo todo. Não tenho certeza de já ter resumido Strane tão bem.

— Posso fazer outra pergunta? — indaga Taylor.

Eu mal a escuto, com o cérebro ocupado em endireitar o que ela tirou de lugar. Deve ter sido um chute aquilo que ela falou, extrapolado de algum momento em que ele saiu do papel de professor e se revelou. Não chega a ser profundo descrevê-lo assim. Criticar a si mesmo na esperança de conquistar empatia: quem não faz isso de vez em quando?

— Quanto você sabia sobre mim na época? — pergunta ela.

Ainda distante, respondo:

— Nada.

— Nada?

Pisco e ela entra em foco, seu rosto tão nítido que dói olhar.

— Eu sabia que você existia. Mas ele disse que você era... — quase repito *nada* — ... um boato.

Ela aquiesce.

— Era assim que ele também chamava você no começo. — Ela baixa o queixo e engrossa a voz para imitar Strane: — “Um boato que me acompanha feito uma nuvem negra.”

É assustador como ela soa igual a ele, a cadência exata e a mesma metáfora que me lembro de ele ter usado para me descrever, a imagem que sempre surgia na minha cabeça na qual ele era incansavelmente perseguido por uma ameaça de chuva.

— Quer dizer que você sabia sobre mim?

— Claro — responde ela. — Todo mundo sabia sobre você. Você era praticamente uma lenda urbana, a menina com quem ele tinha tido um caso que desapareceu depois de tudo vir à tona. Só que a história era muito vaga. Ninguém conhecia a verdade. Então no começo eu acreditei quando ele disse que era mentira. É constrangedor admitir isso agora, porque é claro que era verdade. É claro que ele já tinha feito aquilo. Mas é que eu era... — Ela dá de ombros. — Eu era tão nova...

Ela prossegue e explica como ele acabou lhe contando a verdade sobre mim, mas esperou até ela estar “totalmente preparada”. Disse que eu era seu segredo mais profundo, que me amava, mas que eu tinha amadurecido demais para ele, que nós não nos encaixávamos mais como quando eu tinha a idade de Taylor.

— Ele parecia estar mesmo com o coração partido — diz ela. — É bem bizarro, mas ele me fez ler *Lolita* no começo de tudo. Você já leu, não é? O jeito como ele falava de você me fazia pensar na primeira menina por quem Humbert Humbert se apaixona, a que morre e supostamente o transforma num pedófilo. Na época, eu achava que um homem magoado assim era *romântico*. Ao pensar nisso agora, vejo que era só perversão.

Tento pegar meu café, mas estou tremendo tanto que a xícara simplesmente chacoalha até cair e derrama a bebida nas minhas mãos. Taylor se levanta com um pulo e pega uns guardanapos, sem parar de falar enquanto enxuga a mesa. Explica como acabou desconfiando que Strane ainda se encontrava comigo: diz que xeretou o celular dele, viu as ligações e as mensagens de texto e entendeu a verdade.

— Eu ficava morrendo de ciúme quando sabia que ele ia encontrar você.

Em pé ao meu lado, ela desliza um guardanapo ensopado pela mesa e a ponta de sua trança roça meu braço.

— Você transou com ele? — pergunto.

Ela me encara sem piscar.

— Quer dizer, ele transou com você? Forçou você? Ou... — Balanço a cabeça. — Não sei como eu deveria chamar.

Ela joga os guardanapos no lixo e torna a se sentar.

— Não — diz. — Ele não transou comigo.

— E as outras meninas?

Ela nega com a cabeça. Solto uma expiração audível, aliviada.

— Então o que exatamente ele fez com você?

— Ele abusou de mim.

— Mas... — Olho em torno do café, como se as pessoas sentadas às outras mesas talvez pudessem ajudar. — O que isso significa? Ele beijou você ou...

— Não quero me concentrar nos detalhes — diz Taylor. — Isso não ajuda.

— Não ajuda o quê?

— A causa.

— Que causa?

Ela inclina a cabeça para o lado e estreita os olhos, a mesma expressão que Strane exibia para mim quando eu estava falando coisas sem sentido. Por alguns instantes penso que ela o está imitando outra vez.

— A causa de colocar a responsabilidade nele.

— Mas ele morreu. O que você quer fazer com ele, arrastar seu corpo pelas ruas?

Ela arregala os olhos.

— Desculpe — digo. — Acho que errei no tom.

Taylor fecha os olhos, inspira, prende a respiração e então a solta.

— Tudo bem. É difícil falar sobre esse assunto. Nós duas estamos fazendo nosso melhor.

Ela começa a falar sobre a matéria, que o objetivo é trazer à tona todas as maneiras como o sistema deixou de nos proteger.

— Todo mundo sabia — diz ela — e ninguém fez nada para que ele parasse.

Suponho que ela esteja se referindo a Browick, à administração, mas não pergunto. Ela fala muito depressa; é difícil acompanhar. Outro objetivo da matéria, diz, é fazer a conexão com outras sobreviventes.

— Sobreviventes em geral, você quer dizer? — pergunto.

— Não — diz ela. — Sobreviventes dele.

— Tem outras?

— Deve ter. Quer dizer, ele deu aula por trinta anos. — Ela segura a caneca vazia e franze os lábios. — Então, eu sei que você disse que não quer aparecer na matéria. — Abro a boca, mas ela continua: — Você pode aparecer de modo totalmente anônimo. Ninguém saberia que é você. Sei que é assustador, mas pense no bem que isso faria. Vanessa, aquilo pelo que você passou... — ela baixa a cabeça e me encara nos olhos — ... é o tipo de história com poder para mudar a maneira como as pessoas pensam.

Balanço a cabeça.

— Eu não posso.

— Eu sei que dá medo — insiste. — No início, a ideia me deixou aterrorizada.

— Não — digo. — Não é isso.

Com os olhos nervosos, ela espera minha explicação.

— Eu não considero que fui abusada — digo. — Com certeza não do jeito que vocês todas foram.

As sobrancelhas louras dela se arqueiam de surpresa.

— Você acha que não foi abusada?

O ar parece ser sugado para fora do café; os barulhos, amplificados; as cores, suavizadas.

— Eu não me vejo como vítima — digo. — Eu sabia no que estava me metendo. Eu quis.

— Você tinha quinze anos.

— Mesmo aos quinze anos.

Continuo falando, me justificando, e as palavras escorrem de mim, as mesmas frases de sempre. Ele e eu éramos duas pessoas sombrias que ansiavam pelas mesmas coisas; nosso relacionamento foi terrível, mas nunca abusivo. Quanto mais alarmada a expressão de Taylor se torna, mais eu insisto. Quando digo que o que ele e eu tivemos foi o tipo de coisa da qual as grandes histórias de amor são feitas, ela leva as mãos à boca como se estivesse prestes a passar mal.

— E para ser totalmente sincera — digo —, eu acho que o que você e essa jornalista estão fazendo é bem escroto.

O rosto dela se franze de incredulidade.

— Está falando sério?

— Parece desonesto. Tem coisas que você diz sobre ele que não se encaixam com o que eu sei que era verdade.

— Você acha que eu estou mentindo?
— Acho que você está fazendo ele parecer pior do que era.
— Como pode dizer isso quando sabe o que ele fez comigo?
— Mas eu não sei o que ele fez com você — rebato. — Você não quer me contar.

Ela fecha os olhos com as pálpebras trêmulas. Pressiona as palmas das mãos na mesa como para se acalmar. Lentamente, diz:

— Você sabe que ele era pedófilo.
— Não era, não — digo.
— Você tinha quinze anos — diz ela. — Eu tinha *quatorze*.
— Isso não é pedofilia — afirmo. Ela me encara, embasbacada. Pigarreio e arremato com cuidado: — O termo mais correto é efebofilia.

E com isso o fio que nos conecta se afrouxa. Ela ergue as mãos como quem diz *Para mim chega*. Fala que precisa voltar ao trabalho e se recusa a olhar para mim enquanto recolhe a caneca de café vazia e o celular.

Eu a sigo até o lado de fora do café e tropeço um pouco na soleira da porta. Sinto um impulso repentino de estender a mão, segurar a trança dela e não soltar. Lá fora, a calçada está vazia com exceção de um homem com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco e os olhos fixos no chão, assobiando uma mesma nota constante enquanto caminha na nossa direção. Taylor o observa com uma expressão tão enfurecida que penso que vai abordá-lo rispidamente e lhe pedir que cale a boca, mas quando ele passa, ela gira nos calcanhares e aponta o dedo para mim.

— Eu pensava em você o tempo todo na época em que ele estava abusando de mim — diz ela. — Achava que você fosse a única pessoa que poderia entender aquilo pelo que eu estava passando. Eu pensei... — Ela inspira e deixa os braços caírem. — Pouco importa o que eu pensei. Eu estava errada, é óbvio que estava errada. — Taylor começa a se afastar, para e arremata: — Recebi ameaças de morte depois de contar minha história. Sabia disso? As pessoas postaram meu endereço na internet e disseram que iam me estuprar e me assassinar.

— Sim, eu sei — digo.

— É egoísta ficar vendo todas nós sermos tachadas de mentirosas e não fazer nada para ajudar. Se você se posicionasse, ninguém ignoraria. Eles teriam que acreditar em você, e aí acreditariam na gente também.

— Mas eu não entendo o que vocês ganhariam. Ele morreu. Não vai pedir desculpas. Nunca vai admitir que fez nada de errado.

— A questão não é ele — diz ela. — Se você se posicionasse, Browick seria obrigada a admitir o que aconteceu. Eles seriam responsabilizados. Isso poderia mudar a forma como a escola é administrada.

Ela me olha com expectativa. Dou de ombros e ela bufa, frustrada.

— Tenho pena de você — diz.

Quando ela começa a se afastar, estendo a mão. Meus dedos roçam suas costas.

— Me conte o que ele fez com você — peço. — Não diga que ele abusou de você. Me conte o que aconteceu.

Ela se vira, os olhos desvairados.

— Ele beijou você? Levou você para o escritório dele?

— Escritório? — repete ela, e eu fecho os olhos, aliviada com sua incompreensão. — Por que isso é tão importante para você?

Abro a boca com a palavra *porque* preparada para sair: *porque... porque o que quer que tenha acontecido com você não poderia ter sido tão ruim, porque é ridículo você ficar exigindo tanto quando fui eu quem teve que aguentar a maior parte dele. Fui eu quem foi marcada para a vida toda.*

— Ele passou a mão em mim, está bem? — diz ela. — Na sala de aula, atrás da mesa dele.

Solto o ar e fico inerte, oscilando no mesmo lugar. Como Strane debaixo do abeto na noite da festa de Halloween. *Sabe o que eu gostaria de fazer agora?* Àquela altura, ele só tinha tocado em mim, passado a mão em mim atrás da sua mesa.

— Mas ele me violou de outras formas — diz ela. — Não precisa ser físico para ser abuso.

— E as outras meninas? — pergunto.

— Ele passou a mão nelas também.

— Foi só isso que ele fez?

Ela bufa.

— É, acho que foi só isso.

Então ele tocou nelas. Foi o que confessou para mim desde o início, começando por aquela noite na casa dele, quando segurou meu rosto e disse: *Eu encostei nela. Só isso.* Na época eu fiquei aliviada. Agora espero o alívio me encontrar outra vez, mas nada vem, nem mesmo indignação ou choque. Porque ouvi-la falar não mudou nada. Eu já sabia.

— Eu sei como foi diferente com você — diz ela. — Mas começou do mesmo jeito, não é? Chamando à mesa dele. Você escreveu isso no seu

blog. Lembro quando encontrei o blog pela primeira vez. Ler aquilo foi como ler a mim mesma.

— Você leu na época?

Ela assente.

— Encontrei o blog nas páginas preferidas do computador dele. Às vezes eu deixava comentários anônimos. Tinha muito medo de usar meu nome.

Eu digo que não fazia ideia, nem dos comentários dela nem do fato de que lia o blog.

— Bom, o que você sabia? — pergunta ela. — Você realmente não sabia sobre mim?

Ela já fez a pergunta e eu já respondi, mas agora tem um significado diferente. Está perguntando se eu sabia o que ele tinha feito com ela.

Digo a verdade:

— Eu sabia. Sabia sobre você.

Ele me contou, mas a chamou de nada e eu não discuti. Eu o perdoei e ofereci o perdão por algo muito pior, algo que ele nem sequer tinha feito. O que era uma mão na perna comparado ao que ele tinha feito comigo? Achei que não tivesse importância, e mesmo agora, com ela na minha frente, é difícil entender o estrago que isso pode ter causado. *Foi mesmo tão ruim assim o que ele fez com você? Valeu a pena tudo isso?*

— Para você pode parecer pequeno — diz ela. — Mas foi o suficiente para acabar comigo.

Taylor me deixa parada no meio da calçada e sua trança bate nas costas enquanto ela se afasta. Volto para casa a pé passando pela praça onde luzinhas estão sendo postas na árvore de Natal gigantesca e onde alunos do ensino médio estão de bobeira no horário de almoço, os meninos de capuz na cabeça e grupos de meninas adolescentes de jaqueta jeans e tênis gastos. O esmalte de unha lascado, os rabos de cavalo, as risadas... fecho os olhos com tanta força que chego a ver faíscas e estrelas. Ele continua dentro de mim, tentando me fazer vê-las do mesmo jeito que ele via, várias meninas sem nome sentadas em volta de uma mesa de trabalho. Precisa que eu me lembre de que elas não eram nada. Ele mal conseguia diferenciá-las umas das outras. Elas nunca importaram para ele. Não eram nada em comparação comigo.

Eu amei você, diz ele. Minha sombria Vanessa.

* * *

No consultório de Ruby, pergunto:

— Você acha que eu sou egoísta?

É tarde, nem nosso dia nem nosso horário de sessão normais. Mandeilhe uma mensagem dizendo É uma emergência, algo que ela sempre disse que eu podia fazer, mas que nunca imaginei que fosse precisar.

— Acho que há formas de avançar que não exigem um desnudamento completo — diz Ruby. — Formas melhores.

Da sua poltrona, ela me observa e aguarda com sua paciência infinita. Do lado de fora da janela, o céu é uma paleta de azuis, de azul-turquesa a azul-cobalto a azul-escuro. Inclino a cabeça para trás, afastando o cabelo do rosto, e digo para o teto:

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Não, eu não acho que você seja egoísta.

Endireito a cabeça.

— Pois deveria. Eu sabia o tempo inteiro o que ele tinha feito com aquela menina. Onze anos atrás, ele me disse que tinha tocado nela. Ele não mentiu. Não escondeu de mim. Eu é que não me importei.

A expressão dela não muda; apenas seus cílios trêmulos mostram que eu a afetei.

— Eu sabia sobre as outras meninas também — digo. — Sabia que ele estava tocando nelas. Durante anos, ele me ligava tarde da noite e a gente... a gente falava sobre as coisas que fazia quando eu era mais nova. Coisas sexuais. Mas ele contava sobre outras meninas também, meninas das turmas dele. Dizia que as chamava até sua mesa. Ele revelava o que estava fazendo. E eu não liguei.

A expressão de Ruby continua impassível.

— Eu poderia ter feito ele parar — digo. — Sabia que ele não conseguia se controlar. Se eu o tivesse deixado em paz, provavelmente teria conseguido parar. Eu o forcei a reviver essas coisas quando não queria.

— O que ele fez com você ou com qualquer outra pessoa não foi culpa sua.

— Mas eu sabia que ele era fraco. Lembra? Você mesma disse. E tem razão, eu sabia mesmo. Ele me disse que não conseguia ficar perto de mim

porque eu trazia à tona a escuridão que existia nele, mas eu não o deixei em paz.

— Vanessa, ouça o que você está dizendo.

— Eu poderia ter feito ele parar.

— Está bem — diz ela. — Mesmo que você tivesse feito ele parar, essa responsabilidade não era sua nem teria mudado nada para você. Porque fazer ele parar não teria mudado o fato de que você foi abusada.

— Eu não fui abusada.

— Vanessa...

— Não, me escute. Não finja que não sabe do que eu estou falando. Ele nunca me forçou, está bem? Sempre fez questão de que eu dissesse sim para tudo, principalmente quando eu era mais nova. Ele foi cuidadoso. Ele foi bom. Ele me amou.

Digo isso várias vezes, um refrão que logo perde o significado. *Ele me amou, ele me amou.*

Seguro a cabeça entre as mãos e Ruby me diz para respirar. Ouço a voz de Strane em vez da dela me dizendo para respirar fundo para ele penetrar ainda mais. *Que gostoso*, disse ele. *Que gostoso.*

— Porra, estou tão cansada disso... — sussurro.

Ruby está agachada no chão na minha frente com as mãos nos meus ombros, a primeira vez que toca em mim.

— Cansada de quê? — pergunta ela.

— De ouvir ele, ver ele, de tudo que eu faço estar contaminado por ele.

Nós duas ficamos caladas. Minha respiração se estabiliza; ela se levanta e solta meus ombros.

Delicadamente, Ruby diz:

— Se você relembrar o primeiro incidente...

— Não, não dá. — Bato com a cabeça no encosto da cadeira e afundo na almofada. — Eu não consigo voltar lá.

— Você não precisa voltar — diz ela. — Pode ficar aqui. Só pense num instante, o primeiro entre vocês dois que poderia ser considerado íntimo. Quando você pensa nessa primeira lembrança, quem foi que começou: você ou ele?

Ela aguarda, mas eu não consigo dizer. *Ele.* Ele me chamou até sua mesa e tocou em mim enquanto o resto da turma fazia o dever de casa. Fiquei sentada ao lado dele, olhando pela janela, e deixei-o fazer o que queria. E eu não entendi, não pedi que aquilo acontecesse.

Solto o ar e deixo a cabeça pender.

— Eu não consigo.

— Tudo bem — diz ela. — Não precisa ter pressa.

— É que eu sinto... — Pressiono a base das mãos nas coxas. — Não posso soltar o que estou segurando há tanto tempo. Você entende? — Meu rosto se contorce com a dor de colocar aquilo para fora. — Eu simplesmente preciso muito que seja uma história de amor. Você entende? Preciso muito, muito que seja isso.

— Eu sei.

— Porque se não for uma história de amor, então o que é?

Olho para seus olhos brilhantes, para sua expressão de empatia sincera.

— É a minha vida — digo. — Isso tem sido a minha vida inteira.

Ela fica em pé ao meu lado enquanto eu digo que estou triste, muito triste, palavras pequenas, simples, as únicas que fazem sentido enquanto aperto meu peito feito uma criança e aponto para onde dói.

2007

No semestre de primavera, eu volto a beber, uma coleção de garrafas vazias na mesa de cabeceira. Quando não estou em aula, estou na cama com meu laptop, o ventilador zumbindo e a tela brilhando até tarde da noite. Fico olhando fotos da Britney Spears em pleno colapso nervoso, raspando a cabeça, atacando os paparazzi com um guarda-chuva e olhos de bicho enjaulado. Os blogs de fofoca postam as mesmas fotos inúmeras vezes com manchetes como “Ex-princesa do pop adolescente perde a linha!” seguidas por páginas de comentários jubilosos: Que horror!... É tão triste como elas sempre acabam assim... Aposto que ela morre antes do fim do mês.

À noite, deixo o celular no peitoral da janela ao lado da cama e pela manhã a primeira coisa que faço é checar para ver quantas vezes Strane ligou. Quando estou no bar com Bridget e sinto o telefone vibrar, tiro-o da bolsa e o levanto para ela ver o nome dele piscando.

— Estou me sentindo mal — digo —, mas simplesmente não consigo falar com ele.

Contei a ela sobre a investigação, chamei-a de “caça às bruxas”, como Strane fez, deixei claro que na verdade ele não tinha feito nada de mais, mas que mesmo assim estou com raiva. Não tenho o direito de estar com raiva?

— É claro que tem — diz Bridget.

Começo a checar diariamente o perfil de Taylor Birch no Facebook e clico nas suas fotos públicas, ao mesmo tempo enojada e satisfeita com quanto ela parece normal, com seu aparelho nos dentes e cabelo louro, liso e quase branco. Apenas uma foto prende mais um pouco minha atenção: ela sorrindo de uniforme de hóquei na grama, a saia batendo na metade das coxas bronzeadas, BROWICK escrito em letras bordô no seu peito reto. Mas então me lembro de Strane descrevendo meu corpo aos quinze anos, como ele o qualificou de razoavelmente desenvolvido, parecido com o de uma mulher adulta. Penso na Sra. Thompson, em seu corpo de mulher mais velha. Eu não deveria estar tão ansiosa para transformá-lo num monstro.

Não preciso dos créditos, mas mesmo assim faço o curso de literatura gótica de Henry. Na aula, quando os outros alunos começam a enrolar durante as discussões, ele se vira para mim. Um silêncio toma conta da

sala e seus olhos sobrevoam por alto os outros e sempre aterrissam em mim.

— Vanessa? — pergunta ele. — O que você acha?

Ele confia em mim para ter sempre algo a dizer sobre as histórias de mulheres obsessivas e homens monstruosos.

Depois de cada aula, surge algum pretexto para eu segui-lo até sua sala — tem um livro que quer me emprestar, ele me indicou para um prêmio do departamento, quer conversar comigo sobre o cargo de assistente que será aberto no próximo ano, algo para eu fazer enquanto me preparo para aplicar para a pós-graduação —, mas quando ficamos sozinhos tudo se transforma em conversas e risadas. Risadas! Eu rio mais com ele do que jamais ri com Strane, a quem continuo ignorando, cujos telefonemas começaram a bater ponto todas as noites, mensagens de voz me pedindo por favor, por favor para ligar para ele, mas eu não quero ouvir como ele está por um fio. Eu quero Henry, quero me sentar na sua sala e apontar para um cartão-postal pregado na parede, a única coisa que ele pendurou, perguntar qual a história por trás daquilo e ouvir ele me contar que é da Alemanha, onde ele foi a uma conferência, perdeu a bagagem e teve que andar por lá de calça de moletom. Quero ouvi-lo dizer que eu sou engraçada, charmosa, brilhante, a melhor aluna que ele já teve; quero que ele descreva o que vê no meu futuro.

— Quando você estiver na pós — diz ele —, vai ser uma daquelas mestrandas estilosas, do tipo que dá expediente num café.

É uma coisa pequena, mas suficiente para me deixar sem fôlego. Eu me imagino diante da minha própria turma, dizendo aos meus alunos o que ler e escrever. Talvez essa sempre tenha sido a questão: não se trata de querer esses homens, eu quero ser eles.

No meu blog, documento tudo que ele me diz, cada olhar, cada sorriso. Obcecada pela questão do que cada coisa significa, deixo tudo registrado como se com isso fosse conseguir uma resposta. Nós almoçamos juntos no grêmio estudantil, ele responde aos meus e-mails à uma da madrugada, rebate cada piada minha e assina com o primeiro nome, “Henry”, enquanto nos e-mails para a turma inteira assina “H. Plough”. No meu blog, digito várias vezes talvez isso não signifique nada, mas deveria significar alguma coisa, até as linhas preencherem a tela inteira. Ele me conta que decorou o poema “Jaguardarte” de brincadeira quando tinha dez anos, e eu o imagino criança de um jeito que nunca fiz com Strane. Mas é isso que ele é, um homem

com ar de menino, ou mesmo um menino puro e simples, que sorri quando eu o provooco e fica com o rosto vermelho. Faz referência a episódios dos *Simpsons* nos seus e-mails, cita uma música que fazia sucesso na época em que estava na pós.

— Você não conhece Belle and Sebastian? — pergunta, espantado.

Grava um CD para mim e, conforme eu examino as letras em busca de pistas, a minha versão que mora na mente dele se revela.

Mas ele não me toca. Não há nada próximo de um toque, nem mesmo um aperto de mão. Apenas olhares sem fim... na sua sala, em aula. Assim que eu abro a boca para falar, sua expressão se torna carinhosa e ele elogia tudo que eu digo a ponto de os outros alunos trocarem olhares irritados, tipo *Lá vai ela outra vez*. Tudo me parece familiar, uma trajetória que eu recordo tão bem que preciso cerrar os punhos para não agarrá-lo quando estamos sozinhos. Digo a mim mesma que está tudo na minha cabeça e que é assim que os professores normais tratam seus melhores alunos, um pouco de atenção especial, nada que faça perder a cabeça. É que eu sou depravada, minha mente está tão deformada por Strane que eu interpreto equivocadamente um favoritismo inocente como interesse sexual. Mas vejam bem... gravar um CD para mim? Me chamar à sua sala todos os dias? Essas coisas não parecem normais, não para o meu corpo e, por mais que minha mente se confunda, o meu corpo sabe. Às vezes parece que ele está esperando um movimento meu na sua direção, mas não tenho a coragem que tinha aos quinze anos, tenho medo da rejeição, e além do mais ele não está me dando o suficiente, nenhum tapinha no joelho nem nenhuma folha no meu cabelo. Meu comportamento mais ousado: não usar sutiã um dia por baixo de uma camiseta de seda, mas depois acho nojento quando ele fica encarando. O que é que eu quero, afinal? Eu não sei, eu não sei.

Tarde da noite, quando estou bêbada demais para me conter, abro o laptop, digito o endereço de Browick no navegador e acesso os perfis dos funcionários. Penelope Martinez se graduou na Universidade do Texas em 2004, ou seja, tem vinte e quatro anos. A mesma idade da Sra. Thompson quando ela e Strane estavam fazendo o que quer que fosse. Por que ninguém achou isso errado na época, uma menina de vinte e quatro anos e um homem de quarenta e dois? “Menina” porque na época ela parecia mais menina do que mulher, com seus elásticos de cabelo fofinhos e seus moletons de capuz. Penelope também parece uma menina: cabelo escuro e

brilhante, nariz arrebitado e ombros magros. Tem um rosto radiante e jovial, o tipo de Strane. Imagino-o andando ao seu lado pelo campus com as mãos unidas nas costas, fazendo-a sorrir. Como será que ela reagiria se ele tentasse tocá-la? O que fez na primeira vez que Henry a tocou? Não sei quando eles ficaram juntos, mas seja como for ele era dez anos mais velho, mãos grandes e desajeitadas e um hálito quente através da barba.

Certa tarde, Henry e eu estamos conversando na sua sala quando o telefone toca. Assim que ele atende, eu sei que é ela. Ele vira as costas para mim e dá respostas curtas às perguntas dela, com um viés na voz que me causa a sensação de estar me intrometendo, mas quando me levanto para ir embora, ele ergue a mão e articula com os lábios *Espere*.

— Preciso ir — diz ao telefone, irritado. — Estou com uma aluna.

Henry desliga sem se despedir, o que me parece um triunfo.

Ele nunca foi claro em relação a ela ser sua esposa e não “uma pessoa que ele conhece”. Nunca a menciona... Por que faria isso? Por que não faria? Há zero indício da existência dela, nenhuma aliança no dedo nem foto na sua sala. Talvez ela seja cruel com ele, talvez ela seja chata, talvez ele esteja infeliz. Talvez, desde que me conheceu, ele tenha tido momentos em que pensou: *Eu deveria ter esperado*. Eu me obrigo a pensar nela porque parece ser moralmente certo, mas ela não passa de uma silhueta borrada nos arredores. Penelope. Será que Henry a chama assim ou usa um apelido? Torno a acessar o perfil dela no site da Browick, e imagino a possibilidade de ela estar conversando com Strane no exato momento em que estou conversando com Henry. Strane, que não para de ligar, que diz que precisa de mim, que esse silêncio absoluto é cruel e desnecessário. Talvez minha negligência esteja fazendo com que se sinta tão sozinho que ele precise recorrer a um flerte com a orientadora jovem e bonita. Aposto que é fácil conversar com ela, mais fácil do que foi comigo. Imagino-a sentada, escutando um de seus discursos retóricos com um sorriso paciente e firme. A ouvinte perfeita. Ele adoraria isso. Meu cérebro continua até que eu quase esqueço que está tudo na minha cabeça: Strane fazendo Penelope rir como eu faço Henry rir; Henry em casa, acordado até tarde na sala, escrevendo um e-mail para mim enquanto Penelope está no quarto escrevendo para Strane.

Mas tudo sempre retorna à dura realidade: Henry deve saber que eu o deixaria tocar em mim, mas ele nunca tenta. Esse, eu sei, é o detalhe mais significativo. Um detalhe que nega todo o resto.

13 de fevereiro de 2007

Faz seis semanas que não falo com S., desde que me contou que estão atrás dele e que um de seus inimigos talvez tente entrar em contato comigo. Jurei lealdade e vou mantê-la para sempre (qual é a alternativa? Me virar contra ele? Inconcebível), mas desde aquela noite na casa dele não consigo suportá-lo. Minha caixa postal está lotada. Ele quer me levar para jantar, quer saber como estou, quer me ver, ele me quer. Escuto alguns segundos e então jogo o celular longe. É a primeira vez que tenho a sensação de que ele está correndo atrás de mim. Não é coincidência isso acontecer depois que ele confessou mau comportamento.

Não consigo me forçar a escrever o que ele fez, embora ser evasiva faça suas ações parecerem horrendas. Não é como se ele tivesse matado alguém. Na verdade, ele não chegou nem a machucar ninguém, embora “machucar” seja algo bem subjetivo. Pensem em toda a dor imprudente que provocamos. Um mosquito no seu braço: você nem sequer hesita em matá-lo com um tapa.

* * *

Depois da aula, Henry diz que precisa me perguntar uma coisa.

— Pensei em te mandar um e-mail — diz ele —, mas achei melhor falar pessoalmente.

Quando chegamos à sua sala, ele fecha a porta. Observo-o esfregar o rosto e inspirar fundo.

— Estou meio sem graça — diz ele.

— Eu deveria estar nervosa? — pergunto.

— Não — responde ele depressa. — Ou melhor, sei lá. É que eu fiquei sabendo de um boato sobre sua antiga escola, algo sobre um professor de literatura que teria se comportado inadequadamente com uma aluna. Ouvi a história por outra pessoa, não sei nenhum fato concreto, mas pensei que... bom. Não sei o que pensar.

Engulo em seco com força.

— Foi a sua amiga quem lhe contou isso? A que trabalha lá?

Ele aquiesce.

— Foi ela, sim.

Aguardo um longo intervalo de silêncio, tempo suficiente para ele dizer a verdade:

— Acho que me sinto um pouco responsável sabendo o que sei.

— Mas isso não é da sua conta. — Ele me lança um olhar assustado e eu acrescento: — No bom sentido, quer dizer. Não precisa se preocupar com isso. Não é problema seu.

Tento sorrir como se minha garganta não estivesse se contraindo feito um punho fechado e me impedindo de respirar. Imagino Taylor Birch chorando num sofá, se confessando com Penelope, a orientadora compreensiva — *O Sr. Strane tocou em mim, por que ele fez isso, por que não faria de novo* —, mas meu cérebro vai longe demais e acaba voltando para o escritório de Strane. O radiador sibilando, a janela de vidro do mar.

— Olhe, aquilo lá é um colégio interno — digo. — Boatos como esse acontecem o tempo todo. Se faz pouco tempo que sua amiga está lá, ela talvez não saiba o que levar a sério e o que ignorar. Ela vai aprender.

— O que eu escutei parecia bem sério — afirma Henry.

— Mas você disse que escutou de outra pessoa — digo. — Eu sei o que realmente aconteceu, está bem? Ele me contou. Disse que só encostou na perna dela.

— Ah — faz Henry, surpreso. — Eu não sabia... quer dizer, não tinha me dado conta de que... você ainda tem contato com ele.

Minha boca fica seca quando percebo meu deslize. Uma boa vítima não continuaria falando com o estuprador. O fato de Strane e eu mantermos contato contradiz tudo em que eu fiz Henry acreditar.

— É complicado — digo.

— Claro. É claro que é.

— Porque o que ele fez comigo não foi propriamente um *estupro*.

— Não precisa explicar.

Ficamos sentados em silêncio, eu com os olhos fixos no chão, ele olhando para mim.

— Não precisa se preocupar mesmo — digo. — O que aconteceu com essa menina não tem nada a ver com o que aconteceu comigo.

Ele diz que tudo bem, que acredita em mim, e mudamos de assunto.

* * *

Na primeira semana de março, chega um envelope pardo pelo correio endereçado a mim na caligrafia quadrada de Strane. Dentro dele encontro uma carta de três páginas e um maço de documentos grampeados: uma cópia da declaração que ele e eu assinamos no dia em que fomos descobertos, com data de 3 de maio de 2001; anotações manuscritas da reunião que ele e a Sra. Giles tiveram com meus pais; um poema sobre uma sereia e uma ilha de marinheiros naufragados que eu me lembro vagamente de ter escrito; uma cópia do formulário de desistência com minha assinatura no final; uma carta sobre mim, Strane e nosso suposto caso endereçada à Sra. Giles escrita numa caligrafia que não reconheço até ver o nome no final: Patrick Murphy, o pai da Jenny, a carta que deu início a tudo.

Espalho todos os documentos pela cama, um papel depois do outro. Na carta endereçada a mim, Strane escreve:

Vanessa,

Não estou muito bem por aqui. Não sei como interpretar seu silêncio, se você está tentando me dizer alguma coisa com sua falta de comunicação, se está com raiva, se quer me punir. Pois deveria saber que eu já estou me punindo o suficiente.

A confusão do assédio continua. Tenho esperança de que se resolva logo, mas pode ser que piore antes de melhorar. Ainda existe a possibilidade de alguém entrar em contato com você com o objetivo de usá-la contra mim. Espero ainda poder contar com você.

Talvez eu seja um idiota por colocar isso por escrito. O poder que você detém sobre a minha vida é imenso. Fico me perguntando como deve ser viver os seus dias, fingindo ser uma universitária normal, e o tempo todo saber que pode destruir um homem com um único telefonema certo. Mas eu ainda confio em você. Não mandaria uma carta incriminatória se não confiasse.

Dê uma olhada nos documentos que anexeï, os destroços de seis anos atrás. Você foi tão corajosa, mais guerreira do que menina. Você foi a minha Joana d'Arc, recusando-se a desistir mesmo com o fogo lambendo seus pés. Essa coragem ainda existe dentro de você? Olhe esses papéis, provas de quanto me amou. Você se reconhece?

Transcrevo a carta e a posto no meu blog sem qualquer contexto ou explicação, exceto, no final do post, tudo em maiúsculas: DÁ PARA IMAGINAR A SENSÇÃO DE RECEBER ISSO PELO CORREIO? Uma pergunta feita a ninguém, a qualquer um. Raramente recebo comentários nos meus posts, não tenho nenhum leitor regular, mas ao acordar na manhã seguinte me deparo com um comentário anônimo deixado às 2h21 da manhã: Corte ele da sua vida, Vanessa. Você não merece isso.

Deleto o post, mas outros comentários começam a surgir, sempre no meio da noite, à minha espera quando acordo. Uma crítica linha a linha quando posto a versão preliminar de um poema; Linda em reação a uma série de selfies. Quem é você?, pergunto, mas nunca recebo resposta. Depois disso, os comentários param.

* * *

Da porta do meu quarto, Bridget pergunta:

— Você vem?

É o começo da Curtição de Primavera, uma semana de bebedeira diurna e aulas matadas. Naquela tarde vai ter uma festa no pír.

Ergo os olhos do laptop.

— Ei, olhe só isso. — Viro a tela e lhe mostro a foto mais recente de Taylor Birch: uma selfie em close com os lábios curvados para baixo e os olhos contornados com delineador preto. Diante da falta de reação de Bridget, eu torno a falar: — É a menina que está acusando ele.

— E o que tem ela?

— É que é muito ridículo, só isso. — Eu rio. — Olhe só a cara dela! Minha vontade é escrever um comentário e mandar ela se animar um pouco.

Bridget me lança um olhar demorado, com os lábios contraídos. Por fim, diz:

— Vanessa, ela é uma criança.

Viro o laptop para longe dela e sinto uma queimação nas bochechas ao fechar a página.

— Você não deveria entrar tanto no perfil dela — diz Bridget. — Isso só vai te abalar.

Fecho o laptop com força.

— E zombar da cara dela parece bem cruel.

— Está bem, já entendi — digo. — Obrigada pela opinião.

Ela me observa sair da cama, atravessar o quarto com passos firmes e revirar as pilhas de roupa no chão.

— E aí, você vem? — pergunta.

* * *

Está fazendo só dezoito graus, mas para um mês de abril no Maine é como se fosse verão. Há engradados de cerveja empilhados no píer, cachorros-quentes sendo preparados em churrasqueiras portáteis. Meninas tomam sol de biquíni e três caras de bermuda de praia escalam o granito rosa para entrar até os joelhos na água gélida. Bridget encontra uma bandeja de *shots* de gelatina e cada uma de nós toma três, sugando a bebida entre os dentes. Alguém pergunta sobre meus planos para depois da formatura e eu adoro ter uma resposta:

— Vou ser assistente de Henry Plough enquanto me preparo para a pós.

Ao ouvir o nome de Henry, uma menina se vira e toca meu ombro: é Amy Doucette, da aula de dissertação.

— É de Henry Plough que você está falando? — pergunta ela. Está doidaça; seus olhos não param de se mover. — Nossa, ele é um tesão. Não fisicamente, é claro, mas intelectualmente. Minha vontade é abrir a cabeça dele e morder seu cérebro. Sabe como? — Ela ri e me dá um tapa no braço. — Vanessa sabe.

— Como assim? — pergunto, mas ela já virou as costas, com a atenção atraída por uma melancia imensa que estão abrindo da mesma forma que ela disse querer abrir o crânio de Henry.

— Tem duas garrafas de vodca aí dentro — diz alguém.

Como ninguém tem faca nem pratos, as pessoas simplesmente pegam pedaços com a mão e o suco cheio de álcool pinga no chão do píer.

Fico bebendo uma latinha de cerveja morna e observando as ondas pelas frestas das tábuas. Bridget se aproxima com um cachorro-quente em cada mão e me oferece um. Quando balanço a cabeça e digo que vou embora, os ombros dela murcham.

— Por que você não consegue se divertir uma vez na vida? — pergunta ela, mas vê minha expressão magoada e entende que foi longe demais.

Ouço-a me chamar quando estou indo embora. — Eu estava brincando! Vanessa, não fique brava!

A princípio, sigo o caminho de casa, mas a ideia de passar mais uma tarde na cama bêbada me leva a fazer uma curva fechada em direção ao prédio de Henry, pois sei que ele está no campus nas segundas à tarde. Eu sei todos os horários dele de cor: quando está no campus, quando está dando aula e quando está na sua sala, muito provavelmente sozinho.

A porta está entreaberta e a sala, vazia. Em cima da mesa dele há uma pilha de papéis e o laptop aberto. Imagino-me ocupando sua cadeira, abrindo as gavetas da mesa e examinando tudo lá dentro.

Ele me encontra em pé ao lado da sua mesa.

— Vanessa.

Eu me viro. Ele está com os braços cheios de cadernos espiral, diários de alunos da aula de redação em língua inglesa, o que ele mais detesta corrigir. Eu sei tanto sobre ele... Não é normal saber tanto assim.

Enquanto ele põe os diários em cima da mesa, eu afundo na cadeira extra e seguro a cabeça entre as mãos.

— Aconteceu alguma coisa com você? — pergunta ele.

— Não, só estou bêbada.

Inclino a cabeça para trás e vejo o sorriso no rosto dele.

— Você fica bêbada e seus instintos te dizem para vir aqui? Que honra.

Resmungo e pressiono as palmas das mãos nos olhos.

— Você não deveria ser legal comigo. Estou sendo inadequada.

A mágoa surge em seu semblante. Foi a coisa errada a dizer. Eu sei melhor do que ninguém que chamar atenção demais para o que estamos fazendo pode estragar tudo.

Levo a mão ao bolso, pego o celular e o estendo para ele enquanto mostro as chamadas perdidas.

— Está vendo isso? É o tanto de vezes que ele tem me ligado. Ele não me deixa em paz. Estou ficando maluca.

Não explico quem é “ele” porque não preciso. Strane provavelmente está em destaque na mente de Henry toda vez que ele olha para mim. Fico pensando se eles já se encontraram. Já os imaginei apertando as mãos, os vestígios de mim que ainda estão no corpo de Strane sendo transmitidos para Henry, o mais próximo que já cheguei de tocá-lo.

Henry encara intensamente meu celular.

— Ele está importunando você — diz. — Não dá para bloquear o número dele?

Nego com a cabeça, mas na verdade não sei. Eu provavelmente poderia fazer isso, mas quero continuar recebendo as ligações. Elas são o hálito no meu pescoço. Sei também que a solidariedade de Henry depende de eu fazer e querer as coisas certas, de tomar todas as providências possíveis para me proteger.

— Importunando, é? Você não sabe de nada — digo. — Algumas semanas atrás ele me mandou pelo correio um monte de papéis de quando fui expulsa de Browick....

— O quê? — Henry me encara, boquiaberto. — Não tinha entendido que você havia sido expulsa.

Será outra mentira? Tecnicamente eu saí por livre e espontânea vontade — havia até uma cópia do formulário de desistência no envelope que Strane mandou —, mas parece mais verdadeiro dizer que fui expulsa, porque a escolha não foi minha, ainda que a culpa tenha sido.

Ouçó-me prosseguir e contar a história, dizer como assumi a culpa porque não queria mandar Strane para a prisão, contar sobre as reuniões e sobre ter ficado em pé na frente da sala e dito que eu era uma mentirosa, respondido a perguntas como numa entrevista coletiva. À medida que Henry escuta, sua boca se escancara, ele começa a irradiar empatia, e quanto mais afetado ele parece, mais vontade sinto de falar. Um impulso vai ganhando força dentro de mim, uma necessidade cada vez mais forte de justiça, a sensação de que passei por uma coisa horrível, uma tragédia tão monumental que dividiu minha vida ao meio. E agora, no rastro da sobrevivência, vem o desejo de contar. Será que eu não deveria contar essa história se eu quisesse? Ainda que eu manipule a verdade e esconda os detalhes, não mereço ver a prova do que Strane fez comigo na expressão de empatia de outra pessoa?

— Por que ele faria isso? — pergunta Henry. — Está acontecendo alguma coisa para que ele mande isso para você?

— Eu tenho ignorado ele por causa do que está acontecendo — digo.

— Da denúncia contra ele?

Aquiesço.

— Ele tem medo que eu o entregue.

— Você cogitaria fazer isso? — pergunta Henry.

Não respondo, o que equivale a dizer não. Enquanto rolo o telefone entre as mãos, digo:

— Você deve me achar um horror.

— Não.

— É que é tudo muito complicado.

— Você não precisa explicar.

— Não quero que você me ache egoísta.

— Eu não acho isso. Para mim, você é forte, está bem? Incrível, incrivelmente forte.

Henry chama Strane de psicologicamente iludido, diz que ele está tentando me controlar, me fazer sentir com quinze anos outra vez, que o que ele fez e continua fazendo comigo é inaceitável. Quando Henry diz isso, eu vejo um céu branco ofuscante e uma extensão interminável de terra arrasada com uma silhueta quase invisível atrás de um muro de fumaça, Strane passando os dedos por veias azuis sobre uma pele branca, tufos de poeira rodopiando sob o sol fraco de inverno.

— Eu nunca vou entregá-lo, por pior que ele seja — digo.

Os traços de Henry ficam suaves... suaves e tristes, muito tristes. Nesse instante sinto que se eu me aproximasse, ele me deixaria fazer o que eu quisesse. Não diria não. Está perto o suficiente para que eu o alcance, o joelho apontado para mim, à espera. Imagino seus braços se abrindo e me puxando para perto. Minha boca a centímetros do seu pescoço, seu corpo estremecendo quando encosto os lábios nele. Ele deixaria. Ele me deixaria fazer qualquer coisa.

Não me mexo. Ele suspira.

— Vanessa, estou preocupado com você — diz ele.

* * *

Na sexta-feira antes do recesso de primavera, Bridget chega em casa com uma gata filhote enrolada numa toalha. Tricolor e de olhos verdes, com a barriga cheia de pulgas e o rabo torto.

— Encontrei ela no beco ao lado do lixo da loja de bagels — diz Bridget.

Aproximo os dedos do focinho da gata e a deixo morder meu polegar.

— Ela está fedendo a peixe.

— Estava com a cabeça enfiada numa lata de salmão defumado.

Damos banho na gata e a batizamos de Minou. Enquanto o sol se põe, vamos de carro até o Walmart de Ellsworth comprar caixa de areia e comida de gato, escondendo a gatinha dentro de uma sacola de compras que Bridget leva pendurada no ombro, porque não nos atrevemos a deixá-la sozinha. No caminho para casa, enquanto Minou mia no meu colo, meu celular começa a tocar sem parar: Strane.

Bridget ri quando toco em “ignorar” pela quarta vez seguida.

— Como você é cruel — diz ela. — Estou quase com pena dele.

O telefone indica uma nova mensagem de voz e ela arqueja com uma comoção sarcástica. Estamos tão animadas com a gatinha que tudo parece possível, como se pudéssemos brincar uma com a outra sobre qualquer coisa e simplesmente rir sem parar.

— Você não vai nem escutar? — pergunta ela. — Pode ser uma emergência.

— Juro que não é.

— Você não sabe! Deveria escutar.

Para provar que estou certa, ponho a mensagem no viva-voz imaginando uma súplica rouca para eu retornar a ligação, chateado por não ter recebido notícias minhas. Eu cheguei a receber o pacote que ele mandou? Mas não, a mensagem é um muro de som distorcido, vento e estática entremeado à voz zangada dele: “Vanessa, estou a caminho do seu apartamento. Atende a porra do celular.” Então um clique, fim da mensagem.

Com cuidado, Bridget diz:

— Parece uma emergência.

Digito o número de Strane e ele atende após meio toque.

— Você está em casa? Chego aí em meia hora.

— Estou — digo. — Ou melhor, não. Não estou em casa neste exato segundo. A gente achou uma gatinha. Tivemos que comprar caixa de areia.

— Vocês o quê?

Balanço a cabeça.

— Nada, deixe para lá. Por que você está vindo aqui?

Ele dá uma risada que mais parece um latido.

— Acho que você sabe por quê.

Bridget não para de me olhar, alternando o foco entre mim e a estrada. Iluminada pelo painel, vejo sua boca: *Está tudo bem?*

— Eu não sei por quê — digo. — Não faço ideia do que está acontecendo. Mas você não pode simplesmente decidir aparecer...

— Ele já lhe contou o que aconteceu?

Meus olhos vasculham o para-brisa, o túnel que os faróis abrem na autoestrada escura. Sinto uma pontada na nuca com o jeito estranho de Strane cuspir o *ele*.

— Ele quem?

Strane torna a rir. Posso vê-lo: olhar severo, maxilar contraído, uma raiva amarga que até então só o tinha visto direcionar para os outros. Pensar nessa raiva voltada para mim me dá a sensação de que a terra mole está cedendo sob meus pés.

— Deixe de ser sonsa — diz ele. — Daqui a dez minutos estou aí.

Tento assinalar que ele acabou de dizer que está a meia hora da minha casa, mas Strane já desligou e CHAMADA ENCERRADA pisca na tela. Ao meu lado, Bridget pergunta:

— Você está bem?

— Ele está indo lá para casa.

— Por quê?

— Sei lá.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu não sei, Bridget — respondo, ríspida. — Tenho certeza de que você ouviu toda a conversa. Ele não deu muitos detalhes.

Continuamos em silêncio, nossa camaradagem descontraída agora sugada para fora do carro. No meu colo, Minou mia, sons discretos de dar pena e que só deixariam um monstro com raiva, mas é isso que eu devo ser, porque tudo que quero fazer é tapar o rosto minúsculo da gatinha com a mão e gritar com ela, com Bridget, com todo mundo para calar a boca só por um segundo e me deixar pensar.

* * *

Bridget diz que vai sair à noite para Strane e eu ficarmos à vontade no apartamento. Na verdade, está claro que ela quer é fugir de mim, do meu namorado velho e estranho e da nuvem carregada que paira constantemente acima de mim. É como eu a ouvi dizer para um cara que

ela trouxe para casa algumas semanas atrás: *Ah, Vanessa vive em crise, ela é do tipo que atrai drama.*

Depois de ela sair, eu me sento no sofá com Minou no colo e o laptop aberto sobre a mesa de centro. A cada poucos minutos, me inclino para a frente e atualizo a tela, como se um e-mail pudesse aparecer para explicar aquilo tudo. Quando ouço a porta do prédio se abrir e passos pesados subirem a escada, empurro Minou do meu colo e pego o celular. Ele esmurra a porta do apartamento, a gatinha desaparece atrás do sofá e meu polegar acaricia o teclado... A ideia de ligar para a emergência é uma fantasia equivalente à de um e-mail de Henry surgindo na minha caixa de entrada. Ligar não resolveria nada. Pedir ajuda significaria responder às perguntas irrespondíveis do atendente, exigir que eu explique o inexplicável. *Quem é esse homem esmurando a porta do seu apartamento? A senhora o conhece de onde? Qual é exatamente sua relação com ele? Preciso da história toda, senhora.* Minhas opções: atravessar sete anos desse pântano e me colocar à mercê de uma terceira pessoa cética que talvez nem acredite em mim ou abrir a porta e torcer para não ser tão ruim assim.

Quando eu o deixo entrar, ele está ofegante e inclina o corpo assim que passa pela porta, mãos apoiadas nos joelhos, chiando a cada inspiração. Dou um passo na sua direção com medo de ele estar prestes a cair. Então ergue uma das mãos.

— Não chegue perto de mim — diz.

Endireita as costas, joga o sobretudo na cadeira de vime, olha em volta para as toalhas sujas que despontam pela porta do banheiro, para a mesa de centro com uma tigela suja de crosta de macarrão com queijo. Vai até a cozinha e começa a abrir os armários.

— Você não tem nenhum copo limpo? — pergunta ele. — Nenhum?

Aponto para a pilha de copos de plástico na bancada e ele me fuzila com o olhar — *sua menina preguiçosa e inútil* —, depois enche um com água da torneira. Observo-o beber e conto os segundos até sua raiva se reabastecer, mas depois de esvaziar o copo ele apenas se apoia na bancada, sem energia.

— Você não sabe mesmo por que estou aqui? — pergunta.

Faço que não com a cabeça enquanto ele me encara fixamente. Não o vejo desde o Natal, quando me contou sobre Taylor Birch. Ao longo dos meses, houve uma mudança nele, seu rosto se alterou de certa forma.

Procuro até encontrar: os óculos. São sem armação agora, praticamente invisíveis. Sinto um aperto no coração ao imaginá-lo mudando algo tão importante sem me contar.

— Vim para cá direto de um evento de professores de Browick — diz ele. — Ou um evento beneficente. Ah, que inferno, sei lá o que era. Eu nem ia. Você sabe como eu detesto essas coisas, mas pensei que mais uma noite enfiado dentro de casa poderia ser o meu fim. — Ele suspira e esfrega os olhos. — Estou de saco cheio de ser tratado como um leproso.

— O que aconteceu?

Ele baixa a mão.

— Eu estava sentado com alguns colegas, incluindo Penelope. — Ele examina meu rosto em busca de uma reação, repara em como eu respiro fundo. — Está vendo, você sabe o que eu vou dizer. Não banque a sonsa comigo. Não...

Ele espalma as mãos na bancada e dá um passo largo na minha direção com as mãos estendidas como se fosse me segurar pelos ombros, então se detém e cerra os punhos.

As cortinas estão escancaradas, a necessidade de nos proteger tão arraigada em mim que não consigo pensar em mais nada, que alguém passando na rua poderia olhar para cima e ver direitinho lá dentro. Quando me mexo para fechá-las, ele agarra meu braço.

— Você contou para o marido dela — diz ele. — Seu professor. Disse para ele que eu estuprei você.

Ele me solta e me empurra ao mesmo tempo. Não com força, mas o suficiente para me fazer cambalear para trás e cair na lata de lixo que deveria estar debaixo da pia, mas está no meio da cozinha há só Deus sabe quanto tempo. Caio no chão e a coifa acima do fogão chacoalha como nos dias de ventania. Strane não se move enquanto eu me levanto. Pergunta se me machuquei.

Nego com a cabeça.

— Está tudo bem — digo, embora meu cóccix esteja dolorido. Torno a olhar para a janela, para a plateia vidrada de testemunhas que imagino haver lá fora no escuro. — Por que ela estava falando com você sobre mim? A mulher dele, quer dizer. Penelope.

— Ela não disse nada sobre você. Foi o marido. Foi o marido dela que passou uma hora e meia me fuzilando com o olhar e depois me seguiu até o banheiro...

Algo se desequilibra dentro de mim e tomba subitamente.

— Henry estava lá? Você encontrou com ele?

Strane para, pego desprevenido pelo modo como eu digo o nome de outro homem, igual a como eu suspiro após o sexo. Por um instante, seu rosto desaba.

— O que ele falou? — pergunto.

E com isso ele volta a ficar rígido, testa franzida e olhos chismando.

— Não — diz ele categoricamente. — Quem faz as perguntas aqui sou eu. Você vai me dizer por que fez isso. Por que se sentiu compelida a dizer a um homem cuja esposa trabalha comigo que eu estuprei você? — A voz dele engasga no *estuprei*, a palavra tão repulsiva que lhe dá ânsias. — Me diga por que fez isso.

— Eu estava tentando explicar o que aconteceu quando saí de Browick. Sei lá. Escapou.

— Por que você precisaria explicar isso para ele?

— Ele disse alguma coisa sobre ter dado aula num colégio interno, então falei que tinha estudado em um, ele comentou que conhecia uma pessoa que trabalhava em Browick. Surgiu naturalmente, ok? Eu não contornei o assunto para contar.

— Quer dizer que alguém menciona Browick e você imediatamente começa a matraquear sobre estupro? Pelo amor de Deus, Vanessa, qual é o seu problema?

Vou me encolhendo enquanto ele continua falando. Será que eu não entendo o que esse tipo de acusação poderia fazer com ele? É uma calúnia, literalmente um crime, o suficiente para derrubar qualquer homem, quanto mais um que já está por um fio. Se as pessoas erradas ficassem sabendo disso seria o fim, ele seria jogado na prisão para o resto da vida.

— E você sabe disso. É essa parte que não consigo entender. Você sabe o que uma acusação poderia fazer comigo, mas mesmo assim... — Ele ergue as mãos. — Não consigo entender isso, a dissimulação que isso exige, a crueldade.

Quero me defender, mas não sei se ele está dizendo alguma coisa errada. Mesmo a primeira palavra tendo escapulado por acidente, eu nunca a corriji. Mantive a mentira, mostrei a Henry as dezenas de ligações perdidas, deixei-o chamar Strane de “iludido” e o que ele faz de “inaceitável”, tudo porque eu queria parecer ferida e delicada, uma menina merecedora de carinho. Mas penso também nos memorandos que Strane

escreveu para encobrir o próprio rastro. Na época, eu não prestei atenção, fiz o melhor que pude para seguir sua orientação, e ele não viu problema algum em me deixar passar pela menina perturbada a fim do professor, mesmo sabendo o que causaria em mim. Se eu sou dissimulada e cruel, ele também é.

— Por que você esperou meses para me contar o que aconteceu com aquela menina? — pergunto.

— Não — diz Strane. — Não tente virar isso contra mim.

— Mas é disso que se trata, não é? Você está puto porque já está encenado por ter passado a mão em outra menina...

— Passado a mão? Nossa, que expressão.

— É assim que se diz quando alguém toca uma criança.

Ele pega o copo de plástico e abre a torneira.

— Não dá para conversar quando você está desse jeito, decidida a me pintar como vilão.

— Desculpe — digo. — É meio difícil evitar.

Ele bebe e enxuga a boca com as costas da mão.

— Tem razão. É fácil me fazer parecer um homem malvado. É a coisa mais fácil do mundo. Mas isso é tão culpa sua quanto minha. A menos que tenha de fato se convencido de que eu estuproi você. — Ele joga o copo ainda pela metade dentro da pia e se apoia na bancada. — Estuprada e se contorcendo de tanto gozar. Porra, dá um tempo.

Cerro os punhos, cravo as unhas nas palmas das mãos e forço meu cérebro a permanecer no recinto, a permanecer dentro do meu corpo.

— Por que você não quis ter filhos?

Ele se vira.

— Oi?

— Você tinha trinta e poucos quando fez vasectomia. Era muito novo.

Ele pisca enquanto tenta lembrar se algum dia me disse quantos anos tinha quando foi operado, enquanto tenta entender como eu poderia saber se ele nunca me contou.

— Eu vi sua ficha médica — digo. — Quando trabalhei no hospital durante o ensino médio, encontrei sua ficha no arquivo.

Ele começa a avançar na minha direção.

— As anotações do médico diziam que você foi enfático sobre não querer ter filhos.

Ele chega mais perto, obrigando-me a recuar para dentro do meu quarto.

— Por que está me perguntando isso? — pergunta ele. — O que está tentando insinuar?

No quarto, minhas panturrilhas batem na lateral da cama. Eu não quero responder. Não sei como dizer. Não é uma única pergunta, mas uma névoa de coisas indizíveis: não entendo por que ele tocou em outra menina do mesmo jeito que me tocou se não a desejava do mesmo jeito que me desejou; por que suas mãos tremeram quando ele me entregou o pijama estampado de morangos, como se ao me dar aquilo estivesse revelando algo que passara a vida inteira tentando esconder; quando me pediu que o chamasse de papaizinho ao telefone, o que tinha parecido um de seus testes. Eu obedeci porque não queria fracassar, não queria ser preconceituosa nem me escandalizar, e depois ele desligou assim que possível, como se houvesse revelado coisas demais sobre si. Naquela noite, eu senti a vergonha pulsar dentro dele. Sua vergonha tinha viajado pelo telefone até chegar dentro de mim.

— Não me transforme num monstro só porque está procurando uma saída — diz ele. — Você sabe que não é isso que eu sou.

— Eu não sei o que eu sei — digo.

Ele me lembra do que eu fiz. Não é justo me considerar isenta de culpa nisso tudo. Fui eu quem voltou, quem apareceu à porta da casa dele depois de dois anos separados. Eu poderia ter esquecido ele, tocado minha vida.

— Por que voltou se eu te machuquei? — pergunta ele.

— Não parecia ter acabado — respondo. — Eu ainda me sentia ligada a você.

— Mas eu não incentivei você, nem mesmo quando me ligou. Disso você se lembra? Sua vizinha saindo da secretária eletrônica. Fiquei ali parado, não me permiti fazer nada. — Ele então começa a chorar como numa deixa e seus olhos avermelhados se enchem de lágrimas. — Eu não fui cuidadoso? — pergunta. — Sempre checando se você estava bem?

— Sim, você foi cuidadoso.

— Foi uma luta para mim. Você não tem ideia. Mas você era tão segura... Sabia o que queria. Lembra? Você me pediu que te beijasse. Eu tentei ter certeza de que você queria mesmo. Ficava irritada comigo, mas mesmo assim eu me certificava.

Lágrimas escorrem pelas suas bochechas e somem dentro da barba, e eu tento me aprumar em meio ao amolecimento que toma meu corpo ao vê-lo chorar.

— Você disse sim — diz ele.

Aquiesço.

— Eu sei.

— Então quando foi que eu estuprei você? Me diga quando foi que eu fiz isso. Porque eu tenho... — Ele sorve uma inspiração trêmula e esfrega a base das mãos nos olhos. — Eu tenho tentado, mas não consigo entender...

Ele se deita na cama ao meu lado e esconde o rosto em mim, respirações úmidas e entrecortadas junto ao meu peito até essa sensação diminuir e ser substituída por outra, sua boca se mover para o meu pescoço, suas mãos erguerem a saia do meu vestido. Eu o deixo fazer o que quer — tirar tudo, me estender na cama —, apesar de todos os lugares que ele toca doerem. Ele abre minhas pernas, enterra o rosto em mim e meus olhos e minhas bochechas estão cheios de lágrimas. Daqui a dois dias é meu aniversário. Vou fazer vinte e dois anos. Sete anos da minha vida definidos por isso. Quando olho para trás, não vejo mais nada.

Bem no meio de tudo, ouço o portão do prédio se abrir e dois pares de passos subirem pesadamente a escada. A risada de Bridget sobe pelo vão, o barulho de alguém tropeçando.

— Tudo bem? — pergunta um menino enquanto a porta do apartamento se abre. — Preciso carregar você?

— Estou muito bêbada — diz Bridget. Sua risada enche a sala. — Estou bêbada, bêbada, bêbada!

Ouve-se o barulho de chaves caindo no chão, o menino a seguindo até o quarto, a porta batendo. Tento me ater ao som da risada dela, mas ela liga a música tão alto que, mesmo se eu gritasse, eles não iriam escutar.

Enquanto Strane continua me chupando, parte de mim sai do quarto e vai até a cozinha, onde o copo no qual ele bebeu está virado para baixo na pia. A torneira pinga; a geladeira murmura. A gatinha vem da sala querendo colo. Em pé junto à janela, a parte separada de mim pega a gata no colo e observa a rua vazia lá embaixo. Começou um temporal, o brilho laranja do poste da rua ilumina as camadas de chuva, e a parte separada de mim a observa cair, murmurando baixinho consigo mesma para abafar os sons vindos do quarto. De vez em quando ela prende a respiração e escuta para verificar se ainda está acontecendo. Quando ouve a estrutura de metal

da cama ranger e o choque de pele contra pele, aperta mais a gatinha e se volta para a chuva.

* * *

De manhã, Strane desce para comprar cafés na loja de bagels. Fico sentada na cama, segurando minha caneca fumegante e com o olhar perdido a meia distância enquanto ele narra em detalhes tudo que aconteceu no evento de Browick: pais, ex-alunos e professores bebendo vinho e comendo canapés no auditório. Ele reparou que Henry o estava fuzilando com os olhos, mas não deu importância a isso até ir mijar e encontrá-lo depois à sua espera no corredor, feito um bêbado atrás de briga num bar.

— Ele me falou que tínhamos uma aluna em comum — diz Strane. — Aí citou seu nome. Disse que sabia que eu estava te importunando e me empurrou contra a parede. Disse que sabia o que eu tinha feito com você. Me chamou de estuprador. — Depois de pronunciar a palavra, ele une os lábios e inspira fundo. Levo o café à boca e tento imaginar Henry tão fora de controle assim. — Você deveria mesmo esclarecer as coisas com ele.

— Vou fazer isso.

— Porque se ele contar para a esposa...

Strane balança a cabeça e bebe um gole de café.

— Eu também deveria dizer que sei sobre o blog que você anda escrevendo.

Pisco, sem entender. Ele diz que viu o blog no meu computador. Dou uma olhada no quarto e não o encontro em lugar nenhum. Continua em cima da mesa de centro. Será que ele se levantou durante a noite? Não, explica ele. Foi uns dois anos atrás. Faz anos que ele sabe sobre o blog.

— Sei como você sempre teve uma tendência para a confissão — diz ele. — E esse parecia um jeito inofensivo de você satisfazer essa necessidade. Eu costumava verificar de vez em quando, só para ter certeza de que você não estava usando meu nome, mas na verdade tinha esquecido o blog até recentemente. Deveria ter pedido que você o tirasse do ar em dezembro, quando essa besteira de denúncia de assédio começou.

Balanço a cabeça.

— Não acredito que você sabia e não falou nada.

Ele confunde minha incredulidade com um pedido de desculpas.

— Não faz mal. Eu não estou com raiva. — Mas ele quer que eu me livre do blog. — Acho que é um pedido razoável.

Terminados os cafés, eu o sigo até a sala sentindo-me fora do meu corpo, fora da minha mente. A porta de Bridget ainda está fechada; é cedo o suficiente para ela ainda demorar horas para levantar. Strane aponta para a gatinha enroscada no sofá.

— De onde saiu isso?

— Da lata de lixo no beco.

— Ah. — Ele sobe o zíper do casaco e enfia as mãos nos bolsos. — Sabe, para ser justo, acho que você deve ter tocado sem querer em algum ponto sensível desse tal professor. Imagino que em alguma medida a reação dele tenha a ver com o próprio casamento. Questões mal resolvidas nessa área.

— Como assim?

— Penelope foi aluna dele. Na faculdade, não no ensino médio, mas mesmo assim... Ela é só alguns anos mais velha do que você e ele tem o quê... quase quarenta? Acho que ela contou que os dois ficaram juntos quando ela estava com dezenove. Se eu estivesse mais preparado, teria assinalado essa hipocrisia. Isso provavelmente teria calado a boca dele.

Talvez se ele não tivesse acabado de me contar que sabia sobre o blog havia anos, ou se eu não estivesse tão enjoada e dolorida por causa da noite anterior, ouvir isso teria me chocado. Mas estou tão exausta que me recosto na parede e rio. Rio tanto que fica difícil respirar. Claro que ela era aluna dele. Claro.

Strane me observa com as sobrancelhas arqueadas.

— Isso é engraçado?

Nego com a cabeça. Entre uma risada e outra, respondo:

— Não, nem um pouco.

Sigo-o pela escada até o portão do prédio, e antes de ele sair pergunto se ainda está bravo comigo por tê-lo chamado de estuprador, por ter aberto a boca. Imagino-o estalando a língua de leve ou me dando um beijo na testa. *É claro que não.* Em vez disso, ele pensa por alguns instantes e então diz:

— Mais triste do que bravo.

— Triste por quê?

— Bom — diz ele —, porque você mudou.

Apoio a palma da mão na porta.

— Eu não mudei.
— É claro que mudou. Você amadureceu demais para mim.
— Isso não é verdade.
— Vanessa. — Ele segura meu rosto. — A gente precisa acabar com isso. Pelo menos por um tempo. Está bem? Não está sendo legal para nenhum dos dois.
Fico tão atônita que simplesmente continuo parada e o deixo segurar meu rosto.
— Você precisa criar uma vida para si mesma — diz ele. — Uma vida que não seja tão focada em mim.
— Você disse que não estava bravo.
— E não estou. Olhe para mim, eu não estou.
É verdade: ele não parece nada bravo e seus olhos estão calmos por trás dos óculos sem armação.

* * *

Passo duas semanas sem sair de casa, acampada em frente à televisão com Minou enroscada ao meu lado. Vejo a coleção inteira de DVDs de *Twin Peaks*, depois recomeço e torno a assistir a alguns episódios de novo e de novo. Às vezes Bridget assiste comigo, mas quando volto nas cenas de violência e gritos, aquelas nas quais o mocinho é dominado por um espírito sádico que o leva a estuprar e assassinar adolescentes, ela vai para o quarto e fecha a porta.

Durante essas semanas, no noticiário, uma menina de quatorze anos chamada Katrina desaparece no Oregon. Bonita, branca e fotogênica, seu rosto aparece por toda a parte e as manchetes se confundem com o seriado. “Quem raptou Katrina?” “Quem matou Laura Palmer?” As duas foram vistas pela última vez fugindo apavoradas e desaparecendo num bosque de pinheiros. O responsável óbvio pelo desaparecimento de Katrina é o pai, de quem ela não é próxima, que possui um histórico de doença mental e de quem não se tem notícias há semanas. Em comparação com as dezenas de fotos que a imprensa tem de Katrina, eles usam apenas uma única imagem do pai, uma fotografia dele descabelado de quando foi fichado por dirigir bêbado. Os dois acabam sendo encontrados na Carolina do Norte, morando num chalé sem luz elétrica nem água corrente. Quando o pai é preso, a

declaração dele que publicam é: “Estou feliz por tudo isso ter finalmente acabado.” Mais tarde, surgem outros detalhes: como Katrina ficou fragilizada durante o período em que permaneceu foragida, que quando estava morando no chalé foi obrigada a sobreviver comendo flores silvestres. Sozinha na sala iluminada pela luz azul da TV, balbucio coisas terríveis demais para qualquer pessoa escutar: aposto que uma parte dela adorou e nunca quis ser encontrada.

Bridget se aventura a sair do quarto e me encontra chapada de maconha no sofá, tossindo de tanto chorar. Ela dá comida à gata, recolhe minhas garrafas vazias, deixa a conta de luz na mesa de centro junto com a sua metade e um envelope carimbado e endereçado. Ela sabe que alguma coisa ruim aconteceu na noite em que Strane veio, mas me dá espaço para lidar com aquilo sozinha. Ela não pergunta, não quer saber.

Para: vanessa.wye@atlantica.edu
De: henry.plough@atlantica.edu
Assunto: Ausência das aulas

Está tudo bem, Vanessa? Senti sua falta na aula hoje. Henry

Para: vanessa.wye@atlantica.edu
De: henry.plough@atlantica.edu
Assunto: Preocupado

Estou começando a ficar preocupado aqui. O que está acontecendo? Pode me ligar se for mais fácil do que escrever. Ou a gente pode se encontrar fora do campus. Estou preocupado com você. Henry

Para: vanessa.wye@atlantica.edu
De: henry.plough@atlantica.edu
Assunto: Preocupação séria

Vanessa, mais uma falta e eu vou ser obrigado a dar zero ou então dizer que você abandonou a matéria no meio. Estou disposto a dizer que você abandonou e a gente encontra um jeito de compensar o que ficou faltando, mas você precisa preencher um formulário. Pode vir amanhã? Não estou zangado, só muito preocupado. Por favor, me avise. Henry

* * *

Quando apareço à sua porta, Henry sorri.

— Até que enfim. Eu estava superpreocupado. O que houve com você?

Encostada no batente da porta, encaro-o fixamente. Estava esperando uma onda de desculpas assim que ele me visse. É inconcebível que ainda não tenha feito a ligação. O evento em Browick foi três semanas atrás, não o suficiente para esquecer.

Ergo o formulário de desistência da matéria.

— Pode assinar isto aqui?

Ele inclina a cabeça para trás, surpreso.

— A gente provavelmente deveria conversar primeiro.

— Você disse que eu ia tirar zero.

— Você não tem vindo às aulas — diz ele. — Eu precisava chamar sua atenção de algum jeito...

— Quer dizer que você me manipulou? Ótimo. Que maravilha.

— Pare com isso, Vanessa. — Ele ri como se eu estivesse sendo ridícula. — O que está acontecendo?

— Por que você fez aquilo?

— Por que eu fiz o quê?

Ele se balança para a frente e para trás na cadeira, observando-me com uma casualidade falsa. Parece uma criança sendo flagrada mentindo.

— Você atacou ele.

Ele para de se balançar.

— Ficou esperando do lado de fora do banheiro e o agarrou...

Ao ouvir isso, ele se levanta num pulo e fecha a porta da sala com um empurrão tão forte que a porta bate. Estende as mãos como se tentasse me acalmar.

— Olhe aqui — diz. — Desculpe. É óbvio que eu não deveria ter feito o que fiz. Não tem desculpa para isso. Mas eu não ataquei o cara.

— Ele disse que você o empurrou contra a parede.

— Como é que eu ia fazer isso? O cara é imenso.

— Ele disse...

— Vanessa, eu mal toquei nele.

Quando ouço isso, um nó se forma na minha garganta. *Eu mal toquei nele. Eu só encostei nela.* Ambos querem dizer basicamente que estou tendo uma reação exagerada, que estou decidida a pintar aqueles homens como vilões.

A Henry eu pergunto:

— Por que você nunca me falou da sua esposa? Devia saber que eu ia acabar sacando que era ela quem trabalhava lá.

Ele pisca, surpreso com a mudança de assunto.

— Eu sou reservado. Não gosto de divulgar minha vida pessoal para os alunos.

Mas isso não é verdade. Eu sei várias coisas pessoais sobre ele, detalhes que ele mesmo me contou: onde foi criado, que seus pais nunca se casaram, que sua irmã foi machucada por alguém mais velho do mesmo jeito que Strane me machucou. Sei quais eram suas bandas preferidas no ensino médio e as preferidas do momento, sei que ele teve um colapso nervoso na faculdade, que perdeu doze créditos de matérias num único semestre. Sei quanto tempo ele leva para ir de carro de casa até o campus, e que ao corrigir os trabalhos ele separa o meu para quando sua mente está exausta e ele precisa de um descanso. É só sobre a esposa que eu não sei nada.

— Casar-se com uma das suas alunas é bem perturbado, sabia? — digo.

Ele deixa a cabeça pender e inspira fundo. Já sabia que isso viria à tona.

— As circunstâncias foram totalmente diferentes.

— Você era professor dela.

— Professor universitário.

— Grande diferença.

— É diferente — diz ele. — Você sabe que é.

Quero dizer a ele a mesma coisa que falei para Strane: que eu não sei o que sei. Meses atrás, escrevi sobre como era diferente com Henry, que dessa vez ninguém iria tirar vantagem de mim. Essa diferença agora parece sutil demais para identificar. Preciso de alguém para me mostrar a linha que deve separar vinte e sete anos mais velho de treze, professor do ensino médio de professor universitário, criminoso de socialmente aceitável. Ou talvez eu deva absorver a diferença nesse caso. Com bem mais de dezoito anos, agora estou apta para o jogo, sou adulta e já passei da idade do consentimento.

— Eu deveria denunciar você pelo que fez com ele — digo. — A faculdade deveria saber que tipo de gente trabalha aqui.

Isso toca em um ponto sensível e seu rosto enrubesce quando ele praticamente berra:

— Denunciar *a mim*? — E por um instante vejo a raiva que ele deve ter despejado em cima de Strane. Mas então, consciente das vozes passando

do outro lado da porta fechada da sala, ele retoma num sussurro: — Vanessa, você sabia o que aquele homem tinha feito com a outra menina e me deixou com cara de idiota quando contei. Aí aparece aqui me dizendo que ele está te importunando, machucando você. O que esperava?

— Ele não fez *nada* com aquela menina — digo. — Tocou no joelho dela, grandes merdas.

Os olhos de Henry percorrem meu rosto e sua raiva se dissipa. Suavemente, como se estivesse falando com uma criança, ele me diz que ouviu outra coisa, que Strane fez muito mais do que tocar no joelho dela. Não dá mais explicações e eu também não pergunto. De que adianta? É impossível conversar sobre isso e tentar só faz você parecer maluca, num minuto dizendo que foi estupro e no outro esclarecendo *Bom, não foi estupro estupro*, como se isso servisse para alguma coisa exceto confundir a situação.

— Vou embora — digo.

Henry estende a mão para mim, mas para antes de me tocar. De repente, ele fica nervoso, talvez com medo de que eu o denuncie. Quero mesmo que ele assine aquele formulário de desistência? É só eu voltar às aulas. Faltam duas semanas. Vamos esquecer as faltas.

— Só quero que você fique bem — diz ele.

* * *

Mas eu não estou bem. Depois disso, passo dias andando de um lado para outro, atordoada, sem me livrar da sensação de ter sido violentada. Durante uma reunião com minha orientadora, ela pergunta como estou, imaginando que eu vá dar minha resposta indiferente habitual. Em vez disso, começo a narrar uma versão do que aconteceu. Tento ser vaga porque não quero incriminar Strane, então a história acaba saindo toda remendada e sem sentido, e me faz parecer maluca.

— É de Henry que estamos falando? — pergunta minha orientadora com uma voz que mal passa de um sussurro; as paredes da sala são finas. — Henry *Plough*?

Ele trabalha lá há menos de um ano e já tem a reputação de ser um homem íntegro.

Unindo as mãos, minha orientadora escolhe com cuidado as palavras ao dizer:

— Vanessa, ao longo dos anos eu percebi pelas coisas que você escreve que algo aconteceu com você no ensino médio. Acha que talvez seja isso que esteja abalando você agora?

Ela aguarda e suas sobrancelhas se erguem como se me incitassem a concordar. Acho que é esse o custo de contar, mesmo disfarçado de ficção: depois que você conta, é a única coisa a seu respeito com que qualquer pessoa vai se importar. Isso define você, quer queira, quer não.

Minha orientadora sorri, estende a mão e me dá um tapinha no joelho.

— Agente firme.

Quando estou saindo da sala dela, pergunto:

— Você sabia que ele se casou com uma aluna?

A princípio, acho que joguei uma bomba em cima dela. Então ela assente. Sim, sabia. Ergue as mãos num gesto de impotência.

— Às vezes acontece — diz.

* * *

Eu digo a Henry que o perdoo, muito embora ele nem sequer peça desculpas de verdade. Passa o resto do semestre se esforçando para que tudo permaneça igual. Tenta se apoiar em mim durante a aula como fazia antes, mas não tenho nada a dizer, e na sua sala sou esquiva e evasiva conforme ele testa formas diferentes de me trazer de volta. Diz que eu sou a melhor aluna que ele já teve (*Melhor do que sua esposa?*, penso), que ele só fez o que fez com Strane por causa de quanto gosta de mim. Mostra-me a carta de recomendação que já escreveu para minhas candidaturas à pós, duas páginas e meia com espaçamento simples sobre como eu sou especial. Então, na última semana de aula, ele pede que eu vá à sua sala. Uma vez lá dentro, fecha a porta e diz que precisa confessar uma coisa: ele costumava ler meu blog. Passou meses lendo antes de eu desativá-lo.

— Fiquei preocupado quando o blog sumiu de uma hora para outra e você parou de ir às aulas — diz. — Não sabia o que pensar. Acho que até hoje não sei.

Pergunto como descobriu o blog e ele responde que não lembra. Talvez tenha pesquisado meu endereço de e-mail ou então alguma palavra-chave,

não sabe ao certo. Imagino-o curvado sobre o laptop tarde da noite, a esposa dormindo em outro cômodo enquanto ele digita meu nome no campo de pesquisa, fuçando até me encontrar. É o tipo de coisa sobre o qual passei o ano inteiro fantasiando, uma confirmação de que eu tinha invadido sua vida. Agora que a confirmação se prova verdadeira, meu estômago se revira, fico enjoada.

Ele diz que lia o blog para ver como eu estava. Que se preocupava comigo.

— E como você parecia ter estabelecido um vínculo tão forte — diz ele —, eu queria ficar de olho nisso também.

— Vínculo forte com o quê?

Henry arqueia uma sobrancelha como quem diz *Você entendeu*. Quando apenas o encaro de volta, ele diz:

— Comigo.

Não digo nada e ele parte para a defensiva:

— Eu me enganei ao pensar isso? — pergunta. — Você foi com tanta sede ao pote. Isso me sobrecarregou.

Encaro-o boquiaberta, sem entender a princípio — ele não tinha me escolhido da mesma forma que eu a ele? —, mas a incompreensão se dissipa e se transforma em vergonha, porque provavelmente foi isso mesmo que eu fiz. Como já tinha feito no passado.

— Quer dizer que é assim que lida com as alunas que você acha que estão a fim de você? — pergunto. — Bisbilhota elas na internet?

— Eu não bisbilhotei você. O blog era público.

— O que você achou que eu fosse fazer, entrar correndo aqui e me jogar em cima de você?

— Eu não sabia mesmo — diz ele. — Depois que me contou sobre você e o tal professor, comecei a questionar quais eram suas intenções.

— Não precisa chamá-lo de “o tal professor” — digo. — Claramente sabe o nome dele.

Henry comprime os lábios e gira a cadeira de frente para a janela. Fica assim por tanto tempo, encarando o pátio lá fora, que eu acho que ele terminou, mas quando avanço em direção à porta, ele diz:

— Eu não disse isso para constranger você.

Paro com a mão na maçaneta.

— Pensei que lhe contar pudesse criar uma brecha para sermos honestos um com o outro. Porque eu acho que talvez tenha coisas que você

queira me contar. — Ele gira de volta para mim. — E deveria saber que eu escutaria qualquer coisa que você quisesse dizer.

Balanço a cabeça.

— Eu não sei do que você está falando.

— Com base no que eu li — diz ele —, acho que talvez você queira me dizer alguma coisa.

Penso nos posts que escrevi sobre ele, nas minhas descrições de sentir por ele um desejo tão forte que fazia meu corpo inteiro doer, nos comentários que apareciam às vezes no meio da noite... Seriam dele? Engulo a saliva com força, sentindo as pernas e as mãos tremerem. Até meu cérebro treme.

— Se você já leu, por que precisa que eu diga? — pergunto.

Ele não responde, mas eu sei por quê. Porque precisa saber que estou disposta. Igual a Strane insistindo para eu vocalizar o que queria com o intuito de transferir o fardo da culpa. *Conversar sobre isso é o único jeito de eu conseguir suportar a mim mesmo, Vanessa. Eu nunca teria feito aquilo se você não quisesse tanto.*

— Você é um enigma — diz Henry. — Impossível de entender.

Mais uma vez tenho a sensação de que poderia tocá-lo e ele deixaria. Se eu colocasse as mãos nele, ele pularia para a frente como se o tivessem soltado de uma jaula. *Até que enfim*, diria. *Eu queria isso desde que conheci você, Vanessa.* Imagino o futuro, o ano seguinte, eu trabalhando como sua assistente e nós dois trancados na sala dele, o caso longo e inevitável. Ainda não fui para a cama com ninguém além de Strane, mas posso facilmente imaginar como Henry seria. Seu corpo pesado, a respiração ofegante, o maxilar flácido.

E então a bruma se dissipa, minha visão clareia, e ele é repulsivo, sentado ali tentando arrancar de mim uma confissão. Minha vontade é dizer: *Você é casado. Qual é o seu problema, porra?*

Digo-lhe que, no fim das contas, não vou ficar em Atlantica no ano que vem.

— É melhor você dar o cargo de assistente para outra pessoa.

Piscando, surpreso, ele pergunta:

— E a pós? Ainda vai se candidatar?

Olho para a frente e também enxergo isso: outra sala de aula, outro homem na cabeceira da mesa de trabalho lendo meu nome na chamada, me

absorvendo com o olhar. Essa perspectiva me deixa tão cansada que tudo em que consigo pensar é: *Prefiro morrer a passar por isso outra vez.*

* * *

Um dia antes da formatura, Henry me leva para um almoço de despedida e me dá um romance de uma das irmãs Brontë, referência a uma piada interna que nós tínhamos, com uma dedicatória que ele assina *H.* Depois que me mudo de Atlantica, o nome dele aparece na minha caixa de entrada de seis em seis meses, ou algo assim, e toda vez sinto um frio na barriga. Depois de algum tempo, nos adicionamos no Facebook e eu espio a vida que passei tanto tempo imaginando: fotos de Penelope e da filha do casal, do cabelo agora grisalho e do rosto envelhecido de Henry, e cada ano que passa o deixa mais parecido com Strane. Enquanto isso, o tempo me torna cínica, desconfiada. Eu me dispo da fantasia e digo a mim mesma que, quando nos conhecemos, Henry estava entediado e perdendo a juventude; eu era jovem e o adorava. Um homem mais velho usando uma menina para se sentir melhor em relação a si mesmo; como é fácil a história virar um clichê sem o efeito suavizador do romantismo.

Num determinado ano, ele me escreve no meu aniversário, um e-mail enviado às duas da manhã. Lembro-me de você como uma das minhas melhores alunas, escreve ele, e sempre vou me lembrar. Começo a responder Henry, para início de conversa, o que isso quer dizer? Mas me contenho, deleteo o e-mail dele e crio um filtro para mandar todos os outros direto para a lixeira.

Uma das minhas melhores alunas. É um elogio estranho vindo de um homem que já transformou uma aluna em esposa.

* * *

Depois de se formar na Atlantica, Bridget volta para Rhode Island e leva a gata. Eu me candidato a todos os empregos de secretária/recepcionista/assistente de Portland e o governo do estado do Maine é o único que me liga. É um emprego administrativo no Serviço de Proteção à Infância, dez dólares por hora, só que na verdade está mais para nove depois de descontada a contribuição sindical. Durante a entrevista, a

mulher me pergunta como vou lidar com a leitura de descrições de abuso infantil o dia inteiro, todos os dias.

— Vou ficar bem — digo. — Não tenho experiência com isso.

Encontro um apartamento funcional no centro da cidade. Quando me deito na cama, fico vendo os petroleiros e os navios de cruzeiro atravessarem a baía. O trabalho é mentalmente anestesiante e só tenho dinheiro para comer uma vez por dia se quiser pagar o aluguel, mas digo a mim mesma que é só por um ano, talvez dois, até eu me organizar direito.

No trabalho, fico processando fichas com fones nos ouvidos, e é como estar de volta ao arquivo do hospital, as mesmas caixas metálicas e adesivos coloridos, meu cabelo balançando com o vento do ar-condicionado. Só que essas fichas contêm histórias de terror piores do que câncer, piores até do que a morte. Descrições de crianças encontradas dormindo em camas cobertas por uma crosta de merda, de bebês cobertos de lesões por terem tomado banho de água sanitária. Tento não me demorar nas fichas. Ninguém me diz especificamente para não olhar, mas me refestelar naqueles detalhes parece invasivo de um jeito que ler sobre homens com pau mole nunca seria. As fichas de algumas crianças consistem em várias pastas de papel pardo com documentos intermináveis: audiências no tribunal, narrativas de assistentes sociais, provas escritas de abuso.

Deparo-me com o caso de uma menina que tem uma ficha composta por dez pastas abarrotadas e unidas com elásticos. Pedacos de cartolina roxa desbotada e páginas de um livro de colorir despontam de uma das pastas, coisas de criança. Um dos desenhos parece ser uma árvore genealógica em versão infantil, o outro pedaço de cartolina é uma descrição do que a menina quer numa família. *Precisa-se de mãe e pai, um cachorro e um irmão mais novo.* E na parte inferior do papel, escrito em letras imensas: *POR FAVOR, GENTE HIPÓCRITA NÃO.*

Atrás disso há uma carta manuscrita num papel branco simples, a caligrafia miúda, feminina e adulta. Não consigo me conter e olho. É da mãe da menina, três páginas frente e verso pedindo desculpas. Nomes de vários homens são citados, explicando quem ainda faz parte da vida dela e quem não, e de onde estou lendo os documentos — em pé em frente ao gaveteiro, abrindo-o só um pouco, sem querer que ninguém me flagre olhando tão de perto — só consigo ver metade das páginas.

Se eu soubesse que estavam abusando de você, escreve a mãe, ainda mais abusando sexualmente, eu nunca teria... O resto da frase está escondido. Na última página da carta, a mãe assina *Com oceanos de amor, mamãe*. Debaixo de *oceanos de amor* há o desenho do rosto de uma menina chorando e as lágrimas se acumulam numa poça com uma seta apontada que diz *oceano*.

* * *

Strane só me visita em Portland uma vez. Tem mesmo que ir por causa de um workshop de desenvolvimento, e fico nervosa demais para perguntar se ele tem planos de passar a noite na cidade. Quando ele chega, eu lhe mostro meu apartamento minúsculo, louca para ele comentar como está tudo limpo, a louça toda lavada e guardada, o chão aspirado. Ele diz que o apartamento é aconchegante e comenta que gostou da banheira com pé. Na sala/quarto, eu faço um comentário idiota e mal disfarçado sobre a cama.

— Não é convidativa?

Faz quase um ano que não transo e preciso ser tocada, olhada. Por baixo do vestido estou sem nada, macia e lisinha, sem meia-calça. É um sinal que ele deveria entender. Passei dias imaginando o barulho que sairia da garganta dele quando reparasse que eu não estava usando lingerie.

Ele diz que precisamos ir. Fez reserva num restaurante de frutos do mar no Porto Antigo, onde pede uma caldeirada, um linguini com cauda de lagosta e uma garrafa de vinho branco. É a maior refeição que faço desde a última vez em que visitei meus pais. Enquanto encho a boca de comida, Strane me observa com a testa franzida.

— Como vai o trabalho? — pergunta ele.

— Uma merda — respondo. — Mas é temporário.

— Qual é seu plano a longo prazo?

A pergunta faz meu maxilar travar.

— Fazer pós-graduação — respondo, impaciente. — Eu já te disse.

— Você se candidatou para o outono? — pergunta ele. — Devem começar a mandar as aceitações por agora.

Faço que não com a cabeça e balanço a mão no ar.

— Vou deixar para o outono que vem. Ainda preciso resolver algumas coisas e juntar dinheiro para todas as taxas de inscrição.

Ele enrugando a testa e bebe um gole de vinho. Sabe que não é verdade, que eu não tenho plano algum.

— Você deveria estar fazendo mais do que isso — diz.

Sinto sua culpa. Está preocupado que a culpa pelo fato de o meu potencial estar sendo desperdiçado seja dele, o que provavelmente é verdade, mas se ele se sentir culpado não vai querer transar comigo.

— Você sabe como eu sou. Tenho um ritmo próprio.

Lanço-lhe meu melhor sorriso de menina que sabe o que quer, querendo lhe assegurar que aquele problema é meu, não dele.

Depois do jantar, ele me leva para casa, mas quando o convidado para entrar ele diz que não pode. Aquilo me corta ao meio e minhas entranhas se espalham pelo banco do carona. Tudo em que consigo pensar é que daqui a um mês vou fazer vinte e três anos e algum dia trinta e três, quarenta e três, e ter essa idade é tão inconcebível quanto estar morta.

— Agora sou velha demais para você? — pergunto.

Primeiro ele me fuzila com os olhos, pressentindo uma armadilha. Então repara na minha expressão sincera.

— Estou falando sério — digo.

É a primeira vez que ele olha para mim de verdade a noite toda, talvez a primeira desde aquela noite no meu apartamento em Atlantica, quando ele me confrontou sobre Henry o ter confrontado, quando talvez tenha me estuprado, mas ainda não tenho certeza.

— Nessa, eu estou tentando me comportar — diz ele.

— Mas você não precisa se comportar. Não comigo.

— Eu sei que não — diz ele. — O problema é esse.

Percebo que sempre foi assim que as coisas iriam terminar. Eu lhe dei permissão para fazer as coisas indescritíveis pelas quais ele sempre ansiou, ofereci meu corpo para a cena dos crimes e por um tempo ele se permitiu, mas no fundo não é um vilão. Ele é um homem que quer ser bom, e eu sei tão bem quanto qualquer pessoa que o jeito mais fácil de fazer isso é cortar o que torna você mau.

Com a mão na maçaneta da porta, pergunto se vou vê-lo em breve, e ele responde sim com tanta gentileza que sei que está me abandonando. Seus olhos fogem dos meus como se eu fosse a prova de algo que ele quer esquecer.

* * *

Anos passam sem ele. Meu pai tem o primeiro infarto; mamãe finalmente se forma. Numa tarde de sábado, quando estou visitando meus pais, Babe sofre um aneurisma enquanto corre pelo quintal, desaba como se tivesse levado um tiro, e papai e eu tentamos reanimá-la como se fosse humana, massageando seu peito e soprando ar no seu focinho, mas ela já se foi, o corpo frio e as patas ainda molhadas do lago. Saio do Serviço de Proteção à Infância e troco de um emprego de assistente administrativo para outro, odiando o trabalho, os escritórios estéreis, os cliques de papel, Post-its e tapetes felpudos. Quando me pego pesquisando no Google “o que fazer se o trabalho faz você pensar em suicídio”, eu me detenho, me dou conta de que essa forma de me manter viva poderia acabar me matando, e arrumo um emprego na recepção de um hotel chique. O salário é baixo, mas é um jeito de fugir do colapso iluminado por luz fria que está surgindo dentro de mim.

Há homens que nunca viram namorados, que espiam atrás da cortina e veem meu caos no sentido literal e figurado: o apartamento com um caminho estreito em meio às roupas e ao lixo que leva da cama ao banheiro; a bebida, a bebida interminável; o sexo inconsciente e os pesadelos. “Você é meio problemática”, dizem eles no início com certo humor na voz, com uma atitude de *quem sabe isso vai ser divertido por um tempo*, mas assim que começo a falar com a voz pastosa e conto a história — professor, sexo, quinze anos, mas eu gostava, sinto falta —, eles desistem. “Você tem problemas sérios”, dizem ao sair pela porta.

Aprendo que é mais fácil manter a boca fechada, ser um recipiente no qual eles se esvaziam. Num aplicativo de encontros, conheço um homem de quase trinta anos. Ele usa cardigãs e calças de veludo cotelê, já está ficando careca e tem pelos grossos no peito que despontam pela gola da camisa, bem parecido com Strane. Durante nosso primeiro encontro, eu fico quicando o pé no chão e estraçalho o guardanapo. Com as bebidas apenas na metade, pergunto:

— Será que dá para a gente cortar o papo furado e transar?

Ele se engasga com a cerveja, me olha como se eu fosse maluca, mas diz sim, claro, se é isso que você quer.

No nosso segundo encontro, assistimos a um filme com uma trama sobre padres pedófilos. Durante as duas horas, ele não repara nas minhas mãos suando frio, nos gemidos discretos que deixo escapar. Em geral, sou boa em pesquisar sobre os filmes antes, para o caso de ter algo que vá me

fazer surtar, mas com esse eu não estava preparada. Depois do filme, quando estamos descendo a Congress Street em direção ao meu apartamento, ele diz:

— Homens como esses sabem escolher as pessoas certas, não é? São verdadeiros predadores. Sabem observar um rebanho e selecionar os mais fracos.

Quando ele diz isso, eu vejo uma cena de mim mesma, quinze anos, olhar desvairado, separada dos meus pais, correndo desesperadamente por uma paisagem de tundra enquanto Strane corre atrás de mim e me envolve nos braços sem diminuir o passo. Um oceano ruge em meus ouvidos e abafa o resto das opiniões do homem sobre o filme, e eu penso *Talvez tenha sido só isso*. Eu era um alvo óbvio. Ele não me escolheu porque eu era especial, mas porque estava faminto e eu era uma presa fácil. De volta ao meu apartamento, enquanto o homem e eu transamos, saio de mim mesma de um jeito que não acontece há anos. Ele e meu corpo ficam no quarto, enquanto minha mente vaga pelo apartamento, se encolhe no sofá e encara a televisão.

Paro de responder às mensagens de texto dele e nunca mais o vejo. Digo a mim mesma que ele estava errado. Aos quinze anos, eu não era fraca. Era inteligente. Era forte.

* * *

Tenho vinte e cinco anos quando acontece. No caminho para o trabalho, de terninho e sapatilha pretos, atravesso a Congress Street e ele está ali, em pé com umas dez crianças em frente ao museu, adolescentes, alunas, a maioria meninas. Observo de longe, segurando a bolsa com força junto ao corpo. Ele conduz os alunos para dentro do museu — deve ser uma excursão, talvez para conferir a exposição de Wyeth — e segura a porta para eles entrarem, uma menina depois da outra.

Logo antes de desaparecer lá dentro, olha por cima do ombro e me vê com minhas roupas de trabalho feiasas, desbotadas e velhas. Durante anos tudo que eu quis foi ter os olhos dele fixos em mim, mas agora sinto vergonha demais do meu rosto com rugas finas e sinais de idade para dar um passo mais para perto.

Ele deixa a porta do museu se fechar e eu vou para o trabalho, me sento atrás do balcão do concierge e o imagino percorrendo as salas com as meninas de cabelo brilhante em seu encalço. Na minha mente, eu os sigo, sem perdê-los de vista. Penso que provavelmente é o que vou fazer pelo resto da vida: persegui-lo e perseguir o que ele me deu. A culpa é minha. A esta altura, eu já deveria ter superado isso. Ele nunca prometeu me amar para sempre.

Na noite seguinte, ele liga. É tarde, estou voltando do trabalho para casa, e as únicas vitrines iluminadas no centro são as dos bares e das lanchonetes que vendem fatias de pizza. A visão do nome dele na tela faz meus joelhos fraquejarem. Preciso me apoiar num prédio para atender.

Sua voz me agarra pelo pescoço.

— Eu vi mesmo você? — pergunta ele. — Ou foi um fantasma?

Ele passa a ligar toda semana, sempre tarde da noite. Conversamos um pouco sobre quem eu sou agora: o emprego no hotel, o desfile interminável de caras, a decepção recriminadora que minha mãe sente por mim, o diabetes e o coração fraco do meu pai... Mas falamos principalmente sobre quem eu era. Juntos recordamos as cenas no escritório atrás da sala de aula, na casa dele, na caminhonete parada no acostamento de uma estrada de madeireiros, no vasto descampado de arbustos de mirtilo onde eu fiquei por cima dele, no pio do chapim e no zum-zum das abelhas entrando pela janela aberta do carro. Nossos detalhes vão se somando. Ele e eu recriamos com vivacidade... até demais.

— Existe um motivo para eu não ter me permitido recordar tudo isso — diz ele. — Não me deixe perder o controle outra vez.

Eu o imagino em sala de aula, sentado atrás da sua mesa. Ele dá uma olhada nas meninas sentadas em volta da mesa de trabalho. Uma delas ergue os olhos, o flagra encarando e sorri.

— A gente pode parar — digo.

— Não. O problema é esse. Acho que não consigo parar.

Quando ele se afasta das lembranças relacionadas a mim e começa a falar sobre as meninas das suas turmas, eu o acompanho. Ele descreve a parte inferior e pálida dos braços delas quando levantam a mão, os fios de cabelo finos que escapam dos rabos de cavalo, o rubor que desce pelo pescoço quando ele lhes diz que elas são preciosas e raras. Diz que é insuportável o jeito como a beleza escorre delas. Conta que as chama para ir à sua mesa e põe a mão no joelho delas.

— Eu finjo que elas são você — diz, e minha boca fica cheia d'água como se alguém tivesse tocado um sino, assinalando um desejo enterrado há tempos.

Rolo de bruços e enfio um travesseiro entre as pernas. Continue, não pare.

2017

A matéria de Janine é publicada na semana anterior ao dia de Ação de Graças, mas não é sobre Strane. Um parágrafo introdutório mais para o início da reportagem menciona Taylor e o assédio virtual que ela sofreu. O resto é sobre o professor de um colégio interno em New Hampshire que abusou das alunas durante seus quarenta anos de carreira. Oito vítimas são apresentadas na matéria, com seus nomes verdadeiros. Há fotos atuais delas e da época em que estavam no colégio, imagens de anotações que faziam nos diários durante a adolescência, as cartas de amor do professor. Ao longo dos anos, ele usou as mesmas frases com todas as meninas, os mesmos apelidos. Você é a única que me entende, pequena. O título da matéria cita o nome do colégio interno, uma instituição reconhecível, de prestígio, o que vai garantir os acessos à matéria. É difícil não ser cínica, concluir que isso era a única coisa que importava.

Browick publica o resultado da investigação interna sobre as denúncias contra Strane, usando o tipo de linguagem incompreensível que parece servir para esconder a verdade: “Nós concluimos que, embora uma má conduta de cunho sexual possa ter ocorrido, a investigação não encontrou nenhum indício crível de abuso sexual.” Divulgam uma nota oficial reiterando o compromisso da escola em oferecer um ambiente academicamente exigente, mas seguro e cuidadoso. Afirmam que vão atualizar voluntariamente o treinamento dos docentes em relação a assédio sexual. Eis um número de telefone para qualquer pai ou mãe que estiver preocupado. Fiquem à vontade para ligar em caso de dúvida.

Enquanto leio, imagino Strane no treinamento sobre assédio sexual, irritado por ter que passar por aquilo — nada o teria mudado — com os outros professores que me viram, com aquele que me chamou de mascote do Strane, com a Sra. Thompson e a Sra. Antonova, que reconheceram as pistas, mas não protestaram quando essas pistas foram usadas como provas da perturbação emocional de uma menina. Imagino-os no treinamento, balançando a cabeça para concordar, dizendo sim, como isso é importante, nós precisamos ser os protetores dessas crianças. Mas o que eles fizeram quando confrontados com situações nas quais de fato poderiam ter feito diferença? Quando ouviram falar sobre as excursões de camping que o professor de história fazia anualmente com suas alunas,

quando orientadores levavam alunas para a casa deles? Tudo isso parece uma farsa, porque eu vi como as coisas acontecem, vi a rapidez com que as pessoas jogam as mãos para o alto e dizem *Às vezes acontece*, ou *Mesmo que ele tenha feito alguma coisa, não pode ter sido tão ruim assim*, ou *O que nós poderíamos ter feito para impedir?* As desculpas que inventamos para os outros são absurdas, mas não são nada em comparação com as que criamos para nós mesmos.

* * *

Digo a Ruby que eu pareço ter passado do luto por Strane ao luto por mim mesma. Pela minha morte.

— Parte de você morreu com ele — afirma ela. — Isso parece normal.

— Não. Parte, não — digo. — Eu inteira. Tudo em relação a mim leva a ele. Se eu eliminar o veneno não vai sobrar mais nada.

Ela afirma que não pode me deixar dizer isso sobre mim mesma quando é óbvio que não é verdade.

— Aposto que se eu tivesse conhecido você com cinco anos — diz ela —, já nessa época você seria uma pessoa complexa. Lembra-se de si mesma aos cinco anos? — Nego com a cabeça. — E aos oito? Aos dez?

— Acho que não me lembro de nada sobre mim mesma que tenha acontecido antes dele. — Rio e esfrego o rosto com as mãos. — Que deprimente.

— É verdade — concorda Ruby. — Mas esses anos não se perderam. Só foram negligenciados por um tempo. Você pode recuperar a si mesma.

— Tipo encontrar minha criança interior? Ai, meu Deus. Fala sério.

— Pode revirar os olhos se precisar, mas vale a pena. Qual é a alternativa?

Dou de ombros.

— Seguir cambaleando pela vida com a sensação de ser uma casca vazia, beber até esquecer tudo, desistir.

— Claro — diz ela. — Poderia fazer isso, mas acho que não é assim que as coisas vão terminar para você.

* * *

Vou para casa passar o dia de Ação de Graças e mamãe está de cabelo curto, acima das orelhas.

— Eu sei que ficou feio — diz ela. — Mas a quem estou tentando impressionar?

Ela leva os dedos à nuca, onde o cabelo foi raspado com máquina.

— Não está nada feio — retruco. — Você está ótima, sério.

Ela bufa e acena com desdém para mim. Está sem maquiagem e a pele nua faz as rugas parecerem parte do seu rosto, em vez de algo que ela está tentando esconder. Acima do seu lábio superior há a sombra de um bigode não depilado, e isso também lhe cai bem. Ela parece relaxada de um jeito que nunca vi. Tudo que diz é precedido por uma pausa demorada. A única coisa que me preocupa é sua magreza. Quando a abraço, ela me parece muito frágil.

— Está comendo direito? — pergunto.

Ela não parece me escutar, com um olhar perdido acima do meu ombro, a mão ainda tocando a própria nuca. Após alguns instantes, abre o congelador e pega a embalagem azul de frango frito.

Comemos o frango e as fatias grossas de torta de supermercado, e tomamos licor de café com leite em frente à televisão. Não assistimos a nenhum daqueles filmes tradicionais de fim de ano, nada piegas. Nós nos limitamos a documentários de natureza e ao programa de culinária britânico que ela citou na mensagem de texto. Quando estamos deitadas no sofá, eu a deixo enterrar os pés debaixo de mim, e não a acordo com um chute quando ela começa a roncar.

Por dentro e por fora, a casa está caindo aos pedaços. Mamãe sabe, mas parou de se desculpar por isso. Tufos de poeira margeiam os rodapés e a roupa suja transborda do banheiro, impedindo a porta de fechar. A grama está morta e marrom, mas eu sei que ela parou de cortá-la no último verão. Chama isso de “deixar virar pasto”. Diz que é bom para as abelhas.

* * *

Na manhã em que vou voltar para Portland, tomamos café em pé na cozinha e comemos pedaços de torta de mirtilo direto da embalagem. Ela espia pela janela, por entre a neve que começou a cair. Quase três centímetros já se acumularam em cima dos carros.

— Você pode ficar mais uma noite — diz ela. — Avise que não vai trabalhar, fale que a estrada está ruim demais.

— Eu tenho pneus de neve. Vai ficar tudo bem.

— Quando foi a última vez que você levou o carro para trocar o óleo?

— O carro está funcionando bem.

— Você precisa prestar atenção nisso.

— Mãe.

Ela ergue a mão. *Está bem, está bem.* Pego um pedaço de massa da torta e o esfarelo.

— Acho que vou arrumar um cachorro.

— Você não tem quintal.

— Eu levo ele para passear.

— Seu apartamento é muito pequeno.

— Um cachorro não precisa ter o próprio quarto.

Ela come um pedaço e puxa o garfo por entre os lábios.

— Você é como seu pai. Só ficava feliz quando estava coberto de pelo de cachorro.

Ficamos encarando a neve.

— Eu tenho pensado muito — diz ela.

Não desvio os olhos da janela.

— Sobre o quê?

— Ah, você sabe. — Ela suspira. — Arrependimentos.

Deixo a palavra pairar no ar. Ponho o garfo na pia e limpo a boca.

— É melhor eu arrumar minhas coisas.

— Tenho prestado atenção nas notícias — diz ela. — Sobre aquele homem.

Meu corpo começa a tremer, mas dessa vez meu cérebro continua no lugar. Ouço Ruby me dizendo para contar e respirar: inspirações compridas, expirações mais longas ainda.

— Eu sei que você não gosta de falar sobre isso — continua ela.

— Você também nunca foi muito chegada — respondo.

Ela crava o garfo na fatia irregular de torta que sobrou dentro da embalagem.

— Eu sei — diz baixinho. — Eu sei que eu poderia ter sido uma mãe melhor. Deveria ter deixado você à vontade para conversar comigo.

— A gente não precisa fazer isso — digo. — Sério, está tudo bem.

— Só me deixe dizer uma coisa. — Ela fecha os olhos para organizar os pensamentos. Inspira fundo. — Tomara que ele tenha sofrido.

— Mãe.

— Tomara que esteja apodrecendo no inferno pelo que fez com você.

— Ele machucou outras meninas também.

Os olhos dela se abrem de repente.

— Bom, eu não ligo para as outras meninas. Só para você. Para o que ele fez com você.

Deixo a cabeça pender e sugo o interior das bochechas. O que significa para ela o que ele fez comigo? Há tanta coisa que ela não pode saber: quanto tempo durou, a extensão das minhas mentiras, como facilitei as coisas para ele. Mas a pequena parte que ela de fato compreende — quando ficou sentada na sala da diretora de Browick e a ouviu dizer que eu era problemática e perturbada, e depois viu uma prova fotográfica de nós dois cair no chão — basta para uma vida inteira de culpa. Nossos papéis estão invertidos e pela primeira vez na vida minha vontade é lhe dizer para esquecer aquilo.

— Seu pai e eu costumávamos conversar de vez em quando sobre o que aquela escola fez com você — continua ela. — Acho que nenhum de nós dois tinha arrependimento maior do que o jeito como deixamos eles tratarem você.

— Vocês não deixaram — digo. — Não tinham controle.

— Eu não queria fazer você passar por um show de horrores. Quando trouxe você de volta para casa, eu pensei que o que passou passou. Eu não sabia que...

— Mãe, por favor.

— Eu deveria ter mandado aquele homem para a prisão, que era o lugar dele.

— Mas eu não queria isso.

— Às vezes eu acho que estava protegendo você. Polícia, advogados, julgamento. Não queria que eles estraçalhassem você. Outras vezes acho que eu estava só com medo. — Sua voz falha e ela leva uma das mãos à boca.

Vejo-a secar as bochechas, muito embora não estejam molhadas, muito embora ela não esteja de fato chorando porque não se permite fazer isso. Será que já a vi chorar de verdade?

— Espero que você me perdoe — diz ela.

Parte de mim sente vontade de rir, de puxá-la para um abraço. *Perdoar o quê? Mãe, está tudo bem. Olhe para mim... acabou. Está tudo bem.* Ouvir minha mãe incriminar a si mesma me faz pensar em Ruby e na frustração que ela deve sentir sentada ali, me escutando vestir o manto da culpa. Depois de algum tempo, ela desiste de repetir as mesmas frases, pois sabe que chega um ponto em que elas não têm mais importância, em que o que eu preciso não é da absolvição, mas da responsabilidade diante de uma testemunha. Portanto, quando minha mãe me pede que a perdoe, eu digo:

— É claro que eu perdoo.

Não lhe digo outra vez que ela não poderia ter impedido o que aconteceu, que a culpa não foi sua e que ela não merecia aquilo. Em vez disso, engulo essas palavras. Quem sabe em algum lugar dentro da minha barriga elas criem raízes e cresçam.

* * *

Continua nevando. Faço o que posso para desenterrar meu carro e percorrer a estradinha de terra batida, mas quando acelero o motor para subir o morro e pegar a rodovia os pneus giram em falso. Dou meia-volta e passo mais uma noite lá. Ficamos vendo na televisão os comerciais dos Jogos Olímpicos de Inverno, o jato de neve atrás de um esquiador estilo livre, um *bobsled* reluzente descendo em disparada a pista de gelo, uma patinadora artística projetando o corpo no ar com os braços cruzados e os olhos fechados com força.

— Lembra quando você patinava? — pergunta mamãe.

Tento pensar: lembranças vagas de couro branco rachado, a dor nos tornozelos depois de uma hora me equilibrando em cima das lâminas.

— Por um tempo, você não queria fazer outra coisa — diz ela. — A gente não conseguia colocar você para dentro de casa, mas eu não queria que você ficasse patinando no lago sem que eu estivesse de olho. Tinha muito medo de o gelo rachar. Seu pai saiu com a mangueira e alagou o quintal da frente. Lembra?

Tenho vagas lembranças: lembro-me de patinar após escurecer, de manobrar ao redor das raízes de árvores que atravessavam o gelo duro, de tentar reunir coragem para ensaiar um salto.

— Você não tinha medo de nada — diz mamãe. — Todo mundo pensa isso do próprio filho, mas você não tinha mesmo.

Observamos a patinadora deslizar pelo rinkue. Ela gira na ponta das lâminas dos patins e de repente fica de costas, braços abertos, rabo de cavalo batendo no rosto. Uma nova mudança de direção e está sobre uma perna só, projetando-se numa pirueta fechada, os braços agora esticados acima da cabeça e o corpo parecendo se alongar conforme a velocidade do giro aumenta.

O céu amanhece azul e a neve está tão ofuscante que os olhos doem. Espalhamos areia de gato e sal grosso na estradinha e os pneus conseguem aderência. No alto do morro, eu paro e fico olhando mamãe voltar lentamente para casa, puxando atrás de si um trenó carregado com sacos de areia e sal.

* * *

Um cheiro forte de amônia paira no ar quando percorro os canis com piso de concreto pintado de cinza e verde-hospital. Um dos cachorros começa a latir e leva o restante a fazer o mesmo, uma gama de latidos ecoando no concreto. Quando eu era pequena, papai e eu costumávamos brincar que quando os cachorros latem tudo que estão dizendo é: *Eu sou um cachorro! Eu sou um cachorro! Eu sou um cachorro!* Mas aqueles latidos são desesperados e assustados. Soam mais como *por favor, por favor, por favor*.

Paro diante de um canil com uma vira-lata de cabeça grande e pelagem cinza-clara. A placa pendurada ali lista a raça como *Pit Bull, Weimaraner*??? As orelhas cor-de-rosa da cadela se inclinam para a frente quando encosto a mão na grade. Ela fareja minha mão e a lambe duas vezes. Depois abana o rabo com cautela.

Eu a batizo de Jolene depois que ela inclina a cabeça para trás e uiva junto de Dolly Parton na sua primeira noite em casa. De manhã, levo-a para passear antes mesmo de escovar os dentes, e percorremos o centro de Portland de uma ponta à outra, de oceano a oceano. Enquanto esperamos o sinal abrir, ela se encosta nas minhas pernas e abocanha a minha mão de pura alegria enquanto sua respiração ofegante se condensa no ar frio.

Estamos andando pela Commercial Street, depois do píer da cidade, quando vejo Taylor sair pela porta de uma padaria segurando um café e um saco de papel encerado. Levo alguns instantes para acreditar que é ela mesmo, e não um simples desejo do meu cérebro.

Ela primeiro vê Jo; seu rosto se ilumina quando o rabo da cadela começa a bater nas minhas pernas. Então se sobressalta ao reparar em mim, como para se certificar de que a própria mente não está lhe pregando peças.

— Vanessa — diz. — Não sabia que você tinha um cachorro.

Ela se ajoelha e suspende o café acima da cabeça enquanto Jo avança e lambe seu rosto.

— Acabei de pegar — digo. — Ela é meio bruta.

— Ah, tudo bem. — Taylor ri. — Também posso ser meio bruta. — Numa voz cantada, ela fica repetindo: — Tudo bem, tudo bem.

Isso faz Jo arquear as costas e contorcer o corpo inteiro. Taylor ergue o rosto para mim e sorri, exibindo dentes pequenos e retos. Seus caninos são pontudos como pequenas presas, iguais aos meus.

— Eu sei que deixei você na mão — digo.

É o encontro por acaso que me faz dizer isso, o fato de vê-la na minha frente sem imaginar que isso fosse acontecer, sem ter me preparado. Taylor franze a testa, mas não olha para mim. Mantém o olhar fixo em Jo enquanto a coça atrás das orelhas. Por alguns instantes, me pergunto se ela vai me ignorar, fingir que eu nunca disse aquilo.

— Não, você não me deixou na mão — diz ela. — Ou se deixou, eu também a deixei. Sabia que ele tinha machucado outras meninas e mesmo assim levei anos para tomar alguma atitude. — Ela então ergue os olhos para mim, duas piscinas azuis. — O que a gente poderia ter feito? Éramos crianças.

Entendo o que ela quer dizer: não fomos impotentes por escolha, foi o mundo que nos forçou a ser. Quem teria acreditado em nós, quem teria se importado?

— Eu vi a matéria — digo. — Achei...

— Decepcionante? — Taylor se levanta e arruma a bolsa. — Mas talvez para você não tenha sido.

— Eu sei que você investiu muito nela.

— É, bom. Pensei que a matéria fosse me trazer uma conclusão, mas agora estou com mais raiva do que antes. — Ela torce o nariz e mexe na

tampa do copo de café. — Sinceramente, ela era meio mau-caráter. Eu deveria ter notado.

— A jornalista?

Taylor aquiesce.

— Acho que na verdade ela não estava nem aí. Só queria surfar a onda, levar o crédito. Coisa que eu sabia desde o começo, mas mesmo assim achei que a matéria fosse fazer com que eu me sentisse empoderada, ou sei lá o quê. Mas o que eu sinto é que tiraram vantagem de mim outra vez. — Ela dá um sorriso sarcástico e coça Jo atrás das orelhas. — Ando pensando em começar uma terapia. Já tentei e não adiantou muito, mas preciso fazer alguma coisa.

— Está me ajudando — digo. — Mas não resolveu tudo... por isso a cadela.

Taylor sorri para Jo.

— Quem sabe eu devesse tentar isso também.

Ela parece frágil de um jeito que não notei antes, não quando nós duas estávamos no café nem em nada do que ela posta na internet. Vejo agora o que deveria ter ficado óbvio, que ela estava perdida e em busca de um jeito de entender tudo aquilo: ele, ela própria, o que ele fez, e por que isso ainda significa tanto apesar de aparentemente ser tão pequeno. Escuto Strane, impaciente e impenitente, fazendo a pergunta que ainda deve ecoar na cabeça dela: *Quando é que você vai superar essa história? Eu só coloquei a mão no seu joelho.*

Taylor olha para mim.

— Pelo menos a gente está tentando, não é?

Esse parece ser o momento em que eu deveria abrir os braços e abraçá-la, em que deveria começar a pensar nela como uma irmã. Talvez isso pudesse acontecer se nossas histórias fossem mais próximas, se eu fosse mais legal, embora pareça absurdo esperar que duas mulheres se amem só porque o mesmo homem passou a mão nelas. Deve chegar um momento em que consegue permissão para ser definida por outra coisa que não o que ele fez com você.

Antes de ir embora, Taylor coça novamente atrás das orelhas de Jo e acena com discrição e constrangimento para mim.

Vejo-a se afastar, não um boato, mas uma pessoa de verdade, uma mulher que já foi uma menina. Eu também sou real. Será que já pensei isso de maneira tão clara em relação a mim mesma? É uma pequena

revelação. Jo puxa a coleira e pela primeira vez consigo imaginar qual poderia ser a sensação de não ser dele, de não ser ele. A sensação de que talvez eu possa ser uma pessoa boa.

Com o sol no rosto e uma cadela ao meu lado, tenho muita capacidade para o bem.

* * *

Não resta nada a fazer a não ser começar daqui, com a pressão suave da coleira na minha mão, o barulho do metal e o estalo das unhas no tijolo. Ruby diz que vai demorar um tempo para eu me sentir realmente mudada, que preciso me dar a chance de ver mais do mundo sem ser pelo ponto de vista dele. Já estou começando a sentir a diferença. Uma clareza, uma luz.

Jo e eu chegamos à praia, agora vazia por estar fora de temporada, e ela baixa o nariz até a areia.

— Você já entrou no mar? — pergunto, e ela olha para mim com as orelhas erguidas.

Solto a guia da coleira. No início, ela não percebe, não entende, mas quando lhe dou um tapinha nas costas e digo “Vai lá”, sai em disparada pela areia até a água e começa a latir para as ondas que lambem suas patas. Ela me ignora quando a chamo, ainda não conhece o próprio nome, mas ao me ver sentar no chão vem correndo, com a língua de fora e um olhar desvairado. Ofegando e soltando pequenos ganidos de felicidade, cai junto dos meus pés.

Voltamos para casa sob o céu claro de inverno, e uma vez no meu apartamento ela verifica todos os cômodos e inspeciona cada canto. Ainda está se acostumando àquilo, à liberdade e ao espaço. Eu me deito no sofá e ela espia o lugar vazio ao lado das minhas pernas.

— Pode subir — digo, e ela pula no sofá, se enrosca bem apertado e suspira. — Ele nunca vai conhecer você.

É uma verdade difícil que traz consigo tristeza e alegria. Jo abre os olhos e me observa sem levantar a cabeça. Ela vive observando minha expressão e meu tom de voz, vive reparando tudo em mim. Quando eu começo a me afastar, bate com o rabo na almofada do sofá como se fosse o rufo de um tambor, as batidas de um coração, um ritmo de aterramento. *Você está aqui*, diz ela. *Você está aqui*. *Você está aqui*.

Agradecimentos

Antes de mais nada, preciso agradecer à minha agente, Hillary Jacobson, e à minha editora, Jessica Williams, duas mulheres brilhantes cuja defesa e amor por este romance nunca deixam de me impressionar.

Obrigada àqueles que trabalharam para pôr este livro no mundo, a todos da William Morrow/HarperCollins, a Anna Kelly e todos da 4th Estate/HarperCollins UK e a Karolina Sutton, Sophie Baker e Jodi Fabbri da Curtis Brown UK.

Obrigada a Stephen King pelo apoio inicial e por dizer sim quando meu pai perguntou: “Ei, Steve, você leria o romance da minha filha?”

Obrigada a Laura Moriarty, que leu versão após versão e cujos incentivo e generosidade ajudaram a transformar esta minha história solta e nebulosa num romance.

Obrigada aos cursos de escrita criativa da Universidade do Maine em Farmington, da Universidade de Indiana e da Universidade do Kansas, por me darem a oportunidade de estudar e escrever. Sou profundamente grata aos amigos que fiz nesses cursos, que leram e amaram as versões iniciais de Vanessa: Chad Anderson, Katie (Baum) O’Donnell, Harmony Hanson, Chris Johnson e Ashley Rutter. Um agradecimento especial à minha orientadora de graduação, Patricia O’Donnell, que em 2003 comentou na margem de um conto que escrevi sobre uma menina e seu professor: “Kate, isso me deu a sensação de estar lendo ficção *de verdade*.” Foi a primeira vez que fui levada a sério como escritora, e esse *feedback* mudou minha vida.

Obrigada a meus pais, por nunca me dizerem para desistir e arrumar um emprego de verdade; a meu pai, cuja resposta imediata ao saber que tinham adquirido os direitos de publicação do meu livro foi: “Eu nunca duvidei de você nem por um segundo”; à minha mãe, que encheu nossa casa de livros para que eu crescesse rodeada de palavras.

Obrigada a Tallulah, que me ancorou e salvou minha vida.

Obrigada a Austin. E aqui não sei o que dizer, pois o que se pode dizer a um companheiro tão incansavelmente solidário e bom? “Por tudo” é o melhor que consigo fazer.

Obrigada aos meus amigos da internet que sempre foram meus primeiros leitores, que me apoiaram e me incentivaram ao longo dos dezoito anos que passei trabalhando em *Minha sombria Vanessa*. Alguns continuam na minha vida e outros não, mas sou grata por todos os anos de empolgação, vulnerabilidade e puxões de orelha carinhosos. Vocês são meus melhores e mais queridos amigos.

Um agradecimento especial à brilhante poetisa, irmã por escolha e melhor escritora que eu conheço, Eva Della Lana, que tem sido uma fonte constante de inspiração e força ao longo da nossa amizade. O fato de termos nos conhecido ainda adolescentes, quando estávamos navegando por nossas paisagens sombrias, e de termos saído dessa vivas com nossa voz, nossa genialidade e o coração intacto. Você consegue acreditar no quanto isso é incrível, Eva, no quanto é absurdamente raro?

E, por fim, obrigada às ninfetas autoproclamadas, às Lolitas que conheci ao longo dos anos e que carregam dentro de si histórias semelhantes de abuso que parecia amor, que veem a si mesmas em Dolores Haze. Este livro foi escrito especialmente para vocês.

Sobre a autora



Foto da autora: © Elena Seibert

KATE ELIZABETH RUSSELL nasceu e cresceu no Maine, Estados Unidos. Tem doutorado em escrita criativa pela Universidade do Kansas e mestrado em belas-artes pela Indiana University.

Leia também



Rede de sussurros
Chandler Baker



Garota exemplar
Gillian Flynn



As garotas
Emma Cline